

BÁRBARA RICCH

DE VA NEIO

Dea
editora



DE VA NEIO

BÁRBARA RICCH

Copyright © BÁRBARA RICCH, 2018

Copyright © 3DEA EDITORA, 2019

Editor: Patrícia Azevedo

Assistente Editorial: Natália Perruchi

Revisão: Milena Assis

Leitura Final: Vinicius Baird

Ilustração: Mia Klein

Imagem: www.shutterstock.com/113514784

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2009. Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos, e sobre eles não emitem opinião. É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão expressa da Editora, na pessoa de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998).

Todos os direitos reservados à 3DEA Editora.

www.3deaeditora.com.br

contato@3deaeditora.com.br

www.barbararicch.com

contato@barbararicch.com

SINOPSE

Um renomado jornalista investigativo, premiado internacionalmente e no auge de sua carreira profissional, não pensava em relacionamentos sérios, apenas em curtir tudo que a vida de solteiro, bonito e rico lhe proporcionava. Após um acidente que o deixa perdido em uma ilha deserta, Miguel conhece Mariana, uma misteriosa mulher que lhe desperta sentimentos e emoções desconhecidas. Ela o fascina imediatamente, e os dois se entregam ao sentimento de paixão que os arrebatava, protagonizando noites quentes e inesquecíveis em uma ilha deserta. Miguel é resgatado, e todas as evidências da existência de Mariana desaparecem com ela. Ele tem certeza do que viveu, mesmo tudo e todos indo contra suas lembranças. Convicto do que viveu na ilha, o jornalista iniciará a investigação mais importante de sua vida em busca da sua amada. Mas será mesmo que Mariana existe ou tudo não passou de um Devaneio?



Por Anne Marck

“Ei, você consegue me ouvir?”, o anjo falou, despertando-me do meu profundo devaneio.

É com esta frase que a história passa a fazer todo o sentido. A princípio, o leitor é levado a pensar que se trata de mais um livro a respeito da aversão de um cara por relacionamentos, baseado em uma experiência negativa do passado; dono de um comportamento libertino e inescrupuloso no que diz respeito a interações com o sexo oposto. E tudo bem com tal previsibilidade clichê, afinal romances normalmente abordam o crescimento e remissão de personagens, torcemos para que encontrem alguém que os faça mudar e, por fim, acabamos por nos apaixonar por eles.

Em Devaneio, isto ocorre, mas de maneira tão inesperada que impressiona. O romance se entrepõe a um cenário repleto de mistério, tramas e desdobramentos surpreendentes, e o leitor logo se vê mergulhando no fascinante universo investigativo, juntando peças, tentando prever os próximos acontecimentos.

A autora Bárbara Ricch soube construir uma história marcante, com

narrativa fluída e enredo que prende até a última frase. Temos a sensação de estar assistindo a uma novela, cujos capítulos são extremamente aguardados pelo expectador.



Seis anos antes...

Despertei ao ouvir a aeronave taxiar na pista de pouso, arrumei os cabelos, endireitei-me no assento e aguardei pacientemente o momento de desembarcar.

Peguei minha bagagem de mão, a única que trouxe comigo, e desembarquei. Estava há apenas dois dias fora de São Paulo, consegui antecipar meu voo para poder acompanhar a minha noiva Cristina em um compromisso de trabalho.

Olhei no relógio de pulso, passava pouco das cinco da tarde, Cristina ainda deveria estar no trabalho. Antes de ir ao seu encontro e fazer-lhe uma surpresa, eu parei em uma loja de presentes, escolhi um urso de pelúcia com a inscrição “Eu te amo” em um coração que segurava, chocolates e o perfume importado que ela adorava.

Deixei o aeroporto de táxi e fui direto para o edifício que a Cris trabalhava, ao chegar, já estava um pouco deserto, até estranhei a pouca movimentação a julgar pelo horário.

O porteiro já me conhecia, permitiu-me entrar, mas alertou que a Cris, possivelmente, não estivesse no edifício, já que estava acontecendo uma convenção do partido político que o deputado para quem ela trabalhava é filiado.

Antes de subir, resolvi olhar na garagem e procurar pelo nosso carro, o estacionamento estava bem deserto, mas vi, ao longe, um carro idêntico ao nosso. Aproximei-me para ter certeza de que era ele mesmo e percebi um movimento incomum, vi a silhueta de duas pessoas dentro.

Tentei ser o mais sorrateiro possível, queria compreender o que via, embora já tivesse certeza do que se tratava, ainda assim, eu não queria acreditar. Vi, pelo vidro traseiro, um casal no banco de trás, senti como se recebesse uma facada no peito ao reconhecer a minha Cris e o deputado que era chefe dela transando.

Abaixei-me atrás do carro e respirei longamente tentando manter o controle, totalmente descrente do que eu tinha visto, pensei em tantas coisas naquele momento, principalmente em acabar com a vida dos dois. Mas seria indolor, fácil demais e prejudicial de menos para eles.

Fui frio o suficiente para aguentar a humilhação e traição da mulher que partiu meu coração. Retirei a câmera fotográfica da minha bolsa e tentei os melhores ângulos possíveis sem ser visto.

Ao fazer a última foto, eu já estava tomado de fúria, por pouco não os interrompi e acabei com a farra deles. Controlei meu ódio, extingui o amor e respeito que eu tinha pela safada e parti com fotos bem nítidas e comprometedoras.

Todo o meu amor por ela se transformou em ódio e, naquele vil momento, todos os nossos sonhos foram jogados no lixo junto com os presentes que o idiota aqui comprou para surpreendê-la.

Saí desolado do estacionamento, mas com duas certezas.

Primeira: eu nunca mais amarei.

Segunda: eu vou jogar a merda no ventilador.



“Miguel: nome de origem hebraica que significa: aquele que não é Deus? Também é o nome de um arcanjo, mais alto nível de anjo. Indica uma pessoa intelectual, que consegue se sair bem de quase todas as situações a que é atribuído. Sempre percebe o momento certo para agir e então tomar as decisões acertadas.”

Minha mãe, sabiamente, me batizou como Miguel porque sabia exatamente quem eu seria no futuro. É, leitoras, esse sou eu, aquele que não é Deus, mas é tão perfeito como se fosse o próprio criador, aquele que sempre sabe o momento exato de agir e tomar sempre as decisões mais acertadas, muito prazer, eu sou Miguel Novaes.

Aposto que já estão me achando isso e aquilo, mas quero advertir que não me julguem antes de conhecer minha história. Eu vivi o céu e o inferno aqui na Terra em pouquíssimo tempo, por conta de uma lembrança, uma alucinação que acreditei piamente ter vivido.

Afirmo que haverá momentos que me amarão, quererão me acalantar, chorarão comigo, mas também haverá momentos em que me xingarão e irão me odiar. Óbvio que também haverá momentos de muito aprendizado, isso mesmo, aprendizado, como homem e cafajuste sincero que sou, darei algumas lições valorosas, tomem nota, leitoras.

E, no mais, tenham paciência comigo, porque eu sou só quase como Deus: cheio de virtudes e qualidades, mas também tenho meus defeitos.

Enfim, que comece essa porra logo!

Parte 1

No Topo é meu lugar.



Concluí o nó da gravata e repeti mentalmente meu discurso para essa noite. Olhei-me no espelho e gostei do que vi. Eu sou Miguel Novaes, tenho 33 anos, paulista, solteiro, gostoso e nem um pouco modesto.

Se tenho uma certeza na vida, é que sou gostoso, as mulheres que tiveram a honra de me conhecer não podem reclamar disso.

Sou um renomado jornalista investigativo e estou no auge da minha carreira profissional, além de ter conseguido uma promoção muito almejada, acabei de ganhar um prêmio internacional de jornalismo que, sinceramente, eu já esperava que fosse meu. Afinal, eu sou muito bom no que faço.

Já disse que não sou modesto, então, vamos aos fatos: eu produzi uma brilhante reportagem e um documentário investigativo sobre esquemas de desvios de verbas públicas, os quais eu descobri e documentei pessoalmente.

Você deve estar pensando: Como ele conseguiu um prêmio desses com um assunto tão banal? Aí é que está o talento do jornalista que aqui vos fala, passei meses infiltrado, coletei depoimentos, gravei vídeos, conversas e coletei muitas provas, tudo com autorização da justiça. Claro que o resultado desse trabalho duro gerou investigações judiciais e até a condenações de alguns envolvidos, o que naturalmente influenciou positivamente para que ganhasse o prêmio.

Junto com prêmio, ganhei outros benefícios, fiquei um pouco mais famoso e, com isso, atraí mais mulheres do que antes, além de um bom dinheiro, o que garantiu minha mudança, recentemente, para uma cobertura modesta em um bairro nobre de São Paulo. Além de tudo isso, a Verônica, editora-chefe do jornal em que trabalho, que também é minha chefe, aceitou tomar um drinque comigo hoje logo após a festa que a redação do jornal está promovendo em minha homenagem.

Isso é muito, muito bom. Sempre tive uma queda por ela, desde que comecei na redação do jornal. Fiquei encantado com aquele par de olhos cor de mel e com o sorriso inocente, sem falar nas curvas incríveis do corpo dela.

Ah! A Verônica! Ela nem imagina quantos pensamentos pecaminosos e fantasias quentes eu já realizei com ela.

Sei que já devem estar pensando que sou apaixonado por ela, não é mesmo? A resposta é não, não sou homem de viver paixões e amores, meu coração é um veleiro sem rumo e não atraca em porto algum.

Desculpem-me as leitoras que já me amam até agora, mas meu coração não tem rumo e minha razão o acompanha, então não morram de amores por mim, mas, pensando bem, podem me amar, sim, eu gosto da mulherada me desejando.

Hoje, eu sou a estrela da festa e a noite promete. Peguei as chaves do meu carro, meu celular e saí bem cedo, ainda não tinha terminado de organizar meus objetos na minha nova sala. Além disso, eu não queria chegar atrasado na minha própria festa.

O trânsito estava ótimo, os sinais de trânsito abertos, tudo conspirando a meu favor. Poucos minutos depois, parei meu carro no estacionamento da redação, ainda estava deserto. Ao descer, dei de cara com a Amanda, a estagiária.

— Oi, eu estava chegando quando vi seu carro e queria cumprimentá-lo — ela falou timidamente.

— Oi, Amanda, boa noite. Você está linda hoje.

— Ah! Obrigada, Miguel, você é sempre tão educado — ela respondeu, ruborizando.

Encostei-me no carro inspecionando-a da cabeça aos pés, ela estava bem atraente com um vestido colado que enfatizava suas curvas e os seios volumosos em um decote provocante. Meus pensamentos, automaticamente, remeteram à noite que passamos juntos, seu corpo escultural e bunda durinha e empinada em um fio dental preto. Meu pau pulsou só de lembrar.

Ela falava algo que eu não fazia ideia, pouco ouvi das suas palavras, estava ocupado demais com meus pensamentos libidinosos para prestar atenção no que ela dizia.

Aprendam, leitoras, quando estamos fantasiando um sexo animal, ficamos surdos, cegos e mudos.

Eu estava desse modo, entorpecido pelo desejo e vontade de arrancar o vestido dela e possuí-la aqui mesmo.

Amanda era linda, tinha os cabelos claros e a pele rosada, sem falar nos lábios carnudos e uma boca delineada, evidenciada em um batom vermelho, que me deixava ainda mais louco de vontade de beijá-la.

— Miguel, não está me ouvindo? — Amanda questionou interrompendo meus pensamentos.

— Desculpe, eu estava fascinado nos seus lábios e louco para beijá-la.

Entrelacei as mãos em seus cabelos sedosos e a puxei para junto do meu corpo. Coloquei a mão em seu pescoço e aproximei nossas bocas, seu hálito adocicado e cheiro inebriante atiçaram ainda mais o meu desejo.

Ela tinha a pele macia e convidativa, beijei seus lábios carnudos, que ansiavam pelos meus, com desejo, e ela correspondeu rapidamente, entregando-se totalmente.

Desci a mão pelas suas costas macias, deslizando lentamente até sua bunda empinada. Apertei com força, e ela gemeu na minha boca. Nossos

corpos estavam perfeitamente encaixados, rocei lentamente minha ereção sobre ela.

Senti a pequena mão de Amanda deslizando pelo meu peito, chegando ao cinto e, em seguida, desabotoando minha calça, apenas o suficiente para enfiar sua delicada mão e pegar o meu pau, que já estava louco para penetrá-la. Ela o apertou forte e cessou o beijo repentinamente, olhou em volta e ia abaixar-se, mas a detive.

— Aqui não, pode chegar alguém.

— Desde quando você pensa com a razão? — ela falou maliciosamente.

— Está deserto, mas pode chegar alguém a qualquer momento, não quero te expor.

— E eu quero chupá-lo, posso? — Amanda replicou desdenhando das minhas palavras e ajoelhou-se à minha frente. Libertou minha ereção e colocou meu pau em sua boca com desejo, chupou, sugou e lambeu habilidosamente. Não poupou esforços para me deixar louco.

Fechei os olhos me deliciando com o prazer que ela tão bem me proporcionava. Encostei a cabeça no teto do carro, mas o meu momento de prazer foi interrompido pela única voz que não queria ouvir nesse momento.

— Miguel, algum problema? — Verônica falou com preocupação.

Fechei os olhos materializando a cena, segurei a cabeça de Amanda, forçando-a para baixo e virei-me para responder Verônica.

— Sim, tudo certo — respondi com a voz rouca e quase inaudível.

Verônica me olhou sem entender a posição que eu me encontrava, para minha sorte, ela estava acompanhada e não disse mais nada, apenas continuou olhando, tentando, talvez, entender o que estava acontecendo, mas, logo em seguida, felizmente, ela partiu.

Amanda percebeu a presença dela, mas não cessou e continuou suas incríveis manobras, eu me contorci e cerrei os dentes para não soltar um

gemido estrondoso.

Porra!

Ela não parou, e eu estava prestes a gozar ali, na boca dela, puxei seus cabelos e a empurrei, acenei com a cabeça negativamente, mas ela sorriu com malícia e, novamente, abocanhou meu pau com fulgor, chupou e lambeu com tanta intensidade que me fez gozar alucinadamente, sugou até a última gota do meu prazer.

Levantou-se cuidadosamente, me encarou com um sorriso descarado e lambeu os lábios.

— Você é louca, garota? Quase fomos surpreendidos.

Puxei-a para os meus braços e a beijei.

— Isso foi apenas um bônus, para que tenha ideia do que o espera depois da festa — ela falou, piscando com seus longos cílios e depois partiu. Nem mesmo me deu a chance de respondê-la. Recompus minha roupa, ainda pensando no incrível sexo oral que Amanda, surpreendentemente, me proporcionou, não posso negar que ela foi ousada, eu gosto de mulheres assim.

Tomei o elevador e fui direto para minha nova sala, aproveitei para terminar de organizar meus objetos. A sala era bem espaçosa e ampla, a longa mesa de vidro no centro dela ainda exibia muitos objetos e papéis espalhados. Organizei algumas pastas nos armários, mas meus pensamentos, de vez em quando, retornavam à cena e à tensão de quase ser surpreendido por Verônica que agora só me provocava risos.

Sentei na cadeira e estiquei as pernas, colocando-as sobre a mesa, fechei os olhos por alguns segundos refletindo sobre a minha vida:

É, eu cheguei! Estou no topo e é aqui o meu lugar.

Meu celular tocou, tirei-o do bolso rapidamente, era César.

— Fala, César.

— Você está aonde, cara? As pessoas já estão chegando, pensei que tivesse dito que chegaria cedo — César perguntou preocupado.

— Relaxa, cara, eu já estou na área, estou organizando minha nova sala e já chego aí — respondi calmamente.

— Beleza, mas estou estranhando sua tranquilidade, pensei que estivesse uma pilha de nervos.

Sorri com o comentário, César é meu parceiro desde os tempos de faculdade, entramos na redação juntos, além de parceiro de noitadas e viagens. Já vivemos muitas aventuras juntos, agora ele está um tanto afastado, inventou de se apaixonar e aí já viu! A namorada tomou conta de todo tempo livre que ele tinha, mas sempre mantemos nosso papo em dia e, quando ele tem folga, conseguimos sair juntos.

— Conhece minha terapia para ficar calmo — respondi com sarcasmo.

— Cara, não acredito que você já pegou a Verônica? Tão rápido assim? Não seria só depois da festa?

— Calma, não existe só a Verônica de mulher no mundo.

— E quem foi então? Você passou a semana todo empolgado falando que ela tinha aceitado seu convite e agora já tem outra na parada?

— Calma, César, fui deliciosamente surpreendido pelos lábios carnudos da Amanda, não foi nada combinado.

— A Amanda? Estagiária? — César perguntou assustado.

— Exatamente, a doce Amandinha.

— Caralho, velho! Você tem uma sorte e tanto, ela é muito gostosa. Eu era doido para ter essa sorte, mas ela nunca me deu condição e agora eu estou compromissado.

— Está é louco, isso sim. Vou desligar, já chego aí — zombei.

— Beleza! — César respondeu e encerrou a ligação.

Continuei organizando os papéis e, quando finalizei, abri a persiana da minha sala para olhar a vista da cidade de São Paulo, havia inúmeros prédios, luzes e o trânsito intenso. Eu gostava da vida frenética que tinha.

Antes de fechar as persianas, uma suave batida na porta desviou minha atenção. Ao me virar, notei Verônica segurando duas taças e uma garrafa nas mãos, perguntou serenamente:

— Posso entrar?

— Claro, entre, por favor! — respondi indo ao seu encontro.

— Eu te devo um drinque, mas achei melhor um brinde, assim podemos inaugurar sua sala nova, o que acha?

— Ótimo — respondi, esboçando um sorriso mal-intencionado.

Verônica me entregou uma taça e nos serviu.

Ela estava belíssima, usava um vestido longo com uma enorme fenda na lateral que mostrava suas belas e torneadas pernas; linda como sempre, sem falar que era extremamente sexy e gostosa pra caralho.

Ela colocou a garrafa em minha mesa e ficou bem perto de mim, meu pau se animou em minhas calças com a sua proximidade. Estendeu a taça para brindarmos.

— Pronto, um brinde ao seu prêmio, sua promoção e nosso encontro.

A última palavra dela foi um estímulo certo para meu pau, que rapidamente começou a exhibir o volume em minha calça. “Encontro” me remetia à sexo. E o fato dela ter vindo até aqui, atrás de mim, era um claro sinal de que ela queria o mesmo que eu.

Encostei em minha mesa e bebi intercalando os goles com sorrisos e olhares maliciosos em seu belo corpo e olhos cor de mel. Ela correspondeu aos meus olhares e, ao terminar o conteúdo da primeira taça, tomei-a de sua

mão e coloquei junto com a minha na mesa. Caminhei em sua direção sem tirar os olhos dos seus, fiquei tão próximo dela que pude ver seu lindo par de seios arfando no belo decote do seu vestido.

Entrelacei a mão em seus cabelos ondulados e a puxei, selando nossos lábios em um beijo casto, que rapidamente evoluiu e ficou sôfrego. Ela passou as mãos em meu peitoral, descendo até meu pau já ereto, apertou-o e começou a me empurrar lentamente até o sofá que ficava na lateral da minha sala, jogou-me nele e nossos olhares novamente se encontraram, ajoelhou-se na minha frente e começou a abrir meu cinto e calça.

Eu estava fascinado olhando-a e certo de que era um homem muito sortudo, dois sexos orais em menos de uma hora não é para qualquer um. Ela parou momentaneamente examinando meu pau, levantou-se e me acertou um tapa na cara com tanta força que meu rosto queimou feito brasa.

— Você está louca? — gritei, levantando do sofá e fechando a calça rapidamente.

— Era a confirmação que eu queria, cretino.

— Do que você está falando?

— Seu brinquedinho está cheio de batom, querido. Agora quero saber quem era a vadia que estava com você no estacionamento. Vai me falar ou quer eu que descubra por conta própria?

Sorri ao vê-la fazendo uma cena de ciúmes.

Aprendam, leitoras, homem odeia demonstração barata de ciúmes.

Obviamente, fiquei muito decepcionado, não esperava esse tipo de atitude de uma mulher como ela. Ela ficou possessa ao me ver sorrir e partiu em minha direção para me agredir novamente. Segurei sua mão, impedindo-a de concluir o novo tapa, virei-a de costas e empurrei-a na porta, colando seu lindo e delicado rosto na superfície fria da porta, de costas para mim, completamente imobilizada.

Corri as mãos em seu corpo lentamente, ela ainda tentou protestar, mas foi se acalmando com as minhas investidas. Desci a mão pela sua cintura fina e quadris largos, chegando até sua bunda. Ela ofegava, continuei alisando sua pele macia, da sua coxa até a fenda do seu vestido, enfiei minha mão por baixo do vestido e cheguei em sua virilha, ela tentou protestar e dizer algo, mas a interrompi.

— Shhhh! Caladinha, eu sei que está louca para que eu te foda — murmurei ao seu ouvido.

— Cretino, largue-me, eu não...

Ela falava quando alcancei seu sexo, enfiei a mão por dentro de sua calcinha com textura de renda, acariciei-o, a pele macia e depilada, penetrei-a com o dedo, ela estava úmida e quente, gemeu alto e me xingou em seguida. Continuei até chegar em seu clitóris, massageei com movimentos circulares, ela continuou gemendo e rebolando na medida em que eu intensificava os movimentos, seu corpo já estremecia, anunciando que seu orgasmo estava próximo. Intensifiquei as manobras, ela rebolava em meus dedos com loucura. Quando ela estava prestes a gozar, retirei os dedos abruptamente e a libertei.

Ela virou-se para mim, e eu lambi os dedos, deliciando-me com seu gosto. Ela caminhou em minha direção, mas desviei, fingindo não perceber sua intenção, recolhi meus pertences e caminhei em direção à porta.

— Preciso ir, tem muita gente me aguardando no salão de festas — falei tranquilamente.

— Não acredito que vai embora e me deixar aqui, sozinha — ela protestou.

— Encare como um castigo pela agressão. Quando sair, apague as luzes.

Saí e fechei a porta atrás de mim, mas ainda consegui ouvir o som da taça estilhaçando na porta. Sorri frustrado, decepcionado com sua atitude imatura. Desci para o salão rumo à minha noite de glória.

Tirando o episódio com Verônica, minha única decepção da noite, todo o resto foi perfeito, fui ovacionado ao concluir meu discurso e a festa após a solenidade em minha homenagem foi maravilhosa.

Verônica me lançou vários olhares durante a festa, mas eu sorria todas as vezes em que ela franzia a testa em reprovação, naturalmente, ela ficava mais enfurecida.

Fui um dos últimos a sair e, no fim da noite, depois de muito álcool, não poderia dirigir, não estava totalmente bêbado, mas não tinha condições de dirigir em segurança. Fui até meu carro para pegar as chaves do meu apartamento e depois chamaria um táxi. Mas, para fechar a noite com chave de ouro, Amanda estava encostada na porta do motorista, aguardando-me inquieta. Não que eu tivesse dificuldade para encontrar alguém para terminar a noite, mas ela era gostosa, e eu estava em dívida com ela. Isso mesmo, em dívida, um homem de verdade nunca deixa uma dama sem gozar. Ela me proporcionou prazer, nada mais justo retribuir à altura.

— Demorou muito, Miguel, eu já estava quase indo embora — ela protestou.

— Estou em dívida com você, mas prometo pagar com juro — falei, buscando seus lábios em um beijo quente.

Ela sempre correspondia rapidamente aos meus estímulos, não podia negar que, pelo menos na cama, ela era uma boa companhia. Após o beijo, ela alisou meus cabelos e rosto delicadamente.

— Pelo gosto da sua boca, acho melhor eu dirigir — ela murmurou em meu ouvido, estendendo-me a mão para lhe entregar a chave.

Não protestei e entreguei as chaves a ela, que entrou no carro. Sentei no banco do carona e saímos do estacionamento.

— Onde vai me levar? — perguntei, encarando-a.

— Você quem manda, qual nosso destino?

Tracei a rota do meu apartamento no GPS do carro, ficava a poucos quarteirões da sede da redação.

— Vou levá-la para o céu — respondi, alisando sua coxa.

— Nada mais justo, afinal estou com o anjo Miguel.

Poucos instantes depois, chegamos ao meu apartamento. Entramos aos beijos e já tirando as roupas, transamos na sala mesmo, no meu sofá. Depois de tê-la feito gozar incontáveis vezes, ela pediu manhosa para descansar. Passamos a noite entre transas e conversas, foi interessante. Apesar de que, pouco gosto de conversar, prefiro ação, mas gostei da companhia dela.

Leitoras, não estou amando-a, entendam, eu apenas estou dizendo que gostei da noite.

Quando conseguimos pegar no sono, o dia já estava raiando.

Dormi pouco e despertei com batidas fortes na minha porta, estava atordoado e a cabeça ainda doía um pouco, reflexo da bebedeira de ontem. Levantei e vesti um roupão para atender a porta. Estranhei o interfone não ter tocado, deveria ser o César, ele sempre passava por aqui para irmos juntos à academia.

Abri a porta ainda com a vista um pouco embaraçada, mas rapidamente enxerguei nitidamente ao perceber quem me importunava a essa hora da manhã.

— Porra! Estou ferrado!



— Bom dia para você também, maninho — Natália falou entrando no meu apartamento como um furacão.

— O que quer aqui tão cedo? — perguntei bufando.

Ela se jogou em meu sofá favorito e suspirou profundamente, depois levantou em um ímpeto, caminhou em direção à cozinha e disse:

— Estou faminta, o que tem para comer?

Peguei minha carteira na mesa de centro e a segui, retirei algumas notas de dentro e estendi para entregar a ela.

— Tome, compre algo para comer e pague um táxi para casa.

— Nossa! Que frio, nem parece que somos irmãos — ela respondeu e continuou vasculhando a minha geladeira.

Aproximei-me e fechei a geladeira, segurei em seu braço e a encarei com seriedade. Ela arregalou seus olhos miúdos que estavam com a maquiagem toda borrada e encarou-me amedrontada.

— Você vai para casa, mas, antes, tome um banho, arrumarei uma roupa decente. O que pensa que está fazendo da sua vida? Você está ficando louca?

— Curvei-me para sentir o seu hálito. — Você estava bebendo?

— Você não é o meu pai, você é a porra de um irmão escroto que não liga a mínima para mim e para nossa mãe. Quer me dar lição de moral sem tê-la? Vai se fu....

— Cale a porra dessa boca — interrompi antes que ela concluísse. — Você está agindo como uma *vadiazinha* de quinta que quer ferrar com a própria vida. Você vai tomar um banho, comer alguma coisa e nós conversaremos depois, e não quero ouvir uma só palavra — gritei.

Larguei seu braço, ela me encarou furiosa e saiu em direção ao quarto de hóspedes. Respirei fundo, tentando manter o controle para não acertar umas palmadas nela.

Eu sou o irmão mais velho, e ela sempre foi uma menina doce e exemplar, na escola e na vida, até a morte de nosso pai, há três anos. Eles sempre foram muito próximos, ela sofreu muito sua morte.

Natália completou a maioridade recentemente e achou que poderia fazer qualquer coisa na vida, passou a usar roupas vulgares, beber, fumar e até dormir fora de casa.

Nossa relação sempre foi amigável, mas, após a morte de nosso pai, piorou muito. Minha mãe sempre a mimou demais e as atitudes dela são reflexo de uma criação permissiva e cheia de vontades.

Retornei para o meu quarto e o meu celular tocou, peguei-o no criado-mudo, mas deligaram antes que eu atendesse. Nem mesmo olhei para ver quem havia ligado, minha atenção se voltou para Amanda, que ainda dormia lindamente, nua e coberta apenas pelo fino lençol que se fundia ao seu corpo escultural.

O celular voltou a tocar, tirando-me do incrível momento de apreciação.

— Alô — murmurei rouco.

— Miguel, estou com o material que me pediu, estou no aeroporto e meu

voo sai em trinta minutos, pode vir aqui, agora?

Reconheci a voz de Otávio, meu amigo de longa data, era delegado da Polícia Federal e, por diversas vezes, me ajudou com as minhas investigações. Eu havia entregado alguns documentos para que ele analisasse e verificasse a autenticidade.

— Otávio, obrigado. Já estou a caminho.

Tomei um rápido banho e estava terminando de aparar a barba quando Amandinha chegou me abraçando, completamente nua e cheia de desejo. Começou a alisar minhas costas e logo chegou ao meu peitoral, desceu suas mãos macias e pequenas até meu pau, que já estava semiereto. Tentei me desvencilhar de suas mãos habilidosas, mas não consegui impedi-la.

— Preciso ir, Amanda, deixe-me terminar. Tenho um compromisso e já estou atrasado — argumentei na tentativa de detê-la.

Foi em vão, ela era insistente e cheia de atitude.

— Eu sei que você quer — ela respondeu, continuando suas investidas.

Virei-me segurando suas mãos, e ela me encarou sorrindo maliciosamente. Eu adorava a ousadia dela, mas precisava encontrar o Otávio.

— É sério, preciso muito ir, quer uma carona? — perguntei, desviando o assunto e suas mãos libidinosas do meu corpo que a desejava.

— Eu queria mesmo era me despedir de você, mas, pelo jeito, não vai rolar, não é? — ela murmurou em tom provocador.

— Eu realmente preciso ir, perdoe-me.

Beijei-a em sua testa e voltei para o quarto para me vestir. Pouco depois, ela juntou suas roupas e fez o mesmo. Vestiu-se rapidamente e fomos juntos até a sala. Natália ainda não tinha voltado.

— Obrigado pela companhia, não quer que a leve em casa? — perguntei

levantando uma sobrancelha para encará-la.

— Não precisa, eu pego um táxi. Tem certeza de que está tudo bem? Você parece tenso — ela questionou, espalmando as mãos em meu peito.

— Estou, sim.

— Ok! Quando te vejo novamente?

— Nos vemos todos os dias — respondi mudando o rumo nada agradável da conversa.

— Você sabe do que estou falando, não posso abusar de você na redação — ela sorriu e desceu as mãos, alisando meu peito e abdômen.

— Eu te ligo.

Respondi e abri a porta do apartamento.

Eu e cobrança não combinávamos, apesar de ela ser gostosa e boa de cama, eu preferia não me envolver seriamente com ninguém. Não interessa a companhia, quando ouço esse “quando te vejo de novo?”, soa como: cai fora que é rolo.

Leitoras, desculpem se já criaram expectativas, mas eu não sou de compromissos, já disse que sou livre e quero continuar desse modo.

Natália ainda não havia retornado, estranhei a demora e fui até o quarto, nem sinal dela, aproximei-me da porta do banheiro e o chuveiro estava ligado. Bati suavemente e a porta destrancou.

— Nati? Tudo bem aí? — chamei-a.

Não ouvi respostas, entrei e o chuveiro estava ligado, mas ela não estava. Desliguei e retornei para sala, nem sinal. Fui até a cozinha e encontrei minha carteira revirada e sem uma cédula. Sorri comigo mesmo, ela foi bem esperta. Ignorei o fato, tinha um compromisso e, além do mais, depois resolveria com ela mesmo, minha mãe certamente ignoraria o fato, então melhor deixar como estava.



Chequei rapidamente ao aeroporto, Otávio já estava na sala de embarque. Liguei e ele veio ao meu encontro.

— Aqui está, Miguel, não preciso lembrar que são documentos de um processo que corre em segredo de justiça, só estou lhe devolvendo esses documentos porque você os trouxe a mim. São todos autênticos, mas não revele até que consigamos averiguar todas as informações — Otávio advertiu e me entregou o envelope.

— Não precisa me lembrar, já me conhece e sabe como trabalho.

— Você sabe que está mexendo em um vespeiro, não é? Quando tornar essas informações públicas, você correrá sério risco de vida, talvez até antes disso, se alguém souber dessa investigação antes de conseguirmos provas para incriminar os envolvidos, receio o que poderá acontecer com você. Mantenha o mais absoluto sigilo, para seu próprio bem.

— Tomarei todos os cuidados necessários, fique tranquilo.

— Preciso ir, meu voo foi anunciado. Obrigado, meu amigo, e até a próxima, mantenha-me informado sobre qualquer novidade — Otávio disse e estendeu a mão para me cumprimentar.

— Sem dúvidas. Até breve.

Retornei para meu apartamento para continuar minhas análises, já trabalhava há três anos no mesmo caso, eu era especialista em investigar esquemas de corrupção, suspeitas de fraudes e má gestão de recursos públicos.

A investigação que tinha em mãos era um grande esquema de desvios de verbas públicas de uma grande empresa estatal. Envolvia muitos políticos, autoridades, empresários, funcionários públicos do alto escalão, entre outros,

o que resultaria em um grande número de processos, prisões e, certamente, desestabilizaria as finanças da estatal envolvida.

Sempre que eu conseguia um documento importante, apresentava para o Otávio, que avaliava e me atestava a autenticidade dos documentos, além de incluir nas investigações da polícia. Eu compartilhava os progressos de todas as minhas investigações com ele, embora nem sempre ele pudesse me manter informado sobre o que a polícia investigava, pois boa parte dos casos corria em segredo de justiça, mas, extraoficialmente, ele me detalhava algumas informações valiosas que me ajudavam muito a conduzir minhas buscas e investigações, assim como eu reportava todas as minhas descobertas a ele.

Passei o sábado inteiro trancafiado em meu apartamento e com o celular desligado, se tinha algo que eu adorava fazer, era mergulhar nos casos que eu investigava, além do sexo, claro!

Não poderia ter escolhido profissão melhor. À medida que minhas investigações avançavam, eu ficava tão empolgado que esquecia até de curtir a noite, algo que fazia com muita frequência, e eu estava em êxtase com as descobertas recentes. No entanto, minha concentração foi interrompida pelo interfone que tocava. Corri para atender e nem mesmo percebi que já era noite, estava tão envolvido que não notei o tempo passar, atendi rapidamente:

— Pronto.

— Boa noite, seu Miguel, a dona Verônica está aqui na portaria, pode subir?

Demorei para responder, pensei qual seria o motivo da visita dela em pleno sábado à noite? Isso, no mínimo, é suspeito, ou melhor, é tentador.

Não posso negar que a minha mente foi invadida por pensamentos pecaminosos, embora eu tenha ficado decepcionado com a atitude imatura dela, nada que um sexo casual não pudesse mudar.

— Sim. Obrigado — respondi.

Coloquei o interfone no gancho e guardei os documentos que estavam

espalhados pela minha mesa de jantar; primeiro, porque são sigilosos e, segundo eu posso precisar da mesa.

Eu estava sem camisa e assim permaneci, passei as mãos pelo cabelo, conferi o hálito e a aguardei ansiosamente. Ouvi sua batida na porta e fui atendê-la, ao abrir, fiquei impressionado com sua beleza estonteante, ela trajava um vestido colado ao corpo com uma leve transparência entre os seios, acentuando o volume fartos deles, olhou fixamente para meu peitoral, inspecionando-me minuciosamente e, pela cara de satisfação, estou certo de que aprovou o que viu.

— A que devo a honra?

— Boa noite, Miguel, queria me desculpar pelo fiasco do nosso encontro — ela falou ruborizando.

— Entre.

Abri mais a porta para que ela entrasse, depois a tranquei e apontei para o sofá para que se sentasse.

Segui-a, cravando os olhos na sua bunda e quadris largos, meu pau se animou com a bela visão do seu corpo. Tive vontade de agarrar seus quadris e arrancar suas roupas aqui mesmo.

Ela se sentou elegantemente, cruzando as pernas com tanta sensualidade que encarei como um convite ousado. Sentei-me sem desviar o olhar, observei os sinais do seu corpo, louco para avançar.

— Não precisa se desculpar, eu já esqueci o que aconteceu — respondi me recostando no sofá e cruzando as pernas para disfarçar o volume do meu pau na fina bermuda.

— Que ótimo, porque acho que ainda te devo um drinque — ela disse e descruzou e cruzou as pernas lentamente, com a mesma sensualidade.

— Claro, o que deseja beber? — indaguei, levantando em direção ao bar do outro lado da sala.

— Você escolhe, qualquer coisa.

Peguei uísque e servi em dois copos sem gelo, ela se levantou e caminhou até a sacada, olhou a vista de costas para mim enquanto os meus olhos não saiam do seu corpo.

— Quer gelo?

— Não, puro mesmo.

Fui ao seu encontro, entreguei-a o copo, ela tomou um gole, estendeu o braço e o colocou na mesa de jantar perto de nós.

Parou tão próxima de mim que seu aroma adocicado invadiu minhas narinas. Inclinei-me para inalar seu perfume.

— Gosto do seu cheiro.

Estava esperando apenas um sinal mais nítido para beijá-la, assim como um predador fica à espreita, observando sua presa, aguardando o momento exato de dar o bote.

— Eu ouvi muitos comentários a seu respeito, sabia? — ela murmurou em meu ouvido.

— Espero que bons.

— Melhores impossíveis, mas desconfio da veracidade deles. — Ela deslizou os dedos em meu ombro. — Ouvi, nos bastidores da redação, muito sobre seu desempenho sexual, mas não confio muito na fonte...

Sorri ao ter a confirmação que eu esperava, interrompi sua fala, colando meus lábios nos delas. Beijei-a com desejo, rapidamente deslizei as mãos em suas incríveis curvas, mordi seus lábios e possuí sua boca, invadindo-a com minha língua.

Minhas mãos desliaram em seu corpo, apertei sua bunda firmemente, levantei sua perna esquerda, encaixando-a melhor em mim. Ela gemeu na minha boca, enfiei as mãos em seus cabelos e girei-a rapidamente,

caminhamos até a mesa entre beijos, e eu deitei seu lindo corpo, lentamente, na superfície de vidro da mesa, seus seios arfavam no decote provocante do vestido, enrolei-o da barra até passar de seus seios, e ela terminou de tirá-lo.

Contemplei seu corpo seminu, perfeito, por alguns instantes, ela era tão linda como imaginei. Sorri ao pensar em quantas formas de prazer poderia oferecê-la, afastei seu sutiã, e ela o tirou completamente, dando-me acesso total aos seus seios. Beije-os, lambi e mordisquei. Ela gemia prazerosamente, completamente excitada.

Desci as mãos até a borda de sua calcinha, alisei seu sexo por fora e, em seguida, enfiei a mão dentro e a penetrei, ela gritou em minha boca quando toquei seu clitóris, pressionei firmemente, e ela retribuiu, rebolando freneticamente, tentando sua libertação.

Continuei beijando seus seios, apalpei-os, apertei os bicos com os dentes, e ela arqueou e, logo depois, gritou meu nome, gozando em meus dedos.

Ah! Isso é apenas o começo, ela mal terminou de se restabelecer, e eu a levantei, colando seu corpo ao meu, suas bochechas estavam rosadas e seu coração ainda batia descompassado.

Comecei beijando seu pescoço e, em seguida, sua boca serenamente, à medida que ela correspondeu o beijo com desejo, virei-a de costas e tive uma visão privilegiada de sua bunda, alisei a pele macia e dei um tapa fraco, ela gostou; dei outro mais forte, e ela gritou e, em seguida, sorriu.

— Espere um minuto, já volto — murmurei em seu ouvido.

Corri até o banheiro e peguei alguns preservativos, retirei a bermuda e retornei nu. Ela continuava deitada na mesma posição que a deixei, aguardando-me lindamente e cheia de desejo. Beije suas costas e desci com beijos e mordidas suaves até sua bunda, que ainda estava com a pele enrubescida por conta dos recentes tapas. Retirei sua calcinha, abri o preservativo e o coloquei.

Meu pau latejava e pulsava ansiando por estar dentro dela, penetrei-a avidamente, e ela gemeu instantaneamente, tão logo me sentiu todo dentro

dela. Comecei com estocadas lentas, mas ela vinha de encontro ao meu pau, rebolando e implorando por mais. Aumentei a intensidade, e ela gemeu e gritou loucamente.

Sorte que o meu apartamento era na cobertura, ela podia gritar o quanto desejasse.

Segurei firme em seus quadris e continuei com força, eu diminuía o ritmo para me deliciar um pouco mais com o prazer de estar dentro dela, mas ela queria mais, gemia e rebolava loucamente e não demorou muito para ela gozar novamente.

Senti seu clitóris latejando, mas ela não parou, continuou mexendo os quadris prazerosamente até sentir o meu corpo estremecer e as minhas estocadas se intensificarem, gozei apreciando seu rebolado.

Estava ofegante, mas rapidamente recuperei o fôlego, ela estava completamente exausta. Virei-a cuidadosamente e a peguei no colo, sentei no sofá da sala com ela em meus braços.

— Tenho que admitir, minhas fontes são muito confiáveis — ela falou ofegante, esboçando um sorriso tímido.

— Ainda não provei minha capacidade, ainda tem muito mais — disse, alisando seu cabelo.

— Você está falando sério?

Ela se afastou do meu colo para me encarar.

— Com toda certeza. Não se preocupe, eu não mordo, só se você quiser, é claro!

O olhar amedrontado dela era digno de risos.

— Então está explicado, esse é o motivo do público feminino da redação suspirar pelos cantos quando você passa.

— Algumas colegas de redação já tiveram essa sorte.

— Não posso negar, você é gostoso, mas nem um pouco modesto.

— Eu sei disso. Preciso de um banho — levantei do sofá —, quer ir comigo?

— Não, preciso repousar por alguns instantes, eu estou morta.

Sorri e saí para meu merecido banho.

Quando retornei para sala, ela já estava vestida e fotografando alguns dos documentos sigilosos que eu analisava antes de sua chegada. Corri furioso em sua direção e segurei seu braço, arrancando o celular da mão dela, ela se assustou com minha presença e ficou petrificada, encarando-me temerosa.

— O que pensa que está fazendo? — gritei enfurecido.

— Eu... eu só queria...

— Sua vadia, eu bem que estranhei essa visita, você não estava atrás de sexo, você queria mesmo era descobrir o que ou quem eu estou investigando, não é mesmo? Quem a mandou aqui? — Apertei seu pulso mais forte.

— Ninguém, ninguém. Solte-me, você está me machucando.

Larguei o braço dela e olhei as últimas fotos feitas em seu celular, apaguei uma a uma. Olhei as últimas mensagens enviadas, mas não continham as fotos que ela fez, menos mal.

— A mando de quem está aqui? — perguntei.

— Desculpe-me, Miguel, eu vim para me desculpar, vi esses documentos aqui em sua mesa e olhei por curiosidade. Eu fotografei apenas para fazer uma matéria para coluna de política, foi só isso, eu juro.

— Fora da minha casa, Verônica. Essa sua desculpa furada não cola, o César é o colunista de política, você escreve sobre moda e quer mesmo que eu acredite? Eu não sou trouxa, fora daqui.

Caminhei até a porta e abri para que ela saísse, atirei o celular dela em sua

direção e tranquei a porta. Fiquei irado, se tinha algo que odiava, era ser enganado.

Aproveitei para guardar os documentos no cofre que ficava escondido atrás do quadro de Nossa Senhora de Aparecida, a qual sou devoto. Tomei mais duas doses de uísque e dormi frustrado pelo recente acontecimento.

Eu tenho uma parcela de culpa nisso, deixei a cabeça de baixo falar mais alto. Deixei os documentos à mostra. A minha sorte é que consegui interceptar aquela naja antes dela divulgar ou fazer sabe-se lá o que com as informações que tencionava me roubar.



Acordei cedo, malhei e retornei para o meu apartamento. César me aguardava na porta impaciente.

— Bom dia, César, para vir tão cedo, só pode ter uma boa notícia.

— Bom dia, cara, em partes — César respondeu calmamente.

Abri a porta, e entramos no apartamento, César segurava um jornal e se sentou no sofá. Fui até a cozinha beber água e, ao retornar, sentei de frente para ele. César jogou o jornal que trazia consigo na mesa de centro e disse:

— Veja a coluna social de hoje.

— Social? Eu lá me importo com fofocas, César.

— Faça o que estou pedindo, abra que entenderá.

Peguei o jornal desconfiado das intenções de César, mas abri conforme ele orientou e entendi perfeitamente o que ele queria me mostrar.

— Desgraçada, Verônica é mais inescrupulosa do que pensei — afirmei atônito.



Na foto, Verônica estava ao lado de Roberto Prates, político influente na cidade e fortemente cotado para candidato a governador do estado nas próximas eleições. A legenda deixou explícito: Roberto Prates e sua noiva Verônica.

— Ela não estava nem um pouco interessada em seu corpinho bonito e fama. — César fez um sinal de aspas ao falar a última palavra com ironia.

— Eu sabia que tinha algo por trás, ela esteve aqui na noite anterior e dei mole, quando retornei, ela estava fotografando os documentos que eu examinava antes dela chegar. — Passei as mãos pelo cabelo e recostei no sofá. — Eu deveria ter desconfiado das intenções dela, mas fui ludibriado pelos encantos daquela cobra asquerosa.

César riu debochadamente e apoiou as pernas cruzadas na mesa de centro, balançando a cabeça negativamente e sorrindo.

— Até eu acreditei que ela realmente queria algo com você, mas, depois dessa foto, tive certeza de que era somente interesse. Eu achei que ela tinha mudado de ideia, já que agora você está famoso, foi promovido e tal. Eu estava certo, era interesse, mas em suas investigações, não em você.

— Exatamente, meu amigo, ela estava querendo descobrir se estou

investigando o noivo dela. Por sorte, os documentos que ela teve acesso não tem nada de comprometedor para minhas investigações. Reconheço que fui muito burro, mas, pelo menos, tive um bom sexo.

Fechei os olhos lembrando da noite anterior, deleitando-me com a lembrança do seu corpo nu na minha mesa de jantar.

— Cara, você só pensa em sexo? Mesmo depois de descobrir que ela é uma ordinária e te usou?

— Ordinária, mas gostosa. — Sorri. — Eu fiquei bravo, confesso, mas bem que gostei de ser usado.

Pouco me importava de quem ela era noiva, se tenho certeza de algo, é que ela gostou e muito do sexo, embora tenha sido por interesse, ela saiu satisfeita, isso, sim, é importante e inquestionável. Eu adoro dar prazer a elas. As mulheres precisam ser saciadas, e isso, modéstia à parte, eu faço muito bem.

Não estranhem, leitoras, sei que me acham pretencioso, mas tenho orgulho de ouvir os gemidos prazerosos anunciando um orgasmo, não há melodia mais graciosa que os doces gemidos de prazer de uma bela dama.

— Não acha prudente retirar esses documentos daqui? Ela, certamente, deve ter informado ao noivo o que você está investigando.

— Eu os armazeno em nuvem, esses são apenas uma cópia dos que entreguei à polícia para serem periciados. E o que ela fotografou foi somente uma cópia de um contrato que, por sorte, é do candidato que concorre pelo partido político opositor ao do noivo dela.

— Menos mal, mas, ainda assim, não teme pela sua vida? — César demonstrou preocupação.

— Não, se porventura algo me acontecer, tudo será publicado automaticamente. Sem falar que informo todo o meu progresso diretamente ao Otávio, delegado. Fique tranquilo. Agora me fale o motivo de sua visita, vejo algo nublado em seus olhos.

— Nublado? Você está me lendo ou tentando adivinhar o que venho falar?

— Desembucha logo, César, preciso de um banho, mas posso imaginar do que se trata.

— Bem, já sabe que namoro a Letícia e estamos muito felizes, e eu resolvi... — interrompi sua fala.

— Sem rodeios, César, fale de uma vez.

— Eu a pedi em casamento e quero que seja nosso padrinho.

Gargalhei alto.

— Como disse, acertei. Era exatamente o que tinha em mente — falei, tentando conter os risos.

— Não vejo graça nisso, Miguel. Eu estou falando sério, vamos nos casar e você será nosso padrinho.

— Claro, meu amigo, mas posso ir de preto para o velório? Opa! Quer dizer, casamento? — brinquei.

— Porra! Miguel, o assunto é sério, eu a amo e quero me casar com ela, não vejo motivo para tanto riso. Você aceita ou não ser o meu padrinho?

— Desculpa, César, mas sabe o que penso sobre casamento, minha reação era previsível, mas se é seu desejo, é claro que serei seu padrinho. — Estendi a mão para cumprimentá-lo.

— Só tem um problema. — César fez uma pausa e seu semblante era de preocupação. — A madrinha.

— O que tem a madrinha? — indaguei curioso.

— Foi escolha da Letícia, não tenho nada com isso, é a Cristina.

— Ah! Melhor impossível! — exclamei com ironia.

— Você aceita, então?

— Cara, meu lance com a Cristina é passado, pouco me importo quem estará ao meu lado, se esse é o seu desejo, assim farei — respondi, curvando-me como um subalterno a seu rei.

— Obrigado, Miguel, sabe o quanto estimo e considero você, cara!

— Sem frescura, dá um abraço aqui no seu padrinho.

— Vou deixar você tomar seu banho, vou encontrar com os pais de Letícia, iremos conversar com o cerimonialista.

— E será tão rápido assim? Não me diga que ela está grávida.

— Claro que não, estamos apenas nos programando, ainda decidiremos a data. Até mais, nos vemos na redação.

César se levantou e caminhou até a porta, eu o segui e a abri.

— Até breve.

Tranquei a porta e corri para o meu banho, mas um nome não saiu da minha mente, Cristina. Já tinha anos que não nos víamos ou eu tinha quaisquer notícias dela. Ela foi a única mulher por quem, verdadeiramente, me apaixonei, namoramos por dois anos e fomos noivos por três meses.

Há muito tempo, eu não pensava nela e já faz tempo que tudo o que ela me fez passar deixou de doer. Não foi necessariamente a traição que doeu, mas sim a forma sórdida que ela me enganou, fiquei decepcionado comigo mesmo por ter me permitido acreditar na índole dela. Desde então, surgiu minha aversão a casamento e relacionamentos sérios.

Minha vida inteira mudou, na época, eu já era jornalista, mas da área esportiva e viajava com muita frequência para cobrir os eventos que era escalado. Ainda assim, tentei ser o melhor companheiro que ela poderia ter, mas nem isso ela considerou ao me trair com o chefe dela.

De tudo podemos tirar um lado bom, eu me vinguei dela e do deputado da

melhor maneira possível, acabei com a carreira dos dois. Eu enviei as fotos de forma anônima para a coluna de fofocas da redação do jornal que eu trabalhava na época.

Eu queria acabar com a reputação ilibada que o deputado fazia questão de frisar em seus comícios. Ele era um político conhecido e influente em todo estado, e as fotos tiveram o tratamento merecido, foram matéria de capa, mas a influência e o fato dele estar cotado para ser candidato a senador mudou o rumo das coisas. Ele veio a público e pediu perdão à esposa e à família, cercado de muitas lágrimas de crocodilo, com o discurso de bom marido e bom pai, disse que foi apenas um momento de fraqueza e jamais aconteceria novamente.

Foi uma estratégia de *marketing* muito boa, reconheço, e possibilitou que ele continuasse subindo nas pesquisas eleitorais, o que me deixou frustrado. Decidi investigar a vida do deputado e descobri um passado podre e cercado de contratos fraudulentos, empresas fantasmas e licitações de cartas marcadas na época em que foi prefeito de uma cidade do interior de São Paulo.

De posse dessa investigação, joguei a público em um *blog* que criei para essa finalidade, chamado “O Delator”, três dias antes das eleições, consequentemente, ele perdeu as eleições daquele ano e ainda lhe rendeu alguns processos e condenações.

Cristina fez um acordo com o partido do deputado para sair do país, fugiu na surdina sem deixar rastros, sem dar notícias, nem mesmo para mim. Não rompemos oficialmente e, até hoje, ela também não sabe que eu fui o responsável pelas denúncias, acredita que eu descobri a traição pelos jornais, e desse modo terminamos nossa relação, sem um ponto final oficial.

Confesso que sofri ao descobrir a traição, mas hoje percebo que foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido, na verdade, devo é agradecer-lhe por ter saído da minha vida. Sou muito mais feliz hoje, vivendo noite após noite cercado de belas mulheres e ótimas companhias, sem contar que, graças a esse episódio, eu descobri minha verdadeira aptidão dentro do ramo jornalístico, o jornalismo investigativo, e ainda lavei a minha alma me vingando dos dois.



Depois de um domingo movimentado, cercado de muito pagode, churrasco, futebol e amigos, consegui, enfim, levantar e ir à academia, voltei para casa para me trocar e, depois, segui para redação.

O trânsito já estava movimentado e intenso, passei longos e intermináveis minutos em um engarrafamento típico de segunda-feira de grande metrópole.

Cheguei atrasado e o estacionamento já estava lotado, por sorte, agora tenho uma vaga exclusiva de diretoria. Peguei minha pasta de documentos, mal desci do carro e fui surpreendido por um homem de cabelos grisalhos com uma valise, ao lado do meu veículo, encarando-me friamente.

— Bom dia, presumo que seja o senhor Miguel Novaes.

— Sim, sou eu. E você, quem é?

— Assessor parlamentar do deputado Roberto Prates. Meu chefe quer contratá-lo para um serviço.

— Não trabalho para abutres como seu chefe.

Travei o carro e caminhei em direção ao elevador. Antes de chegar ao meu destino, o homem que me acompanhava passou em minha frente e parou, impedindo-me de continuar.

— Tem certeza? — Ele abriu a valise que continha muitas cédulas de cem reais. — Não vai querer nem saber o que é necessário ser feito?

Um acesso de raiva tomou conta do meu corpo, cerrei o punho e me preparei para agredi-lo, mas me contive, isso afetaria minha imagem, já que não teria como provar minha inocência, seria a palavra dele contra minha.

— Já disse que não tenho interesse em trabalhar para o seu chefe, vá embora e não volte a me procurar, caso contrário, da próxima vez, eu não o

receberei com a mesma cordialidade de hoje. Tenha um bom dia.

Deixei-o sozinho e entrei no elevador, para a saúde dele, o homem não insistiu em me seguir. Meu dia mal havia começado e já havia recebido uma visita nada amistosa, pouco me importava o trabalho que Roberto tinha para mim, só pelo fato de ser político, já era motivo para minha recusa.

Cheguei na redação e, finalmente, pude entrar em minha sala, minha equipe já estava a todo vapor. Em minha mesa, matérias para avaliar e uma coluna para aprovar. Foi tudo bem corrido, minha nova função estava me rendendo muito mais trabalho que antes.

Próximo do horário do almoço, recebi a visita de Verônica. Ela foi esperta e esperou a redação ficar praticamente deserta para vir ao meu encontro. Entrou com cautela e fechou a porta, eu a observei em silêncio, atendo a cada movimento dela.

— A que devo a honra de mais uma visita?

Cruzei os braços e me recostei na cadeira.

— Eu...eu queria me desculpar por ontem — ela falava com dificuldade, visivelmente nervosa.

Levantei, indo ao seu encontro, ela continuou estática no meio da minha sala, como um bicho acuado. Aproximei-me lentamente e me posicionei atrás dela, afastei seus cabelos para ter acesso ao seu pescoço, com o braço esquerdo, abracei-a pela cintura, juntei nossos corpos, e ela não reagiu, apenas respirou mais acelerado. Colei os lábios em seu ouvido e disse:

— Eu sei o que quer aqui. Já entendi o motivo de ter me procurado.

Ela vestia uma blusa de seda de alças com as costas parcialmente expostas pelo decote, beijei seus ombros e desci pela fenda. Alisei a lateral de sua perna e levantei, em um único movimento, a saia que vestia. Ela assustou-se com o movimento brusco.

— Eu queria pedir desculpas, não deveria ter...

Interrompi a fala dela ao tocar seu clitóris, ela tentou resistir e conter o gemido, mas estava excitada demais para parar. Rebolou em meus dedos timidamente. Eu estava louco para estar dentro dela, meu pau latejava vendendo-a louca de prazer.

Interrompi rapidamente nosso momento, e ela me encarou com um olhar fulminante, caminhei até minha mesa e peguei um preservativo dentro da minha bolsa. Joguei na direção dela, e ela abriu com um sorriso safado esboçado nos lindos lábios.

Retornei para junto dela, e ela me puxou para o sofá, o mesmo que ela esbofeteou minha cara. Abriu minha calça e chupou meu pau com tanto empenho que quase gozei em sua boca. Ela interrompeu as investidas, deslizou os longos dedos na extensão do meu pau, colocou o preservativo, sentou-se e cavalcou loucamente. Afastou as alças da blusa, dando-me acesso aos seus seios, apalpei-os, e ela gemeu com mais intensidade e, em poucos instantes, gozou, e eu a acompanhei.

Ela desabou em meu peito por alguns instantes e, ainda ofegante, disse:

— Eu relutei a manhã quase toda em vir, mas você é muito...

— Gostoso! — completei sua frase.

— Não, cretino mesmo, mas eu gosto de cretinos.

Ela disse, levantou-se do meu colo e rapidamente se recompôs.

— Percebi, não é à toa que namora um político.

— Eu amo o Roberto, você não entende de sentimentos, então não me julgue.

Eu gargalhei e levantei, terminando de arrumar minhas roupas.

— Ama a conta bancária dele, é por isso que me procura para o sexo. Tenho certeza de que aquele abdômen protuberante não ajuda em nada na hora do prazer.

Ela cruzou os braços e me encarou furiosa.

— Você é muito cretino, Miguel, nunca amou ninguém. E eu adoraria vê-lo rastejando aos pés de uma mulher. Se não estivesse noiva, faria isso com muito prazer. Ainda verei você sofrendo de amores por alguém.

Eu, novamente, gargalhei, isso era uma piada, eu nunca me apaixono, eu nunca amo. Amor é bobagem, era o primeiro artigo do meu manual do bom canalha.

— Espere sentada, querida, eu não amo ninguém além de mim mesmo. — Caminhei até a porta e abri. — Agora, se me der licença, preciso almoçar e tenho um encontro daqui a pouco.

— Você vive cercado de vadias para não se envolver com nenhuma, porque tem medo de amar, aposto que já foi traído.

— Muitas vadias, começando por você.

Ela levantou a mão para me agredir, mas segurei seu pulso.

— Eu não sou vadia.

— Não, é só manipulável, deixa seu macho a obrigar a transar com outro para conseguir informações privilegiadas. Você é patética, asquerosa, tola e não percebe que ele está apenas lhe usando. Eu que verei, muito em breve, ele a trocando por outra, como ele sempre fez, não é à toa que ele já se casou sete vezes. Será apenas mais uma.

Enquanto despejava minha ira, ela bufava e tentava sair, mas a segurei firme para que ouvisse tudo que desejava falar.

— Largue-me, Miguel, ou eu vou gritar.

— Grite, assim, todos saberão a vadia que você é. Eu vou largá-la porque não quero mais vê-la e muito menos lhe dar o prazer que costume oferecer. Volte para o seu noivo e reafirme o que disse ao assessor dele, eu não quero trabalho nenhum que venha dele. E, no mais, foda-se, você e ele.

Ela me encarava furiosa, certamente, se estivéssemos em um lugar com mais privacidade, a conversa seria bem mais calorosa. Ela temia que eu a expusesse. Puxou seu braço com mais força, e eu a soltei, mostrei meu sorriso de vingança e ainda pisquei. Ela, que já estava enfurecida, saiu esbravejando baixinho, com sangue nos olhos.



Já era início da noite quando deixei a redação, havia ficado um pouco além do horário para adiantar uma matéria que publicaria na próxima edição. Recolhi meus pertences e desci até o estacionamento, deserto e sombrio, apenas uns poucos veículos ainda estavam estacionados. Ao me aproximar do meu carro, percebi a silhueta de um homem encostado na porta do motorista e, pelos gestos, estava fumando.

À medida que me aproximava, o semblante ficava mais nítido, e então o reconheci, era tal Roberto Prates fumando um cigarro calmamente. Olhei em volta e não percebi ninguém além dele, continuei andando e, quando finalmente cheguei perto, ele se adiantou e disse com rispidez:

— Temos alguns assuntos pendentes para resolver, rapaz.



Ele encurtou a distância entre nós e soltou a fumaça do cigarro na minha direção.

— Desculpe, eu não tenho nada para tratar com pessoas da sua estirpe.

Dei de ombros e continuei caminhando até a porta do meu carro.

— Serei breve e direto, conceda-me um minuto — ele insistiu ao me seguir.

— Um minuto — confirmei e virei-me para encará-lo.

Recostei-me na porta do carro de braços cruzados, não estava nem um pouco interessado na conversa, mas, ao mesmo tempo, estava curioso, Verônica poderia ter contado a versão dela da nossa discussão hoje mais cedo, e ele poderia ter vindo tomar satisfações.

— Você está investigando um desafeto político meu, e eu quero patrocinar essa investigação. Em troca, quero apenas o seu compromisso em divulgar em um momento oportuno, irei retribuí-lo muito bem.

Ele deu uma longa tragada no cigarro enquanto esperava a minha resposta.

— Eu não preciso de patrocínio, meu compromisso é com a verdade, e não com um merda como você, que se esconde atrás de uma vadia para conseguir informações sigilosas.

Virei de costas e abri a porta do carro para partir, mas ele pousou a mão em meu ombro esquerdo. Instintivamente, me virei e empurrei sua mão com tanta rapidez que ele se assustou, franziu o cenho e me encarou com cinismo ao perceber minha ira.

— Não seja intransigente, todo mundo tem um preço. Qual é o seu? — ele perguntou com desdém e acendeu um novo cigarro.

Fiquei ainda mais irritado com a ofensa. Contive-me para não o espancar, estava com punhos cerrados, pronto para agredi-lo. Tomei fôlego, respirei profundamente e o encarei furioso.

— Eu não vendo o meu trabalho, não faço falsos julgamentos, tampouco emito opiniões inverídicas. Meu compromisso é com os eleitores que merecem saber a verdade e ficar livres de escórias como você. Espero que tenha entendido e passar bem.

Eu entrei no carro, coloquei a chave na ignição e, antes de ligar os motores e partir, ele me olhou novamente, apagou o cigarro jogado no chão com os pés e disse:

— Cuidado, Miguel, os bons morrem jovens.

Desci rapidamente do carro com sangue nos olhos, peguei Roberto pelo colarinho, levantei-o e o encostei no carro ao lado do meu, apertei seu pescoço; sufocando-o, ameacei:

— Mexa essa sua bunda gorda da minha frente e foda-se bem longe de mim com a sua noiva asquerosa, vocês se merecem, não volte a me procurar e transmita o recado para sua vadia também.

Ele respirava com dificuldade e seu rosto estava vermelho, pressionara com tanta força seu pescoço que, quando o soltei, ele caiu no chão, colocando as mãos nele e tossindo.

— Eu vou acabar com sua carreira, seu jornalista de merda. Você não me conhece — ele bradou ao se levantar do chão.

Já ia partir, mas fiz questão de retornar para respondê-lo, embora não me preocupasse nem um pouco com a ameaça que ele me fez.

— Você é que não me conhece, mas eu o conheço muito bem. Chico Ramires te lembra algo? Tivemos longas conversas e seu nome foi bastante citado, um doleiro influente no meio político deve ter muitos segredos para revelar, não acha? Já que me conhece, sabe como trabalho, só não sabe que o *blog* “O Delator” é meu, ou seja, eu sou o delator, além disso, desconhece um fato importante, todas as minhas investigações e documentos que estão em meu poder são diretamente encaminhados à Polícia Federal. Além disso, eu crio postagens com datas futuras no *blog*, caso me aconteça algo, tudo será publicado. Então, reze, reze muito, Roberto, se algo acontecer comigo, o senhor estará muitíssimo encrencado.

Ele embasbacou com minhas palavras, tentou formular uma resposta gaguejando, não aguardei suas alegações, entrei no carro e parti. Antes de sair da garagem, olhei-o novamente, ele permanecia estático, encarando-me com preocupação. A ausência de resposta era um claro sinal de que ainda tinha muito mais falcatruas por trás da simples conversa que tive com o doleiro, um claro indício de que eu tinha um novo alvo de investigação.

Cheguei em casa estressado, tomei um banho, duas doses de uísque e caí no sono. No dia seguinte, acordei faminto, tomei um longo banho, troquei de roupa e, ao chegar na cozinha, um cheiro forte de café me atraiu. Avistei minha mãe cozinhando, ela raramente vinha à minha casa, até me assustei.

— Mãe! Aconteceu alguma coisa? — perguntei preocupado.

— Bom dia, bebê, não foi essa educação que te dei.

Caminhei em sua direção, lhe abracei e beijei sua cabeça.

— Desculpe, mãe, você vem tão raramente aqui que fiquei preocupado, nem lembrava que tinha lhe dado cópia da chave. Como você está?

— Bem, está tudo em ordem, estive visitando uma grande amiga que virou vovó aqui perto e aproveitei para vê-lo. Parece que você não tem mãe, não me liga ou manda mensagem — ela reclamou e nos serviu o café.

— Estou trabalhando muito ultimamente, mas você sabe que eu a amo.

Sorri e apertei sua mão.

— Eu sei, mas não custa nada tirar um tempinho para me visitar, ainda moramos na mesma casa na Vila Matilde, nem é tão longe assim do Morumbi.

— Como está Natália?

Seu semblante mudou repentinamente, seu sorriso desapareceu, ela baixou a cabeça e tentou disfarçar a tristeza.

— Ela está bem.

— Mãe — chamei-a, levantando seu rosto pelo queixo. — Tem algo que eu precise saber?

Fiquei ainda mais preocupado ao perceber que os olhos dela estavam marejados.

— Ela trancou a faculdade.

— O quê? — Esmurrei a mesa bravo. — Essa menina está passando dos limites, mãe, o que ela tem na cabeça?

— Calma, Miguel, não precisa ficar zangado. Eu vou conversar com ela, e ela vai voltar, fique tranquilo, seu dinheiro não será desperdiçado.

— O dinheiro não é o problema, mãe, minha preocupação é com o futuro dela, essa menina está precisando de umas palmadas — bufei. — A senhora já procurou um psicólogo para ela?

— Psicólogo? Para quê? Ela não é louca, Miguel, não insista nessa bobagem.

— Mãe — respirei profundamente, contendo a ira. — Desde a morte do papai, ela mudou radicalmente, ela era um doce de menina e hoje é desequilibrada, sem falar que ela já surtou várias vezes e já deu provas suficientes de que precisa de ajuda, eu já disse que pago o tratamento dela, procure ajuda.

— Miguel, por favor! Não insista com esse assunto, sua irmã só está passando por uma fase. Logo, logo ela voltará a ser quem sempre foi.

— Não tenho essa certeza e insisto que ela precisa de ajuda médica.

— Chega, Miguel! Natália está em sã consciência.

Minha mãe ficou irritada, ela sempre negava a necessidade clara de que Natália precisava de ajuda médica, ela não estava bem, mas minha mãe sempre justificava alegando qualquer coisa, menos aceitar que ela estava carecia de tratamento psicológico.

— Tudo bem, não digo mais nada, mas, se mudar de ideia, eu pago o tratamento.

— Vamos mudar de assunto. Aposto que você não adivinha quem me visitou ontem?

— Não faço ideia, quem?

— A Cris, sua ex.

— E o que ela queria? — perguntei curioso.

— Imaginei que ficaria bem mais surpreso, não era essa a reação que eu esperava — mamãe falou admirada.

— Dona Edna, a senhora me conhece muito bem, a Cris é passado e não significa mais nada para mim.

— Sei bem o quanto é exagerado, tenho até medo de quando amar alguém, você sempre foi muito intenso nos seus sentimentos, quando gosta ou odeia, mas, sabe, eu fiquei com muito ódio dela na época, agora não tenho

mais, ela veio até me pedir perdão.

— E você a perdoou?

— Sim, como você mesmo já disse, ela é faz parte do seu passado, não vi mal nisso. Perdoei de coração e até torço para que reatem. Você já está ficando velho, precisa se casar e constituir família.

Gargalhei com o comentário de minha mãe, e ela ficou ainda mais irritada e me acertou um tapa no ombro.

Nunca na vida que voltaria para Cristina, tampouco me casaria com ela, isso é uma piada de muito mau gosto, apesar da minha reação cômica.

— Mãe, desista de mim, não quero casar, amar, ter filhos, nada disso. Espere mais alguns anos que Natália te dará netos — disse ao recuperar o fôlego da intensa gargalhada.

— Você precisa de cuidados, bebê, precisa de uma boa esposa, prendada e que saiba cozinhar muito bem, sei o quanto você come.

— A senhora está muito hilária hoje, animou meu dia. Agora preciso ir, minha nova função de editor-chefe exige muito de mim.

— Como está indo na nova função?

— Muito bem, apesar de muito trabalho. Vamos descer juntos? Está de carro?

— Sim, estou. Fico feliz que esteja bem, sabe o quanto tenho orgulho de você.

— Sei, sim.

Coloquei o braço em seus ombros e descemos abraçados. Acompanhei-a até o seu carro na garagem e nos despedimos com a promessa que lhe faria mais visitas e procuraria uma nora com as características que ela exigiu.

Casar e formar família não faziam mais parte dos meus planos, meu foco

é na minha carreira na redação e nas minhas promissoras investigações.

Cheguei na redação bem cedo, ao adentrar a minha sala, avistei uma sacola de papel dourada sobre minha mesa. Avaliei com cuidado, era uma caixa comprida e pesada, receei abrir, ainda mais quando li o remetente: Roberto Prates.

A embalagem parecia inofensiva, abri e estava certo, era uma garrafa de uísque importado, uma das marcas mais caras que conheço. Era um bom presente, mas, vindo de quem veio, recusaria. Coloquei-o novamente na sacola, escrevi no cartão que ele assinou um recado bem grosseiro, chamei um entregador e mandei o embrulho de volta.

Passei a manhã atribulado, encomendei o almoço e fiquei na redação mesmo. Consegui concluir minhas tarefas diárias e adiantar as do dia seguinte ainda bem cedo.

Deixei a redação próximo das 18h e, antes de partir, encontrei o César na garagem.

— Miguel, saindo cedo?

— Adiantei minhas obrigações.

— Hoje teremos uma reunião de família para tratar sobre o casamento, você pode participar?

— Os padrinhos são necessários? — perguntei.

— Sim, mas, se não quiser ir, não tem problema. Não quero te colocar em uma saia justa, eu te entendo, sei que não é fácil esse lance com a...

— Porra! Eu não tenho lance com ninguém, você não precisa me preservar de nada, eu e a Cris não temos nada, estou pouco me importando com a presença dela, passa logo esse endereço aí que comparecerei.

Entrei no carro e parti, César falou algo mais, mas eu não ouvi, fiquei irritado com essa história, todos achando que eu sofreria com o retorno dela. Eu estou pouco me importando, quando odeio, eu odeio mesmo, ela não

representa mais nada na minha vida. Não preciso ser preservado, que se foda se ela não está confortável com minha presença.

Retornei para meu apartamento, tomei um banho relaxante e, quando olhei meu celular, tinha uma mensagem de César com o endereço. Troquei de roupa e fui ao endereço indicado. Era um restaurante que ficava no Jardim Paulista, levei poucos minutos para chegar, um espaço requintado e aparentemente bem caro.

Entreguei as chaves ao manobrista e fiquei no bar aguardando César, já que não tinha visto ninguém familiar. Um toque suave no meu ombro me fez estremecer. Ao me virar, descobri o motivo, era ela, Cristina.

— Boa noite, Miguel.

— Boa noite, Cristina.

— Imaginei que chegaria mais cedo, sei o quanto é pontual — ela falou e sentou-se ao meu lado.

— Cristina, não precisa fazer a política da boa vizinhança. Todos já sabem o que houve entre nós. Você não tem obrigação de falar comigo ou vir me cumprimentar.

— Não estou te cumprimentando por obrigação, vim mais cedo porque eu queria te ver. Acho que preciso me explicar, não conseguimos conversar antes de eu mudar para Dublin.

— Não temos nada para conservar, tudo entre nós já está muito bem explicado. Você me traiu, o que é motivo suficiente para rompermos, não acha?

— *Mi*, ouça-me, por favor, não foi falta de amor, sexo ou carinho. Eu só fui fraca e me deixei influenciar pela conversa dele, eu me arrependo amargamente e lamento muito ter feito você passar por tudo isso. Você é um anjo, e eu seria a mulher mais feliz do mundo se você fosse meu marido.

Ela colocou a mão em minha coxa, retirei sua mão e percebi que ela

estava fria, estava visivelmente nervosa.

— Não me chame mais assim, para você, é Miguel, nós não temos mais nada. Eu fiquei bravo com tudo que aconteceu, mas reconheço, hoje, que foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido. Todo o sentimento que um dia tive por você transformou-se em desprezo. Não tenha falsas esperanças.

— Eu visitei sua mãe, ela me disse que ainda é solteiro, não teve ninguém depois de mim. Acho que você ainda me ama.

Gargalhei debochadamente das palavras dela. Fiz um sinal para o garçom, ele se aproximou e nos cumprimentou:

— Boa noite, senhores.

— Boa noite, uma dose do seu melhor uísque, puro, por favor.

Ele saiu e, em poucos instantes, retornou com meu pedido, permanecemos em silêncio e, quando ele se afastou novamente, tomei um longo gole de uísque e encarei-a novamente.

— Com toda certeza desse mundo, eu posso garantir que não tenho mais sentimentos por você.

— Eu sei que ainda me ama, estou disposta a esquecer o que aconteceu e retomar nosso relacionamento, você é meu anjo, *Mi*.

— Não seja ridícula, eu não quero mais ter nenhum tipo de relacionamento com você, estar aqui hoje é a prova de que não quero nada com você. Só estaremos no altar juntos por respeito aos nossos amigos César e Letícia.

— Você não me engana, Miguel, sei que ainda me deseja, lembro muito bem o quanto gosta de sexo, e isso você sabe fazer como ninguém. Sabe que, ontem mesmo, recordei da nossa primeira transa no banheiro da boate de Vila Matilde, lembra?

— Nossos bons momentos foram esquecidos pelas últimas lembranças que tenho do nosso relacionamento.

Bebi o último gole do meu uísque, peguei algumas notas na carteira e coloquei embaixo do copo.

— Você não me engana, Miguel.

— Você não me conhece mais, Cristina.

Levantei e a deixei sozinha no bar, mas, para minha infelicidade, dei de cara com Roberto Prates antes de tomar distância dela. Ele estava acompanhado de outros homens, caminhou em minha direção com um sorriso largo e falso, tentando ser cortês.

— Ora, ora se não é o Miguel Novaes. — Ele colocou a mão em meu ombro. — Senhores, esse aqui é o tão famoso autor do *blog* “O Delator”.

Porra!

Cristina ouviu.

Fechei os olhos e me preparei para enfrentar a fúria feminina.



Se tem algo que eu odeio, é escândalo, ainda mais quando sou o centro das atenções. E, se envolver o sexo frágil, aí fode tudo! Nessas horas, de frágeis, elas não têm nada. Mulher com raiva é foda, mas foda ao cubo é a ex irada.

As palavras de Roberto libertaram uma entidade sobrenatural que possuiu o corpo de Cristina — e ainda por cima lutava boxe muito bem —, que me acertou um soco certeiro no queixo. Não tive nem tempo de argumentar, a força do golpe lançou minha cabeça para trás rapidamente, bem como a minha vergonha.

Um gosto de sangue invadiu minha boca, toquei meu queixo dolorido devido à recente agressão, olhei em volta, Roberto e o grupo que o acompanhava nos olhavam perplexos. Por sorte, o bar ainda estava pouco movimentado. Cristina bufava de raiva sacudindo a mão que tinha me acertado.

— Com licença.

Afastei-me de Roberto e do grupo que o acompanhava, puxei Cristina pelo braço e a levei para o terraço do restaurante. Enquanto a arrastava, ela proferia uma coleção de xingamentos, mantive-me em silêncio para não chamar mais atenção.

Nunca a vi tão transtornada e falando tantas palavras em tão pouco tempo como agora. O terraço estava deserto, procurei o lugar mais reservado possível, ela parou e gritou mais alto ainda:

— Desgraçado, miserável, cretino. Você estragou minha vida, seu...

Interrompi sua fala segurando com firmeza seu braço.

— Cale a porra dessa boca, nunca agredi mulher nenhuma e espero que não seja hoje a primeira vez — apertei com mais força seu braço —, eu não acabei com sua vida, você fez isso sozinha. Se tem uma vítima aqui, sou eu, e não você. Eu sofri pra caralho, mas hoje posso dizer, com toda certeza do mundo, que você me fez um favor ao partir sem me procurar, com a ira que eu estava, não sei se você estaria viva hoje.

Ela puxou seu braço com força, e eu o larguei.

— Você não podia ter feito isso comigo, você estragou minha carreira. Eu voltei com esperança de reconquistá-lo e retomar nosso relacionamento e descubro que foi você que entregou as fotos ao jornal, você que publicou as denúncias contra o deputado.

— Não perca seu tempo, Cristina, de mim você não tem mais nada, nem mesmo respeito. Ouça bem, o que fiz foi pouco perto do que você me fez passar. Você não representa nada para mim, o sentimento que um dia tive você transformou em ódio e desprezo.

— Você estragou minha carreira promissora — ela gritou descontrolada.

— Você ainda está em forma — falei, inspecionando-a da cabeça aos pés.
— Ainda pode retomar sua carreira de puta.

— Desgraçado! — ela resmungou contrariada.

Ela pousou uma mão na testa e a outra, na cintura, andando de um lado a outro, inquieta.

Eu não estava nem um pouco preocupado, embora não fosse dessa forma que queria colocar um ponto final na nossa história, mas estou pouco me

importando, pelo menos agora ela sabe que me vinguei e que não tem chance alguma comigo.

— Eu já disse tudo o que tinha para falar, e essa revelação foi um ponto final para o nosso relacionamento inacabado. Agora, estamos quites.

Dei de ombros e saí, retornei ao restaurante e avistei César, Letícia e mais algumas pessoas já sentadas à mesa reservada aos noivos e convidados.

— Boa noite! — cumprimentei todos.

Todos responderam, e os olhares tortos foram inevitáveis. César me olhou com estranheza e veio ao meu encontro. Abraçou-me e cochichou em meu ouvido:

— Tem sangue no canto da sua boca, aconteceu alguma coisa?

— Acompanhe-me até o bar.

Ele fez um sinal para Letícia e saímos em direção ao bar. Sentamos no balcão, pedi uma dose de uísque puro e tomei em uma só golada. César me observava preocupado.

— Aconteceu algo?

— Encontrei a Cristina.

— Putz! E então?

— Estava indo tudo bem até o Roberto chegar afirmando que sou o autor do *blog* “O Delator”, e aí já pode imaginar.

Gesticulei para o garçom pedindo uma nova dose.

— Eu achava que ela já sabia de tudo.

— Não, ficou irada e me acertou um soco no queixo, além de me acusar de ter acabado com a carreira dela. — Sorri com sarcasmo, lembrando da petulância dela. — Veja se eu mereço ouvir isso?

— Tem razão, ela não tem motivos para ficar com raiva, o que aconteceu foi apenas reflexo das decisões dela. Colhemos o que plantamos.

— Exatamente, meu caro, eu pouco me importo com o que ela está pensando agora, eu quero mesmo é que ela se foda bem longe de mim. Só quero cumprir com o que prometi a você, infelizmente, ela é a madrinha, mas desempenharei minha função por vocês. Nesse momento, o foco é seu casamento, meu amigo.

Pousei a mão em seu ombro.

— Então, vamos retornar, ela já deve estar por lá, mas, se quiser ir embora, eu entenderei.

— Jamais! Eu fui vítima em toda essa história, eu estou pouco me lixando para ela, se ela estiver desconfortável, que vá embora.

— Tudo bem, então vamos voltar.

Paguei o uísque e retornamos para o restaurante. Ao chegarmos, Cristina era consolada por Letícia, elas sempre foram grandes amigas. Letícia me encarou furiosa, e eu continuei sério e ignorei seu olhar em fúria.

Sentei-me ao lado de César, e ele, logo em seguida, tomou a palavra e iniciou a reunião. O clima não foi dos mais agradáveis, entretanto foi uma reunião proveitosa. Decidiram datas, ensaios, sessão de fotos e entre outras frescuras que a noiva sugeriu.

Após o jantar, nos despedimos, e eu preferi não esperar pelo manobrista, caminhei até o estacionamento que já estava bem deserto e até escuro, já se passava das 23h, localizei meu carro com facilidade, caminhei em sua direção, mas ouvi passos me seguindo.

Ignorei e continuei meu trajeto, pelo som da passada, era uma mulher. Ouvi o salto alto ecoando no piso. Ao chegar na porta do carro, antes de entrar no veículo, ela se apressou e segurou meu braço.

— Espera.

Virei-me rapidamente e a reconheci, era a cobra em pessoa.

— Cristina? Achei que já tivéssemos nos resolvido.

Ela pulou em meu pescoço e me beijou, retribuí o beijo, por educação. Queria encerrar nossa situação de forma amigável. Cessei o beijo, e ela, ainda ofegante, disse:

— Eu te perdoo.

— O quê? — gritei e retirei os braços dela dos meus ombros. — Você me perdoa? Isso é uma piada? Você é que me deve perdão, ficou maluca?

— Você nunca assume seus erros, Miguel?

— Erro é o caralho! Você me traiu, e eu que tenho que pedir perdão? Eu estava até disposto a ter um relacionamento civilizado com você em nome do César, mas, desculpe, assim não dá! Esquece esse papinho de perdão, essa história de recomeçar nossa história, esquece até que eu existo.

Entrei no carro.

— Você é um grosso, estúpido e mal-educado.

Liguei o carro e ainda a olhei mais uma vez, vi que estava chorando, mas não me comoveu, se era essa a intenção.

— Chore, tudo que chorar por mim é pouco perto do que me fez passar. Você fez por merecer o tratamento que está recebendo. Adeus!

— Eu não vou desistir

A cobra ainda gritou antes de eu sair do estacionamento.

Parti sem olhar para trás, fiquei tão irritado com o que Cristina disse que dirigi feito louco, cheguei em poucos minutos e, para minha felicidade, ao chegar na porta do meu apartamento, Amanda estava me aguardando.

Um belo sorriso instintivamente tomou meus lábios cerrados pelo fiasco da

noite. Nem a cumprimentei, já fui logo colando seus lábios aos meus em um beijo cheio de desejo.

— Boa noite, Miguel, acho que ficou feliz com minha visita. Eu estava receosa em vir.

— Boa noite, com toda certeza.

Abri a porta e a convidei para entrar, não gosto de mulheres no meu pé, mas hoje tive um dia estressante e a noite mais tensa ainda, a visita dela faria minha noite terminar de forma mais agradável.



Despertei cedo, com os braços de Amanda envoltos em meu tórax, tentei levantar sem acordá-la, mas ela despertou com um sorriso nos lábios e me abraçou forte.

— Bom dia, Miguel.

— Bom dia, Amanda, dormiu bem?

— Como um anjo, ou melhor, com um.

— Também tive uma excelente noite, graças a você.

Ela sentou-se na cama, olhou-me serenamente, alisou meu peitoral e baixou a cabeça, parecia que tinha algo embaraçoso para falar.

— Miguel, eu...

Sentei-me e levantei seu rosto para fitar seus olhos.

— Algum problema?

— Não, é que eu adoro sua companhia, você é incrível, mas...

— Mas? — incentivei que continuasse.

— Eu acho que estou me envolvendo demais, ontem pensei horas e horas antes de parar aqui na sua porta, relutei muito, mas foi mais forte que eu.

— Não precisa ficar assim tão preocupada, é natural que nutra sentimentos por mim. — Alisei seu rosto. — Você é uma mulher linda, tem um futuro brilhante pela frente, eu não quero atrapalhar sua vida, não temos nenhum compromisso, saímos poucas vezes juntos.

— Eu sei disso, Miguel, e é isso que me assusta, saímos poucas vezes, e eu já estou tão envolvida, entende?

— Perfeitamente, mas não quero te dar falsas esperanças, eu não tenho pretensões de ter um relacionamento sério. Quando entra a palavra relacionamento, as coisas se complicam. Assim está perfeito, não acha? Sem cobranças, ciúmes e brigas.

— Não estou reclamando, é ótimo estar com você, mas eu quero vê-lo com mais frequência, poder vir aqui mais vezes, fazer programas juntos, viajar, sair para jantar, dançar, cinema, essas coisas de casal, entende? Eu não quero só sexo.

Porra!

Uma hora dessas da manhã e já ter esse tipo de conversa é, no mínimo, desanimador. Encarei na maior boa vontade, mas relacionamento e namoro eram palavras expurgadas do meu dicionário, além do fato de que ela era pelo menos uns dez anos mais nova que eu, não é muito meu tipo de mulher, eis o motivo: mulheres muito novas, normalmente, são imaturas e incapazes de assimilar um relacionamento aberto e só de sexo.

Não me xinguem, leitoras, estou sendo sincero. Aliás, sinceridade é uma das minhas maiores qualidades.

— Amanda, vamos com calma. Você é uma ótima companhia, mas eu realmente não estou disposto a encarar um relacionamento nesse momento, não é você o problema, sou eu mesmo, se não quiser me ver mais, entenderei.

Ela permaneceu em silêncio, me observando, levantou-se e foi para o banheiro. Achei melhor me trocar no quarto de hóspedes.

Ao terminar meu banho, retornei para sala, ela estava vestida, segurando o seu casaco, próxima da porta. Seu semblante não era dos mais agradáveis. Peguei meus pertences, abri a porta e descemos juntos em completo silêncio.

Na garagem, puxei seu braço, encostei-a no carro e lhe dei um longo beijo.

— Não fique assim, sabe que eu a quero, mas prefiro ser sincero com você.

— Eu sei e agradeço sua sinceridade. Você está certo, porém acho melhor colocarmos um ponto final por enquanto, eu não quero me apaixonar por você, Miguel.

— Paixão é um sentimento muito forte, garota.

— Eu sei, e você é um cara apaixonante e, se eu continuar te vendo, certamente ficarei perdidamente apaixonada.

— Eu compreendo e respeitarei sua decisão. Sem ressentimentos?

— Sim, sem ressentimentos.

— Que tal uma despedida em grande estilo? — Olhei a hora no relógio em meu pulso. — Ainda temos alguns minutos.

— Você não presta mesmo.

Ela me acertou um tapa no peito e sorriu provocante.

Aproximei-me ainda mais, beijei seu pescoço delicadamente, trilhando um caminho até seu ouvido e sussurrei:

— Presto para lhe dar prazer.

A pele dela estava arrepiada, beijei sua orelha e continuei descendo em

direção ao seu colo.

— Aqui não, Miguel!

Ela protestou, tentando me impedir.

— Relaxa, a garagem é privativa.

Puxei-a para junto do meu corpo e a carreguei no colo até o capô do carro. Apalpei seus seios fartos e descí as mãos suavemente até a barra do seu jeans, abri a calça e deslizei pelas suas pernas torneadas até a altura dos joelhos.

Antes de enfiar a cara no meio de suas penas, trocamos olhares provocantes. Amanda estava louca de desejo, e eu não medi esforços para fazê-la gozar em minha boca. Trilhei beijos pelo interior das coxas até o meio delas. Suguei, lambi e mordi suavemente seu sexo, ela gemeu, arqueou as costas e se entregou rapidamente a um orgasmo.

Retirei um preservativo da minha bolsa, coloquei-o rapidamente, virei-a de costas, ainda apoiada no capô do carro, e penetrei fundo, com estocadas fortes e ritmadas. Deliciei-me com a bela visão do seu corpo magro deitado sobre o meu carro e segurei firme em seu quadril enquanto ela rebojava lentamente para melhor me receber dentro dela.

Tínhamos poucos minutos, mas foram o suficiente para nos garantir uma despedida em grande estilo. Continuei estocando, ora forte, ora mais lento, para me deliciar dentro dela. Forcei meu corpo ainda mais sobre o dela e, junto com o seu rebolado, atingi o orgasmo, ouvi seus gemidos desconexos e continuei as investidas até ela atingir um novo orgasmo.

Permaneci ofegante, paralisado por alguns instantes e, depois, virei-a para mim e a abracei ternamente.

— Uma despedida muito boa, não acha, Amanda?

— Sim, muito, mas não sei se será uma despedida. Vou tentar me manter longe de você, se eu não conseguir, volto, nem que seja para ter você por

algumas horas.

— Assim que se fala, estarei aqui, já sabe meu endereço

Ela sorriu e se vestiu novamente.

— Aguarde-me um instante, iremos juntos para redação.

Retornei ao meu apartamento e recompus minhas roupas, lavei as mãos e rosto e voltei para garagem. Ela me aguardava encostada na porta do passageiro do meu carro.

— Vamos?

— Sim, claro!

Deixamos o meu edifício e chegamos na redação a tempo, apesar do estacionamento já estar bem cheio, estávamos no horário.

Amanda era estagiária no departamento que Verônica comandava, era uma das poucas informações que eu tinha dela, na verdade, eram as únicas informações que me interessavam. Quanto menos informação, melhor.

Saímos do carro e entramos juntos no elevador, ela ficava no sexto, e eu, no oitavo andar. O elevador ficou vazio no quinto andar e aproveitei para me despedir dela, puxei-a para meus braços e lhe dei um longo beijo até ouvirmos o barulho da porta do elevador abrir no andar que ela ficaria. Cessamos o beijo, e ela falou baixinho ao meu ouvido:

— Até qualquer dia.

— Até!

Ela saiu do elevador e nos deparamos com Verônica aguardando para entrar com um olhar nada amistoso. Lançou um olhar intimidador para Amanda e, em seguida, me encarou do mesmo modo.

— Bom dia, Miguel.

Cumprimentou-me, entrando no elevador com sangue nos olhos.

— Bom dia, Verônica.

Permanecemos em silêncio, e ela ficou no andar seguinte, ignorei seus olhares indiscretos e comecei mais um dia de trabalho.

Tive uma manhã cheia e consegui terminar a tempo de ter um almoço descente. Desci até o estacionamento e avistei Amanda, ele estava com os olhos vermelhos e o rosto inchado, segurava uma caixa de arquivo ao lado de um colega do mesmo departamento. Aproximei-me preocupado com o que via.

— Amanda, algum problema?

— Não, seu Miguel, tudo certo, estou indo para casa, o Lucas vai me dar uma carona.

— Venha comigo, Amanda, eu te levo em casa.

— Não, senhor, não se preocupe.

Mas que caralho estava acontecendo?

Ainda há pouco nos beijamos e agora ela está distante e me chamando de senhor?

Fiquei confuso, mas precisava saber o que estava acontecendo.

— Eu insisto, venha comigo.

Peguei a caixa de suas mãos e caminhei até o meu carro, certamente, ela me seguiria. E assim aconteceu, entrei no carro, e ela entrou logo em seguida.

— Pode me explicar o que está acontecendo? — perguntei assim que ela afivelou o cinto de segurança.

— Aqui não — ela murmurou cabisbaixa.

Saímos e, durante o trajeto, o silêncio reinou entre nós, optei por um restaurante japonês que eu adorava. A comida era muito boa e tinha mesas privativas em salas reservadas, o que garantia privacidade total aos clientes, muito frequentando, inclusive, por casais de amantes.

Ao chegarmos, pedi nosso almoço e, quando estávamos à sós, questionei novamente:

— O que aconteceu?

— A dona Verônica me dispensou e ainda me humilhou na frente dos meus colegas da redação.

— Ela não podia ter feito isso, essa vadia vai se ver comigo — bufei irado.

— Não, por favor, não quero que se prejudique por mim.

— Eu que não posso permitir que você se prejudique por mim. A Verônica não poderia ter feito isso e ela não pode fazer nada contra mim.

— Ela disse que, se contasse algo a você, ela estragaria minha carreira, sujaria meu nome no mercado. Eu acho que ela gosta de você.

— Claro que não, ela só quer me prejudicar e me fazer raiva. E, dessa vez, ela conseguiu, eu não posso permitir que você perca o seu estágio por minha causa.

— Obrigada, Miguel, sei que você é um cara incrível, mas não tem mais clima para continuarmos trabalhando juntos.

— Você tem razão. — Peguei minha carteira e retirei um cartão de visita. — Vou anotar um nome e telefone aqui no meu cartão, procure Eduardo Carvalho, ele é um grande amigo e editor de uma ótima revista de circulação nacional, tenho certeza de que não medirá esforços para te ajudar.

— Muito obrigada, você é um anjo.

— Quero que fique bem. — Apertei sua mão.

Nosso almoço chegou, almoçamos e depois a deixei na redação da revista do meu amigo. Antes, eu liguei e informei que a levaria lá. Graças a Deus, deu tudo certo e ela começou no mesmo instante.

Fiquei mais aliviado ao retornar para a redação, mas precisava acertar as contas com Verônica. Fui direto até a sala dela, ela estava com algumas subalternas, abri a porta e já fui logo falando com firmeza:

— Boa tarde, senhoritas, eu preciso ter uma conversa em particular com sua chefe, urgente, retirem-se, por gentileza.



Elas me olharam com estranheza e, depois, para Verônica, como se aguardassem o aval dela para fazer o que eu tinha orientado.

— Vamos logo, saiam, saiam — reforcei o pedido.

Verônica levantou e gritou:

— Saia você da minha sala, não temos nada para tratar. A menos que tenha vindo aqui protestar pelo fato de eu ter demitido a incompetente da sua namoradinha.

Sorri debochadamente, mas meu desejo era dar umas porradas nela, aproximei-me da mesa dela e fixei o olhar no dela.

— O que tenho para tratar é bem vergonhoso para sua índole, a menos que queira que todos aqui saibam o tipo de mulher que você é, eu sugiro que as mande sair e me receba com tom de voz bem brando, para o seu próprio bem.

Puxei uma cadeira, sentei e cruzei as pernas aguardando, uma a uma, as mulheres saírem pacientemente.

Verônica bufava de raiva me observando, abri um sorriso cínico e pisquei

para ela. Ela apertou os olhos e cerrou os lábios, escondendo o sorriso sarcástico de ainda há pouco.

Todas saíram, eu levantei, peguei o controle remoto das persianas e as fechei. Ela permanecia parada no mesmo lugar. Fui ao seu encontro e retirei uma mecha de cabelos do seu ombro, em seguida, falei tão perto do seu rosto que senti sua respiração.

— Eu sei por que dispensou a Amanda. É simples, você me quer só para você, não é mesmo?

Ela estava nervosa e permaneceu calada e imóvel, não a toquei, dei a volta e me posicionei atrás dela, retirei seus cabelos, dando acesso ao seu pescoço, ela continuou parada e sem nenhuma reação.

— Fala o que você quer de mim, fala, Verônica.

Beijei seu pescoço, e ela rapidamente se virou e beijou minha boca, correspondei o beijo com desejo, levantei suas pernas e enlacei-as em meu quadril. Com uma das mãos, retirei rapidamente os papéis de sua mesa e deitei-a sobre ela.

Verônica não protestou, pegou em minha gravata e me puxou para um novo beijo, continuei correspondendo. Alisei suas longas pernas e retirei sua saia e calcinha, ela sorriu de satisfação. Beijei seu pescoço, alisando o interior de suas coxas.

— Fala o que deseja que eu faça — murmurei ao seu ouvido.

— Deixe-me louca, Miguel, como só você sabe fazer.

Era o que eu queria ouvir, sorri maliciosamente, alisei toda a extensão das suas pernas até chegar no meio delas e a penetrei com um dedo, fiz movimentos precisos e consegui arrancar alguns gemidos contidos dela.

Ela estava louca de desejo, exatamente no ponto que eu queria. Beijei sua boca novamente e, em seguida, me afastei. Ela se contorcia na mesa, sussurrando meu nome baixinho, achava que estava colocando preservativo.

— Vem, Miguel, deixe-me louca.

Ela repetia de olhos fechados, recolhi sua calcinha e saia, limpei as mãos e abri a persiana que dava acesso à redação que ela era editora-chefe. Saí da sala sorrateiramente, deixando-a nua sobre a mesa, repetindo meu nome, louca de desejo.

Joguei suas peças de roupas e o controle das persianas na lixeira do corredor. Em poucos segundos, toda a redação estava de olhos vidrados nas amplas janelas da sala dela. Ainda ouvi risos e comentários maldosos enquanto caminhava até o elevador.

Antes de alcançá-lo, ouvi os gritos de Verônica:

— Miguel, eu te mato.

Não vou dizer que foi o mais sensato, reconheço, mas ela merecia uma lição. Saí rindo sozinho com o feito.

Voltei para minha sala para dar continuidade ao meu trabalho, mas a imagem dela não saía da minha mente. Não tive tempo de fechar nem mesmo a primeira matéria e o telefone da minha mesa tocou.

— Pronto — atendi.

— Miguel, desgraçado filho de uma mãe, eu mato você, você...

Verônica gritava feito louca, retirei o telefone do ouvido, eu não estava nem um pouco disponível para ouvir os xingamentos dela. Depois de um tempo, eu o coloquei no ouvido novamente e pude ouvir suas últimas palavras.

— Entendeu bem?

— Não, eu não ouvi nada, mas fique sabendo que não estou nem um pouco preocupado com o que disse ou pretende fazer. Isso foi apenas um aviso, você não pode comigo, Verônica.

— Veremos, seu miserável de uma figa.

Desliguei o telefone e retornei aos meus afazeres, minutos depois, o César entrou desesperado na minha sala.

— Miguel, você é maluco?

Estava sério e compenetrado com uma matéria que estava fechando, ele se sentou na cadeira de frente para minha mesa e jogou o celular na minha direção.

— Quem morreu, César?

Interrompi a minha leitura e virei para ele, nem dei atenção ao celular que ele jogou na minha direção.

— A dignidade da Verônica acabou de ser enterrada e você foi o assassino. Cara, fizeram um vídeo e está rolando nos grupos da redação, não se fala em outra coisa. Você é maluco? Isso pode te prejudicar seriamente.

— Ah! O assunto é esse, não estou nem um pouco preocupado, caso o Alexandre queira me demitir, que o faça.

— Você fala assim, com essa tranquilidade? Está falando sério mesmo?

César franziu a testa preocupado.

— Sim, muito sério. Verônica demitiu a Amanda e a humilhou na frente de toda redação porque nos viu aos beijos. Eu só retribuí o veneno dela à altura.

— Ela fez isso para te provocar ou ela estava com ciúmes?

— Pouco importa, além do mais, depois dessa, ela não vai mais me provocar.

— Pouco provável, mas ela pode te processar por assédio, danos morais ou sabe-se Deus o quê.

Abri um sorriso, cruzei os braços e recostei na cadeira.

— Meu caro amigo, sou jornalista, eu gravei o áudio da nossa conversa, sei bem com quem estou lidando. E, além do mais, ela pediu, só dei a ela o que ela pediu.

— Ainda assim, temo que essa atitude possa te prejudicar.

— Eu sei o que estou fazendo, voltemos ao trabalho, eu preciso concluir essa matéria antes de prestar esclarecimentos ao diretor.

— Boa sorte, espero que ele esteja bem-humorado hoje.

— A sorte é a minha sombra.

César pegou seu celular da minha mesa e saiu da sala, continuei tranquilamente com o meu trabalho e, instantes depois, minha sala foi invadida pelo furacão chamado Verônica. Ela entrou e já partiu na minha direção com a intenção de me agredir. Levantei da cadeira e segurei em seu braço com força.

— Não ouse tocar em mim, posso processá-la por agressão.

— Processar, processar? Você só pode estar brincando, não é? Eu que deveria processá-lo por assédio e danos morais.

— Processa, vai, passará a maior vergonha na frente dos juízes e do seu noivinho.

Peguei o gravador que estava no meu bolso e reproduzi o áudio da nossa conversa. Ela ouviu tudo atônita.

— Seu safado, eu quero isso agora, seu... — ela pediu e pulou, tentando tomar de minha mão.

— Seu o quê? Gostoso, cafajeste, cretino? O que mais? Você está louca de ciúmes. Como você mesmo disse, eu a deixo louca. Fiz apenas o que me pediu e a deixei louca, mas louca de raiva, e não de prazer, porque você não merece o prazer que tão bem dou.

Gargalhei debochadamente, e ela ficou ainda mais irada. Soltei seu braço,

ela bufava de raiva.

— Você me paga, Miguel.

— Não, querida, eu não te devo nada. Você é quem me deve, recolha sua insignificância e saia agora mesmo da minha sala.

Ela caminhou em direção à porta, tocou na maçaneta para abri-la, e eu sentei novamente.

— Ah! Já ia esquecendo, esqueça que eu existo. Esse corpinho bonito aqui — passei a mão lentamente no meu peitoral — você nunca mais terá.

Ela saiu resmungando e bateu a porta com tanta força que pensei que havia quebrado.

Voltei ao trabalho e, quase no fim do expediente, eu já estava de saída quando o telefone da minha mesa tocou. Atendi prontamente:

— Miguel.

— Seu Miguel, o doutor Alexandre quer que o senhor compareça agora mesmo na sala dele — a secretária falou calmamente.

— Certo, já estou a caminho.

Desliguei o telefone, recolhi meus pertences, desliguei meu celular e fui até o andar da diretoria. Não estava preocupado, embora tivesse certeza de que não sairia ileso pelo que fiz a Verônica, mas estava tranquilo.

Não me orgulho do que fiz, mulheres merecem sempre ser bem tratadas, mas Verônica agiu sordidamente, prejudicando alguém que não merecia. Ela foi, seguramente, a minha segunda maior decepção feminina.

Cheguei no andar da diretoria, estava pouco movimentado, a secretária, ao me avistar, acompanhou-me com um sorriso bem libidinoso, ignorei o possível flerte e a segui até a porta da sala de Alexandre. Ao entrar, ele olhava o celular com atenção.

— Boa tarde, Alexandre.

— Miguel, entre e feche a porta.

Fechei a porta, e ele apontou para cadeira de frente para ele. Sentei, e ele olhou em direção à porta e disse:

— Cara! Você é perverso.

Deu altas gargalhadas, eu esbocei um sorriso cínico, não vou mentir, fiquei satisfeito com o feito, mas esperava uma reação completamente diferente do meu chefe.

— Bem, eu devo me explicar — retruquei.

— Não precisa, Miguel — ele falava tentando conter a gargalhada. — Sou seu fã, cara, tem que ser muito macho para fazer algo desse tipo.

— Preciso me justificar, nós temos nossas diferenças, mas creio que agora já esteja tudo resolvido.

— Posso imaginar, Verônica é muito prepotente, mas é uma excelente profissional — ele falou ainda ofegante devido à intensa gargalhada.

— Concordo, Alexandre, e se tiver que me punir pelo meu mau comportamento, eu entenderei.

— Preciso fazer algo, sabe que não posso deixar passar um comportamento indisciplinar, mesmo vindo de um editor-chefe da minha redação e eu tendo ficado pessoalmente satisfeito com feito.

— Entendo, já disse que está tudo bem e acatarei sua decisão, assumo a culpa pelo que fiz, não foi o mais adequado, mas tive bons motivos.

Uma suave batida à porta interrompeu nossa conversa, ficamos em silêncio e, em seguida, Verônica entrou me lançando um olhar fulminante. Alexandre apontou a cadeira, e ela se sentou ao meu lado, mas não mais direcionou o olhar.

Um momentâneo de silêncio reinou na sala, e Alexandre o rompeu percebendo o clima tenso entre nós.

— Vamos lá, não é uma terapia de casal, quero apenas que cheguemos a um consenso. Vocês são adultos e excelentes profissionais. Pretendo mantê-los aqui, a menos que algum dos dois pense o contrário.

— Alexandre, ele me expôs ao ridículo na frente de toda redação

Ela levantou e bateu na mesa furiosa.

— Verônica, já sei o que aconteceu, já conversei com Miguel e já o repreendi, isso, sem dúvida, não é comportamento de um profissional do gabarito dele. Agora, quero resolver um impasse, quero apenas que me respondam se podem trabalhar com o mesmo profissionalismo e comprometimento que sempre tiveram antes do ocorrido?

— Por mim, tudo bem — respondi olhando-a.

— Eu vou tentar.

Ela disse e voltou a sentar.

— Ótimo, quero esclarecer que não posso deixar esse comportamento impune. Verônica — ele voltou-se para ela —, tire uma semana de folga, acerte com a sua assistente e trabalhe de casa se necessário, até as coisas se acalmarem por aqui. E, Miguel — fitou-me sério —, você ficará uma semana suspenso e os dias ausentes serão descontados dos seus vencimentos. Verônica, muito obrigado por ter vindo, está dispensada.

Verônica se levantou, e o Alexandre a seguiu, acompanhou-a até a porta, despediram-se, e ela saiu. Depois, ele fechou a porta e sentou-se novamente, abriu um sorriso cômico e perguntou:

— Fui convincente?

— Claro que sim, até eu acreditei na suspensão.

— Bem, você precisará ficar uma semana ausente, trabalhe de casa,

alinhe com sua equipe. Fique tranquilo que não descontaremos de sua remuneração.

— Obrigado, Alexandre.

— Adorei a cara dela de humilhada, muito bem feito. Bom trabalho, Miguel, não consigo parar de rir. Está dispensado.

— Tudo bem, mais uma vez, obrigado, Alexandre.

Deixei a redação e fui direto para o meu apartamento, depois da tensão do dia, precisava aliviar o estresse. Tomei um longo banho e aproveitei para colocar em dia alguns e-mails e postagens do meu *blog*.

Depois das informações atualizadas, decidi sair para desestressar.

Eu tinha um bar favorito, cercado de boa música e muita mulher gostosa, sempre saía muito bem acompanhado de lá. Para hoje, seria uma boa pedida, boa música, cerveja gelada e, quem sabe, uma mulher bonita.

Cheguei no bar e já estava bem movimentado, no palco, um cantor tocava MPB, somente voz e violão, o ambiente estava ótimo. Pedi uma cerveja e sentei em um ponto com vista privilegiada do palco.

Mais adiante, um pouco distante de mim, uma mulher estava sentada sozinha, olhando o celular, parecia desapontada. Chamei o garçom e pedi que oferecesse um novo drinque a ela, igual ao que ela havia tomado, já que tinha um copo vazio ao lado dela.

O garçom levou o novo drinque e apontou para mim, levantei o copo com um sorriso sedutor, e ela correspondeu, mas continuou no mesmo lugar. Concluí a cerveja, paguei, passei as mãos arrumando o cabelo e me aproximei dela.

— Boa noite.

— Boa noite — ela respondeu um pouco intimidada.

— Posso me sentar aqui?

Apontei para o banco vazio ao seu lado.

— Sim, é claro. Sou Mônica, muito prazer.

— Miguel, ambos com M, muito bonito em um convite de casamento as duas letras iguais, não acha?

Ela sorriu e deu um longo gole no drinque.

— O que uma mulher tão bela como você faz aqui sozinha?

— Estou afogando as mágoas, rompi com o namorado.

— Que ótimo, isso quer dizer que está livre. Assim não terá ninguém para me impedir.

— Impedir? — ela perguntou em dúvida, me encarando.

— Sim, impedir-me de sentir o gosto dos seus lábios.

Entrelacei a mão esquerda em seus cabelos, trazendo seus lábios para o encontro dos meus. Beijei-a castamente, ela correspondeu o beijo e gostou, eu sei que gostou.

Depois do beijo, ela sorriu, mexeu nos cabelos e disse:

— E então? Qual o gosto dos meus lábios?

— Foi muito pouco, não deu para sentir, preciso provar novamente.

Levantei, posicionando-me de frente para ela, dei-lhe um beijo selvagem. Ela correspondeu novamente, dessa vez, foi mais longo e intenso. Cessei o beijo e alisei seu rosto.

— Mônica, vamos nos sentar ou, se preferir, podemos ir para um lugar mais reservado.

— Vamos nos sentar primeiro, o ambiente está ótimo.

— Como você preferir.

Acomodamo-nos em uma mesa na lateral do bar, era um espaço mais reservado e a iluminação era precária.

Perfeito!

Como já pode imaginar, foram muitos beijos ardentes e carícias mais íntimas. Ela tinha um corpo legal, estava louco para tê-la em minha cama, e o meu pau já conferia volume na minha calça jeans.

Conversamos bem pouco, geralmente, eu costumava perguntar poucas coisas sobre elas, depois de longos minutos nos mais íntimos toques, beijos e carícias, consegui convencê-la de irmos para um lugar mais privativo.

— Eu vou pagar a conta e já volto, aguarde-me aqui.

Levantei em direção ao caixa, havia duas pessoas na fila, demorei alguns minutos.

Paguei e retornei para buscá-la, mas meu sorriso de empolgação foi apagado ao avistar, no lugar dela, Cristina.

— Vamos, querido, para um lugar mais reservado — ela falou com ironia.

— Porra!



— O que você está fazendo aqui?

— Atrapalhando sua foda, não é óbvio? — ela falou e cambaleou.

— Onde está a Mônica?

— Aquela vadia que estava te aguardando? — Ela gargalhou. — Eu a mandei para o raio que o parta, disse que era sua noiva.

Nem me dignei a respondê-la, saí apressadamente em meio à multidão procurando por Mônica, essa desgraçada não poderia estragar a minha noite. Fui até o estacionamento, mas nem sinal, retornei para o interior do bar, mas, obviamente, não a encontrei.

Cristina estava no mesmo lugar, bebendo na boca de uma garrafa de gin e dançando descontroladamente. Eu virei as costas para ir embora, mas meu senso de madre Tereza de Calcutá, despertou em mim o meu lado humanitário naquele momento.

Eu não consegui partir e deixá-la tão vulnerável e exposta como estava. Retornei e puxei-a pelo braço, saímos do bar, ela cantarolava e ria incessantemente. Caminhei até o estacionamento de táxis e respirei aliviado ao ver um mísero táxi estacionado no ponto.

— Boa noite, senhor, um papel e um caneta para anotar o endereço para deixar essa senhorita.

— Ela está bêbada? — o taxista perguntou.

— Está um pouco alta, mas isso é irrelevante, pago o dobro pela corrida, ande logo, me dê um papel para anotar o endereço.

O taxista me entregou o papel e a caneta um tanto desconfiado, larguei a mão dela para anotar o endereço e, enquanto eu escrevia o endereço do apartamento dos pais dela, ela caminhou até um poste a uns cinco metros de distância de nós e tentou fazer uma performance de *pole dance*.

— Desculpe, senhor, ela parece que está é drogada, e não bêbada, nesse estado eu não levo nem me pagando o triplo, sinto muito.

— Espere, senhor! Por favor, eu não posso deixá-la aqui.

— Não posso fazer nada, lamento.

Ele tomou o papel e caneta de minhas mãos, entrou no carro e partiu.

— Porra! Eu e a minha consciência.

Ela continuou dançando ridiculamente em torno do poste e ainda cantarolando loucamente. Pessoas começaram a tumultuar o local para observá-la. Puxei sua mão e levei-a até meu carro, não tive outra escolha. Afivelei seu cinto de segurança e arrumei a alça de sua blusa que estava deixando o seio esquerdo à mostra.

— Vai transar comigo aqui? Safadinho! — ela falou e gargalhou.

Nem respondi, entrei no carro e parti para deixá-la em casa. Já fazia anos que não retornava ao bairro que ela morava, mas ainda recordava o endereço perfeitamente. Durante o trajeto, ela falava sem parar, apesar de estar completamente bêbada, algumas coisas faziam muito sentido.

— Miguel, leve-me para o seu apartamento, faça-me sua, meu anjo, eu imploro.

— Desculpe, Cristina, não transo com mulheres no seu estado, ainda por cima com você.

— Vai me rejeitar? Onde está seu amor por mim?

— No mesmo lugar que deixou sua dignidade, no lixo.

Nem observei o velocímetro, mas estava em alta velocidade, tudo o que queria era acabar logo com isso. Meus limites de paciência já estavam todos esgotados por hoje.

Não satisfeita em ter arrasado com a minha noite, minutos depois, quando finalmente estávamos no mais absoluto silêncio, ela teve uma crise repentina de choro. Fiquei assustado com o tanto que ela chorava e gritava, batendo no painel do meu carro.

Parei o carro no acostamento mais próximo, impaciente e nem um pouco a fim de bancar o psicólogo. Já estava a ponto de explodir e gritar com ela, mas isso só protelaria a minha noite. Desci do carro e a deixei aos berros sozinha.

Que dia, que noite! Acho que desagradei alguém lá em cima.

Andei de um lado a outro por longos minutos enquanto ela esperneava e chorava incessantemente. Até me ajoelhei no chão e orei para Nossa Senhora de Aparecida, ela sempre me valia em todas as horas da minha vida e, dessa vez, não foi diferente. Terminei minha oração e o silêncio dentro do carro me chamou atenção, olhei pelo vidro traseiro do carro e ela já estava serena, como se nada tivesse acontecido.

Entrei no carro e parti, fiquei imensamente feliz por ouvir somente o som da música que tocava no carro. O silêncio foi nosso companheiro uma boa parte do trajeto, mas, como sempre ela adora fazer, mais uma vez, estragou tudo.

— Miguel, precisamos pôr um fim na nossa história.

— Essa foi a coisa mais sensata que disse desde que nos reencontramos,

mas agora não é o momento, você está completamente bêbada, amanhã terá uma tremenda ressaca e dificilmente lembrará dessa conversa.

— Eu sei muito bem o que estou dizendo. Eu sofri muito depois que fui embora e me arrependi muito do que fiz com você e comigo também. Não consegui recomeçar minha vida lá fora por sua causa, eu ainda te amo.

— Cristina, lamento, mas é muito tarde para isso.

— Eu preciso do seu perdão para seguir minha vida, mas quero que tenhamos uma conversa decente.

— Uma conversa decente, tudo bem.

Olhei-a rapidamente e o seu rosto ainda estava vermelho, bem como os olhos inchados devido ao recente ataque de histeria.

Instantes depois, chegamos em frente ao prédio em que ela morava, estacionei o carro, ela desafivelou o cinto e se virou para mim.

— Dê-me sua mão.

Franzi a testa entranhando o pedido, embora desconfiado, estendi a mão direita, ela a guiou e a colocou em cima do seu peito.

— Sente meu coração, não é mentira, agora, olhe em meus olhos — ordenou. — Eu o amo, Miguel, como nunca amei ninguém, eu só voltei porque não aguentava mais viver longe de você. Eu faço qualquer coisa para tê-lo de volta, fala o que eu preciso fazer para que seja meu anjo novamente.

Retirei minha mão da dela, encarei-a com serenidade, suas palavras poderiam até ser verdadeiras, mas vieram tarde demais. E, mesmo hoje, a vendo tão submissa se humilhando diante de mim, não consigo sentir mais nada, a não ser pena.

— Cristina, acho melhor conversarmos em uma outra hora, quando estiver lúcida. Você ainda está sob efeito do álcool, ainda há pouco teve um ataque de histeria. Agora não é o momento adequando para termos esse tipo de conversa. Em respeito aos anos de relacionamento que tivemos, escute

bem, aos anos de bom relacionamento que tivemos, prometo uma conversa, uma conversa — enfatizei. — Não tire conclusões precipitadas ou alimente falsas esperanças, marcaremos um dia e conversaremos civilizadamente. Tudo bem?

— Bata, xingue ou me humilhe, Miguel, faça alguma coisa, eu preciso que me perdoe — ela protestou alterando a voz.

— Acho melhor você subir, tomar um bom banho e dormir. Outro dia conversaremos.

— Promete?

— Sim, alguma vez descumpri o que te prometi?

— Tudo bem, eu vou indo. Obrigada pela carona.

Ela veio na minha direção disposta a me beijar na boca, mas virei o rosto, e ela hesitou por um instante, mas o beijou longamente.

Saiu do carro em silêncio, esperei-a entrar na portaria do edifício e parti.

Estava sem clima para retornar ao bar, não que as palavras e súplicas de Cristina tenham me afetado, mas ela havia estragado meu encontro, e eu estava sem ânimo para retornar à caçada, achei melhor ir para casa.

Embora Cristina ainda tivesse esperanças ao meu respeito, isso não mudou em nada meus os sentimentos por ela, o desprezo e a pena ainda são o que sinto.



Acordei cedo, corri três quarteirões até a academia que costumava malhar e, depois do treino diário, tomei café em uma padaria próxima do meu apartamento e retornei logo em seguida. Mal cheguei e, no meu celular, já havia quatro chamadas perdidas, tinha o deixado em casa. O número era

desconhecido, ignorei as chamadas e fui tomar meu banho para começar os trabalhos de casa mesmo.

Passei a manhã toda ocupado com minhas tarefas do jornal, embora não pudesse comparecer à redação, fiz todo trabalho de casa mesmo. Deleguei algumas funções menos importantes entre os membros da minha equipe e tudo fluiu perfeitamente bem. Eu tinha uma equipe de apoio muito boa, mas eu estava inquieto trancafiado em casa, eu gosto de ver e trabalhar com pessoas, principalmente as do sexo feminino.

Aproveitei a folga e selecionei alguns contratos de empreiteiras que eu investigava por suspeita de fraudes. Visitei algumas obras as quais os contratos foram firmados. Fotografei, tomei nota, conversei com funcionários e coletei boas informações, lamentavelmente, o problema era bem maior do que eu imaginava. As fraudes eram nítidas, além de identificar novos problemas, como empresas sem capacidade técnica de executar as obras para qual foram contratadas. Nitidamente, altas propinas foram pagas para celebrar esses contratos.

A última visita seria em Caraguatatuba, litoral norte do estado de São Paulo, o trajeto foi até rápido. Fazia tempo que não visitava o litoral, a cidade era bem acolhedora e muito bonita. Visitei a obra de reforma de um hospital e a reconstrução de uma ponte, ambas estavam em andamento, mas era visível que todo dinheiro gasto, mencionados nos contratos e aditivos, era o suficiente para ter concluído e com muito êxito as duas obras em questão.

Todas as minhas suspeitas foram confirmadas, havia muitos indícios de irregularidade. Novamente, documentei tudo, de modo secreto, é claro! Conversei informalmente com alguns populares e trabalhadores das obras em questão, coletei muitos dados válidos.

Almocei em um restaurante pequeno à beira-mar e, na sequência, retornei para São Paulo satisfeito com as recentes descobertas e os progressos, armazenei tudo em uma nuvem, enviei para Otávio e guardei as anotações no meu cofre.

Foi um dia cansativo, eu estava exausto e caí no sono com facilidade.

Despertei com meu interfone tocando insistentemente, levantei sobressaltado, ainda muito sonolento, e o atendi.

— Pronto.

— Seu Miguel, bom dia, tem uma moça chamada Cristina aqui para vê-lo, pode recebê-la?

Pensei em negar, mas era melhor enfrentar logo o problema e acabar com as expectativas dela de uma vez por todas.

— Mande-a subir.

Estava apenas de cueca, retornei ao meu quarto e vesti uma bermuda e camiseta, embora ela já tivesse visto tudo o que estava à mostra, era melhor evitar maiores intimidades, afinal seria apenas uma conversa.

Aguardei-a próximo da porta e, assim que ouvi sua batida, a destranquei.

— Bom dia, Miguel.

— Bom dia, Cristina, como conseguiu o meu endereço?

— Sua mãe me deu, juntamente com o seu telefone. Eu liguei inúmeras vezes ontem, mas você não me atendeu.

— Minha mãe, é claro! Ontem eu estava no litoral, retornei tarde da noite. Aceita um café? Sente-se, por favor.

— Aceito café.

Ela sentou-se e eu fui até a cozinha preparar um café. Coloquei duas cápsulas na cafeteira e, enquanto os aprontava, olhei-a discretamente.

Cristina estava sentada, confiante demais para quem sabia que não tinha mais chances comigo. Ele vestia um sobretudo e, às vezes, mexia nos cabelos, aparentemente ansiosa.

O café ficou pronto, entreguei-lhe a xícara, e ela bebeu lentamente, sem

tirar os olhos dos meus. Continuamos em silêncio, apenas em uma troca intensa de olhares e bebendo o café, até que decidi iniciar a nossa conversa. Coloquei a xícara na mesa de centro e rompi o silêncio angustiante:

— E então, Cristina? Vamos finalmente ter a nossa conversa?

— Miguel, é simples, eu te quero de volta, o que preciso fazer? — ela perguntou com convicção.

— Cristina, serei o mais sincero possível, desista, eu não tenho mais sentimentos por você. Vamos colocar um ponto final nessa história, você me traiu, e eu não sou capaz de perdoá-la por isso, lamento.

Ela esboçou um sorriso malicioso, colocou a xícara na mesa de centro, levantou-se e posicionou-se atrás de mim, curvou-se e murmurou ao meu ouvido:

— Eu não acredito em você, sei que ainda me deseja.

Cristina era persistente e estava convencida de que me teria de volta. Espalmou as mãos em meu peitoral, beijou minha orelha e pescoço.

Ah, porra!

Sou homem e, além disso, ela me conhece como ninguém, conhece meu corpo, meus desejos, minhas preferências e estava usando isso contra mim. Fechei os olhos absorvendo o impacto das suas intenções e, para minha sorte, o meu celular tocou.

Levantei num ímpeto e peguei o celular da mesa de centro para atender. Ela me lançou um olhar de frustração, eu tomei distância para atender com mais privacidade.

— Alô.

— Miguel é o Túlio, eu mandei um e-mail com algumas matérias, você já leu?

— Túlio, bom dia. Vou avaliar e retorno. Obrigado.

— Beleza, Miguel, o César quer falar com você.

— Certo, passe para ele, por gentileza.

Aguardei na linha enquanto a ligação era transferida. Cristina permanecia me encarando inquieta, cruzou os braços e se encostou na parede próxima ao sofá da sala.

— Miguel — César atendeu.

— Fala, César, qual o problema?

— Letícia planejou uma viagem para o fim de semana, vamos para uma casa de praia em Búzios, você topa?

— Sim, é claro. Quem são os convidados? — perguntei.

— Iremos para verificar a casa com a empresa que está organizando nosso casamento, possivelmente, casaremos lá.

— Porra! Vai ser chato pra caralho, tenho obrigação de ir?

— Não, Miguel, eles ficarão somente no sábado pela manhã, depois a casa é toda nossa e das várias amigas e primas da Letícia.

— Agora, sim, pode contar com minha presença.

— Imaginei que mudaria de opinião depois dessa informação valiosa — César acrescentou.

— Óbvio! — exclamei, esboçando um sorriso sacana.

— Combinado, Miguel, depois falamos melhor.

— Tudo bem, até mais.

Encerrei a ligação e coloquei o celular no bolso. Antes que eu dissesse qualquer coisa, ela veio na minha direção, retirou o sobretudo, confesso que, desde que ela entrou, estava curioso para saber o que escondia. Ela vestia um

espartilho preto sexy e estava incrivelmente gostosa.

Não vou mentir, o desejo despertou instintivamente o meu pau, que se animou com sua aproximação. Ela estava decidida a me enlouquecer, virou-se de costas, roçou levemente o seu corpo ao meu e rebolou provocante, bem próxima de mim.

— Está vendo, você ainda me deseja — ela disse após perceber o volume na minha bermuda.

Virou-se rapidamente e colocou os braços em meu pescoço, esfregou seu par de seios no meu peitoral e, em seguida, me beijou com sofreguidão.

Porra! Eu sou homem.

E, mesmo se tratando de Cristina, que me conhecia como ninguém, eu correspondi o beijo, acho que ludibriado pela dancinha sexy dela. Mas eu usei os últimos resquícios de vergonha da cara que ainda tinha e resisti, segurei suas mãos e a encarei com determinação.

— Cristina...

Ela me interrompeu antes que eu acabasse com a festa dela.

— Deixe acontecer, você quer tanto quanto eu.



— Não, Cristina, não vai rolar.

Continuei segurando firme em seus pulsos, seu sorriso malicioso esvaneceu instantaneamente.

— Eu sei que ainda me deseja, seu corpo está pedindo por isso, Miguel.

— Isso é apenas reflexo mecânico. Eu sou homem, é natural que fique animado diante de uma bela mulher.

— Então qual é o problema, Miguel? Você quer e eu quero, somos adultos, simples assim, deixa acontecer.

— Não é simples, Cristina, você não quer apenas sexo casual, quer retomar um relacionamento que não há mais possibilidade de ser reatado. Somos adultos, sim, mas não sou otário.

— Droga, Miguel!

Larguei-a, e ela fechou o sobretudo, caminhou em direção à porta, e eu a segui, tocou a maçaneta para abrir, mas a detive.

— Não tivemos nossa conversa, você precisa me escutar.

— Miguel, eu já entendi, não precisa me explicar mais nada. Eu o perdi, você não me perdoa e não me quer nem mesmo para um sexo casual.

— Sexo casual é com quem não temos relacionamento emocional, transar com você seria reviver lembranças que não quero recordar — argumentei.

— Você não é tão difícil assim, você estava bem animado com aquela vadia no bar.

— Você estava me seguindo? — questionei desconfiado da resposta.

— Eu sabia que você gostava daquele bar, sempre íamos juntos. Eu fui lá para beber e, por coincidência, o encontrei acompanhado. Aí já sabe o resto, enchi a cara para afogar as mágoas, aliás, não faço outra coisa desde que cheguei.

— Cristina, você procurou tudo isso. Já disse, é impossível para mim perdoá-la. Eu aceitei essa conversa apenas para pôr um fim nas suas expectativas.

— Eu fui...

Interrompi sua fala.

— Não adianta dizer o que foi ou deixou de ser, passou. Você precisa aceitar que acabou e retomar sua vida. Eu não a quero mal, mas também não a quero ao meu lado.

— Já entendi, Miguel, embora não aceite, eu não vou mais te procurar. Desejo que seja feliz e que nunca dependa do perdão de ninguém para isso.

— Então é isso, esse é nosso ponto final — afirmei e abri a porta para ela.

— Tenho um último pedido — ela ruborizou e abriu um sorriso lascivo.

— E qual seria?

Por que fui perguntar?

Ela fechou a porta do apartamento e encurtou a distância entre nós, roçou novamente seus seios no meu peitoral, ficou na ponta dos pés para alcançar meu pescoço. Com beijos mal-intencionados, murmurou em meu ouvido:

— Fica comigo, faça-me sua só mais uma vez. Prometo que depois eu sumirei da sua vida.

Estava tendo toda paciência do mundo com ela, que costumeiramente não tenho. Eu queria realmente pôr um fim em suas expectativas de modo educado, mesmo ela não merecendo. Mas ela não estava colaborando nenhum pouco, minha impaciência cresceu mais que minha polida educação e eu explodi com uma insistência infantil e descabida.

— Porra, Cristina! — esbravejei afastando-a de mim — Achei que tivesse entendido. Quer que eu escreva ou desenhe? Eu não quero mais nada com você, tentei ser o mais educado possível, mas não deu, desista!

— Estúpido — ela gritou. — Queria reviver a lembrança de nossa última transa, era só isso, e você está estragando tudo.

— Você estragou tudo. Sabe qual a última lembrança que tenho de você? — Encarei-a furioso — Você nua e montada naquele bosta dentro do carro que compramos juntos. Essa é a última lembrança que tenho. Agora, faça-me o favor de seguir com sua vida bem longe da minha. — Não conseguia acreditar que ela tinha esperanças verdadeiras ao meu respeito. Balancei a cabeça negativamente, tomei fôlego para me tranquilizar e continuei: — Só você mesmo para achar que eu cairia no seu joguinho de sedução, sei bem por que voltou e me quer de volta a qualquer custo, está interessada na minha fama e condição financeira que aumentou consideravelmente desde que nos deixamos.

— Idiota, imbecil, burro...

Interrompi sua fala puxando-a pelo braço direito e a coloquei para fora do meu apartamento. Ela ficou tão surpresa com minha atitude que não reagiu.

— Esqueça que eu existo — bradei com fúria e bati a porta com força.

Ultimamente, minha vida estava repleta de mulheres desvariadas e interesseiras de quinta categoria, infelizmente, meu dia já havia começado muito mal.

Depois de sua partida, dediquei-me ao meu ofício, era algo prazeroso, gostava muito do meu trabalho, abri meu *notebook* para responder as matérias enviadas pela redação, li todas rapidamente e enviei-as de volta com meu aval para publicação. Aproveitei para finalizar minha reportagem sobre as últimas investigações. “O Delator” entraria em ação em breve.

Passei a manhã toda trabalhando nisso, sempre notifico os envolvidos e estipulo um prazo para a resposta em sua defesa. Essa reportagem era apenas parte das investigações, mas, ainda assim, já tinha nomes influentes envolvidos. Notifiquei todos e aguardava suas repostas para fazer as considerações finais para integrar à reportagem que publicaria, primeiramente, em meu *blog* e, depois, com algumas adequações, faria uma matéria especial para o caderno do jornal que sou editor-chefe.

No fim do dia, saí para correr na Av. Paulista, adorava o fluxo de pessoas se deslocando rapidamente, o trânsito frenético e som ambiente das buzinas, motores e pessoas se movendo apressadamente. Isso me tranquilizava, há quem goste de silêncio e tranquilidade, eu gosto de barulho, multidão e frenesi.

Uma semana longe da redação seria uma tormenta, um castigo e tanto para mim.



A semana foi frustrante longe da redação, o que me salvou do total fiasco foram minhas noitadas e as belas companhias que tive. Embora entediante, no campo profissional foi proveitosa e muito produtiva.

Hoje era o dia do meu retorno, acordei cedo, empolgado e fui à academia. Tomei um bom banho e meu café. Saí mais cedo que o de costume, o trânsito já estava intenso e o sol já abrihantava o dia. Apesar do percurso inteiro

lento, cheguei bem cedo, estacionei meu carro e subi, satisfeito com meu retorno.

A recepção já estava movimentada, mas os andares das redações ainda estavam vazios. Parei em frente ao elevador, as portas se abriram e uma elegante mulher olhava atentamente o celular. Entrei, apertei o botão do andar da minha sala e me posicionei ao seu lado.

— Bom dia — cumprimentei educadamente.

— Bom dia — respondeu séria, profundamente distraída com o seu celular.

O elevador se moveu e as portas abriram no andar seguinte, deveria ser o andar que ela ficaria, mas ela não saiu, apenas virou-se de frente para mim, buscou uma visão mais direta e fitou-me, levantou os óculos para enxergar melhor e me inspecionou da cabeça aos pés, naturalmente admirada com o que via, não fazia questão de disfarçar.

Ela abriu um sorriso animado e passou as mãos nos cabelos, se arrumando. Chegamos ao meu andar, e ela não desviou o olhar depois que me percebeu. Ora focava nos meus braços fortes marcados na camisa social, ora analisava o tórax. Eu tentei disfarçar, mas meu sorriso cínico se abriu de modo automático ao vê-la ruborizada e passando a língua lentamente pelos lábios. Saí do elevador e acenei com a cabeça, me despedindo.

Já estava acostumado com esses olhares e insinuações, sabia o poder que causava no público feminino, afinal 1,90m distribuídos em muitos músculos e virilidade, não passava despercebido. Não digo que sou um metrossexual, mas cuido de minha saúde física, tenho bons hábitos alimentares, evito me exceder no álcool, eu me visto muito bem e invisto em ótimos perfumes, óbvio. Homem tem que ser cheiroso, além de ter atitude e confiança, claro, mas essas já são algumas das minhas qualidades inatas.

Depois que ingressei no seleto grupo de homens ricos, bonitos, bem-sucedidos e solteiros de São Paulo, muitas mulheres me procuravam, eu pouco precisava ir à caçada.

Não estranhem, leitoras, mas sempre fui desejado, mesmo quando pobre. No fundo, toda mulher prefere um bom orgasmo a um presente ou dinheiro. E isso eu sei fazer muito bem, não é falsa modéstia, é a realidade. Tive bons ensinamentos, sem falar que a prática leva à perfeição. E como pratiquei!

Entrei em minha sala exultante com meu retorno, sentei na minha cadeira e me recostei de olhos fechados, respirando aliviado por estar de volta. Mal tive tempo de comemorar o meu feliz retorno e Túlio entrou em minha sala, despertando-me do meu estado de contentamento.

— Miguel, que bom que está de volta.

Abri os olhos, ele estava de pé diante da minha mesa, com a mão estendida para me cumprimentar. Levantei da cadeira e correspondi ao seu cumprimento:

— Obrigado, Túlio, quais são as novidades?

— Bem, hoje teremos uma reunião para todos os editores e diretores, você já está sabendo, não? — Franziu a testa.

— Sim, claro. Alexandre me enviou a pauta.

— Antes disso, gostaria de fechar algumas matérias da próxima edição. O César já deixou alguns assuntos encaminhados, avalie por gentileza.

Ele me entregou os papéis que tinha em mãos, eu comecei a leitura de imediato, algumas ainda necessitavam de apuração e correções, mas já estavam bem encaminhadas.

O César, durante a minha ausência, foi de fundamental importância e competência, soube conduzir muito bem a redação com o meu auxílio à distância.

— Ótimo, vou começar agora mesmo. O fotógrafo já trouxe as imagens do dia?

— Ainda não, mas já temos algumas muito boas, vou verificar com a diagramação. Quer avaliá-las? — Túlio perguntou.

— Envie-as primeiramente para o César, depois, fechamos. Ele é o chefe de reportagem.

— Certo, Miguel, estou saindo agora para apurar uma matéria, algo mais?

— Não, está dispensado, Túlio.

Depois que ele partiu, dediquei-me a avaliação das outras matérias, concluí pouco antes do horário da reunião que faria parte.

Hoje, querendo ou não, veria a Verônica, não que estivesse preocupado com ela, mas não tinha ideia de como ela reagiria, espero eu que tenha conseguido conter sua fúria feminina.

Recolhi minha agenda e me direcionei para o andar da diretoria. Entrei na sala de reuniões e já estavam praticamente todos os editores, faltavam alguns poucos, inclusive a Verônica. Cumprimentei os presentes sutilmente com um aceno de cabeça e direcionei-me até Alexandre e o editor-executivo, Paulo Abreu.

Paulo foi meu editor-chefe quando ingressei como repórter na redação, trabalhamos no caderno esportivo e, depois que mudei para o ramo investigativo, fui alocado no caderno de política. Embora tenha, assumidamente, asco de políticos, era o caderno que comportava minhas matérias e investigações com mais abrangência. Hoje, ele é o editor-executivo do jornal, já trabalha há muitos anos no “Diário Paulistano”, sempre muito competente e exigente com seus colaboradores. Apreendi muito com ele e me espelho na sua competência.

— Bom dia, Alexandre e Paulo — Estendi a mão, cumprimentando-os.

— Bom dia, Miguel, que bom tê-lo de volta — Paulo falou, tocando meu ombro.

— Bom dia, bom vê-lo novamente — Alexandre falou e, em seguida, afastou-se para falar com um grupo de pessoas na lateral da sala.

— Como estão as coisas, Miguel? — Paulo questionou.

— Bem.

— Ótimo, hoje teremos um ponto crucial em nossa reunião e espero poder contar com você.

— Conte comigo — exclamei franzindo o cenho, não tinha ideia de suas intenções.

Ele saiu ao encontro de Alexandre, e eu me acomodei. Logo em seguida, Verônica entrou, lançou-me um olhar possesso e deu de ombros, estava linda, bem-vestida e maquiada, como sempre. Ela foi a última a chegar, instantes depois, a reunião começou.

Estava compenetrado, a reunião iniciou com longos elogios aos editores e a toda equipe do grupo editorial. Alexandre fez longas explicações sobre o crescimento de alguns produtos do grupo, e logo uma nova aquisição foi apresentada. Uma revista econômica havia sido comprada de um grupo editorial concorrente.

A chegada da nova revista trazia novas projeções ao grupo e boas perspectivas de crescimentos, estavam bem animados. Não entendi o motivo da reunião e da presença dos editores do jornal para explanação da nova aquisição do grupo, apenas quando Paulo tomou a palavra tudo fez sentido.

— Senhores, quero dizer que hoje deixo este cargo imensamente feliz e realizado, parto agora para um desafio muito maior na minha carreira. A reestruturação de uma revista com tantos anos no mercado exigirá muito de mim, será um desafio e tanto pela frente.

Todos ficaram surpresos com o anúncio de Paulo, nunca pensei que deixaria a redação do jornal. Continuei atento ao seu discurso.

— Digo que estou satisfeito com meus anos de trabalho e amizade aqui nesta redação, agradeço imensamente a cada um de vocês. Tivemos uma longa conversa com todos os diretores, e o Alexandre me pediu uma indicação para assumir meu atual cargo, e, sem sombra de dúvidas, eu fiquei honrado por poder indicar alguém de tamanha competência, determinação,

franqueza e reputação ilibada.

Nesse instante, Verônica abriu um longo sorriso, acreditei que Paulo se referia a ela, lógico que não concordava com todos os adjetivos que ele usou para qualificá-la, já que de ilibada a reputação dela não tinha nada, estava mais suja que roupa de mecânico em final de expediente. Não obstante, continuei atento ao discurso de Paulo, bem como os demais editores.

— Desse modo, acredito piamente que este jornal continuará em boas mãos e seguirá com a mesma qualidade que conquistei com longos anos de trabalho duro e comprometimento — ele fez uma pequena pausa, emocionado —, desejo muito sucesso nessa nova empreitada, Miguel, nosso futuro editor-executivo, palmas para ele.

Demorei alguns minutos para cair em mim, relutei em levantar, não esperava pelo anúncio do meu nome, levantei um tanto desconcertado e caminhei até Paulo, que estava de pé em frente ao *flip-chart*, ele me abraçou ternamente.

— Confesso que demorei para acreditar que anunciou o meu nome.

— Deixe de modéstia, Miguel, você é muito competente e merece esse cargo.

— Faz pouco tempo que fui promovido a editor-chefe, então não esperava uma nova promoção tão rápido — justifiquei.

— Agora se pronuncie — ele orientou.

Paulo apontou para a longa mesa e sentou-se logo em seguida, voltei-me atentamente aos rostos que aparentemente esboçavam satisfação em me ver no novo cargo, com exceção da Verônica. Seu semblante de desaprovação ficou ainda mais nítido quando lhe direcionei o olhar.

— Obrigado, senhores, pelos aplausos, confesso que estou tão surpreso quanto vocês. Espero que consigamos, juntos, manter a mesma qualidade de nossas publicações, que foi conquistada tão merecidamente pelo Paulo, um exemplo de profissional para mim. Espero contar com o profissionalismo e

competência dos senhores e que essa mudança simbolize um novo marco na carreira de todos nós. E, no mais, estou ansioso para começar os trabalhos.

Fui aplaudido novamente, Alexandre e Paulo caminharam na minha direção, parabenizaram-me e depois os demais participantes repetiram os cumprimentos.

Alexandre tomou a palavra e, antes de encerrar a reunião, Verônica, a única que ainda não havia me parabenizado, levantou-se rapidamente com o ar de superioridade irritante dela.

— Por mim, o seu ofício começa agora mesmo. Assine minha carta de demissão, eu não aceito você como meu chefe.



Os semblantes dos presentes demonstraram as mais diversas reações, enquanto alguns esboçavam surpresa, outros pareciam aliviados e até satisfeitos com o pedido de demissão dela. Verônica sempre foi competente, mas muito arrogante e prepotente.

Depois de um longo minuto de silêncio, Alexandre tentou amenizar a tensão da situação e disse calmamente:

— Obrigado a todos os presentes, estão dispensados.

Virou-se para mim e acenou com a cabeça em despedida, caminhou na direção de Verônica, falou algo em seu ouvido, e os dois saíram juntos.

— Fique tranquilo, Alexandre resolverá tudo — Paulo disse com tom tranquilizador.

— Estou certo que sim.

— Vamos conversar sobre o cronograma que planejei até você assumir definitivamente a função. Vamos até minha sala, que será sua em breve.

— Mal acostumei com minha nova sala e já terei que mudar novamente.

— Acostume-se, Miguel, para quem tem talento e competência é desse

modo.

Passamos algum tempo conversando na sala de Paulo, ele me entregou alguns relatórios que havia produzido e já começou a me adiantar alguns assuntos, felizmente, eu estava ciente de boa parte deles. Logo em seguida, Alexandre foi anunciado pela secretária de Paulo, ele entrou com semblante tenso, preocupado.

— Verônica está irredutível — Alexandre disse e sentou-se próximo de nós.

O silêncio reinou por alguns instantes, apesar de ser o primeiro impasse da minha nova função, tentei relaxar e apreciar a vista incrível da nova sala enquanto digeriria tudo. Levantei e caminhei até perto das imensas janelas de vidro, observei a paisagem urbana delineada pelos arranha-céus que tão bem representavam a minha amada São Paulo. A vista me entorpecia e me acalmava, respirei profundamente enquanto tentava encontrar uma solução plausível olhando para os imensos edifícios.

— Isso é um problema, mas nada que não possamos resolver. Alexandre, estava te aguardando para apresentarmos para o Miguel o cronograma, vamos nos concentrar em um assunto de cada vez.

— Claro! Vamos fazer isso. Depois o Miguel se entende com a Verônica — Alexandre acrescentou com ironia, seguido de uma gargalhada.

Retornei para mesa e nos juntamos ao Alexandre nos risos, embora preocupante, talvez fosse melhor assim. Naturalmente, a decisão dela foi uma retaliação pelo que fiz. Reconheço que não será uma tarefa fácil encontrar uma nova editora-chefe para substituí-la tão rápido. Precisamos de alguém com a experiência necessária para assumir de imediato um novo cargo em uma nova redação.

— Miguel, terei cerca de um mês para passar tudo o que tenho de pendente para você. Esses relatórios, que entreguei há pouco, já tem muita coisa adiantada. Sugiro que comece a leitura o quanto antes. Sua nova função exigira muito de você no início, mas, em um mês, já estará totalmente adaptado. A equipe é muito boa, claro que, aos poucos, poderá realizar as

mudanças que achar conveniente. Contratar, transferir ou até mesmo dispensar os que não se adequarem à mudança e ao seu ritmo de trabalho.

— Exato, Miguel, concordo com o Paulo, acreditamos muito na sua competência e tenho certeza de que não irá nos decepcionar — Alexandre acrescentou.

— Estou surpreso por ter sido escolhido e muito grato pela oportunidade, darei meu melhor em prol do “Diário Paulistano” — afirmei exultante.

— Temos certeza disso, por isso, apoiei incondicionalmente a indicação do Paulo. Além disso, tenho outra proposta.

— Outra proposta? — perguntei curioso.

— Sim, queremos “O Delator” aqui, em um caderno especial. Você terá total liberdade para tocar o projeto, a princípio, pensamos em um caderno aos domingos, o que me diz? — Alexandre questionou.

— Isso seria maravilhoso, muito além do que eu poderia imaginar para meu singelo *blog*. — exclamei eufórico.

— Miguel, seu trabalho é espetacular, digo até que é um serviço à sociedade, a população precisa ser informada, então pensamos em agregá-lo ao “Diário”, se concordar. Fique tranquilo que você terá todo o comando, do mesmo modo que no seu *blog*. Apenas será um novo caderno aos domingos, sem propagandas ou anunciantes. Tudo fiel ao seu propósito — Alexandre esclareceu.

— Sem dúvida, claro que concordo.

— Embora não pretendemos ter anunciantes no caderno, quero oferecer-lhe um percentual sobre as vendas. Já acionei o jurídico e faremos um contrato independente, você receberá *royalties* pelas vendas do caderno.

— Não esperava por isso, só o fato de o agregar ao “Diário Paulistano” já é uma excelente proposta. Sem dúvida, manter esse caderno sem patrocínio ou anunciantes é a melhor opção, prezo muito pela imparcialidade do projeto.

— Correto. Em time que está ganhando não se mexe, manteremos exatamente como você está fazendo no *blog*.

— Estou totalmente de acordo — respondi animado.

— Bem, então vamos ao trabalho. Precisaremos de alguém para o seu lugar, pensei que pudesse ajudar na escolha — Paulo sugeriu.

— Posso sugerir alguém?

— Claro, Miguel, quem recomenda?

— O César, ele é o chefe de reportagem do caderno de política, desempenharia brilhantemente a função, sem falar que é de minha inteira confiança.

— Perfeito, de acordo, Alexandre? — Paulo virou-se para ele.

— Sim, totalmente.

Retornamos aos relatórios e a manhã foi bem produtiva. Pouco antes do almoço, fui até a sala de Verônica, gostaria de conversar com ela pessoalmente. Pedi que sua assistente me anunciasse e aguardei pacientemente enquanto ela atendia o meu pedido.

Claro que os olhares, risos e cochichos pelos cantos foram inevitáveis, enquanto eu aguardava para entrar, percebi alguns preparando os celulares. Na certa, esperavam um novo escândalo, porém não era essa a minha intenção, não agora.

Eu estava calmo e convicto da decisão que tomei e tive total apoio de Alexandre e Paulo. Fui autorizado a entrar, mal cruzei a porta da sua sala e ela já foi logo liberando o seu veneno.

— Eis que vem o cachorrinho com rabo entre as pernas, humilhado, me pedindo para ficar.

Não entrei na sua provocação, mas sorri, sorri porque eu veria o seu ar de superioridade logo, logo ser desfeito.

Ela estava com as pernas cruzadas sobre a mesa, recostada em sua cadeira, com o ar de superioridade e um sorriso largo de quem havia vencido o “Miss Brasil”, eu retribuí o seu sorriso e joguei os papéis que tinha em mãos na sua direção.

— O que é isso? — ela perguntou ainda sustentando seu sorriso triunfante.

— Seu desejo foi atendido, Verônica.

O sorriso esvaneceu dos seus lábios e deu lugar aos dentes cerrados e o semblante tomado pelo misto de ira e decepção. Achei que ela teria um treco, empalideceu rapidamente.

— Você não pode fazer isso, não tem esse poder — protestou, levantando-se da cadeira.

— Não tinha, mas agora, como editor-executivo, tomo as decisões e só estou atendendo a um pedido seu, não pediu demissão? Está concedido o seu desejo, passe no RH para acertar os detalhes da sua rescisão contratual. Tenha um bom dia — falei calmamente e me direcionei à porta para sair.

Ela correu e passou na minha frente.

— Você está dando um tiro no próprio pé, não encontrará alguém para me substituir. E eu estarei torcendo para ver o seu declínio. Lembre-se que quanto mais alto e rápido se sobe, maior e mais dolorosa é a queda.

— Dispensó sua opinião, vá destilar o seu veneno em outra redação. Desejo-lhe uma carreira tão promissora quanto a sua reputação.

Desviei de Verônica, dei de ombros e saí. Foi minha primeira decisão como editor-executivo, a qual me deixou, particularmente, muito satisfeito, embora preocupado com o cargo vago.

Retornei para minha sala, e César estava me aguardando.

— Parabéns, meu amigo, estou feliz pela sua conquista.

— Obrigado, César, preciso mesmo falar com você. Sente-se um pouco.
— Aponte para o sofá na lateral da minha sala. — Pediram-me para indicar um nome para me substituir, e eu indiquei o cara que mais confio aqui nessa redação.

César me observava atentamente, ainda não havia entendido que me referia a ele.

— Ele é um pouco tapado, mas competente — zombei.

— O Túlio? — César questionou.

— Não, eu disse que ele é tapado porque vai se casar e ainda me convidou para padrinho.

Ele ficou completamente surpreso e pulou eufórico do sofá.

— Caralho! Está falando sério?

— Óbvio, César. Parabéns! Você é o novo editor-chefe do caderno de política.

Levantei, e ele me abraçou em agradecimento.

— Não vou te decepcionar.

— Tenho certeza disso, vamos almoçar?

— Claro!

Nosso almoço foi muito animado, César estava muito otimista e com bons planos para o caderno. Conversamos durante todo o intervalo sobre trabalho, enquanto saboreávamos um delicioso *petit gâteau*, ele tomava nota de alguns projetos que pretendia desenvolver. Eu gostei de ver sua empolgação e novas ideias, eram bem alinhadas às minhas.

— Ainda poderá viajar conosco? — César questionou.

— É claro, não perco por nada.

— Tivemos uma mudança de planos, a vó de Letícia quer que nos casemos no casarão da família.

— Sério? Quer dizer que a viagem está cancelada? — questionei.

— Sim e não. Não iremos nesse final de semana, mas no próximo, e tem mais...

— Mais o quê? Desembucha, César.

— Meu tio cedeu a ilha privada dele no litoral norte de São Paulo, fica próximo de Caraguatatuba — César acrescentou animado.

— Interessante, quer dizer, muito interessante mesmo. Ilha privada, pontos bem desertos, isso é muito bom. Não me diga que isso é uma despedida de solteiro? — perguntei eufórico.

— É óbvio que sim — César respondeu com animação.

— Isso, sim, garoto, a parte mais sensata do casamento é a despedida de solteiro.

— E ainda tem um detalhe, deixarei você organizar.

— Não brinca? — perguntei incrédulo.

— Você faz a lista dos convidados, bebidas, atrações e o que achar conveniente.

— Letícia sabe disso? — perguntei com sorriso malicioso, tinha planos bem ousados.

— Sim, ela confia em mim. E eu não quero outra mulher, apenas ela, então quero apenas me divertir, conversar, beber com meus amigos e, caso você convide outras mulheres, para mim não fará diferença.

— Porra! Isso é a coisa mais babaca que já ouvi — gargalhei —, lógico que convidarei outras mulheres, que despedida de solteiro pífia estaria eu organizando se não incluísse belas mulheres?

— Você ainda passará por isso, Miguel, ainda terá seu coração roubado por uma bela dama.

— Eu prefiro dividi-lo em muitos pedaços e distribuir um pedacinho para cada mulher, muito mais prático — zombei.

Retornamos para a redação, aguardávamos pacientemente o elevador quando as portas se abriram, Verônica saiu carregando uma caixa com seus objetos pessoais. Os olhos avermelhados denunciavam que havia chorado. Ignorei seu olhar fulminante e a esperei sair para entrar. Ela passou por mim virando a cara com desdém.

Eu e César entramos no elevador e, antes das portas se fecharem, ela mostrou o dedo do meio em um gesto obsceno, digno de risos. Quanta infantilidade! Rimos da sua imaturidade, o que a deixou ainda mais furiosa. Menos uma louca em minha vida. Confesso que estava aliviado com seu pedido de demissão.

Cheguei ao andar da diretoria e Paulo estava em reunião com Alexandre e os demais diretores, havia deixado o recado com a secretária para que eu me juntasse a eles assim que retornasse do almoço. Entrei sem chamar muita atenção, mas o Paulo, ao me avistar, já foi logo me apontando uma cadeira para me sentar ao seu lado.

— Boas notícias, Miguel, o Alfredo Munhoz, um dos nossos sócios, nos indicou sabiamente sua sobrinha para substituir a Verônica. Aqui está o currículo dela — Paulo disse e o me entregou.

Avaliei cautelosamente, tinha boas experiências no ramo da moda, trabalhou como consultora em uma grande revista em Nova Iorque, além de ter sido modelo. Era brasileira, mas mora desde os 14 anos fora do país, quando começou a carreira de modelo. Tinha boas experiências e qualificações e era o que importava nesse momento.

— O que achou? — Alexandre perguntou ansioso.

— Parece ser bem competente, creio que irá somar na nossa equipe.

— Exatamente, concordo com você, Miguel — Paulo assentiu.

— Informarei Laura de nossa decisão e pedirei que venha o mais breve possível ao Brasil, enquanto isso, deixarei Michele, assistente da Verônica, interinamente como editora — Alexandre disse.

— Menos um problema, agora vamos a soluções. Miguel, apresentamos o seu *blog* à diretoria e estão muito otimistas com o lançamento. Você já tem alguma reportagem para lançarmos o caderno? — Paulo perguntou.

— Sim, Paulo, tenho uma reportagem, resultado de três anos de investigação, concluí apenas uma parte porque encontrei mais ilícitos do que eu imaginava, ainda há muito o que investigar, mas já podemos publicar o que tenho apurado.

— Perfeito, então essa será a estreia do caderno — Paulo confirmou com satisfação.

— Senhores, obrigado pela participação, estão todos dispensados — Alexandre disse e retirou-se da sala, sendo seguido pelos demais diretores.

— Agora, voltamos ao trabalho, Miguel — Paulo disse ao ficarmos a sós.

— Claro!

Permanecemos até depois do expediente habitual na redação, bem como o restante da semana, inclusive durante o final de semana, eu e Paulo trabalhamos intensamente. Ele tinha pressa em me repassar todo os pormenores do cargo, e eu estava ansioso para assumi-lo integralmente.

Na segunda-feira bem cedo, mal cheguei no estacionamento e Paulo já me aguardava, passamos o dia fora em um curso de atualização para editores, fomos juntos em um único carro, nem tive tempo de entrar na redação. Paulo já havia distribuído as pautas e aprovado as matérias pendentes, e o César já me substituíra brilhantemente no meu antigo cargo.

No fim da tarde, Paulo me deixou de volta na redação para buscar meu carro, eu estava exausto, o dia fora cansativo.

Encontrei a Michele, ex-assistente de Verônica e interinamente editora-chefe do caderno de moda, ela acenou para mim e veio em minha direção animada.

— Boa tarde, Miguel, devo lhe chamar de doutor agora? — brincou.

— Não, doutor é quem faz doutorado, e eu mal saí do mestrado, chame-me de Miguel, embora eu seja chefe da sua chefe.

— Era sobre isso mesmo que eu queria falar, ela chegou hoje pela manhã e já encantou a todos nós. Muito competente, simpática, educada e culta. Concluímos tudo de modo tão rápido e proveitoso, e ela tem tantos planos, nossa, estou eufórica. Desculpe, estou tomando muito do seu tempo?

Sorri de lado, na verdade, fiquei imensamente curioso.

— Que bom, ela ainda está na redação? — perguntei.

— Não, já foi. Acredita que ela veio direto do aeroporto para cá, não fez corpo mole, trabalhou até o fim do expediente, Laura é incrível. Preciso ir, até amanhã, Miguel.

— Até amanhã.

Entrei no carro e segui para o meu apartamento, estava muito cansado, mas não consegui deixar de pensar na tal Laura, uma pontinha de curiosidade assolou meus pensamentos. Michele estava tão eufórica a descrevendo, bem provável que a tal Laura fosse homossexual, o que justificaria tanto carinho por parte da Michele.

Cheguei em meu apartamento exausto após enfrentar um imenso engarrafamento, pedi uma pizza, comi acompanhado de duas cervejas e depois apaguei exaurido.

Acordei cedo, malhei e depois retornei para o meu apartamento, tomei meu banho e café e segui para redação, estava ansioso para conhecer a tal Laura.

Paulo chegava um pouco mais tarde, eu já estava assumindo todas as

responsabilidades da função, ele apenas supervisionava e me observava agir, algumas vezes aconselhava; outras, não se manifestava. Ele me deixou totalmente à vontade e seguro nas decisões e no cargo também.

Já havia concluído a minha mudança para nova sala. Parte de minha nova função era me reunir diariamente com os editores-chefes para definir algumas questões e particularidades de cada caderno.

Liguei o som ambiente e estava me preparando para iniciar as primeiras reuniões do dia quando uma suave batida soou no ambiente, quebrando minha concentração nos primeiros acordes de *Mozart*.

Não estranhem, leitoras, eu gosto de música clássica para começar o dia plenamente.

— Entre.

Autorizei a entrada segurando alguns papéis que começaria avaliar. Momentaneamente, o mundo parou e meu olhar cravou em uma única direção, até os papéis caíram de minhas mãos como se fossem gotas de chuva caindo no chão.

Não consegui formular outra palavra capaz de expressar o momento, senão:

— CARALHO!



Fiquei alguns minutos preso naquele olhar tão expressivo, passamos alguns minutos nos encarando, um sorriso de satisfação surgiu tímido nos seus lindos e delicados lábios, os mesmos que tive vontade de capturar tão logo os vi.

Estava absorto, ainda paralisado nas suas feições bem delineadas. Os seus longos cabelos claros balançavam e reluziam com a luz do sol que parecia ter invadido minha sala para vê-los, era uma visão esplendorosa, ela parecia flutuar na minha direção com tanta classe e leveza, rapidamente pensamentos pecaminosos invadiram minha mente. Minha imaginação foi tomada, e meu pau começava a marcar presença na calça.

— Com licença, a porta estava aberta, e eu entrei — ela murmurou sem perder o contato visual.

— Sem problemas.

— Desculpe, eu não queria atrapalhar, eu só estou procurando o senhor Miguel Novaes. Nossa, como sou mal-educada, desculpe, sou Laura Munhoz, a nova editora-chefe do caderno de moda, muito prazer.

Um sorriso se abriu largamente, e ela estendeu a mão para me cumprimentar. Retribuí o cumprimento, sua mão era tão macia e o toque tão

suave que continuei segurando-a e nem tencionava soltar. Senti vontade de envolvê-la em um abraço.

— Muito prazer, Laura, sou Miguel.

Ela franziu a testa, esboçou um sorriso tímido, nitidamente ficou surpresa ao saber que eu era quem ela procurava.

— Prazer, Miguel, pensei que você fosse bem mais velho — justificou o motivo da surpresa.

— Seja bem-vinda à nossa equipe, sente-se, por favor — finalmente, liberei sua mão, e ela se sentou elegantemente de frente para mim.

— Obrigada, Miguel, estou muito feliz com o desafio e a equipe é muito boa, estive ontem aqui e já nos conhecemos. Estamos nos entendendo muito bem, todos são muito gentis e me receberam muito bem.

— Ótimo. Em que posso ajudá-la?

Organizei os papéis que caíram da minha mão quando a vi.

— Eu trouxe alguns assuntos para a próxima edição, já que os da edição de amanhã a Michele conseguiu concluir. Eu também tive umas ideias legais e gostaria de compartilhar com você e saber sua opinião, é claro!

Ela era desenvolta, elegante e fina. Um tipo de mulher difícil de se encontrar, além de muito linda. Portou-se com tanta elegância que, nesse momento, desejei de ter o talento de Leonardo Da Vinci, para pintá-la e eternizar sua graciosa e encantadora imagem que mais parecia uma pintura feita por anjos.

— É claro, terei o maior prazer em ouvi-la.

— Está disponível para mim agora? — Laura perguntou.

Sorri maliciosamente, o que eu realmente queria responder era: é claro, querida, agora, depois, mais tarde, quando quiser. Para você, tenho todo tempo do mundo, mas, ela ainda não havia me dado uma abertura clara, então

vamos com calma, Miguel.

Guardei minhas cantadas de cafajeste a sete chaves, por hora, somente por hora.

— Sim, é claro!

— Bem, eu pensei que poderíamos fazer uma coluna com o que é moda em cada continente e também uma espécie de máquina do tempo da moda, para mostramos o que as pessoas usavam em determinada época. O que acha?

— Ótimas ideias, desenvolva e depois traga o resultado final para avaliarmos juntos. Já conheceu o departamento de *marketing*?

— Sim, já visitei rapidamente, Michele me guiou ontem em uma visita pelos principais departamentos.

— Eu gostaria de renovar o projeto gráfico do seu caderno, procure o *design* responsável pela diagramação, comunique o meu interesse e dê a ele suas opiniões sobre o novo *design*. Quero dar uma repaginada no caderno, deixá-lo mais a sua cara.

— Adorei a ideia, na verdade, eu queria mesmo fazer essa sugestão, mas, como tudo aconteceu tão repentinamente, achei melhor aguardar um pouco. Um passo de cada vez.

— Sim, é claro. Pode me procurar sempre que necessário, Laura.

— Obrigada, Miguel, fico feliz em poder contar com seu apoio.

Porra! Ela era linda e cada sorriso me deixou ainda mais interessado.

Fiquem tranquilas, leitoras, não é paixão. O meu coração tem espaço para várias.

Eu apenas queria ter a chance de descobrir o que tem por baixo dessas roupas de grifes que tão bem lhe vestem. Trocamos olhares bem provocantes e, pela primeira vez, eu vi mais claramente nos olhos dela que o desejo era mútuo.

Laura arrumou timidamente seus longos cabelos enquanto eu a contemplava em silêncio, embasbacado com a beleza dela, até sermos interrompidos por César.

— Miguel eu já tenho o...

Ele entrou repentinamente e, ao perceber a presença de Laura, ficou embaraçado, principalmente quando percebeu o clima de flerte entre nós.

— César, bom dia. Essa é a Laura, a nova editora-chefe de moda.

— Bom dia, muito prazer Laura, sou César, o editor-chefe do caderno de política. Bem-vinda à nossa equipe — ele disse e a cumprimentou.

Ela se levantou e retribuiu o cumprimento.

— Muito prazer, César, e muito obrigada. Eu estava aqui discutindo com o Miguel, mas já estou de saída. Com licença.

Laura me encarou novamente, sorriu e acenou com a cabeça. Saiu elegantemente da sala, deixando seu cheiro adocicado na minha lembrança.

Inclinei a cabeça para ter visão total e privilegiada de sua bunda. Seus cabelos longos balançavam suntuosamente com o leve caminhar dela, era uma visão do paraíso.

— Quer um lenço, Miguel? — César perguntou.

— Lenço? Para quê?

— Para limpar a baba que está escorrendo aí no canto da tua boca.

— Laura é linda e vai ser minha.

— Acho que agora, devido ao seu cargo, deveria se preservar e evitar envolvimento com suas subalternas.

— O quê? Eu não vou atrás delas, elas que me procuram, e não vou dispensar, é óbvio! Você sabe disso, com exceção da Verônica, eu assumo

que dei a primeira cantada, mas Laura é diferente, linda e inteligente. Digo até que é uma mulher para passar mais do que uma noite.

— Você está passando bem? — César gargalhou. — Eu disse que veria você de quatro, mal a vii e já está assim?

— Apenas disse que ela é uma mulher interessante e que vale a pena conhecê-la melhor, somente isso. Não deturpe minhas palavras.

— Ainda serei padrinho desse casório.

— Poupe-me, César. Agora, vamos ao que interessa, o que tem pra mim?

— Estou com o projeto gráfico do “Delator”, eu achei muito bom, avalie e faça suas considerações.

— Perfeito! Farei isso agora mesmo.

Peguei os papéis impressos das mãos de César e avaliei criteriosamente. O *design* final estava muito bom, melhor até do que eu tinha imaginado. Não precisei fazer considerações ou sugestões, a equipe realmente era muito boa e o *designer* soube captar muito bem a essência do produto, ficou perfeito.

— Está muito bom, aprovado.

— Eu também gostei muito. Trouxe algumas matérias que apurei e quero uma opinião sua, vou verificar uma última que recebi de um repórter agora pouco, assim que fechar tudo, trago para você avaliar por completo.

César me entregou mais alguns impressos e fiz uma rápida leitura. Ele era bom no que fazia, estava apenas um tanto inseguro com a nova função, mas nada que não se resolvesse com o tempo e experiência.

— Ótimo. Mais alguma coisa?

— “O Delator” será lançado nesse domingo?

— Sim, já estou com tudo pronto.

— Perfeito, quando retornarmos da ilha, o negócio deve estar pegando fogo.

— Presumo que sim, são denúncias muito graves, além do fato de que estaremos desagradando muitos parlamentares e empresários da alta sociedade, mas pouco me importo, meu compromisso é com a verdade.

— Está certo, eu li rapidamente algumas matérias, lançará em grande estilo.

— Essa é minha intenção.

— Preciso concluir o meu caderno, quero adiantar tudo para estar livre no final de semana, já que estaremos fora.

César levantou-se animado.

— Sim, fique tranquilo que será um final de semana inesquecível — acrescentei com um sorriso lascivo nos lábios.

Tinha planos bem ousados para esse final de semana, mas tive que ir com calma para não prejudicar o casamento do meu amigo. Então, optei por convidar apenas os amigos mais próximos, alguns colegas da redação e, sem dúvidas, convidara a Laura, faria esse convite a ela pessoalmente.

Continuei avaliando cautelosamente as matérias, com mil pensamentos maliciosos interrompendo minha concentração ora e outra.

Paulo chegou algumas horas depois e me supervisionou em silêncio. Algumas poucas vezes interferiu em minhas conversas com os demais editores que reuni no decorrer do dia. Foi um dia rápido e produtivo, como todo o decorrer da semana. Ao passo que os dias passavam, Paulo pouco aparecia na minha sala. Ele já estava se ocupando da reestruturação da revista que comandaria.

César e Laura, já estavam bem familiarizados com os cargos. O novo *design* do caderno de moda foi lançado e recebemos muitos elogios enaltecendo a nova editora e as mudanças que sua chegada implantou, que

foram muito bem aceitas, bem mais do que eu mesmo esperava. Tudo na redação estava se organizando e transcorrendo na mais perfeita paz e harmonia.

Na sexta-feira, finalmente meu nome já estampava as páginas editoriais como editor-executivo do “Diário Paulistano”. Estava muito satisfeito com meu trabalho, equipe e com o flerte com Laura.

Por enquanto, nada de concreto, no entanto, havia progressos significativos. Ela estava correspondendo minhas investidas, embora que timidamente. Eu percebia, no seu olhar, que ela queria o mesmo que eu, mas relutava, por esse motivo, eu estava indo com calma. Admito que também tentei seguir os conselhos de César, mesmo que fosse difícil dispensar a mulherada, assim o fiz.

Desde a chegada de Laura, evitei me envolver com outras mulheres por aqui, pela redação, embora ela, certamente, já deveria ter ouvido sobre a minha fama de mulherengo nos bastidores, meu foco era ela.

Novamente, volto a frisar: leitoras que me leem nesse momento, não estou apaixonado, apenas a quero na minha cama. Nunca esqueçam que um homem, quando quer uma mulher, faz qualquer coisa, até dispensar outras para chegar no seu alvo. Mais uma lição que dou, tomem nota.

Fiquei depois do horário acertando os últimos detalhes da edição de lançamento do “Delator”. Finalmente, encerrei minha avaliação minuciosa e liberei a impressão. Antes de partir, olhei uma última vez para a vista da minha sala, fiquei entorpecido. Um filme passou na minha mente rapidamente, lembrei da primeira vez que contemplei a tão emblemática paisagem.

Eu estive nessa sala durante a entrevista para a vaga de repórter do caderno esportivo, lembro-me que, ao pisar os pés aqui, desejei que essa sala fosse minha um dia. E hoje, eu sou o chefe da porra toda!

Sorri com a lembrança e avistei a edição do jornal de hoje sobre a minha mesa, propositalmente aberto na página do editorial, meu nome estampado na função de editor-executivo me deixou orgulhoso e satisfeito. Eu cheguei bem

mais longe do que meus sonhos de repórter em início de carreira puderam desejar.

Eu sou o cara!

Eu sou foda!

Tudo estava tão perfeito na minha vida que, antes de partir, ajoelhei-me no meio da sala e orei para Nossa Senhora de Aparecida e agradei as bênçãos que recebi ultimamente.

Deixei minha sala e o andar já estava completamente deserto, na verdade, o prédio inteiro. Olhei no relógio de pulso e já passava das 21h, entrei no elevador e peguei o celular em busca de uma companhia para a noite, já tinha dias que eu não dormia acompanhado, o trabalho exigia muito de mim.

Antes que eu procurasse qualquer contato, as portas se abriram no andar seguinte, ou eu tenho muita sorte, ou meu anjo da guarda é um cupido muito generoso, Laura entrou linda e estonteante, como sempre, uma hora dessas e ela não tinha um fio de cabelo fora do lugar, continuava linda.

Nossos olhares se conectaram instantaneamente, ela entrou um tanto tímida e se posicionou ao meu lado.

— Laura, ainda por aqui?

— Sim, mas já estou de saída. Você também?

— Sim, já estou indo.

Ela estava inquieta, ruborizada e incrivelmente linda, trocamos mais algumas palavras e as portas se abriram na garagem, saímos juntos. Ela me acompanhou até o meu carro um pouco impaciente, olhando no celular de vez em quando.

— Está aguardando alguém? — perguntei.

— Sim, pedi um Uber e já deveria ter chegado.

— Dispense-o, por favor, eu faço questão de te levar em casa.

— Não quero incomodar, Miguel, não se preocupe, eu posso aguardar.

— Jamais, faço questão, e não será nenhum incômodo, pelo contrário, será um prazer ter sua companhia por mais alguns minutos.

— Tudo bem.

Entramos no carro, e eu fiz questão de afivelar o cinto de segurança dela, ficamos tão próximos que senti seus lindos seios arfando descompassadamente, parecia estar nervosa e tinha um perfume maravilhoso.

— Coloque seu endereço no GPS, por favor — pedi gentilmente.

Ela inclinou-se para traçar a rota no painel do meu carro, e eu tive uma bela visão do seu colo arfando, tão belo quanto as notas musicais que tocavam no rádio do carro. Não sei nem que música era, mas era tão perfeita quanto ela.

— Prontinho.

Segui o trajeto e a levei até um hotel, ela estava hospedada, provisoriamente, em um apart-hotel, conversamos sobre a cidade durante o trajeto e, quando chegamos ao local indicado, fiz questão de acompanhá-la até a porta.

— Entregue, obrigada pela carona, Miguel.

— Não vai me convidar para entrar? — perguntei.

— Claro! Desculpe a falta de educação.

Ela abriu rapidamente a porta e entramos. Ela apontou uma poltrona para que eu me acomodasse e, depois de fechar a porta, ela tirou o blazer e ficou apenas com uma blusa de seda fina, tão fina que consegui apreciar seus seios e curvas.

— Gostaria de te fazer um convite.

Aproximei-me dela e inalei seu perfume mais uma vez. Ela recuou até esbarrar na parede perto da porta.

— E o que seria? — murmurou baixo, nervosa.

— Amanhã é a despedida de solteiro do César, será em uma ilha particular, quer ir comigo?

Ela sorriu com o convite.

— Eu acho que não podemos, Miguel, não acho correto me envolver com meu...

Antes que ela concluísse sua frase, tomei-a em um beijo selvagem, ela correspondeu e colocou os braços no meu pescoço, permitindo que nossos corpos se encaixassem melhor. Depois, cessou o beijo e me encarou arfante e ruborizada:

— Miguel, não faça isso.

— Eu estava louco para sentir o gosto dos seus lábios — disse e os beijei novamente.

Ela sorriu enrubescida, desceu as mãos em meus braços fortes e, em seguida, espalmou-as em meu peito.

— Eu juro que tentei resistir, mas você é muito envolvente, senhor Miguel.

— Agradeço o elogio, mas aceite o meu convite.

— Eu ouvi falar bastante dessa despedida, acho que vou aceitar.

— Ótimo, tenho certeza de que será maravilhosa só pelo fato de estar na sua companhia.

Lancei-a um sorriso provocador, e ela gostou do que ouviu.

— Legal, eu topo.

— Eu não sei se aguento esperar até amanhã. Podemos começar agora mesmo, o que me diz? — Alisei seu rosto com as costas dos dedos suavemente, olhando-a fixamente.

— Vamos com calma, Miguel, apesar de sermos adultos e livres, você ainda é o meu chefe.

— Andou me investigando, senhorita Laura? Como sabe que sou livre?

— Não foi necessário, você tem uma legião de admiradoras e *ex-affairs* pela redação, e elas já fizeram o favor de me manter totalmente informada a seu respeito.

— Posso imaginar, mas espero que não tenha tido uma impressão errada de mim.

— Jamais, eu mesmo tiro minhas conclusões.

— E a qual conclusão chegou?

— Você é incrivelmente gostoso, mas muito desprendido e nem um pouco interessado em compromissos, estou certa?

— Em termos.

Ela abriu um sorriso tímido, e eu arrumei uma mecha de cabelo atrás de sua orelha. Seus olhos brilharam, e ela continuou me encarando. Aproximei-me novamente e deslizei a mão em seu queixo macio, ela fechou os olhos e inclinou a cabeça para aproveitar o carinho que eu fazia.

Senti sua respiração ofegar, entrelacei a mão em seus cabelos, puxei seu rosto e tomei seus lábios em um novo beijo. Colei meu corpo ao seu, segurei firme em sua cintura, deslizei minhas mãos pelas suas curvas. E que curvas!

Ela cessou o beijo ofegante, mas permanecemos abraçados.

— Que horas passará aqui amanhã?

Foi uma manobra inteligente para frear o nosso desejo ou não responderia

por mim, não resistiria por muito tempo apenas beijando-a.

— Deixe-me dormir aqui com você. Já adiantaria a nossa viagem amanhã.

Trilhei beijos do seu pescoço até o seu colo.

— Miguel, Miguel... Você é sempre assim, tão persistente?

— Apenas com quem merece.

Beijamo-nos novamente, de modo ardente e sôfrego.

— Preciso arrumar as malas, amanhã nos vemos às 8h, tudo bem?

— Você quem decide, por mim, tudo bem.

Fiquei desapontado, mas tratei de omitir meu descontentamento tão logo ela abriu a porta para mim. Trocamos um beijo rápido em despedida. Saí confiante, amanhã a veria novamente.

Alguém lá em cima gosta muito de mim, vida profissional ótima e a amorosa entrando nos eixos. O que de mal poderia acontecer?



Acordei com Laura no pensamento, meu celular despertou pontualmente às 6h da manhã, levantei disposto e totalmente decidido a ter Laura nos meus braços. Tomei um banho e saí para a caçada extremamente gostoso e com um pacote de camisinhas no bolso.

No caminho até o apartamento dela, comprei rosas vermelhas, toda mulher gosta de mimos, embora ela não fosse uma qualquer, estava certo de que iria gostar.

Cheguei na recepção e pedi para não ser anunciado, queria surpreendê-la, deixei meus documentos pessoais e uma boa gorjeta ao recepcionista que me autorizou subir. Bati na porta suavemente, instantes depois, ela abriu, ainda bocejando e vestindo um robe de seda preto.

— Miguel, já são 8h? — perguntou surpresa.

— Ainda não, mas precisava te ver com urgência.

Tentei sustentar o semblante de seriedade, escondia as rosas nas costas.

— Aconteceu alguma coisa?

— Sim — respondi seco.

Entrei encarando-a com determinação, sua preocupação era tanta que pouco se importou com as rosas que trouxe. Fechei a porta em silêncio, coloquei as flores na mesa de centro, ela estava estática ao lado da porta, de braços cruzados.

Caminhei lentamente em sua direção e a puxei rapidamente pela cintura, colando nossos corpos. Ela assustou-se com o rápido movimento.

— Passei a noite em claro pensando no gosto dos seus lábios.

Não esperei sua resposta e a beijei ardentemente, ela correspondeu com o mesmo desejo. Deslizei as mãos em seu belo corpo, explorei cada pedacinho, apalpando firmemente. Desamarrei o nó do robe e o retirei rapidamente, seguido de sua camisola e da minúscula calcinha que ela usava, não dissemos mais nada, apenas nossos corpos agiam com a mesma intensidade do nosso desejo.

Laura retirou minha camisa, depois as demais peças e, em poucos segundos, estávamos completamente nus. Entre beijos e carícias mais ousadas, caminhamos até a cama, deitei-a lentamente, ainda colado aos seus lábios.

— Miguel, acho que não devemos, você é meu... — ela interrompeu.

Lancei um olhar devasso com um sorriso largo, alisei seu rosto ruborizado pelo desejo evidente e mútuo entre nós.

— Eu sou seu amante, amigo, namorado e o que desejar. Aqui somos só Miguel e Laura, relaxa — sorri maliciosamente.

— Mas eu receio que... — ela tentou falar, mas interrompi.

— Ouça seu corpo, você está tão louca quanto eu, há dias que não penso em outra coisa, você está me deixando louco, Laura — falei, intercalando beijos em seu ombro e colo.

Ela abriu um sorriso tímido e alisou minha barba, em seguida, me beijou castamente, ela temia pelo nosso envolvimento, mas não conseguiu resistir

aos meus encantos, aliás isso era algo totalmente natural, sempre tive muitas mulheres aos meus pés.

Alisei seu corpo delicadamente e o beijei por completo, delíciei-me com a sua pele macia levemente arrepiada, apesar do desejo louco de estar dentro dela me consumindo. Aproveitei cada momento do seu belo corpo.

Acaricieei suas pernas e subi até o meio delas, ela gemeu e se contorceu quando meus lábios tocaram sua umidade, totalmente pronta para me receber. Suguei com desejo, e seu corpo não demorou para mostrar o quanto estava gostando, quando estava prestes a gozar na minha boca, eu interrompi bruscamente e corri até a sala para buscar os preservativos no bolso da minha bermuda.

— Volto já.

Quando retornei, tive uma visão esplendorosa do seu corpo magro e delineado, suas pernas longas cruzadas sobre a cama deixaram-me louco, assim como todo seu corpo, que o desejei desde o primeiro instante que o vi coberto pelas roupas finas que trajava.

Coloquei rapidamente o preservativo e a beijei novamente, apalpei seus seios e comprimi o bico de um deles. Ela arfou pronta para me receber, e assim o fiz, penetrei-a lentamente, aproveitei cada instante e me delíciei com o seu calor e gemidos.

Comecei devagar, mas ela implorou por mais, coloquei e retirei pouco a pouco, enlouquecendo-a, até que não resisti mais e a fodi duro. Pousei meu corpo sobre o dela, forcei meu quadril com mais força para ela me receber por completo, intensifiquei os movimentos enquanto chupava seus seios. Ela gemeu descontroladamente e, quando senti que ia gozar outra vez, eu parei momentaneamente, ela fincou as unhas nas minhas costas com força e implorou por mais. Dei o que pediu, ainda mais forte e selvagem, ela tão bem gostou que se entregou rapidamente a um novo orgasmo.

Eu ainda queria mais, muito mais dela, levantei e puxei suas pernas, trazendo-a para borda da cama, ela ainda estava arfante e entorpecida pelo recente prazer, mas sorria lascivamente, queria mais.

Virei-a de costas, coloquei-a de quatro, enrolei as mãos em seus cabelos compridos e a penetrei novamente, deleitei-me com a visão de sua bunda firme e cintura fina. Estoquei vigorosamente, e ela já correspondia aos estímulos e mexia os quadris prazerosamente.

Sentei-me na borda da cama e a montei sobre mim, ela rapidamente cobriu meu pau com seu sexo escorregadio e quente que ainda pulsava, recebeu-me pouco a pouco entre gemidos e risos de contentamento. Alisei suas costas e enrolei novamente as mãos em seus cabelos longos.

— Goza pra mim, Laura. Quero te ver gozar.

— Você é muito gostoso, Miguel.

Ela começou a cavalgar lentamente, eu chupei seus seios fartos e macios, apalpava um lado e mordiscava o bico do outro. Laura gemeu e arqueou as costas, rebolando freneticamente. Segurei firme em sua cintura, ajudando-a a realizar movimentos mais intensos.

Éramos somente pele, pelo, suor e desejo, o prazer nos consumiu em um orgasmo intenso, juntos, olhos nos olhos. Não costumava gozar com facilidade, mas os dias sem sexo devido à recente carga de trabalho intensa renderam-me um orgasmo longo e prazeroso.

Beijei seu ombro carinhosamente e fiz um coque em seus longos cabelos que ainda estavam grudados no nosso suor. Ela estava deitada em meu colo, em silêncio, recuperando-se do intenso prazer que nos proporcionamos.

Instantes depois, levantei e a coloquei na cama, fui até o banheiro, tomei um rápido banho e retornei para junto dela. Deitei ao seu lado, aninhei-a em meus braços e alisei seus cabelos carinhosamente.

— Isso foi...

Interrompi sua fala e completei.

— Muito bom.

— Sim, claro que foi, mas ia dizer que foi incomum. Não costumo me

envolver tão rapidamente com alguém que pouco conheço, ainda mais sendo meu chefe.

Ela sentou-se e virou para me encarar, acomodei-me ao seu lado e alisei seu rosto.

— Isso são apenas convenções sociais, abstenha-se desses pensamentos e se entregue ao momento, ao prazer e à minha companhia.

— Esse é o problema, você é muito envolvente e, com sua posição social, beleza e performance sexual, tenho certeza de que pode ter a mulher que quiser.

— Agradeço o elogio quanto a minha performance sexual, mas a mulher que eu quero, nesse momento, está aqui nos meus braços.

Claro que eu não poderia perder a chance de dar aquela cantada barata.

Leitoras, sei que estão me achando um cafajeste nesse momento, não nego. Eu sou mesmo, mas sou sincero e, no momento, era ela que eu queria, claro que, se tivesse outra de igual beleza, eu não dispensaria, sexo a três é muito bom, anotem mais essa dica.

— Você tem muito papo, isso, sim, Miguel.

Sorri com o comentário, realmente, ela tinha razão.

— Eu estou sendo sincero, estava louco para ter você nos meus braços.

— Sei! — ela disse com olhar desconfiado. — E agora que já teve o que queria vai embora e fingir que nada aconteceu entre nós?

— Não vou te enganar, óbvio que eu gostaria de repetir o que acabamos de fazer. Você é linda, atraente e gosto muito da sua companhia. Gostaria de continuar te vendo e te levar para sair outras vezes, embora reconheça que não sou um homem de relacionamentos.

— Isso eu já sabia, está estampado na sua cara que se envolve com todas e não elege ninguém.

— E o que pensa disso?

— Penso que podemos nos encontrar para um sexo casual sem problemas.

Ela falou e alisou meus braços, depois desceu até meu peitoral e meu pau, que já se animava com seu toque. Sorri com sua carícia e não pensei duas vezes, beijei-a e deitei sobre ela. Novamente, nos entregamos ao tesão e ao nítido desejo entre nós.



Transamos novamente no banho e nos vestimos para ir ao encontro de César, ela se vestia enquanto eu olhava o celular.

— Perdoe-me a grosseria, eu não agradei pelas rosas. Obrigada, Miguel, são lindas.

— São lindas como você.

— É tão conquistador que posso até acreditar nas suas cantadas — ela brincou.

Colocou as rosas em um vaso com água e, em seguida, saímos. Partiríamos todos juntos até o litoral em nossos carros e, de lá, seguiríamos de barco para ilha.

Laura era culta e o papo com ela sempre era muito maduro e interessante. O trajeto até o edifício de César foi rápido, estacionei na frente do prédio e liguei avisando que já estava no seu aguardo, aproveitei os minutos de espera para beijá-la mais uma vez, não queria perder tempo.

O desejo já estava crescendo e as mãos já se direcionavam para toques mais ousados quando o meu telefone tocou, interrompendo-nos. Resisti e tentei não atender, mas ela interrompeu nossos beijos:

— Não vai atender? — perguntou ofegante.

— Sua companhia é mais interessante que qualquer ligação.

— Pode ser urgente — ela insistiu.

Peguei o celular e li rapidamente “mãe”, atendi de imediato, minha mãe raramente me ligava, a não ser para perguntar por Natália.

— Mãe, aconteceu alguma coisa?

Ela demorou responder, ouvi um longo suspiro e sua respiração irregular me desesperou.

— Mãe, o que está acontecendo?

— Meu filho, a Nati pegou meu carro sem permissão e passou a noite fora e... — ela fez uma longa pausa, tomou fôlego e continuou: — eu fui reclamar quando ela chegou, cheirava a álcool e cigarros, estava com roupas rasgadas, maquiagem borrada, eu nunca tinha a visto desse modo.

— Mãe, só você não quer ver que essa menina está precisando de ajuda médica. Onde ela está agora?

— Nós tivemos uma tremenda discussão, e ela subiu para o quarto. Eu estou muito preocupada com essa menina, Miguel, venha aqui em casa agora, converse com ela, por favor.

— Eu estou partindo para o litoral e só retorno no domingo à noite, pode ser quando eu chegar?

— Por favor, Miguel, venha o quanto antes, ela está trancada no quarto dela, e eu tenho medo que ela faça uma besteira.

— Está certo, mãe. Eu vou, mas vai ser para levá-la para uma clínica. Natália está precisando de tratamento psicológico.

— Tudo bem.

Desliguei o telefone arrependido por ter dito sim.

— Droga! — exclamei frustrado.

— Precisa de ajuda, Miguel?

— Minha irmã aprontou e minha mãe pediu que eu fosse até lá para conversar com ela. Você se importa de seguir viagem no carro com César e a Letícia? Resolverei tudo e mais tarde nos encontraremos na ilha.

— Não, eu não me importo, mas não quer que o acompanhe?

— Não quero estragar seu final de semana com dramas familiares.

Aguardei César e Letícia descerem e levei Laura até eles, expliquei rapidamente a situação e saí frustrado por ter meus planos atrapalhados.

Natália merece umas boas palmadas.

Dirigi feito louco, por sorte, o edifício de César era próximo da casa da minha mãe. Em poucos minutos, cheguei, minha mãe estava aos prantos e tremendo muito. Nem lhe dei a bênção ou até mesmo parei para consolá-la.

Entrei com sangue nos olhos e fui direto para o quarto de Natália. Bati à porta com força, ela não respondeu, bati mais três vezes e gritei pelo seu nome, novamente o mais absoluto silêncio.

Arrombei a porta e nenhum sinal dela, ela sabia que corria sérios riscos de levar umas palmadas minhas. Procurei embaixo da cama e já ia em direção aos armários quando ouvi gritos desesperados da minha mãe vindos do banheiro.

Corri rapidamente, e minha mãe estava ajoelhada ao lado do corpo de Natália com uma poça de sangue em volta dos seus braços, fiquei momentaneamente sem reação ao vê-la desfalecida. Recobrei o juízo ao ouvir minha mãe gritar.

— Ela ainda está viva, Miguel — disse ao verificar a pulsação.

Abaixei-me devagar ao seu lado e encontrei um canivete jogado ao lado de sua mão esquerda. Vi seus pulsos cortados ainda jorrando sangue, ela já estava inconsciente. Cortei um pedaço da toalha e amarrei em seus pulsos na tentativa de estancar o sangramento, coloquei-a em meu colo e saí desesperado para o hospital mais próximo.

Abri a porta de trás do carro e deite-a rapidamente, minha mãe apoiou a cabeça dela em suas pernas. Minha mãe chorava muito, tentei correr o máximo possível e, ainda assim, o caminho parecia não ter fim. Eu não queria que nada acontecesse com a Natália, minha irmã, minha pequenina.

Chegamos ao hospital e fomos rapidamente atendidos, enquanto prestava esclarecimentos e informava os dados dela, minha mãe a acompanhou até onde foi possível. Depois, retornou e ficou ao meu lado na recepção, aguardando em um absoluto e angustiante silêncio. Foram longos e tensos minutos, na minha cabeça, passavam lembranças da minha doce menininha cantarolando e brincando quando criança.

Algumas lágrimas insistiram em rolar no meu rosto. Minha mãe percebeu e me abraçou, não sei quanto tempo aguardamos por notícias, mas pareceu uma eternidade.

— Ela vai ficar bem, Miguel — minha mãe disse tentando me acalmar.

— Assim espero.

Instantes depois, um médico veio ao nosso encontro, minha mãe estava nervosa e com as mãos frias. Segurou firmemente as minhas se preparando para as notícias que o médico traria.

— São os parentes da Natália Novaes? — o médico perguntou.

— Sim, sou a mãe dela.

— Ela perdeu muito sangue, mas o quadro dela é estável, nesse momento, ela está medicada e será mantida sedada, a senhora já pode acompanhá-la.

— Graças a Deus! Obrigada, doutor.

Enfim respirei aliviado, minha mãe me abraçou e pediu que eu buscasse algumas roupas de Natália e dela. Assim fiz, fui até a nossa casa e preparei uma pequena mala com roupas e objetos pessoais das duas, pelo menos, tentei com os que consegui encontrar.

Retornei ao hospital e fiquei no quarto com Natália para minha mãe almoçar. Ela estava tão pálida que nem parecia a bebezinha rosada que minha lembrança registra até hoje desde a primeira vez que a vi. Eu tinha 15 anos quando ela nasceu, então sempre tive o censo de pai e protetor, ela sempre foi minha menininha doce e amorosa, pelo menos até a morte do meu pai.

— Oi, bebê, já pode ir — minha mãe falou entrando no quarto e interrompendo meus pensamentos.

— Oi, mãe, não acha melhor que eu fique?

— Não, Miguel, está tudo bem, conversei agora há pouco com o médico que a atendeu, e ele disse que logo, logo ela estará de alta. Eu também pedi indicações de clínicas e bons profissionais, realmente a Natália está precisando de ajuda psicológica.

— Que ótima notícia, procure o melhor tratamento possível.

— Farei isso, meu filho. Agora, você pode ir, vá curtir seu fim de semana e providenciar minha nora, não esqueça! — ela advertiu séria.

Sorri da insistência da minha mãe, se ela soubesse o quanto gosto e curto intensamente a vida de solteiro, jamais me daria esse conselho.

— Tem certeza? Não quer que fique aqui com vocês?

— Não, filho, prefiro estar sozinha com ela para termos a conversa sobre o tratamento psicológico, não sei como ela vai reagir.

— Tudo bem, então vou indo. A sua bênção. — Estendi a mão para que me abençoasse.

— Deus te abençoe e te acompanhe, Miguel.

— Obrigado, mãe.

Deixei o hospital um pouco mais aliviado, finalmente minha mãe concordou em procurar tratamento psicológico para Natália. Parei rapidamente para almoçar, estava faminto, apesar de todo o estresse passado e da preocupação com minha irmã, estava animado e louco para aproveitar o fim de semana com Laura.

Desci para o litoral até a cidade de Caraguatatuba e fui direto para o cais, de onde partiam as lanchas para as praias e ilhas. Para o meu azar, a maré já estava alta, o mar agitado e as condições climáticas nada favoráveis para navegação. Embora não fosse habilitado para navegação marítima, tinha uma boa noção. Meu pai tinha uma lancha e saímos muitas vezes para pescar.

Havia poucos barqueiros e embarcações para aluguel, pensei em desistir e ficar pela cidade e ir ao amanhecer, quando o mar estivesse mais calmo. Peguei o celular para avisar Laura, mas fui surpreendido por um áudio no aplicativo de mensagens instantâneas que me fez mudar de ideia. Laura dizia que a ilha era ótima e tinha diversos pontos desertos para explorarmos juntos, estava com saudades e ansiosa para curtir o luau comigo.

Porra!

Li as entrelinhas dessa mensagem e interpretei como: *vem logo que estou louca para ser fodida por você em todos os cantos dessa ilha*. O meu pau se animou e um sorriso lascivo estampou meu rosto. Respondi que já estava a caminho.

Procurei alguns barqueiros, mas nenhum quis navegar nessas condições, tentei alugar uma lancha e não consegui, porque não tinha habilitação marítima.

Droga! Estava ficando sem opções, fui à última lancha disponível para aluguel, mas mudei a tática de abordagem.

— Boa tarde, eu preciso chegar à ilha do Camelo, o senhor sabe onde fica?

— Sim, mas é uma ilha particular, moço — o homem advertiu.

— Sim, eu sei, sou convidado do dono. O senhor pode me levar até lá ou me alugar a lancha? Pago em dobro. — Retirei algumas notas de cem reais do bolso e lhe mostrei, seus olhos brilharam, sei muito bem como o dinheiro costuma resolver diversas situações.

— Eu bem que gostaria, mas não posso navegar com essas condições, embora a ilha seja bem próxima. Ela fica logo ali, você está vendo aquele morro que parece as costas de um camelo? — O homem apontou.

— Sim, vejo.

— É lá, fica a poucos quilômetros da costa.

— Alugue-me a sua lancha, retorno no domingo após o almoço ou, se preferir, pode ir buscá-la quando o mar estiver calmo. Fique tranquilo, piloto desde os quinze anos.

— Eu pego amanhã pela manhã, esse é meu único ganha pão. O senhor sabe navegar por esses mares?

— Sim, é claro! Fique tranquilo, sua lancha estará em boas mãos. — Menti, nunca havia navegado por aqui, mas precisava chegar.

— De qualquer modo, a lancha tem um GPS e já tem gravada a rota da ilha, use-o por segurança, em caso de dúvida, tem uma carta náutica também.

— Obrigado e até amanhã, senhor? — perguntei, entrando na lancha.

— Antero. Eu me chamo Antero e o senhor?

— Miguel Novaes.

Para minha sorte, ele animou-se com o bom dinheiro que dei e nem questionou sobre minha habilitação, apenas perguntou meu nome completo, solicitou um telefone de contato e me forneceu um formulário para preenchimento.

Ele me entregou a chave e o colete salva-vidas e, finalmente, parti.

O trajeto era curto, liguei o GPS e tracei a rota, que já estava gravada, até a ilha. As ondas estavam altas e a lancha balançava bastante, sem falar nos ventos fortes. Depois de alguns minutos navegando, as ondas ficaram ainda mais fortes, o vento parecia um furacão, a minha visibilidade ficou seriamente comprometida.

Perdi, momentaneamente, o controle da lancha ao ser atingido por uma forte onda. Quando finalmente consegui controlá-la, já era tarde demais, não consegui desviar e colidi frontalmente em uma pequena ilha de pedras.

A lancha não suportou a colisão e virou, arremessando-me bruscamente contra as pedras. Senti apenas a primeira pancada na cabeça e perdi completamente os sentidos.

Parte 2

Início do meu martírio.



“Não me entrego sem lutar

Tenho, ainda, coração

Não aprendi a me render

Que caia o inimigo então

Tudo passa, tudo passará”

Música: Metal contra as nuvens – Legião Urbana.

Repeti, mentalmente, o verso da canção da minha banda favorita incontáveis vezes. Era bem isso que tinha em mente, não desistiria, precisava lutar. Eu não tinha noção de quantas horas passei desacordado e nem do quanto nadei para chegar em terra. Só tinha uma certeza, precisava lutar e sair dessa.

Eu e essa minha mania de botar as fodas sempre em primeiro lugar, estava me rendendo muitos apuros.

Ouvia o barulho das ondas do mar, meu corpo inteiro tremia, sentia muito

frio e dor, muita dor. Os versos da canção me tranquilizavam, já estava mais calmo, mas não fazia ideia de quanto tempo havia passado sendo levado pelas ondas, muito menos minha localização. Minha cabeça latejava e minha perna esquerda doía tanto que não conseguia nem mover.

A lua deixava o ambiente um pouco iluminado, estava na margem de uma praia, a julgar pelas ondas que banhavam meu corpo e o gosto de sal em meus lábios ressecados. Olhei em volta e, com muito esforço, consegui sentar, minha cabeça rodou, eu desequilibrei e caí na areia novamente.

Depois de longos minutos de esforço, eu consegui rastejar alguns metros e avistei alguns coqueiros que pudessem me abrigar. Estava com muita sede, fome e extremamente cansado, notei uma cabana de madeira e rastejei, com muita dificuldade, até próximo dela, o esforço físico foi tanto que apaguei completamente ao relento, no meio da praia, antes de alcançar a cabana para me abrigar.

Ouvia, ao longe, uma voz angelical: “*Você está vivo, vai ficar bem*”. E, depois, senti mãos doces e suaves me tocando, não conseguia abrir os olhos, a claridade incomodava muito e minha cabeça dava voltas, mas sua voz era como uma melodia me dando ordens: “*Sente-se*”, “*Ajude-me*”, acho que executei tudo corretamente, com toda certeza era um anjo da guarda me protegendo. Após essa vaga lembrança, apaguei novamente.

Acordei com uma dor de cabeça estrondosa, o sol estava quente, mas, dessa vez, não estava mais no meio da praia, estava abrigado na cabana, a mesma que tentei alcançar na noite anterior. Estava deitado em uma espécie de cama de palha, com um cobertor e roupas secas que, a propósito, não eram minhas.

Sentei-me e olhei em volta, não havia ninguém, reconheci que estava na mesma praia. Tinha uma garrafa de água, algumas frutas e um sanduíche. Nem quis saber quem os deixou, estava morrendo de fome e sede, comi e bebi com tanta rapidez que parecia que tinha dias que eu estava perdido.

Meu joelho estava inchado e com um grande hematoma, eu tinha vários ferimentos pelo meu corpo, passei a mão pela minha testa e senti uma forte dor. Depois de alimentado, levantei com dificuldades, não conseguia andar

normalmente, meu joelho doía, apesar disso, manquejando, saí da cabana em busca de ajuda. O sol estava bem quente, mas eu não fazia ideia do horário.

Gritei por ajuda, mas, obviamente, só ouvi o eco da minha própria voz, a praia era linda, uma vista espetacular, mas, pelo pouco que andei, percebi que era completamente deserta. Olhei para o mar, a margem tinha muitas pedras e bancos de areia, o que impossibilitava a navegação. Isso não era um bom sinal.

Droga!

Retornei para a cabana, estava preocupado com quem havia me abrigado e, principalmente, com quem trocou minhas roupas.

Porra! Vai que foi um homem! O cara me viu pelado e ainda me tocou?

Esse pensamento me repugnou. Estava com uma camiseta limpa e um short de surfista muito florido, por sinal, o que me deixou ligeiramente aflito. Estava pouco preocupado com o fato de estar perdido, já que alguém me socorreu, então deve ser fácil sair daqui. Agora, o fato de um homem ter me trocado e tocado o meu corpo quando estive inconsciente, isso, sim, era uma preocupação das grandes.

Deitei novamente na cama improvisada, senti uns calafrios e tossi bastante, acho que estava resfriado.

Passei o resto do dia e a noite com febre, minhas costas e costelas doíam de tanto que tossi. Pouco dormi, somente na madrugada, perto do dia clarear, consegui pregar o olho por exaustão, depois de tanto me debater de frio, tossir e espirrar constantemente.

Já era dia quando senti alguém tocando minha testa, despertei desesperado e, ao abrir os olhos, deparei-me com a imagem de uma linda mulher. A princípio, achei que estava delirando ou até que tinha morrido e aqui era o céu, mas lembrei de alguns dos meus pecados, dificilmente entraria no céu com facilidade. Então, lembrei do acidente com a lancha e que eu estava perdido.

Ela estava ajoelhada ao meu lado, tinha uma beleza descomunal, era morena de cabelos lisos e compridos. Seus lábios eram carnudos, bem desenhados e tão convidativos que, mesmo convalescido, senti uma vontade louca de beijá-la. Ela falava alguma coisa, mas eu pouco ouvi, estava entorpecido por sua beleza única e encantadora.

Quanta doçura em seus traços de mulher, seus olhos eram como espelhos para minha alma, me vi dentro daqueles olhos negros que me prendiam naquele olhar envolto em mistério. Ela tinha uma luz própria, um brilho único de mulher, menina que não conseguia decifrar.

— Ei, você consegue me ouvir? — o anjo falou, despertando-me do meu profundo devaneio.

Estava completamente entorpecido e perdido em seu olhar, suas feições serenas e na sua voz de anjo encantador. Pela primeira vez, fiquei mudo e perdido nos olhos de uma mulher. E que mulher!

Depois da segunda vez que ela perguntou, consegui responder.

— Sim, quando eu morri?

— Você não morreu, mas passou perto.

— Pensei que estivesse no céu, diante de um anjo.

Ela não esboçou nenhuma reação à minha cantada, tinha uma maleta de primeiros socorros e tirou alguns equipamentos para me examinar.

— Você me encontrou e me abrigou?

— Sim, você estava desacordado na praia, e eu consegui trazê-lo até aqui, não recorda? — ela perguntou.

— Não, lembro do acidente com a lancha, de ter sido jogado contra as pedras. Depois, eu bati a cabeça e as lembranças após esse episódio são muito confusas.

— Recorda seu nome, endereço ou de algum familiar?

Até pensei em responder a verdade, mas, olhando-a tão preocupada, talvez perdesse os cuidados do meu anjo, então omiti algumas informações.

— Eu me chamo, Miguel, e só me lembro disso no momento, bati a cabeça com muita força. Você é médica?

— Digamos que sim, agora preciso saber como se sente. Pode tirar a camisa para eu te examinar?

— Sim, claro. Pode me dizer onde estou?

Tirei a camisa, e ela colocou um estetoscópio e realizou uma ausculta pulmonar. Achei que ela se impressionaria com os meus músculos, mas não, ela não esboçou nenhuma reação. Talvez pelo fato dela ter me visto nu, já conhecia meu corpo.

Após ela ter me examinado, respondeu:

— Você está em uma ilha deserta no litoral paulista. Essa ilha é alvo de uma longa disputa judicial entre os filhos e a ex-mulher de um defunto riquíssimo, então é completamente inabitada. Fique tranquilo, poderá ficar aqui até se recuperar e poder retornar para casa.

Casa? Retornar? Quem disse que eu queria retornar? Estava louco para ter essa mulher para mim.

Sei que vocês, leitoras, estão pensando: Novamente pensando em foda e deixando de raciocinar de modo sensato? É, eu sei que tenho que tirar uma lição desse acidente que quase ceifou minha vida, preciso pensar com a razão, e não com o tesão, mas essa mulher tem algo de fascinante e incomum que transpõe as minhas defesas, ela invadiu as minhas barreiras de segurança sem nem mesmo ter me feito um boquete.

Porra! O que foi isso? Ou eu estou ficando louco, ou ela tem uma conexão *bluetooth* com meu pau, que se animou só de vê-la.

— Você não mora nessa ilha? — perguntei.

— Não, eu venho aqui ocasionalmente para procurar conchas. Sorte sua

que resolvi vir ontem e o encontrei desacordado na praia. Eu te acordei e te ajudei a chegar até aqui, não recorda?

— Não.

Realmente, não recordava.

— Cheguei bem a tempo, você estava queimando em febre, corria risco de ter uma convulsão. Eu te mediquei e busquei água, alimento e roupas secas. A propósito, suas roupas já estão limpas e bem ali. — Ela apontou para minhas roupas e, depois, continuou guardando seu estetoscópio.

— Então, foi você que me trocou? — perguntei, esboçando um sorriso cínico.

— Não tive outra opção, na verdade, fiz o meu trabalho, sou profissional de saúde, apenas isso, não pense besteiras — ela advertiu séria.

— Não pensei em nada.

Respondi com a cara mais cínica do mundo, claro que pensei maldades e não iria achar nem um pouco ruim se ela tivesse abusado de mim enquanto eu estava desacordado, mas, estava nítido que ela não era dessas, estava me tratando com distância e frieza, sendo estritamente profissional.

— Trouxe uma medicação que vai ajudar, mas precisará tomar corretamente.

— Obrigado. Você é um anjo.

Ela apenas sorriu em retribuição ao elogio, levantou e saiu da cabana, que sorriso fascinante ela tinha.

Ao sair, pude apreciar o espetáculo de mulher que era, vestia um vestido florido com uma flor nos cabelos pretos e lisos feito uma pérola negra. Aparentava ter uns trinta anos ou menos, o ar de mistério em seu olhar me hipnotizava, juro que eu não consegui decifrar seu olhar, isso era incomum, já que bastava um olhar para eu entender o que as mulheres desejavam.

Ela retornou com mais algumas sacolas, colocou um termômetro em meu braço e, logo que apitou, o retirou e avaliou.

— Você ainda está com febre e está alta, tome essa medicação. — Ela me entregou alguns comprimidos e água. — Infelizmente, terei que aguardar alguns minutos até baixar para poder partir.

— Infelizmente? Minha companhia é tão ruim assim? — perguntei surpreso.

— Não estou julgando a companhia, e sim o fato de não poder executar meus afazeres, já que estarei aqui para te observar.

— Vou entender isso como um não.

Ela era séria, pouco sorria, mesmo com minhas frases ambíguas, ela não me olhava impressionada, como estou acostumado a ser olhado por muitas mulheres.

E, porra, ela já me viu pelado, já conhece o material e, mesmo assim, nada? Nem um olhar de admiração ou desejo?

Preciso de um espelho urgente, imagino que minha cara esteja bem machucada ou desfigurada para não despertar nenhum interesse nela.

— Não vai se alimentar? — ela perguntou.

— Sim, estou faminto.

Comi ovos mexidos, pão, um suco de laranja e algumas frutas. Ainda tinham algumas vasilhas e sacolas fechadas sobre o pequeno balcão improvisado. Agradei pela comida e tentei conversar, mas sem sucesso.

Ela era calada e pouco me direcionava o olhar, parecia não ter nenhum interesse em mim e isso estava mexendo comigo, confesso, foi a única vez que uma mulher me desestabilizou. Não consegui entender o motivo, não foi apenas a sua beleza, tinha algo nela que me prendia.

Eu queria cortejá-la, paquerá-la, mas minhas coletâneas de cantadas

baratas pareciam insuficientes para alcançá-la.

— Podemos conversar um pouco enquanto o tempo passa, você ainda não disse seu nome.

— Isso pouco importa — ela respondeu seca.

— Claro que importa, preciso saber o nome do meu anjo.

— Não sou um anjo, apenas te resgatei, caso contrário, morreria.

— Prefiro acreditar que você é um anjo designado para me salvar, mas, ainda preciso saber seu nome.

— Já disse que isso é irrelevante, chame-me como quiser.

— Por favor, eu insisto — repliquei.

— Mariana.

— Obrigado, Mariana — pronunciei longamente. — Você mora aqui por perto?

— Vivo em uma vila de pescadores, sou pescadora. Já disse que venho aqui para procurar conchas.

— Não é médica? — perguntei.

— Isso é uma longa história, mas, atualmente, sou pescadora.

— Interessante e incomum, como a sua beleza.

— Dispensando o elogio e advirto que meu único interesse nesse momento é no seu estado de saúde, não confunda as coisas. Já disse, eu te salvei porque corria sério risco de morte, apenas isso, não tenho nenhum interesse além disso. Só não te levo agora mesmo até o cais mais próximo porque você não tem condições físicas de ir andando, já que, para sairmos dessa ilha, teremos que atravessá-la e é uma longa caminhada.

Porra! Depois de um fora desses, era melhor eu dormir.

Ela não deu abertura nenhuma, fiquei em silêncio, cobri-me e deitei na pequena e improvisada cama, decepcionado pelo fora e tentando entender que mulher era essa.

— Sugiro que durma um pouco, precisa de repouso — ela falou sem nem mesmo me olhar.

Não entendi essa indiferença e arrogância. Eu não posso estar enganado, eu vi a doçura nos seus olhos e sorriso, mas sua boca está distorcendo minhas percepções. Quão enigmática ela era? Precisava de mais, queria mais, precisava descobrir tudo sobre ela.

Adormeci com mil pensamentos permeando minha mente, um turbilhão de ideias vagas invadia-me a todo instante. Cogitei inúmeras possibilidades, talvez ela fosse casada ou, quem sabe, lésbica. Pensei tanto que apaguei, acho que o remédio também ajudou a me fazer dormir.

Despertei e já era noite, Mariana já havia desaparecido, eu não estava mais com febre. Bebi água, comi alguma coisa e peguei um galho de árvore para me ajudar a caminhar, usei-o como muleta e saí da cabana.

A praia era belíssima, a vista ótima, pensei, nesse momento, que já deveriam estar procurando por mim. O caderno especial do “Delator” já foi lançado, queria tanto acompanhar essa repercussão, mas farei isso, sairei logo daqui. No entanto, agora, preciso me concentrar na minha recuperação.

Leitoras, deem crédito a mim, não sou um caso perdido, estou pensando com a razão, mas, ainda assim, continuarei empenhado em conquistar Mariana. Não vou desistir.

Lembrei de minha mãe, Nati e até da Laura. Fiquei longos minutos pensando na minha vida e tentando entender o motivo de estar passando por tudo isso, mas não resolveria meditar agora.

Retornei para a cabana frustrado, tossindo e começando a sentir calafrios novamente. Deitei e me cobri, as horas pareciam passar em câmera lenta,

demorei pegar no sono, estava entediado com a calmaria e a falta do que fazer, mesmo estando debilitado.

Ao amanhecer, despertei cedo e notei que estava fedendo, muito suado por conta da febre, resolvi entrar no mar para tomar um banho, mesmo mancando e com dificuldades, retirei a camisa e entrei.

Péssima ideia!

O mar estava alto, eu desequilibrei e caí, as ondas me empurravam para mais fundo, eu rolei e me debati algumas vezes, não conseguia levantar, engoli muita água e já começava a me desesperar e aceitar que minha hora havia chegado.

Aqui jaz Miguel gostoso Novaes.

Fechei os olhos e um filme rápido passou em minha mente, aceitei que era a minha hora. De repente, senti meu braço sendo puxado, era ela, a minha Mariana, levou-me até a margem da praia meio desacordado. Eu disse só meio.

Senti lábios carnudos e macios nos meus, ela fez respiração boca a boca.

Depois dos lábios macios dela, eu fiquei totalmente consciente e aproveitei a situação, girei por cima dela, continuei com os lábios colados aos dela, mas, dessa vez, não em um movimento técnico, mas em um beijo ardente.

Ela tentou protestar e sair de meus braços, mas foi em vão. Logo, se entregou a um beijo longo e cheio de desejo. Ela correspondeu e gostou, eu sei que gostou. Meu corpo estremeceu com a proximidade do seu, senti um arrepio incomum e estava louco para estar dentro dela aqui mesmo.

Mas, como nem tudo são apenas flores, ela mordeu meus lábios na tentativa de cessar nosso beijo, poderia ter continuado, mesmo com a mordida, mas cessei, ela era arredia, saí de cima dela, e ela se levantou furiosa.

— Desgraçado, você está pensando o quê? — gritou histérica.

— Eu só queria agradecer por ter me salvado duas vezes, só isso.

— Não precisava ter feito isso.

Ela saiu enfurecida, eu levantei e tentei segui-la, ainda chamei seu nome, mas ela não respondeu ou olhou para trás. Ela foi muito mais rápida e desapareceu.

Não entendi a ira dela, fiquei um pouco frustrado. Passei as mãos pelos cabelos um tanto arrependido, mas bem pouco, pelo menos, dormiria com a lembrança do gosto dos seus lábios e do calor do seu corpo, além de totalmente certo do eu queria.

Aquela mulher será minha!



Passei o resto do dia sozinho ilha, nem sinal dela. Para minha sorte, ela havia deixado comida e água na cabana antes de entrar no mar para me salvar. Nunca uma mulher tinha reagido com tanta raiva e indiferença aos meus beijos, isso estava me deixando louco, colocando em dúvida meu poder e charme sobre o público feminino. Estava certo de que ela não era igual a nenhuma das mulheres que já conheci. Havia algo nela que me fascinava, não sei como explicar a atração tão insensata. Sim, insensata, mal a beijei e já estou com ela martelando meus pensamentos.

Passaram-se dois dias, e ela não apareceu. Já estava ficando preocupado, por dois motivos: estou do lado da ilha que é inviável atracar uma embarcação, e isso quer dizer que dificilmente outra pessoa me encontre. E o outro motivo é que, dormindo ou acordado, o rosto de Mariana me persegue, não consigo parar de pensar naqueles olhos, lábios e corpo que eu estava louco para tocar, beijar.

Porra! O que é isso, Miguel? Controle-se, homem. Pareço mais um adolescente apaixonado que o homem seguro que sou.

Eu disse apaixonado? Há muitos, muitos anos não falo essa palavra, na verdade, acho que estou confuso. Talvez o fato dela ter me salvado e cuidado de mim estivesse me deixando nessa confusão, deve ser apenas gratidão.

Mas que gratidão é essa? Sinto vontade de fodê-la, e não de dizer obrigado.

Porra! Estou pirando.

No dia seguinte, quando despertei, tinha comida e água na frente da cabana, além de alguns objetos de higiene pessoal. Ela se preocupou comigo, confesso que não sabia se era um bom sinal, se ficava feliz ou preocupado. Eu não estava sabendo lidar com ela, decifrar os seus desejos e sentimentos. Não sei o que Mariana deseja, preciso de mais tempo ao lado dela, preciso descobrir como conquistá-la. Todos os meus modos de conquista pareciam em vão para ela, tinha que encontrar um outro modo de me aproximar e aguardar o momento exato para dar o bote.

Passei o dia entediado e pensando no que poderia fazer, ela havia deixado uma camiseta branca, peguei um galho de árvore, finquei em frente à cabana com a camisa junto, como se fosse uma bandeira de paz. Escrevi na areia “desculpe-me”, antes de dormir.

Eu suponho que ela tem vindo bem cedo, antes mesmo de eu acordar. Então, se viesse no dia seguinte, ela leria minha mensagem. Dormi animado com a ideia e torcendo para que ela aceitasse meu pedido de desculpas.

Despertei cedo, antes do dia raiar. Acompanhei o nascer do sol, saí da cabana e sentei-me em uma pedra na lateral, debaixo de coqueiros. Queria vê-la chegar, observá-la, surpreendê-la, talvez.

Meu joelho ainda doía, mas consegui me acomodar de modo confortável. Cerca de meia hora depois, ela apareceu, tão linda e graciosa que ganhei o dia apenas por vê-la chegar. Seu balançar era como notas de uma canção harmoniosa, seus cabelos compridos brilhavam e o seu vestido era largo, mas marcava bem suas curvas, meu pau acordou com a bela visão diante de mim.

Porra! O que é isso? Que poder ela tem? Como ela consegue fazer isso comigo?

Eu a desejava loucamente. O que está acontecendo comigo? Preciso assumir o controle novamente, acho que bati a cabeça com muita força e

esqueci de como não me envolver com uma mulher.

Ela parou em frente à cabana e olhou para a bandeira, leu o pedido de desculpas e sorriu. Ela sorriu! Bingo! Quase dou cambalhotas animado com o sorriso dela.

Se ela sorriu, é porque gostou, sinal de que estou no caminho certo. Ela deixou algumas sacolas em frente a cabana e se virou para o mar, aparentava estar preocupada, caminhou até a margem da praia, olhava atentamente.

Eu continuei sentando na pedra, entre as palmeiras, observando suas ações. Instantes depois, ela retornou para perto da cabana, novamente olhou o mar e colocou a mão na testa, ela estava preocupada, aproveitei a chance e saí lentamente da pedra, ainda com dificuldades e amparado pela muleta improvisada, tentei ser o mais silencioso possível.

Ela não percebeu minha aproximação, posicionei-me atrás dela, ela continuava aflita olhando para o mar.

— Bom dia, doutora — falei.

Ela se virou assustada, encarou-me rapidamente e depois desviou o olhar.

— Bom dia, Miguel, como se sente? — ela perguntou sem rodeios e com a mesma frieza de sempre.

— Eu estou melhor, doutora.

— Não precisa me chamar de doutora, chame-me de Mariana.

— Preciso te examinar novamente.

— Estou aqui, faça o que quiser comigo — falei, abrindo os braços.

Ela não disse nada, apenas voltou a perguntar friamente sobre meu estado de saúde:

— Tem tomado a medicação corretamente? Você precisa respeitar os horários, caso contrário, não fará efeito.

— Estou, sim.

Na verdade, eu esqueci os horários corretos e tomei de qualquer modo, não recordava mais a orientação que havia recebido. Ela falava sem me olhar nos olhos, isso estava me incomodando, precisava olhá-los.

— Preciso que se sente, quero avaliar o ferimento da sua testa.

— Sim, senhora.

Caminhei e sentei em uma pedra próxima da cabana, ela me seguiu e começou a examinar o ferimento da minha testa, as mãos dela estavam frias, parecia estar nervosa. Ficamos tão próximos que consegui sentir seu aroma floral e seus belos seios arfando descompassadamente bem na altura dos meus olhos, não tinha como não observar.

Caralho! Precisei de muito autocontrole para não a agarrar.

Senti um desejo louco de beijar, morder e chupar seus belos seios. Fechei os olhos na tentativa de não ver o espetacular par de seios me provocando. Foi difícil, já que o volume da minha bermuda denunciava minhas intenções para com ela.

Continuei de olhos fechados e tentei pensar em qualquer outra coisa para afastar esse desejo louco e avassalador.

— Algum problema, Miguel? Está doendo?

Ela perguntou ao me perceber de olhos fechados.

— Sim, muito.

Respondi mais rápido do que minha mente pode raciocinar. O que estava doendo não era minha testa, e sim meu pau, que latejava louco por ela.

— Pensei que já estivesse bem sarado, eu não imaginei que ainda estivesse doendo.

— Desculpe, aí está bem, não dói mais — tentei corrigir e abri os olhos

para a olhar.

Ela segurou em meu rosto e nossos olhares se conectaram sem medo, ainda estava sentado na pedra, não queria nem mesmo me mexer para não perder esse momento, esqueci até de respirar. Passamos alguns instantes presos nessa troca de olhares, como ela era linda e como eu estava louco por ela. Ela desviou o olhar, baixou a cabeça e tentou disfarçar.

— Seu joelho ainda está muito inchado — disse, tocando meu joelho.

— Sim.

Por que ela fugia? Será que ela tinha alguém? Eu senti, durante nossa troca de olhares, que ela sentia algo, não sei se desejo, mas ela sentia algo por mim. Eu estava resistindo, tentando não partir para cima dela, mas estava difícil.

— Ainda teve febre? — perguntou.

— Sim, acho que duas vezes.

— Certo, continue com a medicação. Respeite os horários. Era somente isso.

Ela falou e virou as costas para partir, mas eu não poderia deixá-la partir, não agora sem confrontá-la, precisava daquele olhar novamente.

— Espere — segurei no seu braço —, eu preciso me desculpar, não deveria ter te beijado, talvez você já seja casada ou tenha alguém. Você está tão gentilmente cuidando de mim, peço que me perdoe pelos meus atos, e eu prometo que não vai mais acontecer.

Ela ouviu tudo atentamente e não disse uma só palavra. Soltei seu braço e me posicionei à sua frente, impedindo-a de partir. Ela estava cabisbaixa, como se o que eu havia dito houvesse magoado ou despertado lembranças indesejadas.

— Obrigado pelos cuidados, e eu prometo que não vou mais te tocar — reafirmei.

Ela me encarou e nada disse, apenas desviou o caminho e continuou andando, eu precisava ter uma conversa descente com ela, pelo menos entender o que acontecia com ela.

— Não vai falar nada? Eu estou me desculpando, no mínimo, deveria dizer algo.

Ela parou e virou-se para me olhar.

— Está desculpado e, não, não tenho ninguém e, se tivesse, não seria da sua conta. Agradeço muito se não me tocar novamente.

— Eu pensei que...

Ela me interrompeu.

— Não pense em mim como um alvo de conquista, sou apenas uma alma caridosa que se apiedou de você e o resgatou, unicamente isso.

Foi duro ouvir essas palavras, mas, a cada não que ela me dava, eu sentia mais vontade de tentar conquistá-la. Mais uma vez, ela partiu, e eu fiquei na ilha, sozinho, como nos demais dias. Ela aparecia rapidamente, apenas para deixar comida e água, trocávamos poucas palavras, e ela partia.

Sete dias se passaram desde o acidente, mas pareciam uns dois anos, estava completamente entediado pela falta do que fazer. Apenas o ar da graça de Mariana salvava meus dias e me fazia querer permanecer aqui.

A cada dia que passava, eu me encantava mais por ela, mas nada entre nós evoluiu, continuava do mesmo modo, ela me tratava friamente, mas, as poucas vezes que nossos olhares se encontram, eu percebi desejo neles.

Eu sentia que ela me desejava e estava confusa, evitava, a qualquer custo, a proximidade para disfarçar a atração entre nós, suas ações demonstravam algo que não condizia com nossas poucas trocas de olhares.

Meu joelho já estava quase recuperado, já não tinha mais febre ou tosses. Mariana costumava aparecer toda manhã, sempre bem cedo, mas hoje ela

ainda não havia aparecido.

À essa altura, suponho que já estejam procurando por mim, eu estava preocupado com minha família, meus amigos e até meus projetos. Antes do acidente, minha vida estava perfeita. Eu estava em uma ótima fase profissional, pessoal e, reconheço, até amorosa. Laura é uma mulher incrível, e eu estava envolvido, as coisas entre nós estavam fluindo bem. Depois de Cristina, foi a mulher que mais se aproximou do meu coração. E, de repente, tudo mudou drasticamente, Laura agora é apenas uma mera lembrança, graças ao maremoto chamado Mariana. Isso mesmo, desde que parei naqueles olhos, sofri uma lavagem cerebral, só conseguia pensar nela e concentrar minhas forças em conquistá-la, já nem me preocupava com a minha recuperação, apenas com ela.

Meu tempo estava acabando, minha recuperação já estava quase completa, faltava muito pouco para andar normalmente, faltava pouco para Mariana me levar até o cais mais próximo, e eu retornar para minha vida. Precisava agir mais rápido, necessitava de uma medida mais enérgica, estou certo de que nós só precisamos de um pouco de tempo a sós. Eu vejo no olhar dela que ela também me deseja, mas está resistindo, eu só não entendia o motivo. Eu prometi não a tocar e estava resistindo duramente, mas eu a queria, mesmo que tivesse uma única chance de descumprir minha promessa, eu faria.

Instantes depois, ela chegou, interrompendo meus pensamentos e atraindo toda minha atenção para ela.

— Bom dia, Miguel.

Ela falou e sorriu! Ela sorriu!

Poucas vezes, vi seu sorriso e iluminou meu dia. Fiquei tão admirado ao vê-la sorrindo que até esqueci de responder.

— Perdeu a voz? — ela perguntou com sarcasmo.

— Perdi, desde que a vi tão linda e radiante hoje. — Ela balançou a cabeça negativamente com um leve sorriso. — Desculpe, sei que prometi não

tentar te conquistar, mas foi inevitável. Você está ainda mais linda, se isso é possível.

Ela ruborizou, mesmo sendo uma cantada barata, era sincera. Realmente, ela estava especialmente linda hoje.

— Bem, passei para ver como está se sentido, será que já consegue andar para atravessarmos a ilha?

— Não, meu joelho ainda dói muito — menti descaradamente.

— Trouxe comida e água, deixarei na cabana, vou procurar conchas e depois vou embora.

— Posso acompanhá-la? — perguntei.

— Pode, mas andar pode prejudicar seu joelho e atrasar ainda mais a sua recuperação, melhor ficar em repouso.

— Eu vou andando aos poucos e parando, estou entediado sem ter o que fazer. Por favor, Mariana — insisti.

— Tudo bem — ela consentiu.

Saímos juntos, andamos pela margem da praia em busca das conchas, tivemos uma conversa informal e interessante sobre assuntos diversos, totalmente despretensiosa, entretanto, nossa conversa se resumiu mais aos meus questionamentos sobre ela. Óbvio que ela respondeu alguns e desviou da maioria deles.

Aos poucos, consegui quebrar a distância e a frieza com que ela me tratava. Foi um progresso, um passeio muito interessante, embora eu tivesse que fingir que estava mancando, foi muito proveitoso, ela era adorável, e eu finalmente senti que consegui evoluir um pouco mais.

Acompanhei-a em todo percurso e, depois, retornamos para a cabana.

— Pronto, está entregue;

— Obrigado pelo passeio, posso fazer uma última pergunta?

— Já fez tantas, o que custa fazer mais uma?

— O que faz com essas conchas?

— Na vila em que eu moro, existem muitas artesãs, inclusive eu. Fazemos bijuterias, peças de decoração, entre outros itens.

— Que mulher prendada. É médica, artesã e pescadora. O que mais sabe fazer além de me encantar?

Ela novamente ruborizou, quase pulei de alegria quando ela abriu um sorriso lindo e radiante.

— Acho que só.

Para minha sorte, os ventos ficaram muito fortes e começou a serenar levemente. Ela olhou o tempo e o mar que estava com ondas altas com preocupação e me encarou novamente.

— Acho melhor esperar um pouco, seria suicídio sair em uma canoa com os ventos fortes como estão.

— Que bom, os ventos vieram em boa hora, ficarei honrado em ter sua companhia, entre na minha humilde residência — disse e apontei para cabana, fazendo reverência para ela.

— Obrigada, senhor, mas ficarei somente até o tempo melhorar.

São Pedro, eu o amo, você é o cara!

Mal entramos na cabana e a chuva caiu forte, nunca tinha ficado tão feliz com a chuva como hoje. Não conseguia esconder meu sorriso bobo.

Conversamos sobre muitos assuntos. Como sempre, ela desviava e pouco falava sobre a vida dela, então conversávamos sobre aventuras vividas por ambos em alto mar e travessuras infantis. As horas passaram rapidamente na companhia dela, a chuva foi perfeita e não cessou nenhum instante, do modo

que eu desejava.

A noite chegou e, apesar de nossa conversa estar evoluindo bem, muito bem, ela demonstrou preocupação.

— Algum problema, Mariana?

— Anoiteceu e continua chovendo, já está ficando tarde.

— Passe a noite comigo.

Achei que ela se assustaria ou até se ofenderia com o convite, mas ela sorriu e apenas balançou a cabeça em sinal de reprovação, ou não, quem sabe?

Jantamos e continuamos conversando, os ventos fortes e a chuva não cessaram, o frio começou a visitar a simples cabana, ela já alisava os braços com frio e começou a bocejar. Não tinha ideia de que horas eram, estava tão interessado na sua companhia e na conversa que não estava com sono.

— Com frio? — perguntei.

— Um pouco — Ela sorriu.

— Posso aquecê-la? Não estou mal-intencionado, quero apenas ajudar — disse tentando omitir meu sorriso de satisfação e as minhas verdadeiras intenções.

Ela sentou-se ao meu lado, e eu a envolvi em um abraço. Sua pele era macia e deliciosa, e eu já estava louco para beijá-la. Ela deitou a cabeça em meu peito e aninhou-se em meus braços.

Ah! Como eu desejei tê-la aqui em meus braços.

— Melhorou? — perguntei.

— Sim, já está passando.

Nesse momento, roguei a São Pedro para que continuasse chovendo e a

temperatura caindo. Queria que ela continuasse nos meus braços.

Passei alguns minutos me contendo, até que não consegui resistir e alisei carinhosamente os seus longos cabelos. Ela não protestou, tentei avançar com meus carinhos, desci minhas mãos pelos seus ombros e senti sua respiração acelerar, em seguida, eu beijei sua cabeça, mas minha vontade era de beijar seu corpo todo.

Ela se afastou rapidamente, eu vi que continha desejo em seus olhos, mas, ao mesmo tempo, tristeza.

— Miguel, eu acho melhor ir embora.

— Você estará colocando sua vida em risco, não permitirei que vá — falei firme.

— Eu acho melhor que...

Coloquei os dedos em seus lábios para silenciá-la, ela fechou os olhos, e eu alisei seu rosto com as costas dos dedos, ela inclinou a cabeça para aproveitar meu carinho, depois se levantou e passou as mãos pelos cabelos aparentemente nervosa.

Eu levantei e me aproximei dela, segurei seu braço e virei-a para mim, enlacei as mãos em seus cabelos e puxei-a pela sua cintura bruscamente, ela deu um gritinho de susto. Eu vi medo nos seus olhos, talvez do nosso envolvimento, mas não me importei, coleí nossos corpos e tomei seus lábios, foi um beijo selvagem, sôfrego e o desejo explodiu entre nós.



O beijo era urgente, nossos corpos estavam colados, e eu já forçava a alça do seu vestido para despi-la, mas ela subitamente cessou o beijo e espalmou as mãos em meu peito, me detendo, impedindo o nosso desejo louco que nitidamente era mútuo.

— Miguel, é melhor não... — ela disse com a respiração entrecortada.

— Olhe em meus olhos, Mariana — ordenei segurando em seus pulsos.
— Por que resiste tanto, eu sei que você me deseja, não tente negar.

— Isso é loucura, Miguel, não podemos nos envolver.

— Loucura é não dar ouvidos ao que estamos sentindo. — Coloquei as mãos em seu rosto e levantei, forçando-a a me encarar. — Eu vejo no seu olhar, diz para mim que não estou maluco, você também me quer.

Não esperei sua resposta, beijei seus lábios castamente, e ela respirou profundamente, tentou resistir, mas nossos corpos pediam por isso, erámos puro desejo, seu corpo me atraía e seus olhos me prendiam, sua boca, voz, cheiro, tudo nela era sublime e me encantava a cada gesto, ação e olhar.

Estava tão perto de conseguir finalmente tê-la toda para mim, não poderia deixá-la fugir, não agora. Rapidamente, o beijo evoluiu e se tornou inevitável,

como o desejo avassalador que nos consumia, nos despimos com desespero e loucura. Meu coração estava acelerado, eu estava muito excitado, louco para estar dentro dela.

Cessei os beijos, descendo por seu pescoço, colo e seios. Ela arfava, completamente entregue. Posicionei-me atrás dela, afastei seus longos cabelos calmamente e beijei seus ombros e pescoço, trilhei beijos das costas até sua bunda esplendorosa, provocando-lhe arrepios.

Retirei sua calcinha lentamente, deixando-a completamente nua. Seu corpo era lindo, ela tinha a pele macia, tão lisa e gostosa que me enlouquecia.

Porra! Que mulher era essa?

Eu parecia um virgem e inexperiente, tão fascinado, tão preso, tão louco que não estava nem mesmo me reconhecendo, nunca mulher alguma me deixou nesse estado, nem mesmo na minha primeira transa.

Minhas mãos estavam trêmulas, meu corpo suava frio, minha respiração acelerada, a excitação e tensão eram tão grandes que só de observá-la nua, totalmente entregue, meu corpo inteiro estremeceu. Virei de frente para Mariana, ela permanecia parada, arfante e um pouco tímida, mas linda, doce e incrivelmente gostosa.

Alisei seu lindo rosto e desci a mão pelos seus seios empinados, firmes e volumosos. Continuei seguindo por sua barriga esguia e quadris, eu precisava tocá-la, eu desejei esse momento, mesmo louco de tesão, com meu pau a ponto de explodir, precisava senti-la, tocá-la era uma urgência e tê-la para mim, uma necessidade.

Passei alguns minutos apenas me deliciando com sua beleza, ombros delineados, cintura fina, quadris largos, pernas torneadas e longas. Realmente, ela era uma bela morena, uma perfeição e me deixava cada vez mais entorpecido de desejo.

Beijei novamente seus lábios carnudos, entrelacei as mãos em seus longos cabelos e deitei seu belo corpo sobre a pequena cama improvisada. Parei momentaneamente para observar seus lindos e negros olhos desnudos, vi

neles sentimentos, puros e singelos, sem qualquer disfarce, ela se entregou a mim de corpo e alma. Uma entrega tão verdadeira que foi como um cruzado de esquerda levando-me a nocaute. Era um misto de sentimentos tão intensos que me assustou, todas as minhas barreiras estavam destruídas, esses sentimentos eram inéditos para mim. Naquele sublime momento, percebi que não era apenas carnal, eu nutria sentimentos por essa mulher.

Deitei sobre seu corpo pequeno, primoroso, que se encaixou perfeitamente embaixo do meu. Beije seus seios, ela arqueou as costas, gemeu e os ofereceu para mim. Continuei descendo com beijos, mordidas e lambidas sobre sua pele deliciosamente arrepiada.

Quando toquei o seu sexo, ela deixou escapar um suspiro trêmulo, seguido de um gemido contido. Suguei, lambi com mais força, ela continuou gemendo e agarrou meus cabelos com força. Chupei duramente seu clitóris e senti seu corpo estremecer e explodir de prazer na minha boca, continuei sugando até o último segundo do seu prazer.

Levantei, lambi os lábios, e ela sorriu, respirando descompassadamente, deitei sobre ela e a beijei suavemente, ela estava de olhos fechados e, quando os abriu, vi tanta entrega que me perdi na imensidão do seu olhar, fiquei preso, inerte, fascinado com o que via.

Como ela conseguia fazer isso? Com apenas um olhar, me deixar completamente imóvel, venerando-a.

Beijei-a novamente e desci até seu colo, lambi seus mamilos e, em seguida, apalpei seus belos seios, ela murmurou meu nome. Roci meu pau completamente ereto e sedente de desejo em seu sexo, ela gemeu e mexeu os quadris, intensificando o atrito, embora prazeroso, eu não aguentava mais esperar e a penetrei fundo, louco de tesão.

Porra! Ela era gostosa demais.

Fiquei alguns segundos sentindo seu calor e me deliciando com prazer de estar dentro dela.

Desejei tanto esse momento que gostaria de prolongá-lo o máximo

possível, mas meu corpo não resistiria, comecei a me mover lentamente, e ela seguiu meu ritmo, abriu mais as pernas para melhor me receber dentro dela e moveu-se junto comigo prazerosamente.

O prazer aumentou tão rápido que era preciso interromper momentaneamente os meus movimentos, eu não queria atingir o orgasmo logo, precisava me deliciar um pouco mais. Ela era tão gostosa, tão quente, tão minha, tão deliciosamente molhada e perfeita que era impossível continuar resistindo por muito tempo.

Retomei os movimentos, e ela juntou-se a mim outra vez, deixando tudo mais intenso. Erámos dois corpos unidos e um único desejo, mas logo tornaram-se apenas um. Ondas de prazer percorreram meu corpo e não consegui mais me conter, fechei os olhos e explodi em um longo orgasmo, sendo seguido por Mariana, que gozou novamente gritando meu nome.

Meu coração estava disparado, nossos corpos suados e unidos, recuperando-se do intenso prazer, abri os olhos e vi a ternura e a doçura de mulher que me deixava cada vez mais preso em seu charme, contemplei sua beleza e descobri, nesse instante, que estava completamente rendido aos encantos dela.

Deitei ao seu lado e a puxei para meus braços, senti sua respiração desacelerar lentamente em pleno silêncio, apenas alisava seus cabelos. A chuva continuou forte, o frio começou a esfriar nossos corpos, abracei-a com mais força para aquecê-la e, desse modo, permanecemos por alguns instantes, totalmente envoltos em puro desejo e carinho mútuos.

Passamos a noite juntos, pouco falamos, eu nem queria falar mesmo. Nossa noite foi cercada de muito sexo e carinho. Eu pouco sabia sobre ela, mas queria saber mais, estranhamente, depois dessa noite, senti que meu coração só tinha espaço para uma única mulher.

Ao amanhecer, já estava sozinho, a chuva havia passado, mas o dia continuava nublado. Ela partiu? Saí da cabana para procurá-la, fiz uma rápida busca pela praia, mas não havia sinal dela, mais uma vez, estava só. Confesso que me encontrava um pouco preocupado, mas ansioso para vê-la novamente.

A manhã foi entediante, as horas arrastaram-se lentamente, caminhei pela praia desolado, se não fosse pela lembrança da noite passada que invadia minha mente a todo instante, estaria bem mais estressado.

Como ela era linda, fascinante, atraente e quanta entrega! Ela se entregou a mim como nunca mulher nenhuma foi capaz, isso me entorpecia, mas ao mesmo tempo que ficava em êxtase, também me assustava, nunca tinha sentindo emoções tão fortes em tão pouco tempo. Ela me fez esquecer até minha própria vida, já estava recuperado, em condições de atravessar a ilha e retomar minha vida, mas eu não queria, não agora, eu precisava conquistar Mariana antes de partir, ela precisava ser minha.

Próximo do fim da manhã, ela retornou linda e radiante, com o sorriso mais puro e singelo que já havia me dado. Ao avistá-la, meu sorriso foi automático e o meu dia ficou mais bonito, caminhei ao seu encontro cheio de saudades.

— Bom dia, Miguel.

— Bom dia, Mariana.

Alisei seus cabelos e a puxei pela cintura, coleí meus lábios nos seus em um longo beijo, ardente e cheio de saudades. Estávamos há poucas horas longe um do outro, mas parecia uma eternidade, e o meu corpo não resistia ao dela, não trocamos mais palavras, nossas bocas não disseram mais nada, estiverem ocupadas demais em nos proporcionar prazer. Transamos ali mesmo, na beira da praia, com o sol e o mar como testemunhas do nosso desejo louco e sentimentos que estavam surgindo e se intensificando.



Foram dois dias muito intensos, bem mais que a minha fantasia de estar acompanhado de uma bela mulher em uma ilha deserta. A cada instante ao lado dela, eu ficava ainda mais seduzido, como se isso fosse possível.

Meu interesse em Mariana só aumentava, bem como a curiosidade de

saber mais da vida dela. Confesso que já fazia muito tempo que não sentia vontade de ver uma mulher com tanta frequência. Juro que não estava me reconhecendo e, muito menos, entendendo o sentimento inesperado e descabido que reconheço ter por ela.

Depois que ela finalmente se entregou a mim, mostrou quem realmente era: uma mulher tão doce, carinhosa e amável, o que só me fazia desejá-la muito mais, com cada célula do meu corpo. Meus sentimentos estavam uma confusão, mas meu desejo era nítido e claro como água, eu desejava essa mulher como nunca na vida desejei outra.

Estávamos sentados na areia observando o sol se pôr. Depois de uma longa caminhada pela ilha, apreciávamos o espetáculo da natureza.

— Você já está bem, não acha que está na hora de retornar? — Mariana perguntou.

— Está me mandando embora, Mariana?

— Claro que não, mas acho que deve ter alguém preocupado com você, não?

— Está querendo saber se sou comprometido?

— Não é isso, só acho que deve ter alguém preocupado, você certamente tem uma vida, trabalho, parentes que devem estar loucos à sua procura.

— Não sou comprometido, se era isso que queria saber, pode ficar tranquila, mas você tem razão, devem estar me procurando, mas ainda preciso dos seus cuidados.

— Acho que meu trabalho já está completo. Não quer avisar a alguém? Sei lá, um telefonema, mensagem ou o que achar mais conveniente.

— Quero que venha comigo.

Ela sorriu e balançou a cabeça, como se não acreditasse nas minhas palavras, envolveu-me em um abraço tão terno que encontrei paz e seus braços.

Continuamos admirando a natureza à nossa volta. Namorando, claro! Sem preocupação com o amanhã. Estava tudo tão pleno ao lado dela que pouco me importei com o que futuro, precisava de mais, muito mais dela.

Retornamos para cabana no fim da tarde, aproveitei a noite em sua companhia; abraçados e deitados, observando as estrelas. Alisei seus cabelos até ela adormecer, como um anjo em meus braços.

Antes do dia amanhecer, despertei e a vi ainda dormindo, tão linda e tão minha. Alisei cuidadosamente seu rosto macio, e ela despertou, seus lindos olhos negros brilhavam, eu via neles que ela estava feliz, assim como eu.

— Perdeu o sono? — ela perguntou bocejando.

Continuei olhando-a impressionado como sua beleza que me encantava. Nesse instante, tive a certeza de que a queria ao meu lado, precisava retornar para minha vida, mas com ela ao meu lado.

— Venha comigo.

Levantei e estendi a mão para ajudá-la a se levantar, ela não entendeu muito bem, mas me seguiu. Saímos da cabana e, quando chegamos à praia, ajoelhei-me, peguei uma de suas mãos e disse:

— Mariana, quer namorar comigo?

Seus olhos brilharam, ela sorriu e se ajoelhou também. Beijou-me castamente, embora adorasse beijá-la, nesse momento, eu queria respostas.

— Eu fiz uma pergunta, não vai me responder?

Ela se levantou e ficou um pouco entristecida, não entendi o motivo, mas não queria vê-la triste. Levantei e toquei seu rosto, mantive contato visual.

— Acho que está se precipitando, não sabe quem sou — ela respondeu séria.

— Eu já sei o suficiente para ter certeza de que a quero ao meu lado.

— Miguel, eu não sou quem você pensa.

— Eu senti quem é você, e isso é o que importa. Agora, só responda minha pergunta, na verdade, eu até já sei a resposta, toda vez que olho nos seus olhos seus sentimentos transbordam, o desejo entre nós é evidente. Sei que não é apenas carnal, tem muito mais sentimentos envolvidos. Estou certo?

— Não posso negar, eu...

— Você está tão envolvida quanto eu, e a sua resposta é sim.

Puxei-a pela cintura, colei nossos corpos e inalei seus cabelos profundamente, seu cheiro era inebriante.

— Sim — ela respondeu com um sorriso singelo.

Sua resposta foi como música para meus ouvidos e alegrou a minha alma. Beijei-a novamente, porém senti que havia uma certa dúvida na sua resposta. Pode ser apenas insegurança, medo do desconhecido, ainda não nos conhecemos tão bem, mas isso resolveríamos com o tempo, estava decidido a retornar para minha vida com Mariana ao meu lado.

— Quero você em minha vida, quero vê-la com frequência, poder vir até sua casa ou a levar comigo para São Paulo, não sei como faremos. A única certeza que tenho é que quero você ao meu lado.

Eu estava eufórico e certo do meu pedido e da minha decisão, eu a queria ao meu lado e nunca estive tão convicto disso.

— Nós ainda não nos conhecemos, Miguel — ela argumentou.

— Não precisa se preocupar, nós teremos tempo para isso.

Beijei-a novamente, caminhamos pela praia, e eu fazia mil planos para nós dois, ela pouco falava, apenas sorria e me respondia com respostas monossilábicas. Percebi que seu comportamento havia mudado relativamente após o meu pedido de namoro, mas estava tão envolto que não dei muita atenção ao fato.

O dia foi interessante, mas tinha algo que a incomodava, não conseguia entender seu comportamento, mas, com toda certeza, havia algo errado. Fim da tarde, já retornávamos para cabana, não suportei ver seus olhos sem brilho e seu lindo rosto sem alegria.

— O que houve, Mariana, depois do meu pedido, você ficou estranha, tem algo errado?

— Não, Miguel, claro que não. Sentirei sua falta, apenas isso. Tenho certeza de que, quando retornar para sua vida, não lembrará mais de mim — ela respondeu e alisou minha barba, que já crescia um pouco desajeitada.

— Eu quero te levar comigo, estou sendo sincero.

Ela sorriu e ficou na ponta dos pés para beijar minha testa. Não tínhamos apenas tesão, tínhamos uma espécie de cumplicidade entre nós que me deixava cada vez mais interessado em levar adiante o que experimentávamos. Não sei se posso chamar isso de paixão ou amor, porque nunca permiti que uma mulher se aproximasse novamente desse modo.

Sempre evitei, a qualquer custo, envolvimento, mas com ela foi diferente, encantei-me desde o primeiro olhar, toque, beijo e até mesmo por suas tentativas de fuga, era algo totalmente novo para mim, a confusão de sentimentos e a vontade de vê-la diariamente.

Envolvi Mariana em um abraço e a surpreendi ao colocá-la em meu colo, levei-a para cabana, trocamos muitos beijos e transamos mais algumas vezes. No meio da madrugada, despertei e estava sozinho, saí da cabana para procurá-la e a vi dentro do mar, corri preocupado, mas ela estava bem, tão linda e perfeita que pensei que fosse uma sereia saindo do mar.

Mariana sentou-se em uma pedra, parecia pensativa, era uma imagem tão perfeita que receei interrompê-la, poderia observá-la por horas e não me cansaria, mas, o desejo falou mais alto e caminhei na sua direção tentando não ser percebido, mas ela me avistou admirando-a embasbacado.

— Calor, Mariana? — perguntei de posse de um sorriso malicioso ao me

aproximar.

— Sim, muito.

— Acho que tenho o remédio para isso.

Ela virou-se para mim, ainda sentada na pedra, colocou as mãos em meus ombros e alisou meu rosto. Ela estava completamente nua, deslizou as mãos em meu peito com malícia, olhei para suas mãos para ver onde elas alcançariam.

— Preciso descer, ajude-me — ela pediu.

— Claro.

Segurei na sua cintura fina e coloquei-a no chão, ela não perdeu tempo e já foi retirando a minha bermuda, ajoelhou-se diante de mim, encostou-me na pedra e alisou meu pau, que estava completamente ereto. Masturbou-o algumas vezes e, em seguida, lambeu e chupou duro, eu ofeguei e soltei um gemido entrecortado dos lábios.

Porra! Ela era muito boa nisso.

Com poucas manobras, mas extremamente habilidosas, tive que interrompê-la, não queria gozar na boca dela, embora estivesse muito prazeroso. Segurei em seus ombros e a levantei, colando nossos corpos. Girei para encostá-la na pedra, levantei sua perna esquerda e a encaixei no meu quadril.

Beijei seus lábios com desejo, descendo pelo seu colo e seios. Roci meu pau ereto e sedento em seu sexo, ela acompanhava meus movimentos, tornando-os ainda mais prazerosos. Penetrei e levantei sua perna direita para que ela se apoiasse totalmente em meu quadril. Ela começou com movimentos leves, eu apoiei as mãos na pedra para melhor segurá-la, logo seus movimentos se intensificaram e ela cavalgou freneticamente no meu pau.

Contive-me ao máximo para não gozar antes dela, era prazeroso demais

vê-la ardendo de prazer e gemendo descontroladamente. Eu não resisti mais e a onda de prazer tomou conta de todas as células do meu corpo, gemi, deliciando-me com mais um incrível orgasmo. Suspirei profundamente, ela ainda cavalgava e logo também se entregou ao prazer, segurei seu rosto para fitar seus olhos ardendo de tesão e desejo. Instantes depois, ela desabou no meu colo, exausta e plenamente satisfeita.

Ficamos abraçados na mesma posição por alguns minutos, enquanto nossos corpos se recuperavam do prazer.

— Podemos retornar ao nosso ninho?

— Óbvio, minha sereia.

— Sereia? Mais um apelido? — brincou.

— Sim, você tem a doçura de um anjo e a beleza de uma sereia. Como é impossível de isolar uma só característica, então você é uma mescla das duas coisas.

— Agradeço o elogio. Vamos entrar no mar?

— Sim, com você, é claro que sim, minha namorada.

— Claro, namorado.

Levei-a no meu colo para dentro do mar, curtimos por alguns minutos as ondas de encontro ao nosso corpo e, depois, retornamos para a cabana. Deitamos juntos e, antes de adormecermos completamente, ela alisou meu rosto e disse algumas palavras que o sono e o cansaço quase me impediram de ouvir, mas, as últimas, eu consegui entender.

— Adeus, Miguel.

Adormeci com um sorriso bobo, fitando seus lindos e negros olhos. Ela era meu anjo, minha sereia, minha namorada. Há muito tempo não me referia desse modo a uma mulher e, confesso, estava gostando muito da ideia de ter uma namorada.

Despertei atordado, ouvindo vozes e um barulho incomum, sentei-me e, quando abri os olhos, vi várias pessoas andando de um lado a outro e o César, meu amigo, vindo em minha direção. Eu ainda estava desorientado tentando entender o que acontecia quando ele entrou na cabana animado, gritando com euforia.

— Graças a Deus, Miguel, estávamos tão preocupados. Como está se sentido, cara?

— Como me encontraram? Onde está Mariana?

Levantei e olhei rapidamente em volta, tentando encontrar a minha sereia.

— Desde o seu desaparecimento, estamos te procurando, confesso que já estava perdendo as esperanças.

— Cadê a Mariana? — perguntei novamente.

— Quem é Mariana?

— A mulher que me resgatou, estava aqui nessa ilha comigo.

— Não tem ninguém aqui, Miguel, essa ilha é particular e inabitada, por isso, demoramos tanto pra te encontrar.

— Como não? Como acha que sobrevivi e consegui essas coisas — aponte para o pequeno balcão improvisado.

Estava completamente vazio, não havia mais garrafas de água, frutas ou vasilhas de comida. Simplesmente, nada, olhei minhas roupas, eram as mesmas que havia chegado até aqui. Saí da cabana e olhei em volta incrédulo, onde estava Mariana?



Havia um grupo de pessoas na ilha, todos me olhavam assustados. Olhei em volta, levantei e procurei por toda ilha, desesperado, ávido para vê-la, mas ela não estava e não havia um único indício de que um dia estivera aqui.

Corri até a pedra, a mesma que transamos na madrugada, não tinha uma pegada sequer ou marcas na areia que pudessem confirmar sua presença. César me seguiu em silêncio, observou-me atentamente a cada passo, preocupado.

— Miguel, nós atracamos do outro lado da ilha, atravessamos agora há pouco, rodamos tudo procurando por você e não encontramos ninguém.

— Ela deve ter ido buscar alguma coisa, ela vai voltar. Só saio daqui depois que ela retornar — falei com firmeza.

— Ela quem, Miguel? A tal Mariana?

— Sim, é claro. Eu preciso vê-la, ela precisa saber que irei embora.

— Miguel, vamos voltar para a cabana, acho que você não está passando bem.

— Eu estou bem, César, quero ficar aqui para vê-la chegar.

— Tudo bem, como preferir. Vou conversar com os pescadores e já volto.

Sentei-me na areia, olhando fixamente na direção que ela costumava surgir. César estava conversando com o grupo de pessoas que o acompanhava, e eu só pensava em uma coisa: Mariana.

À medida que as horas passaram, meu desespero e preocupação triplicaram. César já estava impaciente e tentava conter a equipe que o trouxe, pedindo calma. Eu estava confuso e um pouco atordoado, não queria aceitar o óbvio, talvez Mariana nunca houvesse existido, fora apenas fruto da minha imaginação, mas todas as vezes que eu fechava os olhos, os nossos momentos juntos vinham à tona, tão vividos, tão nítidos, tão intensos. Não poderia ter sido apenas um delírio, uma imaginação.

Eu a toquei, beijei, fodi e a desejei loucamente.

Eu estava totalmente certo do que havia vivenciado, sei que estava de posse das minhas faculdades mentais, ela era real, o que vivemos era real, o sentimento de vazio que existia agora no meu peito era real e legítimo.

Porra!

Minha cabeça latejava, doía, eu estava trêmulo, e o meu coração palpitava tentando entender o que havia acontecido e o motivo para ela ter desaparecido tão sorrateiramente.

Depois de muito pensar, abri os olhos e olhei para praia, vi Mariana saindo do mar com aquele sorriso encantador que alegrava minha alma, meu coração se encheu de alegria. Seu corpo tinha um balançado tão harmonioso que gastaria meus últimos minutos de vida para observá-la. Seus cabelos dançavam uma melodia que a brisa do mar compunha especialmente para ela, levantei e caminhei ao seu encontro.

Meu corpo estava pesado, minha cabeça girou, cambaleei, mas não desisti, continuei andando na sua direção. Ouvi vozes chamando meu nome, mas estava tão entorpecido com a visão da minha sereia, meu anjo, minha namorada, que não me atentei ao que as vozes diziam.

Continuei andando, já estava tão perto dela, estiquei a mão para tocá-la e, quando finalmente tocaria sua pele sedosa, minha cabeça girou, minha vista escureceu, e eu caí inconsciente nas margens da praia.



Despertei desorientado, estava extremamente claro, tentei abrir os olhos, mas eles estavam pesados. Estava deitado em uma cama macia, ouvia um *bip* constante que me lembrava o som de equipamentos médicos, e eu estava certo.

Finalmente, consegui abrir os olhos, mesmo com dificuldades para enxergar momentaneamente, devido à luz intensa do ambiente, consegui olhar em volta e constatei que estava em uma cama de hospital. Minha mãe estava na poltrona ao meu lado. Sentei calmamente e logo minha mãe veio ao meu encontro, abraçando-me desesperadamente.

— Graças a Deus, Miguel. Orei tanto por você — minha mãe falava soluçando e alisando meu rosto com os olhos cheio de lágrimas.

— Calma, mamãe, eu estou bem agora.

— Meu bebê.

Ela alisou meus cabelos e chorou copiosamente, creio que feliz com o meu retorno.

— Está tudo bem agora, mãe, onde está César? Preciso falar com ele.

Não tinha ideia de quanto tempo estava no hospital e, muito menos, do que ocorreu na minha ausência, minha única preocupação era saber de Mariana, eu precisava de notícias dela, César deve ter falado com ela depois que eu apaguei.

— Ele está lá fora prestando esclarecimentos à imprensa.

— Imprensa? — perguntei, estranhando o fato.

— Sim, meu filho, a notícia do seu desaparecimento foi manchete nacional, a entrada do hospital está cercada de repórteres.

— Ele não falou nada sobre a mulher que estava comigo?

Eu tinha esperança de que César pudesse ter deixado algum recado ou notícia da minha Mariana.

— Ah, Claro! Eu já a conheci e digo que faço muito gosto nesse relacionamento, ela é linda, educada e tão adorável — minha mãe falou com os olhos brilhando.

Fiquei animado ao ouvi-la, um sorriso, instantaneamente, estampou meu rosto.

Mariana veio junto, ela está aqui. Respirei aliviado.

— Ela está lá fora, saiu para comer alguma coisa, vou chamar, aposto que deve estar ansiosa para te ver.

Minha mãe saiu do quarto e os poucos minutos que passou fora pareciam uma eternidade, meu coração palpitava de ansiedade. Instantes depois, ela bateu à porta e entrou segurando alguém pela mão, mas meu sorriso se desfez ao ver quem era e constatar que a minha mãe se referia a Laura, e não a Mariana. Elas entraram e se aproximaram da cama, minha cara de decepção era aparente, mudou tão logo percebi o mal-entendido.

Laura, além de linda, era segura de si, e minha mãe não escondia a satisfação de estar de braços dados com ela. Parecia até que estava a conduzindo para o altar no nosso casamento. Pelo grau de intimidade que aparentavam, presumi que minha mãe já havia lhe dado infinitas recomendações, informações pessoais sobre meus gostos e desgostos, enchido de perguntas e, de quebra, deveria estar passando a lição de casa de como ser uma “nora perfeita”, do modo que ela sempre desejou.

Laura segurou minha mão e me encarou de modo tão amoroso que, com

toda certeza, me comoveria se não estivesse com Mariana no pensamento.

— Miguel, fico feliz que esteja bem.

— Obrigado, Laura.

Não consegui formular nada mais inteligente para dizer, eu ainda estava muito confuso com meu resgate e a ausência da Mariana.

Mesmo depois do nosso encontro, que, reconheço, foi muito interessante, eu e Laura parecíamos dois desconhecidos, ficou um clima estranho entre nós. Definitivamente, eu não estava me reconhecendo, logo eu que sempre prezei pela vida de solteiro e viver intensamente as aventuras amorosas.

Deveria estar mais animado, afinal o fato dela estar aqui provava que tinha interesse em continuar o que mal começamos, mas não, eu estava totalmente indiferente à presença dela, e isso me assustou, nunca havia passado por isso antes. Algo mudou em mim, eu não sabia explicar, não senti ânimo em rever uma mulher com quem tive uma boa foda.

Leitoras, como isso é possível? Eu não sei o que está acontecendo, isso é sério!

— Que cara é essa, Miguel? Achei que ficaria mais animado em ver Laura.

Uma mãe conhece bem sua cria, mas, certamente, estava com o semblante de desapontamento bem nítido, afinal não era a Laura que eu gostaria que estivesse aqui.

— Estou sob efeito de forte medicação, mamãe — menti, tentando me justificar.

Por que menti? Simples, de acordo com o manual do bom canalha escrito por mim, o artigo 158 diz: *Não se deve tratar mal uma boa foda sem ter outra certa.* Então, mesmo louco de preocupação pelo fato de não ter notícias de Mariana, não poderia destratar Laura, sem contar que mulheres nunca devem ser destratadas, merecem ser tocadas e tratadas com a delicadeza de

uma rosa.

Leitoras, aposto que já estão me maldizendo, estou certo? Já disse para não me julgarem precipitadamente.

— Fique tranquilo, Miguel, sei que ainda não está bem. Eu fiquei muito preocupada com seu desaparecimento. Vim logo que o César me ligou informando que havia o encontrado e, ao chegar aqui, eu conheci a sua mãe.

— Foi um prazer conhecer uma namorada do Miguel, já faz muito tempo que não conheço nenhuma delas.

— Mamãe, nós somos apenas...

Eu ia corrigir a afirmação da minha mãe, mas, antes de formular um argumento e formar um sorriso amarelo, Laura se encarregou de esclarecer.

— Dona Edna, nós somos apenas amigos.

Sorri em retribuição, tentando ser gentil. Minha mãe fez uma cara de decepção, mas logo foi substituída por alegria e uma certa euforia.

— Sinto cheiro de amor no ar. Sei que meu filho está apaixonado, eu o conheço muito bem, posso ver nos seus olhos. Quando falei que ia buscá-la, ele abriu um lindo sorriso e seus olhos brilharam.

Minha mãe estava certa, mas eu não estava enamorado por Laura, e sim por Mariana. E era ela quem me interessava nesse momento. Laura apenas sorriu intimidada e um pouco desconcertada, não adiantaria eu argumentar contrariamente, então apenas sorri e beijei a mão de Laura que continuava sobre a minha.

— Eu preciso ir agora, já sabe quando terá alta? — Laura questionou.

— Não sei, mas te mantenho informada.

— Eu faço questão de avisar, fique tranquila, Laura.

— Agradeço pela conversa e companhia, dona Edna, agora preciso voltar

à redação.

— Como estão as coisas por lá? — perguntei.

— Muito intensas sem a sua presença, esses dias foram de muita correria, mas conseguimos manter tudo nos eixos.

— Que ótimo.

— Agora, preciso ir. — Laura beijou minha testa. — Fique bem e me dê notícias.

— Darei. Até mais.

Laura saiu e minha mãe a acompanhou, deixando-me alguns minutos sozinho. Fechei os olhos e o rosto de Mariana se formou na minha mente. Minha mãe retornou, despertando-me das minhas lembranças libidinosas, estava acompanhada de César.

— Miguel, está melhor? — César perguntou.

— Sim, estou melhor. Mãe, pode nos deixar a sós um instante?

— Sim, meu filho, é claro. Vou informar ao médico que já acordou.

Aguardei minha mãe se retirar para perguntar sobre Mariana.

— César, você falou com a Mariana?

— Mariana? A mulher que você aguardava na ilha?

— Sim, é claro.

— Miguel — César respirou profundamente —, nós ficamos lá até o momento em que você passou mal e não apareceu ninguém.

— Como não? Eu a vi no mar, caminhei ao encontro dela antes de perder a consciência.

— Não havia ninguém, Miguel, eu e os pescadores que me acompanharam não vimos ninguém. Você levantou e caminhou para o mar, eu o chamei diversas vezes, mas você parecia estar em transe e não ouviu meus apelos. Corri para impedi-lo de entrar no mar e se afogar, mas, antes disso, você caiu desacordado.

— Não, não. Eu a vi, ela estava dentro do mar, estava vindo em minha direção. Você está brincando comigo, não é? — perguntei desesperado.

— Não, Miguel, estou falando a verdade, não vimos ninguém.

— Não pode ser.

Balancei a cabeça negativamente, estava incrédulo. Eu a vi, ela saía do mar sorrindo para mim. Como ele não viu isso?

— Miguel, você chegou aqui com sinais de desidratação e hipoglicemia. Eu receio que isso tenha sido apenas um delírio.

— Não, César, ela me resgatou, cuidou de mim e me alimentou. Como acha que sobrevivi? — retruquei angustiado.

— Miguel, você sofreu um acidente e bateu a cabeça muito forte, talvez tudo tenha sido fruto de sua imaginação.

— César, eu não estou maluco. Ela é real, nos falamos, nos beijamos....

— Transaram? — César perguntou, me interrompendo.

— Sim, transamos, e eu a pedi em namoro — afirmei.

César gargalhou, e eu fiquei sério, aguardando-o parar de rir, sem entender sua reação cômica, ou melhor, até entendia. Namoro é uma palavra fora do meu vocabulário.

— Você a pediu em namoro? Então só pode ser uma alucinação.

— César, estou falando sério — bradei.

— Desculpe, Miguel, mas você tem aversão a compromissos, não tive como não rir. Pense comigo, você está apaixonado e ainda por uma mulher que não existe? Isso é uma piada, não é?

— Claro que não. Mariana existe, e eu vou provar isso, não foi um devaneio, meu coração me diz isso. Estou certo de que ela existe.

— Pois eu não. — César riu novamente. — Olha, não sou de acreditar em lendas, mas, diante dessa história que está me contando, passei a acreditar, você deve ter sido encantado por uma sereia.

Nossa conversa foi interrompida pela minha mãe, que acompanhava um médico, ela entrou e sentou-se na poltrona ao lado da minha cama. O médico caminhou em minha direção, avaliou meu prontuário e perguntou:

— Como se sente, Miguel?

— Estou melhor, mas a cabeça ainda dói um pouco.

— É normal, você chegou aqui desidratado e com hipoglicemia, além de apresentar alguns hematomas pelo corpo. Fizemos alguns exames complementares, mas estão todos em ordem. Já está medicado e logo, logo terá alta.

— Que maravilha! — minha mãe exclamou.

— Obrigado, doutor.

— Doutor, uma pergunta, o quadro clínico do Miguel pode ter causado algum tipo de alucinação ou delírio? — César questionou.

— Sim, perfeitamente, por estar perdido em uma ilha, pode ter sido acometido por diversas enfermidades que possuem delírios como sintoma, dentre elas: a hipotermia, insolação, desidratação, febre, pneumonia e até a própria hipoglicemia, quadro que chegou aqui.

— Entendi, doutor, e agradeço os esclarecimentos — César disse e me encarou sério.

— Amanhã passarei para vê-lo novamente, mas, qualquer urgência, é só chamar. Com licença — o médico disse e saiu do quarto.

— Meu filho, quero que venha para o meu apartamento até estar plenamente recuperado.

— Não precisa, mamãe, eu estou bem e quero voltar para casa. Como está a Natália?

— Agora ela está bem, mas teve um surto psicótico quando soube do seu acidente, sentiu-se muito culpada pelo ocorrido, achou que o acidente foi culpa dela, porque você deixou de ir com seus amigos para vir socorrê-la.

— Ela não tem culpa, mãe, foi um acidente. Ela já está internada?

— Ela havia se negado a fazer o tratamento psicológico, e eu consenti, mas, quando ela soube do seu acidente, ela surtou, eu não tive escolha e a internei em uma clínica. Depois que ela soube que você foi encontrado vivo, ficou muito feliz e o diretor da clínica me informou que ela está colaborando com o tratamento, graças a Deus!

— Quando tiver alta, irei vê-la.

— Ela ficará muito feliz.

— Eu preciso ir, Miguel, quer alguma coisa? — César perguntou.

— Sim, traga-me todos os exemplares do “Diário Paulistano” e o exemplar do “Delator”. Preciso saber o que aconteceu na minha ausência.

— Muitas coisas, meu amigo, muitas coisas. Se antes já era conhecido, agora você é uma celebridade, está muito mais famoso que antes — César disse sorrindo.

— E a redação, como está?

— Muito tumulto sem você, mas conseguimos fazer um bom trabalho na sua ausência. O “Delator”, não preciso nem dizer, já sabíamos que seria sucesso e foi. Por isso, o seu desaparecimento foi manchete principal dos

grandes jornais do país. Muito se especulou sobre o seu desaparecimento, inclusive que estivesse ligado às denúncias publicadas por você, algumas matérias sensacionalistas afirmaram que o seu desaparecimento tinha sido uma espécie de queima de arquivo.

— Nossa! Estou surpreso, não esperava tanta repercussão, fique aqui e me atualize dos fatos.

— É, meu nobre amigo, Miguel Novaes é uma celebridade com direito aos seus quinze minutos de fama.

Ri do seu comentário, não era uma má ideia, desde que isso me trouxesse mais mulheres, consideraria algo favorável.

Eu estava mais calmo, mas ainda não conseguia aceitar que tudo que vivi foram meros delírios. Mesmo com toda explicação lógica do médico, eu não estava convicto de que foi apenas fruto da minha imaginação.

César me atualizou do ocorrido na redação durante a minha ausência e permaneceu por mais algumas horas me fazendo companhia. Fiquei animado com o resultado positivo do “Delator”, a redação continuou sob comando do Paulo e tudo transcorreu na mais perfeita ordem.

César me contou que minha bolsa com meus documentos e pertences foi encontrada próxima da lancha, que ficou bem avariada, por sorte, o dono da embarcação tinha seguro. Ele também trouxe o meu carro de volta para São Paulo e cuidou pessoalmente de todas as matérias que eu havia encaminhado para uma próxima edição do “Delator” e, com muita competência, conseguiu lançar a segunda edição.

César é um grande amigo e me relatou que fez parte das buscas que foram contratadas por Alexandre, já que as autoridades procuraram apenas os três primeiros dias. Felizmente, Alexandre contratou uma equipe de pescadores que conheciam a região para continuar as buscas por conta própria. César acompanhava-os em todas as viagens, sempre muito preocupado.

Toda essa repercussão sobre o meu desaparecimento ainda rendeu uma entrevista a uma emissora de televisão sensacionalista para Cristina,

apresentou-se como minha ex-noiva e até chorou alegando preocupação, óbvio que só desejava se promover. Até nessas horas aquele encosto quer se aproveitar.

Minha mãe cochilava no sofá e aproveitei para pedir um último favor ao César.

— César, eu preciso que retorne à ilha e deixe um recado meu lá.

— Você não ouviu o médico? Isso foi apenas um delírio de sua mente, Miguel, não existe Mariana nenhuma.

— Eu não estou louco, César, ela é real — insisti.

— Cara, estou começando a ficar preocupado com você.

— César, confie em mim, eu sei o que estou dizendo, preciso que deixe meu telefone na ilha, ela entenderá.

— Vamos fazer melhor, quando você estiver de alta, iremos lá pessoalmente. Ok?

— Tudo bem. Obrigado.

— Preciso ir, passei mais tempo do que deveria aqui com você. Amanhã volto para te visitar.

— Obrigado pela companhia, meu amigo.

Cumprimentamo-nos com um aperto de mãos e depois César saiu.

Eu demorei a pegar no sono, minha mãe ainda dormia tranquilamente. Eu não conseguia parar de pensar na Mariana, a todo instante, eu repassava nossas conversas em busca de alguma pista ou detalhe que pudesse me confirmar sua existência.

Lembrei-me de alguns pormenores, mas tinha tão poucas informações a seu respeito que seria praticamente impossível encontrá-la, mas estava certo de que iniciaria a investigação mais difícil de minha vida.

Não foi apenas um devaneio! Minha sereia existe!



Finalmente, tive alta, estava fisicamente bem, mas, mentalmente, ainda muito confuso com minhas memórias. Vivia um dilema sobre a existência de Mariana, eu estava convicto de tudo que vivemos, porém, à medida que os dias se passavam, minhas certezas se esvaíam.

Enfim retomaria minha vida frenética e voltaria para casa, já estava entediado por estar preso a uma cama de hospital e olhando sempre as mesmas caras.

César fez questão de me buscar e Laura o acompanhou, minha mãe, ao vê-la, até desistiu de me acompanhar até o meu apartamento, despedimo-nos na porta do hospital mesmo. Dona Edna fazia questão de deixar bem claro que fazia muito gosto do meu envolvimento com Laura.

Eu deveria estar mais animado com toda atenção e carinho com que Laura tem me tratado nos últimos dias, mas não consegui me animar. Antes do meu acidente, eu até senti vontade de sair com ela com mais frequência, mas não posso negar que estava desconfortável com a presença dela, havia um certo desinteresse da minha parte que eu até desconhecia. Não sabia explicar o real motivo, mas sentia que eu não era mais o mesmo.

Durante o trajeto até o meu apartamento, nossa conversa girou em torno apenas da redação e do meu estado de saúde. Não falamos mais sobre

Mariana, César não acreditava em mim e ainda tentava me convencer do contrário com argumentos médicos, até que bem convincentes, mas meu coração estranhamente não conseguia aceitar essa hipótese. Embora suas tentativas de me convencer do contrário foram inúmeras, eu não era capaz de aceitar que tudo que vivi na ilha foi apenas um mero sintoma das enfermidades que me acometeram.

Não pode ter sido apenas um delírio.

— Chegamos! — César falou ao entrarmos na garagem do meu prédio.

— Obrigado, meu amigo, sobem comigo? — perguntei gentilmente.

— Não, não. Preciso retornar à redação, Laura te fará companhia. — César falou com um sorriso malicioso, ele sabia que eu estava louco por ela antes do meu acidente.

— Até mais, César, eu te aguardo aqui para conversarmos melhor — disse e o cumprimentei.

— Com toda certeza.

César partiu, e eu e Laura subimos até o meu apartamento. Ela, muito prestativa, tomou a frente para chamar o elevador, abriu a porta do meu apartamento e fez questão de levar minha pequena mala.

Já em meu apartamento, ela entrou, abriu as cortinas, e eu me sentei no sofá. Ela veio ao meu encontro, linda como sempre, sentou-se na mesa de centro para ficar de frente para mim e alisou meu rosto carinhosamente.

— Precisa de ajuda para aparar a barba?

— Não se preocupe, farei isso logo. Obrigado pela preocupação.

— Eu fiquei muito preocupada com o seu desaparecimento. Quando cancelaram as buscas oficiais, fiquei muito apreensiva. Felizmente, Alexandre financiou as buscas por conta própria, e tivemos êxito ao te encontramos.

— Sim, sou muito grato por isso.

— Você tem alguma recomendação médica para seguir? — ela perguntou, desabotoando o primeiro botão da camisa lentamente.

Ela estava nitidamente tentando me seduzir, e eu confesso que, não sei como, estava completamente apático, mas tentei corresponder. Aproximei-me lentamente, fiquei na borda do sofá, tão próximo do seu rosto que senti seu perfume.

— Não tenho recomendações médicas, por que o interesse?

Fiquei bem perto dos seus lábios delineados evidenciados pelo batom acobreado.

— Nada, eu estava apenas pensando que talvez quisesse companhia para passar a noite.

Ela estava ruborizada e com um sorriso tímido nos lábios, alisei seu cabelo, ela era linda, interessante, inteligente e muitos outros adjetivos poderiam qualificá-la, mas, pela primeira vez, dispensaria uma mulher que, além de ter muitos atributos, já tive uma bela foda.

— Não sei se hoje sou boa companhia, mesmo que a companhia seja você. Eu realmente preciso dormir um pouco, aparar a barba, tomar um bom banho. Enfim, cama de hospital é terrível para um bom descanso — justifiquei.

— Entendo, Miguel, mas posso ficar uma pouco mais? Quem sabe conversarmos ou fazemos algo mais interessante.

Ela beijou meu rosto e, em seguida, meus lábios. Eu correspondi o beijo, mas não consegui evoluir como antes certamente faria, todas as vezes que cerrava os olhos, a imagem de Mariana surgia na minha mente, avivando as lembranças dos momentos que tivemos juntos.

Laura rapidamente retirou minha camisa, alisou meu peitoral e, quando já chegava ao botão da minha calça, eu a interrompi.

— Laura, por favor. Hoje não estou muito disposto.

— Desculpe, Miguel, pensei que estaria subindo pelas paredes.

— Preciso descansar, espero que compreenda.

Alisei seus braços e beijei sua testa carinhosamente. Ela ficou desapontada e me abraçou. Passamos longos minutos apenas abraçados, não achei justo transar com ela pensando em Mariana, Laura não merecia isso.

— Posso ficar aqui um pouco mais? — ela perguntou.

— Claro que pode.

— Gosto do seu abraço.

Eu não respondi, porque realmente não tinha o que dizer, desconhecia-me totalmente nesse momento. Eu não sabia como agir diante de uma situação inédita dessas. Logo eu, que vivia cercado de belas mulheres, vivia noite após noite cercado de belas mulheres e muito sexo, nesse momento, não sabia o que dizer.

Sempre fui um solteirão convicto com uma coleção de cantadas baratas, um manual do bom canalha e um apetite sexual insaciável, porém, agora, eu estava arrumando desculpas para dispensá-la, desculpas que sempre tive um repertório vasto disponível, mas que agora não conseguia proferir uma só.

E o pior de tudo é que eu estava dispensando um bom sexo. Por quê? Como isso era possível? Definitivamente, o Miguel que sempre fui ficou perdido naquela ilha e só o Miguel bundão foi resgatado. Preciso me encontrar novamente.

Respirei profundamente, tentei manter a mente limpa e assumir o controle novamente do Miguel cafaeste adormecido em mim. Laura permanecia nos meus braços e bastava eu fechar os olhos para as lembranças de Mariana remoerem minha mente. Foram noites intensas e prazerosas, meu pau começou a tomar volume nas calças com essas recordações, levantei rapidamente na tentativa de que Laura não percebesse minha ereção e

entendesse de modo errado.

— Algum problema, Miguel? — ela perguntou apreensiva.

— Não, Laura, só preciso de um bom banho, peça uma pizza para nós, se quiser ficar, é claro — respondi e já saí na direção do meu quarto.

— Podemos sair para comer fora, não acha melhor?

— Pode ser.

Entrei em meu quarto, joguei-me na cama e passei as mãos no rosto confuso e um pouco amedrontado.

O que estava acontecendo comigo? O que Mariana fez comigo?

Eram tantas perguntas e nenhuma resposta que eu já estava ficando louco. Nunca havia passado por algo do gênero. Talvez, espairar e sair me ajudasse, precisava ver pessoas.

Entrei no banheiro, aproveitei para aparar a barba, tomei um longo banho e me vesti. Ao retornar para sala, Laura continuava à minha espera, sentada no sofá, lendo, pacientemente, um dos jornais que César me trouxe.

— Uau! Está bem melhor assim — Laura falou, interrompendo sua leitura e caminhando ao meu encontro.

Ela se aproximou e segurou meu rosto entre suas mãos, deu-me um beijo nos lábios e, em seguida, inalou meu perfume no pescoço.

— Estou me sentindo bem melhor agora.

— Feliz em saber disso.

Laura acrescentou com um sorriso provocador.

— Sei que ainda é cedo para curtir a noite, mas podemos ir agora? Gostaria de passar na redação primeiro e depois saímos para dar uma volta, o que acha?

— Gostei, embora ache que precisa de repouso — Laura argumentou.

— Sim, mas necessito urgentemente sair, ver pessoas, barulho, prédios, buzinas e tantas outras coisas típicas das grandes metrópoles. Estou sentindo falta da vida frenética de São Paulo.

— Tudo bem.

Passamos primeiramente na redação, chegamos praticamente no final do expediente. Respirei aliviado ao colocar os pés no andar da minha sala, como eu senti falta disso tudo! Essa era minha vida, tudo que sempre gostei de fazer profissionalmente estava aqui.

Fui recebido com aplausos pela minha equipe e com vários cumprimentos e abraços calorosos. Senti-me muito bem em poder retornar à redação. Logo, Alexandre e Paulo vieram pessoalmente me cumprimentar, pude agradecer ao Alexandre por ter financiado as buscas que obtiveram êxito ao me encontrar.

Depois dos meus agradecimentos, Alexandre e Laura se retiraram para conversar, eu entrei na minha sala, seguido por Paulo.

— Miguel! É bom vê-lo, mas não esqueça que ainda está de atestado médico — Paulo me advertiu.

— Sim, é claro. Queria apenas passar por aqui para ver como está tudo, estava com saudades da redação — falei orgulhoso, olhando pela grande janela de vidro que dava acesso à redação.

Todos já haviam retornado aos seus afazeres, e eu estava absorto, observando a agitação de sempre, eu adorava esse frenesi e a rapidez com que tudo ocorria. Eu me sentia em casa, meu trabalho era uma das coisas que mais me dava prazer na vida. Claro que o sexo estava em primeiro lugar, mas eu estava muito satisfeito com a minha profissão.

— Como está se sentindo?

— Muito bem, Paulo. Obrigado.

— Feliz em saber que está bem. Já sabe do sucesso do “Delator”?

— Sim, César já me atualizou de todos os detalhes durante minha ausência.

— Espero que tenha ficado satisfeito com a edição que o César conseguiu publicar.

— Sim, ele fez um bom trabalho.

—Você está em condições de produzir a próxima edição ou acha melhor interromper as publicações até o seu retorno?

— Sim, não podemos interromper, as duas edições que publicamos são apenas o início das minhas investigações, tenho muito mais para publicar. Pretendo checar pessoalmente apenas um último contrato que envolve uma compra de medicamentos e equipamentos médicos para um grande hospital e, quem sabe, coletar alguns depoimentos, já tenho algumas fotos e depoimentos de pacientes bem impactantes. Tentarei coletar da equipe médica, caso eles estejam dispostos a colaborar com as denúncias.

— Perfeito, Miguel, tenho certeza de que será mais uma edição de sucesso.

— Certamente.

Laura bateu à porta, que estava entreaberta, acenei com a cabeça, e ela entrou.

— Atrapalho? — ela perguntou.

— Não, entre. Já estava de saída — Paulo respondeu.

— Mantenho contato, Paulo.

— Tudo bem, Miguel, aproveite seu afastamento para repousar e descansar a mente.

— Farei isso — respondi, estendendo a mão para cumprimentá-lo.

Paulo saiu e trancou a porta, Laura parou na minha frente e abriu um largo e lindo sorriso que me desconcertou.

Porra! Eu não merecia esse sorriso, hoje não! Meus pensamentos e desejos nesse momento só tinham uma dona: Mariana.

— Acho que já podemos ir — ela disse e me beijou castamente.

— Eu quero apenas responder alguns e-mails, se não se importar.

— Tudo bem, irei pra minha sala e, quando terminar, você me encontra lá.

Acenei com a cabeça afirmativamente, e ela saiu, detive-me aos meus e-mails, tinha uma infinidade deles, tentei avaliar rapidamente apenas os mais relevantes, selecionei alguns urgentes e os respondi.

Passei um tempo entretido com as inúmeras mensagens, tanto que não percebi as horas passarem, quando levantei, a redação já estava vazia. Desliguei tudo e fui até a sala de Laura para buscá-la.

Ela vestia somente uma saia e a fina blusa que usava por dentro do blazer, levemente transparente, marcando seus belos seios, entrei e a observei por alguns instantes entretida com seu trabalho, essa visão deveria me deixar louco para jogá-la na mesa e foder até o suor cair, mas não, eu não a desejava mais como antes.

Como não? Que saudades do Miguel cafajeste! Preciso encontrá-lo novamente.

— Miguel, estava tão distraída que não percebi você entrando.

— Não se preocupe, é sempre um prazer te observar.

— Estou finalizando uma matéria, se importa de me aguardar um instante?

— Claro.

Sentei-me na poltrona próxima da porta, observei-a trabalhando, tão elegante e sexy, mas não me despertou interesse. Como explicar meu desinteresse? O que estava acontecendo comigo? São perguntas que eu não tinha respostas, estava muito confuso com tudo isso.

Instantes depois, ela desligou o computador, recolheu seus pertences e veio ao meu encontro.

— Podemos ir.

— O que quer fazer hoje?

— Não faça uma pergunta que já sabe a resposta.

— Vamos dar uma volta — disse, abrindo a porta para ela.

— Vamos, estou ao seu dispor, Miguel.

Era a frase que eu mais gostava de ouvir dos lábios de uma bela mulher, mas, dessa vez, eu não tive prazer em ouvi-la. Ainda assim, peguei sua mão e saímos da redação.

Era início da noite, eu queria caminhar na avenida Paulista, estacionamos o carro e caminhamos por alguns minutos, Laura me acompanhou no pequeno trajeto que fizemos. Parei no meio da calçada, ajoelhei-me e abri os braços em agradecimento por estar aqui de volta e com saúde. Era bom demais ter a minha vida de volta, mas eu sentia falta de algo, havia um vazio no peito deixado pela Mariana.

Retornamos para o meu carro e vagamos por algumas horas pelas ruas de São Paulo. Senti falta da multidão, da vida agitada, dos sons urbanos, engarrafamentos e tantos outros problemas intrínsecos de grandes cidades, por incrível que pareça, senti falta de estar preso em um engarrafamento.

— Quanta falta senti de tudo isso.

— De engarrafamento? — Laura perguntou descrente.

— Sim, de engarrafamento, multidão, poluição, buzina e todos os

problemas que a vida nas grandes cidades nos proporcionam.

— Pelo menos está conseguindo matar a saudade de tudo que gosta em um único passeio.

— Quase tudo! — lancei um olhar provocativo para ela e alisei sua coxa.

Ela sorriu e continuamos nosso trajeto. Estávamos próximos de um barzinho que eu gostava de frequentar, lá sempre tinha um bom rock nacional rolando, e eu adorava uma boa música, uma boa companhia e uma boa cerveja.

Chegamos ao bar e sentamos à mesa, as horas passaram voando com som de boa música, conversa e boa bebida. Conversamos por longas horas, a conversa com ela era sempre muito boa, tínhamos muitos gostos semelhantes e nos entendíamos muito bem, apesar do pouco tempo que nos conhecíamos.

A noite estava ótima e tudo indicava que terminaríamos na mesma cama. A conversa e companhia de Laura me fizeram esquecer Mariana, pelo menos por algumas horas, ou era o álcool, já não sei ao certo.

Aproximei minha cadeira da dela e a beijei, precisava voltar a ser quem eu sempre fui e retomar minha vida, esquecer o que acho que vivi.

Interrompi nosso beijo, ainda de olhos fechados, segurei seu rosto afilado, a letra da música que era tocada me acertou em cheio. Tocava “Hoje a noite não tem luar”, da Legião Urbana, minha banda favorita, por sinal.

Lua de prata no céu

O brilho das estrelas no chão

Tenho certeza que não sonhava

A noite linda continuava

E a voz tão doce que me falava

"O mundo pertence a nós!"

E hoje à noite não tem luar

E eu estou sem ela

Já não sei onde procurar

Não sei onde ela está.

— Está se sentindo bem, Miguel? — Laura perguntou.

Droga!

Fiquei em silêncio, absorvendo os versos da canção, ela me lembrava muito o que vivi com Mariana, como nos versos da canção, eu tinha certeza de que não sonhava, o que vivemos foi real, mas eu não sabia onde ela estava.

Um turbilhão de pensamentos e lembranças rapidamente tomou minha mente, recordei da primeira vez que eu beijei Mariana e, ao abrir os olhos, Laura me observava com preocupação, fiquei sensibilizado com seu olhar de real preocupação, não era justo estar ao lado dela com outra no pensamento e coração.

— Laura, eu estou um pouco tonto, acho que bebi demais.

— Tudo bem, eu te levo pra casa.

Ela levantou e foi até o balcão pagar a conta, eu a acompanhei. Mal dei dois passos na direção de Laura e estagnei impressionado com o que via, minha respiração acelerou, meu coração palpitou, esfreguei os olhos para ter certeza do que via, avistei, próxima à porta de saída, uma linda morena de cabelos longos e brilhantes de costas para mim.

Era ela! Mariana, minha namorada!

Caminhei apressadamente, segurei seu braço e disse firmemente:

— Nunca mais vou deixar você partir.



A bela mulher se virou assustada, mas, ao me ver, sorriu gentilmente, eu fiquei embasbacado e, para minha infelicidade, não era ela.

— Oi, gato, não precisa se preocupar, não vou a lugar nenhum.

— Desculpe, moça, pensei que fosse outra pessoa.

Larguei o braço dela e retornei para a mesa desapontado, avistei Laura me procurando apreensiva, próxima ao balcão. Caminhei ao seu encontro determinado a reviver meu lance com ela. Mesmo estando certo do que tinha vivido com Mariana, começava a colocar em dúvida todas as frequentes memórias que perturbavam minha mente. Pela primeira vez, comecei a dar razão ao óbvio, não passava de devaneios, e eu precisava tirá-la da minha cabeça.

Aproximei-me de Laura e beijei seus lábios com loucura, ela correspondeu e logo o desejo evoluiu entre nós, mas como ela havia percebido minhas esquivas, estranhou minhas ações.

— Está tudo bem, Miguel?

— Sim, melhor do que nunca. Vamos retornar para o meu apartamento.

Ela abriu um sorriso largo, nitidamente feliz com a minha ordem. Peguei sua mão e saímos do bar, ela preferiu dirigir, e eu concordei.

Mal entramos no apartamento e já tomei seus lábios em um beijo intenso. Nossas mãos já trabalhavam arduamente para nos livrar das roupas. Eu nem sei por que eu estava fazendo isso, talvez por pura necessidade sexual ou porque eu realmente ainda desejava Laura.

Eu estava confuso, mas, ainda assim, Mariana dominava meus pensamentos, mesmo tentando evitá-los e convencido a esquecer a mulher que me deixou nessa confusão, era o corpo dela que eu gostaria de estar tocando nesse momento, era a boca dela que eu queria na minha agora.

Beijei Laura como se estivesse beijando Mariana, toquei-a como se fosse a minha sereia, mesmo que tentasse evitar, era mais forte do que eu, era errado e injusto com Laura, mas eu precisava tentar esquecer meus dias na ilha e retomar minha vida.

Interrompi nossos beijos quentes, senti-me péssimo, como se tivesse enganando Laura. Respirei fundo e fui até o bar, tomei mais duas doses de uísque, gole após gole.

Laura permanecia na sala, observando-me em silêncio, depois, se aproximou, mas não tomou mais iniciativa. Apenas conversamos bobagens quaisquer. Continuei bebendo, já estava levemente embriagado.

— Acho que você já bebeu demais, Miguel.

Laura retirou o copo da minha mão e me beijou suavemente. Desceu as mãos pelo meu peito, ainda sem camisa, deslizou suas macias e habilidosas mãos até a borda da minha calça, desabotoou com um sorriso lascivo nos lábios, e eu a interrompi, fechei os olhos e pensei por alguns instantes, procurando o Miguel cafajeste dentro de mim, precisava assumir o controle de mim mesmo.

Depois de alguns instantes, abri os olhos e retribuí seu sorriso com outro provocante, puxei-a para junto do meu corpo e beijei seus lábios longamente. Coloquei-a no meu colo e levei para o meu quarto, joguei-a em minha cama,

e o sorriso dela de satisfação lembrou-me Mariana.

Porra! Outra vez, não.

Fechei os olhos e me concentrei somente na lembrança do corpo esbelto e maravilhoso de Laura diante de mim. Minha cabeça girou, mas me mantive de pé, eu estava bêbado e o álcool já limitava minhas ações. Lembro-me apenas de procurar por preservativos e da nossa primeira transa, que foi puramente mecânica, depois disso, apaguei completamente.

Despertei com uma baita dor de cabeça, completamente nu e envolto nos meus lençóis. Laura já não estava ao meu lado, levantei, tomei um banho, escovei os dentes e, depois de vestido, fui até a sala procurá-la.

Laura estava na cozinha, falando no celular com alguém, aproximei-me do balcão que tinha omeletes, café, queijos e frutas. Nem eu sabia que tinha tantas opções na minha geladeira. Sentei-me, e ela, ao perceber minha presença, sorriu e continuou ao telefone, mas logo desligou.

— Bom dia, namorado!

A última palavra foi pronunciada com uma certa animação por ela, mas, para mim, nem tanto.

Porra! O que eu disse a ela?

Fiquei apreensivo só de pensar que poderia ter trocado o nome dela. Mariana estava tão presente em minhas lembranças e ontem eu estava alcoolizado, talvez tenha falado demais.

— Bom dia, Laura, dormiu bem?

— Sim, maravilhosamente bem.

Ela veio na minha direção, deu-me um beijo casto nos lábios e sentou-se ao meu lado, virei para ficarmos frente a frente, avaliei-a com cautela e, de certo modo, preocupado com essa conversa de “namorado”.

— Eu acho que bebi demais ontem.

— Concorde, você estava muito diferente ontem, acho até que deve beber com mais frequência, estava carinhoso e especialmente atencioso, chamou-me de meu anjo, sereia e até de namorada. Falou que estava louco de saudades e provou muito bem as suas palavras.

— Sério?

No alto da minha embriaguez, eu dei tudo de mim achando que estava com Mariana, todo o carinho e sentimento demonstrados não foram para Laura, e sim para a sereia que me encantou, confesso que ainda estou preso aos seus encantos, mesmo que queira evitar. Depois que vi a mulher no bar, com quem a confundi, decidi esquecê-la, mas não fiz o certo usando Laura. Senti-me mal por isso, embora eu precisasse apagar essas lembranças da minha mente, não era o certo fazer isso com álcool e sexo com outras mulheres.

— Eu preciso ir, tomei a liberdade de comprar algumas coisas, sua geladeira estava vazia. Nos vemos mais tarde?

Laura perguntou, bebendo o último gole do seu café.

— Não, hoje terei um dia cheio, possivelmente só retorne tarde da noite. Preciso averiguar umas denúncias.

— Tudo bem, mas me dê notícias, por favor.

Confirmei com a cabeça, Laura levantou-se, e eu a segui até a porta. Trocamos um beijo rápido em despedida.

Tranquei a porta e voltei pensativo, distante e desorientado. Achei que talvez o envolvimento com ela me fizesse bem, mas estava surtindo o efeito contrário, estou cada vez mais confuso e menos interessado em Laura.

Passei a manhã envolvido na leitura das edições do “Diário Paulistano” publicadas durante a minha ausência, para minha sorte, transcorreram na mais perfeita ordem. As duas edições do “Delator”, foram muito boas, e a repercussão muito positiva.

Liguei meu *notebook* para ler alguns sites de notícias e encontrei várias sobre o meu desaparecimento, foi noticiado em portais de notícias do mundo todo, confesso que fiquei surpreso com tamanha repercussão.

Próximo do meio-dia, fui até a casa de minha mãe para almoçarmos juntos e visitarmos Natália após o almoço. Eu queria ver minha menininha pessoalmente e adoraria ver novamente a docilidade que sempre teve.

Ao chegar em nossa antiga casa, demorei alguns minutos dentro do carro, observando os pequenos detalhes da construção. Relembrei algumas aventuras de quando era garoto. Passei bons momentos aqui, sempre gostei do bairro e da vizinhança, mudei-me apenas por conta do meu trabalho, minhas investigações são sigilosas e, de certo modo, oferecem risco à minha vida, lido com graves denúncias e, por isso, optei por me afastar daqui, uma forma de mantê-las longe da lama de sujeira que investigo, não quero que elas corram risco.

Enfim, saí do carro e, antes de tocar a campainha, minha mãe apareceu na janela e, ao me ver, abriu um lindo sorriso e correu para porta para me receber.

— Meu filho!

Ela abriu a porta com um sorriso animado e me abraçou forte.

— Calma, mamãe.

— Que felicidade te receber em casa novamente.

— Você sabe por que venho pouco aqui, mamãe.

— Eu sei, eu sei, mas eu sou mãe e sinto sua falta, meu filho. Vamos entrar, você já almoçou? Fiz seu prato preferido, parece que estava adivinhando que me visitaria.

— Não brinca? A senhora fez virado à paulista? — perguntei eufórico.

— Sim, Miguel. Vamos, entre, entre.

O cheiro vindo da cozinha estava ótimo, estava farto de comida de hospital, e minha mãe era uma exímia cozinheira, sem contar que eu estava faminto. Já fomos direto para a cozinha, e ela nos serviu, delíciei-me com a sua comida, junto com boa conversa e recordações de família.

Tirei um cochilo no meu antigo quarto, que ainda continuava do mesmo modo, intocável. Era muito bom poder estar em casa, dormir na minha antiga cama, a mesma que tantas vezes sonhei em ter a estabilidade financeira e prestígio que tenho hoje. Sem contar que ter os cabelos afagados pela minha mãe era muito bom. Sim, eu fui filho único bastante tempo, então era um hábito dormir com o acalanto da minha mãe.

Não riam, leitoras. Qual o problema nisso? Sabem o quanto gosto de mulheres e que vivo cercado por muitas delas, mas nada se compara ao respeito e profunda admiração que tenho pela minha mãe.

Ela sempre foi uma mulher de muita fibra e garra, com caráter inexorável, assim como meu pai, sempre foram meus espelhos de integridade e honestidade. Mas, como toda família sempre tem uma ovelha negra, Natália resolveu encenar esse papel. Embora agora, creio eu, ela esteja saindo de cena e voltando a ser quem sempre foi, minha menininha meiga e amável.

Tirei o dia para elas, minha mãe me acompanharia até a clínica que Natália estava internada, no fim da tarde saímos para visitá-la. A clínica ficava em uma propriedade rural um pouco afastada da Vila Matilde, bairro que minha mãe e Natália moravam.

Durante o trajeto, minha mãe aproveitou para perguntar sobre a sua “nora”, mesmo enfatizando que eu e Laura erámos apenas colegas de trabalho, ela fazia inúmeros planos para nosso suposto casamento. Pouco dei ouvido aos seus delírios, na verdade, meu pensamento estava muito longe.

Eu estava tentando, de todas as formas, manter a mente ocupada para não lembrar de Mariana, mas era praticamente impossível, sempre que relaxava, as lembranças do que vivemos invadiam a minha mente de um modo tão forte e vívido que não conseguia me abster da lembrança e muito menos aceitar que ela nunca existiu.

— É aqui, Miguel, chegamos.

Minha mãe interrompeu meus pensamentos ao mostrar nosso destino. Estávamos diante de um muro alto que demarcava o início da propriedade. Alguns metros à frente, tinha um enorme portão, ela apresentou um cartão que nos liberou o acesso.

Era uma propriedade grande com lindos jardins e imensas árvores frondosas e frutíferas, havia também um pequeno lago, com as margens gramadas e algumas esculturas de pedras. A clínica ficava bem no centro da propriedade, era de três andares, janelas de vidros, tudo muito limpo e organizado.

Estacionei o carro e parei para admirar atentamente a bela propriedade, embora parecesse tudo na mais perfeita e natural ordem, fiquei um tanto receoso, tudo estava perfeito demais para o meu gosto.

Meu faro investigativo não costuma falhar.

— Acho melhor eu entrar e trazê-la aqui. Sei que ela está ansiosa para te ver, mas quero ver como ela está primeiramente. Nos aguarde aqui no jardim, tudo bem?

— Como achar melhor, mãe.

Minha mãe saiu, e eu resolvi observar a clínica atentamente. Alguns metros à frente, na lateral da clínica, vários jovens conversavam naturalmente e uma mulher vestida de branco gesticulava e sorria animadamente, os pacientes pareciam felizes e saudáveis, sem suspeitas, aparentemente, tudo normal.

Aproveitei para me sentar em um banco que ficava debaixo de uma árvore. Minutos depois, avistei minha mãe e Natália vindo ao meu encontro. Minha irmã estava um pouco pálida e ligeiramente mais magra. Ao me ver, correu em minha direção com um sorriso encantador, fazia tempo que eu não via esse sorriso nos lábios dela.

Levantei para recebê-la, e ela pulou nos meus braços para um longo

abraço cheio de ternura.

— Meu irmão, estou tão feliz por te ver vivo e bem.

— Também estou feliz por saber que está se tratando e que está bem.

— Tenho tanta coisa para te falar, vamos sentar um pouco.

Natália pegou minha mão e nos sentamos no banco. Nossa mãe ficou perto de nós, apenas observando, em silêncio, nossa conversa.

Ela fez um monte de perguntas sobre o meu acidente, eu respondi o interrogatório brevemente e estava todo bobo olhando-a feliz por saber que ela estava de volta, linda e cheia de vida, como sempre foi. Depois de um tempo ouvindo-a, levei a mão até seu rosto e o alisei delicadamente, seus olhos brilhavam, eram os mesmos que eu tantas vezes vi e me encantei, minha menininha estava de volta, seu semblante me animou profundamente.

— Estou muito feliz que esteja bem, Nati.

— Eu também, mas não terminei de falar.

— Não? Achei que meu interrogatório já estava completo.

— Primeiro, eu quero que me ouça, não me interrompa, apenas me escute. — Ela fez uma pequena pausa, e seus olhos ficaram marejados. — Eu queria pedir desculpas pelas minhas atitudes inconsequentes e as palavras duras que te falei. Desculpe pelas vezes que fui mimada, tola e fiz acusações infundadas. Eu já sei que você paga os meus estudos e ajuda muito nas despesas da casa desde que o nosso pai morreu. Eu não sabia disso, mas confesso que não deveria ter ficado surpresa, você sempre cuidou de mim, mesmo não me dizendo nada.

— Nati, eu sou seu irmão, prometi para nosso pai que jamais deixaria vocês desamparadas. Você é minha menininha e não sabe o quanto estou feliz por saber que estou aqui novamente para cuidar de vocês.

— Obrigada, Miguel. Quando você desapareceu, eu fiquei desolada, havia me negado a fazer o tratamento, mas eu prometi a Deus e a mim mesma

que, se você retornasse são e salvo, eu me empenharia ao máximo durante todo o período de internação.

— Pelo visto, está indo muito bem.

— Estou, sim, a clínica é muito boa e os profissionais são ótimos, estou gostando muito e está me fazendo bem. Agora eu reconheço que, desde a morte de nosso pai, não sou a mesma, eu necessitava de ajuda, mas não queria reconhecer.

— Não é sua culpa, minha filha, eu também fui omissa e me neguei aceitar que você estava precisando de tratamento psicológico, mesmo seu irmão me alertando por diversas vezes que seu comportamento havia mudado e existia algo errado, eu me negava a aceitar que tinha uma filha que precisava de ajuda — minha mãe interrompeu emocionada.

— Mamãe, não adianta remoermos o passado, o importante é que a Nati está se recuperando e logo, logo terá alta, voltará para casa e para sua faculdade, não é mesmo, mocinha? — Encarei a Natália franzindo a testa em advertência.

— Claro, eu prometo que vou retornar e serei a melhor aluna da turma.

— Assim que se fala, garota.

— Pelo visto, não sou só eu que estou mudada, você também está diferente, não sei explicar, mas sinto que tem algo estranho em você — Natália disse, olhando-me com mais atenção.

— Eu estou bem, ainda sou o mesmo — respondi, tentando omitir meu estado de confusão.

— Não é não, seus olhos brilharam. Aí, meu Deus! — Ela arregalou seus pequenos olhos e pousou as mãos no rosto com ar de surpresa. — Você está apaixonado? Quem é a pretendente?

— Não, Nati, eu...

— Está, sim, Miguel, assumo logo e peça a Laura em casamento. Vocês

já possuem a minha bênção e saiba que quero netos logo. Já está na idade de ser pai, se demorar muito, não conseguirá nem jogar futebol com seu filho de tão velho — mamãe nos interrompeu.

— Laura? Gostei do nome, quero logo conhecê-la — Natália disse alegremente.

— Eu e Laura somos apenas amigos, a mamãe que está fantasiando tudo. Quando tiver alguém importante, serão as primeiras a saber.

— Não seja modesto, Miguel, não precisa mentir, conte-nos a verdade, você está doidinho por ela, não é? — minha mãe insistiu animada.

— Vamos mudar de assunto? Como estão as despesas médicas?

Fiquei incomodado com a insistência de minha mãe, mudei o rumo da conversa para não alimentar ainda mais esperanças no coração dela.

— Eu paguei as despesas iniciais com minhas economias, mas verei os demais pagamentos, quer me acompanhar? — mamãe perguntou.

— Não, mãe, depois o Miguel vai, eu quero conversar um pouco mais com meu irmão.

Natália segurou meu braço quando tencionei levantar, pela sua ação, deduzi que havia algo errado.

— Tudo bem, eu vou verificar como estão as coisas e falar com o médico responsável por Natália e depois retorno aqui.

Natália continuou segurando firme em meu braço até nossa mãe tomar distância. Confesso que estranhei sua atitude, mas permaneci calado e observando sua expressão de felicidade sendo substituída por seriedade tão logo ficamos a sós.

Natália largou meu braço, olhou em volta apreensiva, observando se não havia ninguém por perto, pulou nos meus braços, me deu um novo abraço e murmurou ao meu ouvido.

— Miguel, tem alguma coisa errada aqui.

Afastei-a imediatamente e busquei seus olhos. Vi medo neles e isso me assustou. A tensão imediatamente tomou conta do meu corpo, senti um frio percorrer a espinha só de imaginar que a minha irmã corria algum risco.

— O que quer dizer com isso? — questionei aflito.

— Calma, fala baixo, tente disfarçar para ninguém perceber. Não quero que a mamãe saiba de nada, ouviu bem?

— Do que está falando, Natália? Está me deixando aflito.

— Dois dias depois que eu cheguei, uma moça foi internada e nós fizemos amizade de cara, logo no primeiro dia, conversamos bastante, e ela parecia perfeitamente normal, contou-me que havia testemunhado um assassinato e, por isso, estava aqui, estava traumatizada. Porém, no dia seguinte, eu a encontrei aqui no jardim e ela não lembrava mais de nada, estava com o braço cheio de hematomas e não recordava nem mesmo o meu nome. Não tive tempo nem de entender o que acontecia, porque veio um enfermeiro e a levou para dentro da clínica. Desde esse dia, ela não saiu mais para os jardins, e eu ouvi, nos corredores, dois enfermeiros conversando, um deles disse que ela ia continuar em isolamento.

— Isso é estranho, mas é melhor não se envolver com problemas alheios. Você tem alguma queixa ou reclamação para fazer sobre o tratamento que está recebendo?

— Não, não. Estão me tratando muito bem. Mas há algo errado, Miguel, você precisa investigar essa clínica. Eu ouvi uma conversa muito estranha de um funcionário no telefone. Aqui nós fazemos diversas atividades e, nesse dia, brincávamos de bola, fui pegar a bola no gramado, e ele disse algo do tipo: “Doutor, o papagaio quebrou o bico”, acho que ele se referia a essa moça. O que você acha?

— Acho que está ouvindo demais, não se envolva em confusões, quero você logo em casa.

— Meu faro investigativo me diz que tem algo errado, promete pra mim que vai investigar — ela insistiu.

— Eu prometo, mas com uma condição.

— Qual?

— Não a quero envolvida nisso, se tiver algo errado, certamente é ilícito, e eu não quero você envolvida. Tudo bem?

— Ah, mais nem um pouquinho? Pensei que seríamos tipo o Sherlock Holmes e o Dr. John H. Watson — ela protestou desapontada.

— Nem um pouquinho, se por um acaso ouvir algo suspeito, não conte pra ninguém, o único que pode confiar é em mim, então, aguarde-me e fale pessoalmente, nada de mensagens ou telefonemas.

— Tudo bem, chefe.

— Mamãe está vindo, vamos mudar de assunto.

Nossa mãe retornou, e eu acompanhei Natália até o quarto em que ela ficava, despedimo-nos e depois passei na recepção para acertar as despesas médicas. Deixei minha mãe em casa e retornei para o meu apartamento.

Quando cheguei em casa, ainda era cedo, meu celular sinalizava várias mensagens de Laura, respondi que estava em uma investigação e depois nos falávamos, na verdade, eu queria evitá-la, não era justo me envolver com ela na confusão que meus sentimentos estavam, precisava de um tempo sozinho para processar os acontecimentos da ilha.

Resolvi pesquisar sobre a clínica, talvez Natália tivesse razão, pensando bem, desde que entrei lá, tive uma impressão confusa do ambiente. Peguei meu *notebook* e comecei pesquisar sobre a tal clínica, estava com os recibos de pagamentos que continham todos os dados. Obtive, com facilidade, o nome dos sócios, um deles era médico, aproveitei para consultar no conselho de medicina o número de registro dele.

Mal digitei seu nome e tive uma ideia que poderia me ajudar a encontrar

minha sereia. Se ela era médica ou enfermeira, poderia encontrar suas informações nos conselhos da classe.

— Eu vou te encontrar, Mariana! — exclamei feliz e otimista com a ideia.



Natália não tinha noção, mas havia me dado uma excelente ideia. Confesso que ainda não tinha pensado por onde começaria minha busca por Mariana, mas agora já tinha um direcionamento.

Rapidamente, redigi um e-mail para Otávio, como delegado, ele poderia conseguir com mais facilidade essas informações, pedi que solicitasse a relação de nomes de todas as profissionais registradas nos conselhos com o primeiro ou segundo nome de Mariana, se ela já clinicou algum dia na vida, teve registro em algum deles, ou no de medicina, ou de enfermagem.

Eu supunha que ela tivesse aproximadamente trinta anos, o que já filtraria bastante os resultados, sem falar que o nome Mariana não é tão comum. Eu estava esperançoso e certo de que conseguiria informações relevantes sobre ela.

A empolgação era tanta com a possibilidade de encontrá-la que minhas pesquisas se estenderam madrugada adentro. Pesquisei sobre o arquipélago de ilhas que ficava nas proximidades onde fui encontrado, até sobre os donos, mas não achei nada relevante.

César havia me fornecido a localização da ilha e o contato dos pescadores que o ajudaram nas buscas, pelo menos isso ele me forneceu, já que ele não acreditava na existência de Mariana e tampouco no que estou certo de ter

vivido. Ele dizia que era loucura retornar à ilha para procurá-la. Claramente, não poderia contar com ele para encontrá-la.

Dei uma pausa nas minhas buscas e fui tentar dormir, estava excitado e eufórico com a remota possibilidade de encontrá-la, além de muito esperançoso com as informações que Otávio poderia conseguir. Demorei a pegar no sono, não recordo do horário que dormi ou por quantas horas.



Despertei com meu celular tocando insistentemente, demorei a abrir os olhos, estava muito sonolento, quando finalmente consegui pegá-lo, já havia parado de tocar. Já se passavam das onze da manhã, pulei sobressaltado, havia dormido demais, tomei um rápido banho e corri para ligar meu *notebook* e, para minha alegria, Otávio havia me respondido.

Meu coração palpitava e um arrepio percorreu meu corpo, não sei se de alegria ou receio de minhas suspeitas serem descartadas, afinal, era a melhor chance que tinha encontrado.

Abri desesperadamente o e-mail, ansioso pelos anexos, existiam quarenta e três mulheres com o nome de Mariana na faixa etária que solicitei. Avancei rapidamente olhando foto a foto em busca de alguma semelhança com a minha sereia. Eu seria capaz de reconhecê-la sob quaisquer circunstâncias, mesmo nas fotos pequenas, típicas de fichas cadastrais.

Aquele rosto, olhos, lábios e cabelos, eu os reconheceria em qualquer lugar, mas, para o meu desapontamento, nenhuma das Marianas listadas era a minha sereia.

— Porra! — bradei.

Novamente, havia voltado à estaca zero, cerrei o punho e esmurrei a mesa com força, extremamente desapontado. Caminhei até a sacada, passei as mãos pelos cabelos frustrado, bebi uma dose de uísque pura, precisava colocar os pensamentos em ordem.

Respirei profundamente e liguei para o contato de um dos pescadores, combinei um horário para encontrá-lo, tomei café e já me preparava para partir quando meu celular tocou, era Laura.

— Alô.

— Oi, Miguel, eu liguei mais cedo, você está bem?

— Sim, estou bem.

Respirei profundamente, Laura era incrível, mas meu interesse por ela se perdeu junto comigo naquela ilha. Depois que voltei, não senti mais vontade de flertar com ela como antes, embora tenhamos passado uma noite juntos após o meu regresso, foi apenas reflexo de uma bebedeira e tentativa, em vão, de esquecer Mariana.

— Eu fiquei preocupada, não me ligou. Estou aqui na garagem do seu prédio, posso subir?

Suspirei profundamente, impaciente. Não estava disposto a ter esse tipo de conversa agora, mas, já que estava aqui, era melhor dar um basta na situação de modo elegante e educado.

Mais uma lição que ensino, leitoras, de acordo com o artigo 4 do meu manual do bom canalha: “Se a foda já não agrada, dispense educadamente”.

— Sim, é claro!

Instantes depois, ela bateu à porta, eu abri e o sorriso dela, iluminado em minha direção, me desconcertou e, momentaneamente, tirou o foco da conversa. Ela entrou, abraçou-me e beijou meu rosto. Correspondi com cortesia e a convidei para sentar.

— Aceita um café?

— Não, agradeço a gentileza, passei apenas para ver como você está e lhe dar um beijo.

— Agradeço pela preocupação.

Tomei o café e me sentei de frente para ela, mantive distância para poder falar o que pretendia antes que suas mãos macias chegassem ao meu pau.

Laura tinha um olhar terno a tal ponto de quase me impedir de seguir com o plano, mas eu precisava esclarecer nossa situação, não era justo com ela, que tão carinhosamente se preocupava comigo.

— Aconteceu algo de errado? Você está estranho.

Ela percebeu minha mudança de humor repentina.

— Acho que precisamos esclarecer o que está acontecendo entre nós...

Laura me interrompeu.

— Miguel, não precisa me explicar, acho que já está claro o suficiente, nós não temos nada, apenas transamos algumas vezes, somos adultos e esse comportamento é perfeitamente normal. O fato de eu ter conhecido sua mãe foi apenas uma coincidência. Não quero que se sinta pressionado pela minha preocupação com você, acima de tudo, somos amigos, estou certa?

— Laura, eu estou tentando me concentrar em uma investigação muito importante pra mim e não vou ter o tempo que você merece para me dedicar a você.

— Já disse que está tudo bem, não precisa se explicar. Continuo querendo seu bem. Nunca tivemos nada sério para que seja necessária uma conversa como essa, não precisa tentar romper algo que nunca existiu, relaxa, Miguel.

— Você é mais surpreendente do que eu imaginava, Laura.

Realmente, fiquei surpreso com a reação dela, geralmente, tenho sorte para mulheres grudentas e ciumentas. Laura era o oposto disso, provou que estava acima de formalidades e convenções sociais.

Se fosse antes do acidente, me deixaria bem mais interessado em conhecê-la melhor. Se não estivesse enamorado pela minha sereia, nesse

momento, Laura estaria nua na minha cama.

Preciso encontrar Mariana e descobrir o motivo dela ter fugido sem deixar pistas ou, pelo menos, me convencer de vez que ela não existe, nem que para isso eu tenha que esgotar todas as chances de encontrá-la, aí, quem sabe, não volte para Laura.

— Já que está tudo esclarecido e você está bem, preciso ir agora.

Laura levantou-se do sofá, e eu fiz o mesmo.

— Eu também estou de saída, aguarde-me um minuto que descemos juntos.

Entramos juntos no elevador, Laura manteve toda discrição e distância possível, ela realmente era muito polida e sabia portar-se muito bem, mesmo depois da nossa conversa, nada mudou, ela continuou do mesmo modo, tratando-me com educação e carinho. Digo até que é algo bem incomum para mulheres quando são dispensadas.

— Você precisa de repouso, Miguel, para poder retornar logo para redação. Já tem ideia de quando voltará?

— Alexandre me deu o tempo que eu julgar necessário, quero concluir uma investigação que iniciei e pretendo retornar integralmente, por enquanto, continuarei trabalhando arduamente no “Delator” do meu apartamento mesmo.

— Ótimo, pensei que paralisaria as edições.

— Não, de modo algum. Paulo havia sugerido que parasse até o meu retorno integral, mas não posso parar, comecei a revelar um esquema gigantesco de propina que ainda tem muito a ser noticiado. A sociedade merece saber disso, são políticos que receberam o voto de confiança da população.

As portas do elevador se abriram, ela se aproximou e me beijou no rosto suavemente em despedida.

— Você tem razão. Até logo e, se precisar de algo ou de mim, ligue a hora que quiser.

— Obrigado pela preocupação, Laura.

Ela saiu primeiro que eu do elevador, ainda pude acompanhar sua incrível bunda rebolando até o veículo dela. Dessa vez, os pensamentos pecaminosos não tomaram minha mente, eu estava tão empenhado em provar a existência de Mariana que minha mente estava plenamente limpa, sem pensamentos de cunho erótico.

Parti para o litoral, parei apenas para almoçar e segui viagem, estava ansioso para retornar àquela ilha, precisava entender o que aconteceu.

Minha cabeça estava cheia, meus pensamentos estavam acelerados, tentei manter o controle da minha ansiedade, mas era praticamente impossível.

Ao chegar, estacionei o carro e desci para o cais, os pescadores me aguardavam perto de uma pequena embarcação, reconheci facilmente um deles, ele tinha acompanhado César nas buscas. Caminhei em sua direção, empolgado e esperançoso, dessa vez, eu encontraria Mariana.

— Boa tarde, senhores.

— Boa tarde, doutor.

— Pode me chamar de Miguel, por favor. Conforme conversamos por telefone, eu preciso retornar à ilha que me encontraram.

— Está certo, então vamos lá.

Partimos em uma pequena embarcação, o trajeto foi bem mais interessante, dessa vez, pude acompanhar lúcido as belezas naturais que compunham a região. Existiam muitas ilhas, de todos os portes, aves e a brisa agradável do mar nos fez companhia. Minutos depois, atracamos na margem da ilha, a princípio, não reconheci, estávamos do lado oposto ao que eu fui encontrado.

— Aqui está ótimo, eu vou sozinho, não precisa me acompanhar.

— Tudo bem, seu Miguel, aguardaremos o senhor aqui.

— Por favor.

Antes de pisar nas margens da praia, fechei os olhos e fiz uma pequena prece a Nossa Senhora de Aparecida. Pedi que abençoasse minha busca e me levasse à Mariana, eu precisava encontrar essa mulher. Meu coração, corpo e mente desejavam por isso como nunca antes desejei mulher alguma.

A ilha era extensa, foram longos minutos de caminhada, a mata nativa era composta de muitos coqueiros e outras árvores que desconhecia. Os pássaros cantavam e a brisa encantadora do mar alegrou a caminhada.

Seria uma caminhada até proveitosa, se não fosse por conta da minha ansiedade e busca desesperada. Eu precisava encontrá-la, eu a queria ao meu lado, a mulher mais linda e encantadora que já conheci tinha de ser minha.

Finalmente, cheguei ao lado da ilha que fiquei, a cabana que me abriguei estava do mesmo modo, sem sinais da existência de alguém. Fiz o trajeto que fizemos juntos buscando conchas e não havia indícios de pegadas ou até da vinda recente de alguém.

Por um instante, pensei que ela poderia ter retornado aqui para procurar conchas, mas as inúmeras conchas espalhadas pela margem da praia evidenciavam que ninguém havia estado aqui recentemente.

Tudo na ilha trouxe lembranças dela: a cabana, as conchas, o mar, a pedra que transamos loucamente. Tudo veio à tona em minha mente de um modo tão vívido e intenso que não tinha como aceitar que era uma ilusão.

Sentei-me na areia da praia e olhei o mar hipnotizado e pensativo por alguns minutos. Novamente, a razão ganhava mais um ponto e minhas lembranças começavam a ficar confusas diante de tantos fatos contrários ao que tinha certeza de ter vivido.

Minutos depois, levantei-me e retornei ao outro lado da ilha para encontrar os pescadores. Estava decepcionado e não sabia qual o próximo

passo que daria. Encontrei-os, embarquei novamente na lancha e partimos. Estava em pleno silêncio, pensativo, até que lembrei que ela disse que era pescadora.

— Quantas ilhas de pescadores temos aqui por perto? — perguntei.

— São várias, o senhor quer conhecer? — o pescador perguntou.

— Algumas delas tem pescadoras?

— Pescadoras? Mulher em barco de pesca é mais difícil, seu Miguel, mas temos, sim, bem poucas. Boa parte delas são esposas ou filhas de pescadores.

— Certo, leve-me primeiro nessas ilhas em que temos pescadoras?

— Levo, sim, está precisando de um pescador?

— Não, senhor, estou procurando especificamente uma mulher, chama-se Mariana e é pescadora daqui dessa região, ajudou-me a sobreviver na ilha, e eu preciso agradecê-la pessoalmente.

— Pelo nome, fica mais fácil de achar, vamos começar a busca pela vila que fica mais perto daqui.

— Ótimo!

Atracamos em diversas vilas, os dois pescadores que me acompanhavam me ajudaram a perguntar por ela, paramos em tantas ilhas que não recordo o número, em todas que paramos, a resposta foi unânime, não existia nenhuma pescadora com o nome de Mariana.

Perdi o dia inteiro nas buscas, quando retornei à marina, já era fim da tarde, totalmente frustrado e ainda mais confuso. Paguei os pescadores e ainda pedi que me ligassem caso descobrissem alguma pescadora com o nome de Mariana.

Depois de mais uma derrota, começava a dar razão ao César e aos médicos quanto a existência dela, mas meu coração era teimoso e não aceitava essa possibilidade, tinha certeza de que ela existia.

Depois das buscas sem sucesso de hoje, comecei a avaliar os fatos com mais razão, honrando minha profissão de jornalista, tinha que aceitar que tudo não passava de um delírio, afinal não tinha provas que sustentassem a existência dela.

Retornei para São Paulo, o trajeto foi tenso, minha cabeça latejava de dor só de pensar que tudo que fiz para encontrá-la foi em vão, e o pior de tudo era pensar que ela só existia nos meus pensamentos. Jantei no trajeto e, depois, retornei para o meu apartamento, nem mesmo troquei a roupa suja, peguei uma garrafa de uísque e enchi a cara mais do que o costume, por fim, apaguei no sofá da sala.

Despertei com uma tremenda ressaca, tomei um banho frio e depois fiz um café bem forte e tomei. Minha cabeça latejava, meus olhos lacrimejavam com a claridade. Fechei as cortinas do quarto e da sala, vesti somente uma calça de moletom e retornei para sala.

Um *bip* sonoro chamou minha atenção, eu estava desolado, pela primeira vez, eu havia me deparado com uma investigação praticamente impossível de conseguir êxito. Sentei para conferir o novo e-mail, era anônimo:

“Prezado Delator,

investigue Teodoro Rouster e encontrará o que busca.”

Esse nome não me era estranho e o teor da mensagem me deixou pensativo. Não compreendi do que se tratava, “encontrará o que busca”. O e-mail foi enviado hoje pela manhã, eu já estava acostumado a receber e-mails com esse teor, afinal eu investigava denúncias, então era comum receber mensagens anônimas.

Fiz uma rápida busca na internet pelo nome e constatei que realmente não era um nome estranho, Teodoro era um médico psiquiatra e o dono da clínica que Natália estava internada, uma grande coincidência. Pensei que, talvez, Nati pudesse ter enviado a mensagem, mas eu lembrei que a orientei para não

me enviar mensagens sobre as suspeitas dela, trataríamos pessoalmente do assunto.

Aparentemente, não havia nenhuma suspeita grave, o médico tinha 42 anos, era muito bem quisto pela sociedade e tinha uma reputação totalmente ilibada. Possuía uma clínica particular, a mesma que Natália estava internada, e que também aceitava alguns pacientes gratuitamente.

Teodoro colaborou com diversos projetos sociais, hospitais, escolas e entidades com ações de caridade em São Paulo. Foi médico da Organização Mundial de Saúde voluntariamente por dois anos, não tinha filhos, aparentemente, como pessoa e profissional, totalmente sem suspeitas.

Estranhei o e-mail, mas precisava fazer uma busca mais completa, com informações oficiais de órgãos de polícia, justiça e conselho da classe. Continuei pesquisando e descobri que a clínica dele tinha o nome da esposa, Isadora Rouster.

Pesquisei sobre a tal Isadora, ela também era médica, havia pouquíssimas informações sobre ela. Aparentemente, não tiveram filhos, achei inúmeras fotos dele em notícias de jornais online, mas sempre posava sozinho, não encontrei fotografias ao lado da esposa.

Depois de horas de pesquisa, encontrei uma foto dele com a esposa, fiquei até nervoso quando cliquei no link da reportagem antiga que noticiava a inauguração de um hospital público e mencionava a presença do casal.

Enquanto a página carregava, meu coração disparou e senti um frio na espinha, quando finalmente a foto carregou, quase caio da cadeira que estava sentado, a esposa dele era muito familiar, era a minha Mariana, eu estava certo disso!

Caralho! Era ela ao lado dele.



Saltei da cadeira nervoso, não era possível que Mariana e Isadora fossem a mesma pessoa. Eu estava trêmulo, vaguei de um lado a outro do meu apartamento pensando em milhões de possibilidades.

Peguei uma dose de uísque e tomei de uma só vez. Estava confuso, e as lembranças dela vinham na minha mente. Eu olhei, mais uma vez, a foto, embora de perfil, tinha certeza que era ela.

Havia algo muito errado, alguma peça não se encaixava nesse enigma.

Se ela era casada o que estava fazendo em uma ilha deserta? Por que se apresentou com outro nome?

Eu tinha tantas perguntas e precisava de repostas urgentemente ou ia pirar. Eu precisava encontrá-la, olhar naqueles olhos e saber o que aconteceu, saber a verdade. Eu vi tanta sinceridade no olhar dela, não pode ter sido apenas fingimento ou uma simples traição conjugal.

Porra!

Eu precisava encontrá-la, eu necessitava descobrir a verdade. Troquei de roupa e me preparei para sair, antes de pegar as chaves do carro, bateram à porta. Abri sem nem mesmo perguntar quem era, deve ser alguém conhecido,

já que subiu sem ser anunciado. E eu estava certo, era César.

— Bom dia, Miguel, está sozinho?

César correu os olhos rapidamente no interior do apartamento e, em seguida, fitou-me, aguardando a resposta.

— Bom dia, César, sim, estou. Aconteceu algo?

— Sim, podemos conversar?

— Eu estava de saída, mas parece ter urgência, então entre.

Abri a porta para que César entrasse, sentamo-nos no sofá, ele parecia tenso e já estava me deixando angustiado.

— Miguel, você pretende voltar quando?

— É esse o assunto?

— Não, claro que não.

— Então desembucha logo, César.

— Aconteceram algumas coisas muito estranhas durante sua ausência, eu não sei se estou certo, mas creio que está acontecendo algo errado na redação.

— Do que está falando? Seja mais específico.

— Bem, vou começar, logo depois que encerram as buscas oficiais, Alexandre me pediu para providenciar uma equipe de busca que ele, pessoalmente, arcaria com os custos, assim o fiz. Eu me prontifiquei para ajudar nas buscas e ficaria fora da redação até te encontramos, mas tive que retornar para aprovar algumas matérias. No fim do primeiro dia de buscas, retornei altas horas do litoral, fui direto para a redação e encontrei o Alexandre na sua sala, procurando algo no seu computador. Vi as luzes ligadas e fui até lá, ele, ao me ver, ficou nervoso, mas deu uma desculpa esfarrapada de que o computador dele deu problemas e, por isso, estava usando o seu. Claro que não engoli isso, mas fingi ter acreditado. Desde esse

dia, comecei desconfiar e avaliar o comportamento dele com mais atenção. No dia seguinte, antes de partir para o litoral e dar continuidade as buscas, passei bem cedo na redação e sabe quem encontrei saindo de carro com o Alexandre?

— Não faço ideia.

— Roberto Prates.

— Roberto Prates? Isso é muito suspeito.

— Exatamente, eu estou achando muito suspeito o interesse de Alexandre no “Delator”. Quando esteve desaparecido, ele ficou muito surpreso quando eu disse que tinha acesso às suas investigações para a próxima edição. Ele cogitou, inclusive, aguardarmos o seu retorno, mas o Paulo aprovou a publicação.

— Bem, é provável que Roberto esteja querendo comprá-lo, assim como fez comigo. Ele sabe que não vai demorar para o nome dele aparecer nas minhas matérias, talvez esteja interessado em saber de antemão, ou até pior, comprar todas as edições antes de serem distribuídas.

Era um fato preocupante, precisava investigar mais detalhadamente a relação dos dois, mas, nesse momento, preciso desvendar o mistério que envolve Isadora ou Mariana. Eu precisava de respostas, queria olhar naqueles olhos mais uma vez, beijar seus lábios carnudos que tanto desejei e ainda desejo ardentemente. Eu precisava encontrar minha sereia, seja qual for seu verdadeiro nome.

— Isso justifica o grande interesse do Alexandre no “Delator”. Certamente, estava no seu computador procurando os arquivos das próximas edições — César acrescentou.

— Bem provável, César. Preciso investigar essa relação dos dois, mas agora tenho um assunto muito urgente para resolver.

— Mais urgente que isso?

— Sim, bem mais. Eu encontrei minha Mariana, preciso tirar essa história a limpo.

— Ainda acredita nisso? Pensei que tivesse se convencido de que tudo foi um devaneio? — César balançou a cabeça negativamente. — Meu amigo, você sempre esteve cercado por muitas mulheres, não precisa correr atrás logo de uma que não existe.

— Ela existe, César. Hoje, eu recebi um e-mail anônimo pedindo que investigasse Teodoro Rouster e que encontraria o que eu estava procurando. Adivinha quem é a esposa dele?

— Quem? A sua Mariana?

— Exatamente, mas seu verdadeiro nome é Isadora.

— Estranho. E quem é esse Teodoro?

— É um renomado psiquiatra de São José do Rio Preto, fez a vida por lá. Dono de clínicas médicas lá e aqui em São Paulo, muito bem quisto pela sociedade, aparentemente, sem suspeitas. Fui pesquisá-lo e, por coincidência, descobri que ele é sócio da clínica que Natália está internada. Estranhamente, a Nati já havia me pedido para investigar a clínica, ela disse que tinha algo estranho por lá, mas não dei muita atenção. Eu realmente preciso encontrar Isadora, vulgo Mariana, quero olhar nos olhos dela e saber o que está acontecendo.

— Sua Mariana talvez só quisesse sexo sem compromisso e pensou que você não a procuraria, isso se realmente for a tal que esteve com você na ilha, se é que teve alguém.

— Eu vou provar que ela existe. Agora, preciso que me ajude, quero que pesquise todas as notícias que encontrar no nome dos dois. Qualquer coisa que me ajude a entender por que ela fez isso, eu sinto que tem algo errado, só preciso descobrir do que se trata.

— Tem, sim, foi a primeira mulher que o tratou igual você trata a maioria das mulheres que passam pela sua cama. É, meu amigo, dessa vez, você que

foi usado.

— Porra, César. Eu estou falando sério, posso contar com você?

— Tudo bem, vou fazer essa busca. Mande os nomes por mensagem, mas preciso ficar de olho na redação, já que você quer dar um de *Caça-fantasma*.

— Por favor, meu amigo. Eu quero que me mantenha informado de qualquer nova suspeita.

— Tudo bem. Aonde pretende ir agora?

— Vou até a clínica que Nati está internada. Começarei minhas investigações por lá.

— O que já descobriu?

— Muito pouco, apenas informações genéricas, quando vi a foto de Isadora, fiquei louco, quem sabe não foi ela mesmo que me mandou esse e-mail? Pode estar em perigo ou correndo algum risco de vida, vai saber.

— Como ela teria certeza de que você procuraria por ela?

— Não sei, instinto, talvez. O fato dela ter desaparecido sem ter deixado rastros, acho que qualquer homem ficaria confuso e, no mínimo, tentaria entender o que aconteceu, mesmo quando tudo e todos acreditam que não passou de um devaneio, não acha?

— Bem, ainda não estou convencido que tenha sido real, mas irei pesquisar o que me pediu. Agora, preciso ir, precisava te alertar sobre essa questão.

— Agradeço muito pelo apoio e prometo retornar logo, preciso desvendar esse mistério e logo estarei de volta à redação.

— Tudo bem. Assim que tiver novidades, envio para o seu e-mail ou por mensagens.

— Aguardarei.

Saímos juntos até a garagem, ele partiu e, logo em seguida, eu também saí em direção à clínica que Natália estava internada, iniciaria minhas investigações por lá, precisava colher informações sobre o Teodoro e, se houvesse realmente algo de errado, eu descobriria.

Durante o trajeto, meus pensamentos estavam voltados para Isadora, será que ela corria algum risco de vida? Está sob ameaça desse tal marido?

Isso poderia ser um pedido de socorro, será que está em cárcere privado? Talvez tenha fugido e me encontrado na ilha, descobriu que eu era jornalista e, por isso, se envolveu comigo? Não, não, ela não sabia quem eu era e nosso envolvimento aconteceu, não foi nada premeditado, eu senti, e ela também sentiu o mesmo que eu. Nós nos desejamos verdadeiramente, o nosso sentimento, o desejo louco foi real e mútuo, inevitável e lascivo.

Eu dirigi velozmente e, em poucos minutos, cheguei aos imensos portões da clínica. Como não tinha o cartão de acesso que minha mãe possuía, demorou um pouco mais para entrar. Minha mãe havia incluído meu nome na lista de visitantes autorizados. Instantes depois, minha entrada foi autorizada e Natália já me aguardava nos jardins.

Estacionei o carro, e minha menininha veio correndo ao meu encontro com um sorriso lindo. Abraçou-me alegremente.

— Miguel, que bom que você veio.

Natália pegou minha mão e me guiou para um banco mais reservado no jardim.

— Como estão as coisas por aqui?

Ela tinha pressa e estava excitada, parecia ter algo importante para contar.

— Estão tensas, fiz algumas descobertas, preciso te contar.

Natália olhou em volta, procurando se não tinha alguém próximo. Não havia ninguém, ela respirou fundo e sentamos no banco.

— Eu consegui conversar com a menina que te falei. Ela está

completamente aérea e fora de si. Eu tenho certeza de que ela era normal, agora parece que tem algum problema mental. Eu acho que ela está sendo drogada para não contar nada importante.

— Como assim? — perguntei.

— Ela me disse que foi testemunha de um crime e que iria testemunhar em poucos dias, mas, na condição em que ela está, dificilmente ela conseguirá depor.

— Faz sentido, talvez a conversa que você ouviu, “o papagaio quebrou o bico”, se refira a ela, o fato dela não poder mais testemunhar. Você sabe o nome dela?

— Ana Heloísa Freitas, li no prontuário dela. O que sei é que ela é de Campinas e está inscrita no programa de proteção a testemunhas.

— Ótimo, se está inscrita em programa de proteção a testemunhas, consigo informações com meu amigo que é delegado da Polícia Federal.

— Isso, faça isso, meu irmão, essa moça corre risco de vida.

— Seu celular está com você? — perguntei.

— Não, não é permitido usar celular aqui dentro.

— Vou trazer uma câmera para que tente fazer uma foto desta moça. Agora, quero saber outra coisa, você já conversou alguma vez com o médico Teodoro Rouster?

— Não, mas já ouvi falar o nome dele aqui, acho que é dono da clínica, se não estou enganada.

— Sim, é um dos donos, o que ouviu sobre ele?

— Ouvi alguns pacientes dele o elogiando, parece ser um bom profissional. Talvez desconheça o que acontece aqui.

— Tenho minhas dúvidas, mas isso é irrelevante por enquanto. Vamos

focar na sua amiga. Não fale sobre ela com ninguém. Sempre que puder, tente se aproximar, mas evite perguntar sobre a vida dela na frente dos funcionários ou até de outros pacientes, não sabemos em quem podemos confiar. Tudo bem?

— Pode deixar, chefe!

— Agora, preciso ir, não posso vir aqui com muita frequência para não levantar suspeitas.

— Tudo bem, meu irmão, não demore muito para voltar.

— Pode deixar.

Trocamos um abraço terno, e ela saiu em direção ao jardim, juntou-se a um grupo de jovens no gramado e, antes de sentar junto com os outros, acenou brevemente para mim.

Fui à administração da clínica procurar pelo Dr. Teodoro Rouster, queria olhar na cada dele e saber um pouco mais sobre o meu investigado. Aproximei-me da recepção e abri um sorriso largo para a funcionária que estava distraída organizando uma papelada sobre o balcão.

— Bom dia — olhei o nome no crachá —, Tatiana, tudo bem?

— Sim, tudo ótimo. Em que posso ajudá-lo?

— Sou Miguel, irmão da Natália Novaes, paciente aqui da clínica, eu gostaria de falar com o doutor Teodoro sobre o estado dela, é possível?

— O senhor tem horário marcado?

— Não, achei que não era necessário, é apenas uma conversa breve.

— O doutor Teodoro está a caminho da clínica, se quiser aguardá-lo, posso falar com ele, pode ser que ele o receba.

— Claro, eu aguardarei.

Sentei no confortável sofá, peguei uma revista qualquer e fingi ler, estava atento aos movimentos da Tatiana e dos demais funcionários, que entravam e saíam com frequência, aparentemente, tudo normal.

Passaram-se alguns minutos e fui novamente ao encontro da Tatiana na tentativa de conseguir novas informações.

— Com licença, desculpe incomodá-la novamente, mas será que ele ainda demora?

Olhei no meu relógio de pulso, fingindo pressa.

— Creio que logo, logo estará por aqui, hoje é dia dele atender aqui na clínica, como são muitos pacientes, creio que não demorará.

— Ele não trabalha só aqui? — perguntei.

— Não, não. Ele trabalha em diversos hospitais, tem uma agenda bastante cheia.

— Será que poderá me receber?

— Sim, é claro.

— Ótimo, é que eu preciso retornar para São José do Rio Preto ainda hoje.

Menti na tentativa de descobrir mais sobre o médico, já que ele era da mesma cidade.

— O senhor é de lá também? O doutor Teodoro mora lá, ou melhor, sua residência é lá, mas ele vive mais para o trabalho do que para o lar.

— Claro, profissionais da área de saúde se doam muito, não é mesmo?

— Sim, muito. E com o doutor não é diferente, ele é um patrão muito bom e um excelente profissional. Todos aqui gostam muito dele.

— Posso imaginar, deve ter sido por isso que minha mãe escolheu essa

clínica para minha irmã.

— Tenha certeza de que ela está em boas mãos.

— Sim, ela está muito bem. Vou aguardar um pouco mais.

Retornei para o sofá e me distraí lendo minhas mensagens no celular. Minutos depois, um homem de jaleco branco entrou na recepção, o reconheci imediatamente, era o tal Teodoro.

Fernanda o cumprimentou gentilmente, lhe entregou alguns papéis e a sua agenda, ele observava atentamente. Enquanto isso, eu o inspecionava minuciosamente, aparentava ter por volta de cinquenta anos ou menos, estatura mediana, um pouco calvo, trajava roupas caras e ostentava um relógio de pulso, bem caro por sinal.

Vi quando a recepcionista apontou para mim e falou algo para Teodoro, ele, então, veio em minha direção e estendeu a mão para me cumprimentar com um sorriso gentil.

— Bom dia, sou o doutor Teodoro, pode me acompanhar até minha sala.

— Bom dia, doutor, é claro.

Acompanhei o médico atento a todos os seus movimentos. Observei a clínica e cada detalhe que pude, precisava entender o que estava acontecendo.

Meu senso investigativo estava ativo e algo nesse médico não me parecia bom, não sabia ainda ao certo, mas não tive uma boa impressão dele à primeira vista.

Entramos na sua sala, era uma espécie de consultório bem decorado, em tons pastéis, imensas janelas de vidros que davam vista aos belos jardins e que, quando abertas, iluminavam toda a sala. Ele colocou a pasta sobre a mesa, abriu um botão do jaleco e se sentou, logo em seguida, apontou para a cadeira de frente para mesa dele com sorriso largo, tentando ser gentil, mas, para mim, parecia pura falsidade.

— Bem, doutor, sou o Miguel, irmão da Natália Novaes, gostaria de

conversar sobre o estado de saúde da minha irmã.

— Sim, claro. Natália tem feito ótimos progressos, embora esteja sendo acompanhada por outra profissional, como diretor clínico, sou informado diretamente de todos os casos. Como ia dizendo, a doutora Patrícia, a psicóloga responsável por acompanhar sua irmã, já me disse que ela está em ótimas condições, inclusive terá alta médica nos próximos dias, precisará apenas fazer acompanhamento de rotina ao longo dos meses.

— Fico feliz em saber, prezo muito pela minha família, por isso, minha mãe trouxe minha irmã para essa clínica. Ela é a caçula e, quando nasceu, eu já era jovem, sempre tive um cuidado a mais com ela, acho que é instinto paternal — comentei sorrindo.

— Compreendo perfeitamente. Sempre protegemos os que amamos. Aceita um café?

— Não, muito obrigado.

Ele pediu o café e, instantes depois, a Tatiana entrou com o café sobre uma bandeja e retirou-se, trancando novamente a porta.

Aguardei-a sair para retomar a conversa. Teodoro era frio e distante, pouco conseguiria arrancar dele sem muita intimidade, talvez uma conversa mais informal, fora da clínica, surtisse mais efeito.

— Como eu ia dizendo, quero que minha irmã receba o melhor atendimento possível durante sua permanência aqui, vou deixar meu telefone de contato e, caso necessite, ligue diretamente para mim.

Levantei e retirei um cartão de visita da minha carteira e o entreguei. Ele franziu o cenho ao ler meu cartão, ao me encarar novamente para se despedir, o seu semblante estava tenso, mudou repentinamente.

— Farei isso, Miguel. Tenha um bom dia.

Ele me estendeu a mão em cumprimento, retribuí.

— Tenha um bom dia.

Saí da sala e passei pela recepção, dei uma piscada e um sorriso mal-intencionado para Fernanda, que rapidamente retribuiu. Poderia precisar dela um dia.

Parti um pouco desapontado, consegui menos informações do que eu esperava, mas tinha uma certeza, esse Teodoro escondia alguma coisa.

Meu celular tocou, era o César, atendi rapidamente.

— Fala, César, o que conseguiu pra mim?

— Ainda está na clínica?

A voz tensa de César me preocupou.

— Não, já estou retornando, encontrou algo interessante?

— Sim, encontrei. Está dirigindo?

— Estou, fala logo o que achou, César, sem rodeios.

— Encosta o carro, Miguel — ele ordenou firmemente.

— Porra! Fala logo de uma vez, César.

Depois de uma longa pausa, César enfim falou.

— Isadora Rouster está morta.



Perdi, momentaneamente, a direção do carro e invadi a pista contrária, freei bruscamente e, por sorte, não colidi com um carro que vinha na direção oposta à minha. Retomei o controle da direção e desviei para o acostamento, estava trêmulo e muito nervoso, não sei se pelo fato de quase ter batido meu carro ou pela notícia que tinha acabado de ouvir. Levei as mãos ao rosto, agradei a Deus e a Nossa Senhora de Aparecida, minha protetora, por estar ileso.

Minha respiração estava acelerada, a adrenalina correndo nas veias, tentei me acalmar, mas as palavras de César foram como um nocaute, como pode? Ela não está morta, não é possível!

Minha reflexão foi interrompida pelo meu celular que voltou a tocar, havia até esquecido dele. Tirei o cinto de segurança e o peguei no assoalho do carro, havia caído quando quase bati o carro. Era César novamente.

— Oi, César, como morta? — perguntei nervoso.

— Está tudo bem? — César gritou.

— Sim, mas me explica isso.

— Cara, você é teimoso pra caralho, eu falei para encostar a porra do

carro, sabia que ficaria impressionado, mas você, como sempre, nunca escuta ninguém. Eu fiquei morto de preocupação e com medo de ter sido responsável pela sua morte, seu maluco, filho de uma...

— César — gritei —, escute-me, eu já entendi que ficou puto, conte-me o que descobriu.

— Existem poucas informações sobre ela, muito poucas por sinal, mas achei uma pequena nota convidando para missa de sete anos de falecimento de Isadora Lima Rouster. Acontecerá daqui a dois dias.

— O que mais encontrou?

— Bem, ele não gosta muito de mídia, há pouquíssimas notícias sobre ele e, as poucas que li, apenas falam muito bem dele. Pesquisei sobre a morte da Isadora, mas não encontrei nada, ocorreu há sete anos, então, na internet, talvez não encontre mais nada. Pelo pouco que li, ele parece ser muito reservado e discreto, não vi foto com outras mulheres, apenas uma com a esposa Isadora em uma homenagem que ele recebeu em outubro de 2009.

— Ótimo, mande-me por mensagem essa nota, vou pessoalmente nessa celebração.

— Combinado. Como foi a visita?

— Falei com ele pessoalmente, mas não tive boas impressões.

— O que conversaram? — César perguntou surpreso.

— Apenas sobre o estado de saúde da Natália, ele é bem fechado, preciso encontrá-lo em um ambiente informal. Preciso me aproximar mais para descobrir o que está acontecendo. E por aí, alguma novidade?

— Por enquanto, não, mas estou atento.

— Está certo, César, preciso ir, não esqueça de me manter informado e obrigado pela ajuda.

— Conte comigo! Até breve, Miguel, e cuidado, pode estar se metendo

em algo perigoso, tenha cautela.

— Espero que consiga êxito, até breve.

Desliguei, afivelei o cinto de segurança e voltei para estrada. Depois desta revelação, inúmeras novas hipóteses permeavam minha imaginação, mas meu faro me dizia que ela não estava morta, o que também aumentou minha convicção de que Teodoro não era esse ser imaculado que transparecia.

Retornei para o meu apartamento, fiz uma pequena mala, peguei alguns objetos pessoais e de trabalho e parti para São José do Rio Preto. Se Teodoro e Isadora moraram lá, poderia conseguir informações valiosas na cidade.

Iniciei, oficialmente, a investigação mais importante da minha vida, a única que está atrelada a minha felicidade. Parti com o coração cheio de esperança e saudade da minha sereia dos lábios de mel e olhar penetrante.

Aluguei um carro popular para não levantar suspeitas e, antes de sair de São Paulo, parei em uma floricultura, comprei flores e um pequeno urso de pelúcia, coloquei a câmera dentro do compartimento de pilhas do urso. Escrevi um bilhete para que Natália entendesse o que havia dentro do bicho de pelúcia e instruí o entregador para entregar em mãos.

A viagem era longa, embora não estivesse fisicamente cansado, estava mentalmente exausto, refazendo cada hipótese que minha mente formulava para tentar explicar essa situação. São muitas informações desconstruídas e incertas, mas que me deixaram cada vez mais convicto de que esse era o caminho a percorrer, embora estivesse temeroso quanto a morte de Isadora, queria ir até o fim, eu precisava solucionar de vez esse mistério.

Cheguei por volta das 23h na cidade, jantei e me hospedei em um hotel modesto, não queria chamar atenção. Tomei um banho e desabei na cama, muito cansado.

Despertei bem cedo, tomei café e comecei minhas buscas pelos endereços das clínicas e hospitais que Teodoro atendia na cidade. Passei pessoalmente por três clínicas e um hospital público que consegui o endereço, na última delas, ele atenderia ainda hoje, no final do dia. Estaria lá para segui-lo,

enquanto aguardava, dei algumas voltas pela cidade e fui em uma praça, estacionei o carro e caminhei até um ponto de táxi, geralmente taxistas ouvem muitas conversas, poderiam me dar informações.

Avistei um senhor por volta dos sessenta anos sentado próximo a um táxi, parecia ser o motorista, aproximei-me e pedi que me levasse em um dos hospitais que o Teodoro trabalhava.

Para não levantar suspeitas, durante o trajeto, comecei com algumas perguntas básicas sobre a cidade e fui afunilando o assunto para as informações que eu gostaria de obter.

— O senhor conhece o doutor Teodoro Rouster? — perguntei.

— Sim, é claro, a cidade toda o conhece, a família Rouster é muito importante e influente aqui na cidade. São boas pessoas, vi o Teodoro garoto, hoje ele é um médico bem-sucedido e um exemplo de cidadão.

— É mesmo? Sendo assim, fico mais tranquilo, meu médico o indicou e eu estava receoso, sou de Araçatuba, vim exclusivamente para me consultar com ele.

— Fique tranquilo, ele é um bom médico.

— Então, ele é daqui da cidade mesmo. Pensei que fosse de fora.

— Não, ainda mora aqui, a casa dele é um casarão antigo herdado dos pais, onde mora desde que se casou, lá na rua alta.

— A esposa dele também é médica, não é isso? — instiguei.

— Era, ela faleceu há alguns anos, os dois trabalhavam juntos.

— Que triste, não tinham filhos?

— Não, não tinham. Parece que a doutora não podia engravidar. Foi muito triste mesmo, tanto que o Teodoro ainda vive de luto, não se casou mais.

— Ela faleceu como?

— Em um acidente de carro, toda cidade ficou muito consternada. Eles formavam um casal muito bonito e adorado por todos na cidade, principalmente a dona Isadora, uma mulher gentil e caridosa, realmente foi uma grande perda.

— Posso imaginar. Morreu muito nova.

— Sim, muito. Ela ajudou muita gente na cidade, cansou de atender pessoas carentes gratuitamente, se estivesse sentindo algo e a encontrasse na rua, ela consultava ali mesmo, um exemplo de médica.

— E o doutor Teodoro não é do mesmo modo?

— Antes dela morrer até era, mas, depois, o homem passou a viver apenas para o trabalho e, quando não, vive trancafiado no casarão que moravam. Uma prima minha trabalhou de faxineira na casa dele uma época e me disse que as coisas da finada estão intactas, tudo do mesmo modo, como se ela ainda vivesse na casa, acho que nunca superou a morte da esposa. Triste, não é?

— Sim. Ela era daqui mesmo, da cidade?

— Não, era baiana, veio para São Paulo para estudar medicina, se não estou enganado. Quando aconteceu o acidente, a mãe esteve aqui, são de família humilde. O povo diz que o doutor sustenta a família dela até hoje, de convênio médico à alimentação. — Ele manobrou o carro e estacionou o veículo. — Chegamos!

— O trajeto foi tão rápido que mal percebi que chegamos.

— Quer que eu o aguarde?

— Não será necessário, agradeço, vou demorar.

Paguei a corrida e entrei no hospital, dei uma volta e saí pela porta lateral depois de alguns minutos. Peguei um novo táxi até onde havia deixado o carro estacionado e retornei para o hotel.

As informações que colhi foram valiosíssimas e comecei a descartar algumas das suspeitas que havia formulado. Novas hipóteses surgiram após a conversa que tive com o taxista e, lamentavelmente, uma hipótese que não gostaria que fosse verdade ganhou força, ela realmente poderia estar morta.

Almocei e tentei tirar um cochilo, mas foi em vão, minha cabeça estava cheia demais.

O que eu estava fazendo aqui?

Parei minha vida toda por conta de uma mulher. Estava desesperado investigando algo que estava atrelado à minha felicidade. Sim, felicidade! Eu seria muito feliz se tivesse Mariana comigo, não vou dizer Isadora, pois já não tenho essa certeza.

Meu coração estava contrito e receoso com o que poderia encontrar no fim de tudo. Será que valeria a pena? Eu estava confuso e com medo, sim, com medo. Eu quero uma mulher que primeiro cogitei ser uma ilusão e agora descubro que está morta, embora meu coração não aceite nenhuma das duas hipóteses.

E se tudo isso não passar de um delírio, loucura da minha imaginação? Será que estou vendo coisas ou sou esquizofrênico? Sabe-se lá o que tenho.

Pela primeira vez, senti vontade de desistir, embora não seja do meu feitio, desistir sem esgotar todas as possibilidades e linhas de investigações possíveis. Eu estava muito envolvido emocionalmente com a investigação, o que poderia estar me impedindo de enxergar alguns detalhes e pistas valiosas. Talvez, tivesse deixado passar algo relevante ou até mesmo a verdade.

Porra!

Preguei os olhos e despertei com o meu celular tocando, havia programado para não perder a hora. Tomei um rápido banho e saí, fiquei à espreita em frente ao hospital em que o Teodoro atenderia. O carro tinha vidros escuros, o que me garantia mais privacidade, assim que cheguei, liguei para clínica na tentativa de saber se ele já estava atendendo, a resposta foi

positiva. Continuei lendo as matérias sobre Teodoro e Isadora que César havia pesquisado enquanto o aguardava sair.

Olhava impaciente o relógio, já era noite, passaram-se cerca de duas horas desde a minha chegada. Já tinha lido tudo que César havia me enviado e a impaciência só aumentava, além da vontade de desistir dessa loucura.

O estacionamento começou esvaziar, o fluxo de pessoas diminuía à medida que as horas passavam. Finalmente, após cerca de três horas de espera, Teodoro apareceu carregando uma pequena pasta e retirando um típico jaleco branco, caminhou até um carro importado e partiu.

Esperei ele sair do estacionamento e tomar uma certa distância para poder segui-lo. Ele não percebeu que o seguia, então, continuei mantendo uma distância segura. Embora não conhecesse a cidade, percebi que ele tomou um rumo estranho, não parecia que estava indo para bairros de classe média ou alta onde certamente morraria, e sim um periférico.

E eu estava certo, o bairro parecia uma favela, ruas estreitas, sem a mínima infraestrutura, cercado de construções desordenadas. Ele reduziu a velocidade, então percebi uma farmácia, parei em frente e descii.

Teodoro havia parado em um bar, bem simples por sinal, sentou à mesa e tomava uma cerveja sozinho enquanto olhava o celular. Minutos depois, um carro luxuoso estacionou atrás do dele, um homem bem-vestido, carregando uma pequena mala, desceu e foi em sua direção e cumprimentou-o, os dois conversavam amistosamente, observava-os de dentro da farmácia, mas precisava registrar.

Comprei um produto qualquer e saí, ainda da calçada, peguei o celular e registrei o encontro dos dois, mesmo distante, com um bom *zoom*, consegui fazer fotos bem nítidas. Minutos depois, o homem partiu e deixou Teodoro sozinho com a mala que trouxe consigo.

Atitude totalmente suspeita, o que tinha naquela mala?

Teodoro permaneceu no local, pediu mais uma cerveja, fez uma ligação e, minutos depois, chegaram duas mulheres bem-vestidas e muito bonitas por

sinal. Cumprimentaram-se com bastante intimidade, sentaram-se, e ele retirou, por uma pequena fresta da mala deixada pelo homem anteriormente, um maço de dinheiro. Colocou sobre a mesa, e uma das mulheres pegou e guardou entre os seios. Em seguida, elas saíram segurando uma chave, que parecia a do carro dele. Ele permaneceu por mais alguns minutos na mesa enquanto as duas mulheres entravam em seu carro para não levantar suspeitas, logo em seguida, ele chamou o garçom e pagou a conta, mas, dessa vez, retirou o dinheiro da carteira e, logo depois, retornou para o seu carro. Esperei ele entrar e partir, sem demora, fiz o mesmo.

Continuei seguindo-o até um motel. Bingo! O tal viúvo perfeito já não está mais no luto e, pela intimidade que demonstrou com as mulheres, já faz muito tempo.

Estacionei em um posto de combustível do lado oposto ao motel. Estava tentando descobrir quem era o homem misterioso que o entregou a mala com dinheiro e por qual motivo.

Repassei a imagem para César e pedi que tentasse identificá-lo enquanto aguardava Teodoro. Aproveitei para enviar um e-mail para Otávio com o nome da paciente que Natália havia me informado, embora não fosse minha investigação principal, havia prometido a ela que investigaria a situação, se ela faz parte de algum programa de proteção a testemunhas, como Natália me disse, certamente, ele encontraria informações sobre ela.

Novamente, estava entediado dentro do carro aguardando, havia esquecido o quanto é monótona ficar à espera em um trabalho investigativo, recostei o banco do carro e tentei tirar um cochilo. Com duas mulheres, penso que ele demorará bastante tempo lá dentro. Pelo menos, se eu estivesse no lugar dele, seriam longas horas bem prazerosas.

Programei o celular para despertar em meia hora e cochilei alguns minutos. Fui interrompido antes do horário pelo celular tocando, era Otávio, atendi rapidamente.

— Fala, Otávio.

— Miguel, a moça está sob proteção judicial, ela é testemunha ocular de

um assassinato, a única por sinal. O que quer saber dela?

— Bem, eu suspeito que ela esteja sendo medicada para não conseguir testemunhar, tem algo que possamos fazer para ajudá-la?

— O réu é filho de um empresário muito rico, então é um caso de muita repercussão. A vítima era o namorado dessa moça pelo que apurei. O rapaz e o réu discutiram por conta de uma vaga de estacionamento, e ele o agrediu brutalmente até a morte. A moça acompanhou tudo de dentro do carro e saiu ilesa porque uma viatura da polícia se aproximou.

— Então, alguém está pagando a clínica para mantê-la incapaz de testemunhar — deduzi, ligando os fatos. — Como chama o réu?

— Vou repassar por mensagem o nome dele e os genitores. Quanto à questão de mantê-la mentalmente incapaz, é uma possibilidade, mas não posso notificar o responsável pelo caso sem provas. Você tem alguma prova?

— Creio que sim, preciso apenas confirmar algumas informações que apurei e o informo. Se estiver correto com relação as minhas suspeitas, o pai do réu está gastando um bom dinheiro para tentar inocentar o filho.

— Aguardarei, mesmo não sendo de minha responsabilidade, posso fazer sua denúncia chegar nas mãos corretas, mas não divulgue essas informações, já sabe que são sigilosas.

— Já me conhece, Otávio, fique tranquilo. Obrigado pelas informações.

Encerrei a ligação com uma ideia muito clara, o tal homem que entregou o dinheiro ao médico poderia ser o pai do réu. Instantes depois, recebi uma mensagem com os nomes: Alfredo Braga (pai) e Guilherme Braga (réu).

Fiz uma rápida busca na internet, pelo meu celular mesmo, e descobri que a defesa de Guilherme está alegando legítima defesa. Li um trecho do depoimento do réu, publicado em um site de notícias totalmente tendencioso, que, possivelmente, o pai deve ter pago para publicarem a favor do filho no intuito de pressionar a justiça a conceder sua liberdade. No trecho, Guilherme alegou que a vítima estava sob efeito de entorpecentes e que tentou assaltá-lo,

mas, como ele tentou reagir, foi primeiramente agredido e apenas se defendeu, agredindo-o de volta, contou ainda que a namorada gritava e sorria feito louca, como se estivesse drogada. O julgamento ainda não tinha data marcada, claro que o réu estava aguardando em liberdade. Minha irmã estava certa, tem faro investigativo como eu, ao observar uma das fotos do pai do réu, constatei que se tratava do mesmo homem que esteve hoje com Teodoro.

Bingo!

Selecionei as melhores fotos do encontro entre Teodoro e Alfredo e enviei para o Otávio, principalmente da mala com dinheiro. Alfredo comprou Teodoro para manter a única testemunha que poderia colocar o filho atrás das grades fora do seu juízo perfeito, para confirmar a tese da defesa e, possivelmente, ser dispensada de testemunhar devido ao seu estado de saúde mental.

Pelo visto, Teodoro não é o santo que todos veneram.

Depois dessa descoberta, mesmo em êxtase pelo êxito da investigação, fiquei um pouco desapontado, precisava colocar a razão na frente da emoção.

O e-mail anônimo não falava de Mariana, talvez a semelhança que percebi entre ela e a finada Isadora foi apenas fruto da minha imaginação, bem como a sua existência. A investigação sobre Teodoro não tinha nada a ver com a minha sereia, apenas com práticas ilícitas que necessitam ser denunciadas e publicadas.

O e-mail estava destinado ao “Delator” e não ao “Miguel” O que o delator procura? Denúncias, e o que descobri é uma grave denúncia, típica de primeira página do “Delator”.

Não sei como associei o e-mail a ela, acho que minha busca por respostas que confirmassem as minhas lembranças me impediu de enxergar a realidade. Analisando agora com mais discernimento, percebo que César sempre esteve certo.

Lamentavelmente, todas as minhas tentativas de encontrá-la foram frustradas e só evidenciavam que Mariana nunca existiu e tudo não passou de

um Devaneio.

Parte 3
Retomando o controle.



Um mês depois...

Aguardava impaciente no estacionamento, encostado no meu carro, já fazia alguns minutos que minha mãe havia entrado para buscar Natália, mas pareciam uma eternidade.

Eu estava ansioso, não apenas pela alta dela, mas hoje também era o dia do meu retorno à redação. Instantes depois, elas surgiram de mãos dadas, Natália estava com um aspecto saudável, mais corada, linda e doce como minha lembrança sempre guardou, era a minha menininha. Sorri ao vê-las se aproximarem, dei-lhe um longo abraço e as ajudei entrar no carro, guardei as malas e partimos em direção à nossa casa.

Conversamos durante todo o trajeto, Natália fazia planos para o futuro, e eu estava adorando ver o quanto os últimos acontecimentos ajudaram-na a crescer, estava mais madura, com pensamentos mais lógicos e sensatos, não falava ou agia mais como uma menina mimada e tola capaz de ceifar a própria vida. E isso alegrou-me profundamente, tenho muito carinho por ela e sempre desejei o melhor para sua vida.

Passei o resto da manhã na companhia delas, em nossa casa na Vila

Matilde. Almoçamos juntos e, depois do almoço, fui direto para redação. Eu estava ansioso pelo meu retorno, estava em ótimas condições físicas e mentais. Sim, mentais, felizmente ou infelizmente, não sei ao certo, recobrei a razão e defini como ilusão o episódio vivido na ilha. Entretanto, o órgão que achei que só bombeava sangue para me manter vivo, achou que tinha vida própria e não aceitou com facilidade o que tomei como verdade: Mariana não existe e Isadora é outra mulher que está morta, esse foi meu mantra nas últimas semanas. Foi difícil aceitar o que estava óbvio desde o início, principalmente quando se tem certeza do que viveu. Enfim, nada que algumas sessões de psicanálise não resolvessem.

Página virada, continuei investigando Teodoro com um único propósito: salvar Ana Heloísa. Tive êxito e consegui livrá-la das garras dele, tudo no mais absoluto sigilo e com a intervenção do meu amigo Otávio, para não comprometer a segurança da minha irmã, que ainda era paciente da clínica.

Graças as suspeitas de Natália, o e-mail anônimo que recebi e minhas investigações, hoje, Ana está segura, com a sua família, em um abrigo judicial até o julgamento do réu.

Quanto ao Teodoro, preferi finalizar minhas investigações e repassar tudo ao Otávio. Não sou de desistir, mas continuar só alimentaria ainda mais minha mente confusa. Repassei tudo que descobri à polícia para não ferrar ainda mais o meu psicológico, já que estava vendo a suposta Mariana no rosto da finada esposa do investigado.

Retomei minhas investigações que havia parado em detrimento da minha busca alucinada por “Mariana”, assim como minha vida que voltava à normalidade de antes. Voltei a ir em baladas, sair com várias mulheres, mas não com o mesmo interesse de antes, algo em mim havia mudado após o acidente. Não sei como explicar, nunca passei por isso antes. Sempre fui insaciável, mas, dessa vez, eu mesmo não sabia explicar o que ocorria.

Coincidência ou não, todas as mulheres que tentei sair nos últimos dias lembravam Mariana, eu via seu sorriso em todos os lábios, seu olhar em outros olhos, todas elas pareciam ter o mesmo timbre de voz, como se a minha sereia estivesse falando ao meu ouvido que me queria, mas, quando me dava conta e percebia que não era quem eu queria, desistia. Atribuí esse

fato a uma crise de idade, homens também passam por crises, sabiam?

Finalmente, cheguei à redação, estacionei e subi animado para o meu recomeço. Tudo estava do mesmo modo que na minha última visita, a mesma urgência, correria e frenesi habituais. Cumprimentei todos e fui direto para minha sala, César e Paulo discutiam a pauta do dia seguinte e, ao me ver, interromperam a conversa para me cumprimentar.

— Miguel, que bom tê-lo de volta! — Paulo exclamou satisfeito.

— Estou feliz pelo meu regresso e ansioso para começar a trabalhar.

— Não sabe o quanto me faz feliz ao falar isso, estou muito atarefado com tantos afazeres — César brincou.

— Bem, agora deixarei vocês trabalhando. — Paulo me direcionou o olhar outra vez. — Miguel, te mandei um e-mail com um resumo das últimas decisões do conselho, tenho uma reunião com a equipe de *marketing* em poucos minutos, qualquer dúvida, conversamos no final do expediente.

— Tudo bem, Paulo.

Ele saiu da sala, eu sentei e me recostei na minha cadeira confortável em torno da imensa mesa. Olhei em volta e a única pergunta que vinha na minha cabeça nesse momento era: como fui capaz de ficar longe de tudo isso? Só estando fora do meu juízo perfeito, mas o importante é que estou de volta.

— E então? Qual é a primeira ordem do chefe?

César interrompeu minha reflexão e colocou uma pilha de matérias na minha frente.

— Primeiro, quero que me atualize, durante a minha ausência, aconteceu algo que preciso saber?

Peguei a pilha de matérias e comecei a folheá-las.

— Bem, as mudanças e novidades já te informei por mensagens, agora, os fuxicos e conversas de bastidores, não.

— Estou disponível para ouvi-los.

— Temos duas novas estagiárias, bem bonitas por sinal. E Laura está viajando, cobrindo uma semana de moda, sabe-se Deus onde. Sinal verde para você agir.

— O que quer dizer com isso, César? — Fiz-me de desentendido. — Eu e Laura não temos nada além de uma boa amizade e também não estou interessando nas estagiárias.

— Sério? — César arqueou a sobrancelha com ar de surpresa. — Rapaz, você fez terapia com um milagreiro ou psicanalista?

— O meu acidente tem de servir para alguma coisa, não acha?

— Teve uma revelação divina e vai virar padre? — César disse e gargalhou.

— Não, mas, nesse momento, preciso focar no meu trabalho, manter a mente ocupada com coisas úteis.

— Não me diz que ainda está investigando a tal Isadora?

— Não, César, fique tranquilo. Isadora está morta e a Mariana não passou de um devaneio, muito voluptuoso, por sinal, mas foi apenas fruto de minha fértil e abalada imaginação.

— Agora, sim, posso dizer que estou feliz com seu retorno. Finalmente, está completamente de volta.

— Precisamos trabalhar, o que tem pra mim?

— Esse é o meu chefe, assim que se fala.

Passamos boa parte da tarde ocupados discutindo as matérias para as próximas edições, além de César estar me atualizando dos últimos acontecimentos na redação. Embora estivesse afastado, eu estava recebendo as edições finalizadas por e-mail e as aprovava pessoalmente. Desse modo, ficou mais fácil retomar a minha função de editor-chefe, já que estava ciente

das últimas edições.

Após nossa conversa, fiz uma reunião com todos os editores e discutimos as novas ideias e projetos que eu tinha em mente, havia voltado com todo gás. A reunião foi proveitosa, estava muito empolgado com o resultado e feliz pelo meu retorno, bem como a equipe. Foram todos muito receptivos às minhas novas ideias e novos projetos.

Alexandre estava viajando a trabalho, mas se preocupou em me enviar um e-mail desejando um bom retorno. Paulo acompanhou a reunião e, depois, nos reunimos a sós, fez questão de me deixar ciente de todas as providências que tomou durante a minha ausência.

Estava tão animado escrevendo uma matéria para a próxima edição do “Delator” que nem percebi o horário. Eu, finalmente, consegui elucidar os contratos fraudulentos de compra de equipamentos médicos e medicamentos de um grande hospital público.

Os recursos da saúde foram indevidamente empregados pelos seus gestores, acarretando um prejuízo de mais de 3 milhões de reais aos cofres públicos. Os contratos referentes a essas compras estavam com sobrepreço e superfaturamento, além de quantidades adquiridas sem necessidade, ocasionando uma total displicência com o estoque, grande parte foi perdida devido ao prazo de validade vencido. Um descaso total com a população que depende do caótico e falho sistema público de saúde.

As irregularidades ocorreram desde o processo de licitação até a entrega dos produtos supostamente comprados, muitos itens que constavam nas notas fiscais nunca deram entrada nos estoques dos hospitais. Notifiquei a polícia sobre as minhas investigações, que deu continuidade com o rigor da lei e responsabilizou os envolvidos, exonerando-os dos cargos e instaurando a abertura de inquéritos judiciais por improbidade administrativa e outros crimes.

A próxima edição demonstraria o resultado positivo da investigação e os depoimentos de alguns médicos que, com muito custo, consegui colher. Mesmo cientes dos problemas que enfrentavam diariamente nos hospitais, muitos se negaram a me conceder uma entrevista, mas consegui que alguns

falassem, eles temiam represarias por parte de superiores e até corriam risco de perder seus empregos, então, preservei o nome dos depoentes.

Eram as últimas reportagens, finalizariam a investigação deste caso. Estava satisfeito com o resultado, colhi bons depoimentos, tanto dos médicos que lidam diariamente com a falta desses equipamentos e medicamentos, quanto dos pacientes que dependem do sistema. Esse era meu maior prazer, finalizar uma investigação elucidando crimes e mostrando para sociedade que podemos fazer a diferença e promover a melhoria do bem comum com nossas denúncias.

Revisei a última matéria e enviei o texto para a diagramação por e-mail. Quando finalmente deixei a redação, já estava bem tarde e completamente vazia.

Desci até o estacionamento, as portas do elevador se abriram, apenas meu carro estava estacionado, destravei o alarme e a pequena luminosidade provocada pelos faróis que sinalizavam que o carro estava aberto deixaram-me perceber a silhueta de alguém escondido em uma coluna próxima a ele.

Rapidamente, passei uma mensagem para o Otávio com a minha localização e um texto “Santo Anjo Miguel te proteja”, era um código que criamos para quando eu estivesse em perigo iminente. Retirei meus óculos, folguei a gravata e removi as abotoaduras, guardei-as na minha bolsa e aproveitei para pegar meu gravador e o coloquei no bolso da frente da calça gravando.

Enrolei as mangas da camisa e continuei caminhando, me preparei para me defender. Afinal, a uma hora dessas, em um estacionamento completamente vazio, coisa boa é que não poderia ser.

Continuei normalmente meu trajeto, abri a porta traseira oposta à coluna e coloquei minha bolsa no banco de trás, dei a volta e me direcionei à porta do motorista com naturalidade. Mal toquei a maçaneta e senti um objeto frio e cilíndrico encostado na minha cabeça. Instintivamente, levantei as mãos.

— Vire-se devagar e não tente reagir, não gosto de matar ninguém pelas costas.

Virei-me, o homem portava uma pistola com silenciador, calçava luvas de couro e usava máscara, o que o impedia de ser reconhecido. Seu porte físico era magro, baixo, e eu poderia facilmente imobilizá-lo.

Desde que entrei para o ramo investigativo, havia recebido tantas ameaças de morte que já não me causavam medo. Porém, era óbvio que eu me prepararia para me defender, caso fosse necessário. Eu tinha porte de arma, fiz curso de tiro e atirava muito bem, além de já ter treinado *krav maga*, dentre outras artes marciais; lutei karatê desde os seis anos de idade, sou faixa preta, inclusive. Poderia neutralizá-lo em um único movimento, mas queria saber quem o mandou aqui, queria que ele falasse primeiro.

— Você é muito prepotente, deveria ter morrido no acidente de lancha, diminuiria minha conta que ainda acertarei com o altíssimo — ele olhou para cima e fez o sinal da cruz —, mas voltou das profundezas do mar só para aumentar os meus pecados. O senhor é muito falastrão e, quem fala demais, só tem um destino. Aposto que já deve saber muito bem qual é, não é mesmo?

— Não faço ideia — menti para ganhar tempo.

— Como não? O tão famoso delator não sabe o futuro que o aguarda? — Ele abriu os braços com ironia. — O senhor vai para a terra dos pés juntos, vai usar paletó de madeira, vai virar presunto, entendeu agora ou preciso ser mais claro?

Ele engatilhou a arma e a apontou para minha cara, fechei os olhos, concentrei-me para golpeá-lo, e a última coisa que passou em minha mente foi o rosto da Mariana.

Porra! Até na hora da minha quase morte ela me persegue.

— Já que conhece o motivo de sua morte, diga suas últimas palavras.

Ele manteve a arma apontada.

— Matador de aluguel tem vida curta no presídio — disse, encarando-o com frieza.

— O quê?

Eu tinha certeza de que ele tinha entendido, mas ele não acreditou no que disse, achou que o meu comportamento, submisso até então, era de medo, mas não, obedeci às suas ordens apenas para descobri mais e fazê-lo pensar que conseguiria realizar seu trabalho com êxito.

— Quem te mandou? Tenho muitos desafetos, diga-me qual deles quer minha cabeça?

Aproximei-me um pouco mais para finalmente poder agir.

— O senhor já está querendo saber demais. Eu dei apenas a chance de fazer uma prece e se arrepender dos seus pecados, já que não quer, lá vai bala!

Ele estava a uma curta distância de mim, empunhava a arma apenas com a mão direita, quando tentou efetuar o primeiro disparo, revidei rapidamente, puxando seu braço, prendendo-o com a arma na lateral esquerda do meu corpo e, ao mesmo tempo, acertei, com meu cotovelo direito, um golpe na face. Ele cambaleou com o golpe, eu torci o seu braço direito e retirei a arma de suas mãos. Foi uma ação rápida e certa, ele ficou desorientado tentando entender o que aconteceu e olhou-me com espanto.

— Deite-se no chão com as mãos na cabeça — ordenei com a arma empunhada, apontada para ele.

Ele fingiu obedecer às minhas ordens com as mãos levantadas, ajoelhou-se e, prestes a se deitar no chão, sacou outra pistola da cintura, mas eu novamente o surpreendi e lhe dei um tiro na perna esquerda, na altura da virilha. Ele gritou e se contorceu de dor no chão, rapidamente colocou as mãos sobre o ferimento e deixou a outra arma cair no chão, chutei-a para longe de seu alcance. Ele xingou algumas palavras, e eu continuei com a arma apontada na sua direção.

— Você tem menos de vinte minutos para me dizer quem o mandou aqui. Caso contrário, não chamarei o socorro médico e você sangrará até morrer. Conte-me quem o mandou aqui.

— Eu já levei muitos tiros na vida, você não acertou nenhum órgão vital, seu idiota.

— Eu não apenas tenho porte de arma, como também sei atirar muito bem, eu acertei a sua veia femoral, ela direciona ao coração todo o sangue que sai da perna e, se o ferimento não for estancado, basta cerca de quinze minutos, estourando uns vinte, para morrer. E então? Quem é o mandante?

Ele ouviu atentamente e, em seguida, retirou a máscara do rosto. Eu não o conhecia, mas reconheci o medo nos seus olhos. Aparentava ter por volta dos quarenta anos, respirou profundamente e tentou conter o sangramento, mas era em vão.

— Não me deixe morrer, eu falo o que quiser — ele suplicou.

— Quem te mandou aqui?

— Eu não sei direito, só tratei com um homem chamado Cláudio, ele que me ligava e pagou o serviço.

— Como vou saber que não está mentindo? — questionei.

— Chame uma ambulância que te dou provas.

Peguei o celular e liguei para o resgate médico. Logo um carro em alta velocidade entrou no estacionamento, era Otávio e mais alguns policiais. Desceram armados, nos cercando.

— Você está bem, Miguel? — Otávio perguntou.

— Sim, estou, mas eu o acertei na veia femoral, precisa de socorro urgente.

Apontei para o matador de aluguel.

— Vamos à delegacia, precisamos registrar o crime. Sérgio, se encarregue de socorrer o homem e o mantenha sob custódia.

— Perfeito, chefe — o policial consentiu.

Entrei em meu carro e segui Otávio, quando saímos do estacionamento, a ambulância chegou. Fiquei um pouco mais aliviado, embora ele tenha tentado me matar, não queria responder criminalmente por uma morte, mesmo que eu fosse facilmente absolvido por ser em legítima defesa, implicaria em um longo processo e ritos judiciais que prefiro evitar. Minha preocupação era única e exclusivamente saber quem havia atentado contra minha vida, como tinha tantos desafetos, não fazia ideia de quem poderia ser.

Passei longas horas prestando depoimento e registrando queixa da tentativa de homicídio que sofri, na verdade, era apenas mais uma para minha coleção. Não estava nem um pouco abalado, já estava acostumado com os atentados e ameaças constantes que eu recebia. Retornei para casa e dormi tranquilamente o resto da madrugada.

Na manhã seguinte, tive notícias de que o criminoso passava bem e já estava à disposição da justiça. Fiz questão de não comentar o caso, contaria apenas para Alexandre, já que ocorreu nas dependências do jornal que ele dirige. César, meu melhor amigo, já estava ciente, liguei para ele, que me acompanhou à delegacia enquanto prestava depoimento.

Cheguei no meu horário habitual na redação, aparentemente estava tudo dentro da normalidade. Segui para minha sala, como de costume, mas, para estragar o meu dia, a primeira cara que vejo na minha sala é da Verônica, avistei-a pelos vidros da janela antes de entrar. Fiquei puto ao vê-la mexendo nos meus pertences, ela os colocava em uma grande caixa. Entrei normalmente, contendo minha ira, para não a expulsar aos tapas.

— Mi-Miguel! — ela gaguejou nervosa e surpresa ao me ver.

Ficou momentaneamente em silêncio, olhando-me como se estivesse vendo um fantasma e, na verdade, era bem isso que ela estava achando.

— E quem mais poderia ser?



Ela permaneceu embasbacada, com os olhos arregalados, me encarando, imediatamente entendi o motivo de sua visita, queria estar errado, mas as ações dela apenas confirmavam minhas suspeitas.

— Você retirando os pertences da minha sala um dia após eu sofrer uma tentativa de homicídio é no mínimo muito comprometedor, não acha?

Desfiz o botão do terno e me sentei na cadeira de frente para a mesa, observando-a calmamente.

— Do que você está falando?

Ela perguntou tentando desconversar, visivelmente nervosa.

Levantei e caminhei na sua direção, fiquei bem próximo dela. Ela respirava ofegante, desviou o olhar e tentou devolver meus pertences para a mesa, segurei no seu braço, impedindo-a de continuar.

— Faça-me um favor, diga para o covarde do seu macho que, quando ele quiser me matar, que venha pessoalmente.

— Eu não sei do que você está falando.

Ela tentou soltar o seu braço.

— Eu sei muito bem o que digo, diga que, da próxima vez, contrate um matador mais competente, e agora fora daqui — falei friamente e a empurrei na direção da porta.

Ela passou a mão no braço que eu apertei e me lançou um olhar furioso. Ela sabia que, se o noivo dela estivesse envolvido, eu descobriria e, mais cedo ou mais tarde, ela também poderia ser acusada de cúmplice.

— Miguel, o que está acontecendo aqui?

Alexandre entrou na sala apreensivo.

— Alexandre? — Surpreendi-me com a sua presença. — Achei que estava viajando.

— Retornei hoje cedo e já me deparei com essa cena. O que faz aqui, Verônica?

— Eu...eu...

Ela tentou falar algo, mas Alexandre interrompeu sua fala.

— Você não deveria estar aqui, Verônica, esse andar é restrito apenas a funcionários, você não é mais funcionária da redação.

— Eu já estou de saída.

Verônica se dirigiu à porta frustrada.

— Espere — falei caminhando na direção de Verônica. — Você estava mexendo em meus pertences, preciso revistá-la antes de sair.

— O quê?

Ela franziu a testa descrente.

— Isso mesmo que ouviu. Como vou saber que não furtou algum pertence meu?

— Você vai permitir mais essa humilhação, Alexandre?

Ela o encarou na tentativa de que Alexandre intervisse. Alexandre apenas fez um sinal de negação com a cabeça e levantou os braços, como se quisesse dizer que não poderia fazer nada. Ela estava com uma saia lápis na altura dos joelhos, com blazer e uma blusa de tecido fino folgada. Encarou-me furiosa e retirou o blazer, levantou as mãos e se virou de costas. Não a toquei, apenas olhei em volta e, aparentemente, não havia nada escondido.

— Está liberada, não esqueça do meu recado para o seu noivinho.

Apontei para porta.

Ela vestiu novamente o blazer e me lançou um olhar colérico, mas não protestou ou retrucou minhas palavras, saiu e bateu a porta com tanta força que achei que quebraria os vidros das janelas.

Observei Alexandre enquanto Verônica partia, ele parecia estar incomodado com a situação, o que me soou muito suspeito. Pensando bem, ele foi muito brando comigo quando humilhei Verônica pela demissão da Amanda. Mais uma vez, meus sinais de alerta estavam ligados no máximo. Algo estava errado, depois do ocorrido com Verônica, eu esperava seguramente uma demissão e ocorreu o contrário, fui promovido pouquíssimo tempo depois. Precisava investigar com mais cautela essa relação, além do fato de César já ter me alertado que viu Roberto e Alexandre juntos.

Depois que ela desapareceu, Alexandre respirou aliviado, passou as mãos pelos cabelos e voltou-se para mim.

— Que situação!

Novamente, apenas o observei em silêncio, minha cabeça estava trabalhando rápido demais para respondê-lo. Rapidamente, recordei da minha conversa com Alexandre após o incidente com Verônica, o pouco caso que fez da situação, eu estava certo de que seria punido exemplarmente. Tudo isso só reforçou a ideia de que havia um interesse maior por trás de tudo. E, agora, Verônica aqui, em minha sala, após o atentado que sofreu, apenas

reforçava a linha de investigação que eu deveria seguir.

Roberto Prates e Alexandre poderiam ser aliados em prol de uma única causa: calar-me, silenciar minha voz e eliminar o delator.

— Realmente, muito tenso — afirmei depois de um longo silêncio.

— Eu vim o mais rápido que pude quando soube do seu atentado. Como você está?

— Estou bem, mas como soube do atentado? Não falei para ninguém.

— Eu fui informado pela equipe de segurança, quando chegaram hoje cedo e visualizaram as gravações das câmeras de segurança, eles me ligaram imediatamente. A polícia já esteve aqui e isolou o local. Antes de tomar quaisquer providências, precisava saber como você está.

— É claro, as câmeras de segurança — confirmei, embora desconfiado.

— Se precisar de folga, fique à vontade.

— Não, agradeço sua preocupação. Eu estou precisando trabalhar, tenho muitos assuntos pendentes e uma edição especial do “Delator” para concluir. Finalmente, consegui elucidar um grande esquema de recebimento de propina que investigava há alguns anos.

— Sério? Conte-me mais.

Alexandre puxou uma cadeira e se sentou, visivelmente interessado no assunto. Sentei e fingi que não havia percebido nada de estranho, conversamos por alguns minutos, e ele demonstrou um interesse incomum na próxima edição do “Delator”, continuei respondendo suas perguntas para não levantar suspeitas, mas já havia entendido o motivo do seu interesse.

A investigação que fiz apontou Roberto Prates como um dos políticos que receberam propina para aprovar leis estaduais que beneficiariam um grupo de empresários dos mais diversos setores econômicos. Eu ainda não havia publicado, porque necessitava de documentos sigilosos que comprovariam minhas suspeitas, no entanto, só poderia obtê-los de modo lícito. Otávio os

conseguiu recentemente, após incluir nas investigações oficiais, são comumente liberados para imprensa, e eu, geralmente, era o primeiro a receber esses documentos, em nome de nossa amizade e pelo auxílio que prestei, por diversas vezes, nas operações que ele conduz.

Passei o resto do dia atarefado com minhas obrigações de editor, mas meu faro investigativo estava ativo. Minhas suspeitas se tornavam mais evidentes à medida que eu avançava nas investigações. Se eles estão juntos, certamente, em algum momento, irão se encontrar e, depois do ocorrido com Verônica, era bem provável que esse encontro acontecesse ainda hoje, estava atento aos movimentos de Alexandre.

Almocei na redação mesmo, não arredei o pé daqui, queria acompanhar todos os passos de Alexandre, minha sala ficava de frente para a dele, deixei as persianas abertas e, caso ele saísse, eu veria.

No fim do expediente, fiz questão de fazer bastante barulho no momento em que saí, queria que ele me visse saindo, e funcionou.

— Até amanhã, Miguel.

Alexandre me cumprimentou da porta da copa, segurando uma xícara de café, já estava sem o paletó e com a gravata afrouxada.

— Até amanhã, Alexandre.

Caminhei até o elevador e olhei disfarçadamente, ele ainda estava na mesma posição, observando-me partir. Agi normalmente, cheguei ao estacionamento e saí com meu carro, estacionei em um bar na esquina da rua, tinha visão perfeita da garagem do edifício da redação, veria nitidamente a entrada e saída de veículos.

Liguei para Otávio e pedi que solicitasse uma autorização da justiça para gravarmos uma conversa. Ele ficaria no aguardo apenas do local, estava certo de que poderíamos obter provas contundentes para incriminá-los pela minha tentativa de homicídio. Logo em seguida, liguei para César.

— César, preciso de ajuda.

— Eu estava precisando conversar com você mesmo.

— Ótimo, venha em um carro diferente do que costuma usar.

— Eu só tenho um carro, Miguel — César retrucou.

— Pegue o da Letícia, alugue um ou o que conseguir mais rápido. Preciso que seja urgente, estou aguardando no estacionamento do bar aqui na esquina da redação.

— Vou ver o que faço.

— Ótimo.

Encerrei a ligação e continuei observando atentamente a entrada da garagem. Estava tudo tranquilo, mas bastava eu ter uma pequena folga na mente, que meus pensamentos me traíam e eu me via pensando e relembrando os momentos com Mariana, mesmo que eu quisesse evitar, era difícil. Eu não entendia como ela conseguia tomar todos os meus pensamentos de modo tão rápido, nem mesmo quando fui traído por Cristina me senti assim.

Acho que ter chegado à conclusão de que vivi um sonho foi até bom, se ela realmente fosse real, acho que eu me perderia de amores por ela, se é que já não estou. Pelo menos, assim sofro apenas pela ausência dela e não corro o risco de ser traído novamente. Uma vantagem de estar apaixonado por uma alucinação. Viu só? Tudo tem seu lado positivo, até mesmo numa situação como essa.

Cerca de meia hora depois, o César bateu no vidro do meu carro. Estava tão distraído pensando na Mariana e olhando fixamente para entrada do edifício que não o percebi chegar.

— Conseguiu o carro? — perguntei, descendo do meu.

— Sim, por que isso é tão importante?

— Calma, eu vou te explicar.

Entramos no carro e saímos do estacionamento, ficamos próximo da entrada da redação.

— Agora vai me contar o que fazemos aqui? — César questionou.

— Estou aguardando o Alexandre, vamos segui-lo. Quero descobrir até onde vai o envolvimento dele com Roberto.

— Era sobre isso mesmo que queria falar — César disse e pegou um envelope pardo no porta-luvas do carro e me entregou. — Olha o que, coincidentemente, descobri hoje mais cedo.

Abri o envelope, continha alguns documentos, um deles era uma cópia do registro da candidatura de Roberto Prates ao governo do estado de São Paulo, e o outro, era um registro de filiação do Alexandre em um partido político. A princípio, não havia entendido a ligação, já que o Roberto era de um partido opositor ao que Alexandre estava filiado, mas, quando retornei à folha de registro de candidatura do Roberto, entendi perfeitamente a ligação dos dois, Roberto havia mudado de partido político.

— Roberto aproveitou a janela partidária e agora está no mesmo partido político que o Alexandre — César acrescentou.

— Percebi, isso explica muita coisa. Estava desconfiado desta relação desde que me contou que os viu juntos. E, depois da minha tentativa de homicídio, a Verônica na minha sala hoje, todos os meus alertas estavam ativos e comecei a pensar em uma infinidade de possibilidades, passei a desconfiar, inclusive, da minha promoção.

— Da sua promoção? Por quê?

— Ora, César! Pense comigo, não acha que depois do que eu fiz com a Verônica não merecia uma demissão por justa causa? Mas por que não fui demitido, e sim promovido? Muito óbvio, não acha? Eles estão interessados no delator, querem saber o que publicarei antes mesmo de ir à público.

— Claro! Faz muito sentido, Miguel. Não que não seja competente, mas o que fez com Verônica certamente era um bom motivo para demissão.

— Exatamente, primeiro o Roberto tentou me comprar e me levar para o lado dele, mas, como recusei, ele tentou medidas mais enérgicas. Então eu sofri o acidente e fiquei desaparecido, por isso não fez nada, mas, quando retornei para redação e o cerco começou a se fechar, ele mandou me matar.

— E o que pretende fazer? — César questionou.

— Ele recebeu propina e, seguramente, será responsabilizado por esse e outros crimes, o que contribuirá para a impugnação do registro da candidatura dele. Na próxima edição do “Delator”, divulgarei as investigações que o apontam como um dos envolvidos no esquema de propinas, que já faz parte de um desdobramento de uma grande operação da Polícia Federal.

— Não acha que o Alexandre impedirá essa edição de ser veiculada?

— Seguramente tentarão impedir, mas darei um jeito de publicá-la.

Instantes depois, o carro de Alexandre saiu do edifício, esperei que tomasse uma certa distância e o seguimos.

— Por que está seguindo o Alexandre?

— Depois do fiasco de ontem, certamente se reunirão para discutir as próximas ações, e eu quero flagrá-los juntos.

— Inteligente de sua parte, mas não acha que deveria deixar a polícia resolver isso?

— E vai, preciso ter certeza de que estarão reunidos. Já informei o Otávio, que é o delegado responsável pela operação que incluiu essa investigação que realizei. Preciso apenas flagrá-lo conversando com Roberto, e passo, logo em seguida, o endereço de onde estão para que venham ao nosso encontro.

— Compreendo. Caso suas suspeitas se concretizem e Roberto e Alexandre estejam envolvidos na tentativa do seu assassinato, o que pretende fazer?

— Eu pedirei demissão imediatamente e cancelarei a publicação do caderno do “Delator”. É uma pena, gostava muito da equipe e do “Diário Paulistano”, mas não serei conivente com essa corja e jamais deixarei de publicar uma matéria porque o dono é amigo ou companheiro de partido do envolvido. Isso não é do meu feitio. Sempre fui imparcial, e essa é minha missão, mostrar para sociedade a podridão de alguns candidatos que elegemos.

— Eu sei, Miguel, você tem razão, mas ainda acho que deveria ter mais cautela. Principalmente agora, que é bem provável que o Roberto tenha tentado te matar.

— Eu não tenho medo, ele pode tentar quantas vezes quiser, mas não vai me calar. Jamais vai me parar, não me intimidarei por conta de mais uma tentativa de ceifar minha vida, é apenas mais uma para coleção, César.

Continuamos seguindo Alexandre, eu estava dirigindo. Cerca de uns quinze minutos depois, ele começou reduzir a velocidade e sinalizou para esquerda, parando em frente a um restaurante de alto padrão. Desceu do carro e entregou as chaves ao manobrista e entrou falando no celular.

De frente para o restaurante, tinha uma loja de departamentos, estacionei em frente à loja. Permanecemos no veículo, observando-o, ele estava no bar tomando um drinque. Felizmente, as vidraças e a iluminação do ambiente nos permitiam ver com exatidão quem estava no interior do recinto.

César já estava impaciente, bem como eu, mas precisávamos aguardar. Depois de longos minutos de espera, minhas suspeitas se confirmaram. Roberto chegou acompanhado de um homem. Enviei mensagem para Otávio com o endereço e local em que estávamos, ele, imediatamente, respondeu dizendo que a equipe estava a caminho.

Mesmo sem valor legal, não podia perder nada, peguei uma escuta minha e entrei sorrateiramente no restaurante, pela entrada de funcionários. Para minha sorte, tinha um garçom limpando taças, fiz sinal de silêncio e, em seguida, acenei, chamando-o para o lado de fora.

— Quer ganhar um bom dinheiro? — perguntei lhe mostrando algumas

cédulas.

— Eu não curto essas paradas, não, moço, nada contra.

Ele ficou assustado e se afastou, pensando que eu lhe faria uma proposta indecente.

— Calma, não é o que está pensando. Você conhece esse homem?

Mostrei uma foto de Roberto que tinha no meu celular.

— Sim, é um deputado, não é?

— Isso, perfeito. Ele está aí no restaurante conversando com outros dois homens. Quero que se aproxime deles e coloque esse objeto o mais próximo que conseguir, disfarçadamente, entendeu?

Entreguei-lhe o minúsculo gravador.

— Certo, vou tentar, mas eu não vou ser preso por isso, vou?

— Claro que não, fique tranquilo que a polícia chegará em poucos minutos. Faça apenas o que pedi, não avise ninguém para não atrapalhar as investigações. Assim que conseguir o que necessito, volto aqui com você. Fique tranquilo que será bem recompensado.

O rapaz entrou, e eu liguei meu ponto de escuta, captava sons ambientes. Retornei para o carro, atravessei a rua e entrei no veículo. Ainda os vi conversando no bar, pouco depois, o garçom, com quem havia falado, aproximou-se e passei a ouvir as vozes deles, um pouco inaudíveis.

O garçom arrumou o arranjo de flores próximo do balcão em que eles estavam e aproveitou o momento para colocar a escuta dentro dele e, em seguida, partiu.

— Deu certo? — César perguntou.

— Sim, estou escutando alto e bom som — confirmei.

— O policial federal já entrou no restaurante, eu falei com eles e mostrei onde eles estavam.

— Onde os policiais estão? — perguntei.

— Naquele carro ali, no estacionamento do restaurante. — César apontou para o veículo em que estavam.

— Ótimo.

— O que estão falando? — César perguntou.

— De um clube de sexo que são sócios — respondi sorrindo.

Fiz um sinal de silêncio para César que riu da minha resposta, ouvi Roberto dizer, “*agora vamos ao que interessa*” e estava certo, começaram a falar o que eu esperava ouvir:

Roberto: Quem deu a ordem para matar o jornalista?

Alexandre: Não faço ideia, eu disse que te ajudaria com relação a publicações, até conseguimos trazê-lo para nosso lado, mas eu sou totalmente contra violência. Não quero ser responsabilizado pela morte de ninguém, se isso acontecer, eu jogo a merda no ventilador e te acuso. Já conhece os meus termos, Roberto.

Roberto: Eu não mandei matá-lo, mas receio que isso recaia sobre mim. Cláudio, o que sabe? Está em silêncio desde que chegamos.

Cláudio: Eu contratei o pistoleiro, mas foi a mando da Verônica. Ela disse que o senhor sabia de tudo, mas que faria vista grossa, ela me enganou.

Roberto: Droga! Ela está tão alucinada com essa história de ser editora-executiva do jornal que já está começando a ameaçar nossos planos. Essa vingança boba está indo longe demais.

Alexandre: Precisa contê-la, ela estava hoje cedo na redação e, por pouco, não colocou tudo a perder.

Roberto: Não posso me livrar com facilidade dela, ela sabe muita coisa. Pode me prejudicar muito, mas irei contê-la, pelo menos até conseguirmos acabar com a moral do jornalista de merda.

Alexandre: Isso, um passo de cada vez. A verdade é que, desde que ele a humilhou, ela quer vingança, mas precisamos seguir com o plano, fazer tudo por baixo dos panos e com as mãos limpas.

Roberto: Exato, ele é sagaz, se for morto, virará um mártir e herói do ano. E isso fará um milhão de outros jornalistas levantarem a voz inspirados pela morte do rapaz. Ele merece é humilhação pública e ter sua reputação abalada. E nosso plano está indo muito bem, já pedi paciência para a Verônica, mas ela está inconformada com ele no cargo. Desde que me tornei sócio majoritário do grupo, ela não fala em outra coisa, não posso abrir o jogo com ela, ou ela pode pôr tudo a perder. Miguel terá o que merece muito em breve.



A conversa deles não me espantou, já suspeitava da relação de Alexandre e Roberto, e também não me preocupou, o que me causou estranheza foi apenas o fato dele ter mencionado que era sócio majoritário do grupo. Ou seja, essa escória pagava o meu salário. Continuei ouvindo:

Cláudio: O matador foi preso, está sob custódia e logo, logo deverá prestar depoimento. Bem provável que entregue tudo, embora tenha usado um número descartável, receio que encontrem alguma ligação e cheguem até mim e, conseqüentemente, em você, já que sou seu assessor.

Roberto: Certamente, precisamos agir antes que isso aconteça.

Alexandre: Preciso ir, não quero ouvir o plano sórdido de vocês, afinal nossa relação é estritamente profissional. Então, quanto menos souber, melhor. Mantemos contato.

Alexandre cumprimentou-os e saiu do restaurante. Enquanto ouvia, aproveitei para fotografar alguns momentos. Continuei ouvindo.

Cláudio: O que pensa em fazer?

Roberto: Ao intermediar o serviço, você mencionou algum nome?

Cláudio: Não, ele só sabe o meu.

Roberto: Perfeito, já tenho um ótimo plano para solucionar o caso.

O telefone de Roberto tocou, ele atendeu e combinou um encontro com uma mulher em poucos instantes. Depois da ligação, despediu-se do assessor e saiu sozinho no carro e o assessor partiu logo depois de táxi.

Retornei ao restaurante e peguei minha escuta de volta, troquei algumas palavras com os policiais que gravaram toda conversa, certamente será muito útil para incriminar o mandante, ou melhor, a mandante.

César me deixou no bar, na esquina da redação, onde meu carro estava, eu o agradei e nos despedimos no estacionamento mesmo. Minha cabeça estava cheia, precisava de distração, entrei no bar e me sentei no balcão, pedi duas doses puras de uísque. Ultimamente, é o que tem me ajudado a aliviar a tensão que vivo.

Desde o acidente, eu não era mais o mesmo, minha vida mudou completamente. Eu não queria admitir, mas Mariana tinha uma grande parcela de culpa nisso. Bebi mais algumas doses, minha vista começou a embaralhar, mas ainda não estava calmo, precisava de mais e então continuei bebendo.

Antigamente, minha distração era sexo, mas agora, todas as mulheres que me interesse tem alguma semelhança com ela. Ah, minha sereia, até quando seu encanto duraria?

Eu achei que já estava liberto dessas lembranças, mas não. Todas as vezes que paro para refletir, ela toma conta dos meus pensamentos, nem mesmo o álcool estava me ajudando. Eu tive alta das sessões de psicanálise, e já estava seguindo em frente, tentando viver normalmente, mas meu coração insistia em não aceitar o que minha mente demorou longos dias para tomar como verdade.

Não posso pensar em você, Mariana.

Eu tentava repelir todos os pensamentos que me levavam a ela, mas era

praticamente impossível, eu via seu rosto em todas as mulheres que se aproximavam de mim, principalmente quando trocávamos beijos.

Por fim, fechei os olhos longamente e consegui não pensar nela momentaneamente. Eu tinha muitas decisões a tomar e, ao mesmo tempo, estava preocupado com a minha mãe e Natália, Alexandre as conhecia, e eu precisava mantê-las seguras.

Depois das descobertas de hoje, finalmente consegui compreender as intenções de Alexandre e da corja que ele se associou. Deu-me a promoção porque queria “o Delator” na redação, mesmo me dando total liberdade, o que não passou de uma armadilha para me convencer a aceitar, sua intenção era ter acesso às minhas investigações antes delas se tornarem públicas. Desse modo, quando tivesse algo que desagradasse ao Roberto, possivelmente encontraria um meio de impedir a publicação.

Confesso que ele foi sagaz e esperto, mas sou bem mais que ele.

Estava me sentindo enganado e, ao mesmo tempo, decepcionado, afinal a minha segunda promoção a editor-executivo não passou de uma manobra sórdida. Não que não tivesse competência para assumir o cargo, mas me entristeceu o fato de ter sido tudo friamente planejado, como parte de uma tentativa pífia de me corromper.

Não foi surpresa saber que a Verônica foi mandante da minha tentativa de assassinato. Eu bem sei que ela é capaz de qualquer coisa para se dar bem na vida. Isso também explica o pedido de demissão dela e o fato dela o ter aceito sem muito alarde, já sabia que, mais cedo ou mais tarde, ocuparia o cargo que eu exercia.

Talvez cansou de esperar por Roberto e achou que a minha morte resolveria tudo e, por isso, achou que, no dia seguinte ao meu atentado, assumiria o cargo. Só esqueceu de se certificar de que o trabalho tinha sido feito com êxito.

Depois de sabe-se Deus de quantas doses, decidi retornar para casa, já era madrugada, peguei as chaves do meu apartamento no carro e voltei de táxi. Desabei na cama, certo de que despertaria com uma ressaca tremenda.

Cheguei à redação por volta das sete da manhã, aproveitei para concluir algumas matérias e preparar uma carta editorial bombástica. Eu pretendia publicar a última edição do “Delator” e, junto com ela, a carta explicando o motivo da minha saída do “Diário Paulistano” e também o encerramento do caderno semanal “O Delator”, mas, enquanto isso, precisava fingir que tudo estava nos conformes, inclusive, fiz uma edição falsa para não levantar suspeitas da verdadeira edição. Antes de ser impresso, eu trocava as versões, e Roberto e Alexandre só saberiam quando “O Delator” já estivesse em milhões de bancas de jornais. Prefiri não envolver ninguém nos meus planos, nem mesmo o César, não por falta de confiança, porque eu realmente não queria estender o risco que corro a ele.

Os dias transcorreram dentro da normalidade, estava no encalço de Alexandre, atento a tudo na redação, ainda não sabia o que estavam tramando contra mim, então tive que agir friamente. Contratei um detetive para segui-lo e a Laura, precisava saber se ela também tinha alguma ligação com essa corja.

Na quinta-feira, logo cedo, fui surpreendido por mais uma jogada de mestre de Roberto Prates. A manchete de capa de um jornal concorrente, óbvio, ele não usaria o “Diário Paulistano” para isso, provocou-me risos ao ler.

Deputado Roberto Prates denuncia a própria noiva por envolvimento na tentativa de homicídio contra jornalista Miguel Novaes.

Terminei de ler e desci do carro, ainda no estacionamento, dei de cara com César, que veio rapidamente ao meu encontro.

— Já viu o noticiário de hoje?

— Se está falando do xeque-mate de Roberto Prates, sim — confirmei.

— Eu achei melhor falarmos aqui, lá na redação não é mais seguro. Fiquei chocado com o que ele fez.

— Eu já imaginava que ele daria um jeito de se livrar dela, mas ele foi mais esperto do que eu pensava, reverteu a situação a seu favor. Leu a

declaração dele?

— Sim, é claro. Ele disse que não concorda com esse tipo de prática e que a liberdade de expressão é um direito constitucional de todos os cidadãos brasileiros e mais um monte de palavras bonitas e sem sentido.

— Exato, e ele ainda conseguiu uma confissão dela. Eu sabia que apenas a usaria e, mais cedo ou mais tarde, daria um pé na bunda dela.

— Ele se deu muito bem e ainda se promoveu com tudo isso, já até encomendaram uma pesquisa eleitoral depois desse episódio. Estou acompanhando tudo e o mantereii informado.

— Tudo bem. Vamos ver até onde vai essa carreira política.

Entramos juntos na redação, conversávamos informalmente sobre outros assuntos quaisquer, sobre o trio Roberto, Alexandre e Verônica, combinamos de tratar apenas pessoalmente e longe da redação.

A manchete foi noticiada nacionalmente, o que fez com que a minha caixa de entrada de e-mail lotasse instantaneamente. Muitos jornais, revistas, programas de TV, entre outras mídias, desejavam uma declaração minha. Tive de desligar meu celular e tirar o telefone da minha sala do gancho para ter sossego ou não conseguiria trabalhar.

Passei a manhã trancafiado em minha sala e, perto do horário do almoço, recebi a visita de Laura.

— Com licença, posso entrar, Miguel?

Laura perguntou pela fresta da porta.

— Sim, é claro que pode.

Laura estava lindíssima com um vestido justo ao corpo, demarcava bem suas curvas e enfatizava sutilmente seus seios. Ela estava viajando e não a via desde o meu retorno, levantei e fui ao seu encontro. Cumprimentei-a com um beijo no rosto, seu cheiro era um misto de floral e amadeirado, um aroma incomum e muito bom. Inalei um pouco do seu perfume.

— Eu sei que não quer falar com ninguém, mas fiquei preocupada. Já soube o que aconteceu, eu juro que nunca pensei que Verônica estivesse por trás de tudo. Ainda bem que já está presa.

— Presa? Não sabia, eu me desliguei de tudo, não estava conseguindo ter paz.

— Eu posso imaginar, o mandado de prisão preventiva foi decretado, e ela foi presa tentando fugir do país. Pensei que já soubesse.

— Não, eu não estava tendo sossego e concentração para trabalhar, por isso preferi me desligar de tudo.

— Entendo. Está precisando de algo?

— Estou bem, obrigado pela preocupação. Aceita um café?

— Não, obrigada, Miguel. Preciso voltar ao trabalho, tenho muita coisa pra organizar, consegui matérias ótimas. Os eventos que visitei foram maravilhosos, teremos excelentes matérias em breve, mas, caso necessite de alguma coisa, não hesite em me procurar, tudo bem?

— Agradeço pelo apoio e, se precisar, eu chamarei.

Inclinei para beijar seu rosto em despedida, não sei se propositalmente, mas ela virou o rosto de relance e nossos lábios se tocaram suavemente. Eu havia esquecido o quão macio eles eram.

Uni nossos corpos e a beijei, Laura rapidamente correspondeu e enlaçou os braços em meu pescoço. Nosso beijo evoluiu rapidamente, embora o beijo estivesse indo bem, eu lembrei de Mariana, como aconteceu com todas as mulheres que beijei nos últimos dias. No entanto, eu precisava seguir com a minha vida e voltar a ser o pegador que sempre fui. Repeti mentalmente o meu mantra: “Mariana não existe” e me entreguei ainda mais ao beijo intenso e sôfrego.

Laura cessou o beijo e alisou meus braços fortes suavemente.

— Acho melhor voltar para a minha sala antes que algo impróprio aconteça.

— Laura, desculpe-me, eu...

— Não precisa se desculpar, aconteceu, e não precisa se culpar ou me dizer que não temos nada além de uma boa amizade. Eu já sei, somos apenas amigos.

— Laura, você é extraordinária e já sabe que sou sincero com relação ao que sinto.

— Eu sei, volto depois para tratarmos de alguns assuntos pertinentes ao trabalho. Certo?

— Certo.

Confirmei com um sorriso sincero, Laura não cansava de me surpreender.

Felizmente, o detetive que contratei não achou nenhuma ligação dela com Alexandre e Roberto, o que me deixou mais tranquilo. O carinho e preocupação que ela nutria por mim são reais.

Continuei trabalhando e almocei na redação mesmo, preferi não sair porque a frente do edifício estava repleta de repórteres. Após o almoço, me reuni com todos os editores, resolvi me pronunciar primeiramente para os meus colaboradores, queria evitar falatórios desnecessários. Fiz um pronunciamento, bem sucinto por sinal, coloquei uma pedra nesse assunto e retomamos o trabalho normalmente.

Alexandre esteve na redação mais cedo e depois saiu, passou o dia todo praticamente fora, retornou no fim do expediente, tratou-me naturalmente e até demonstrou preocupação, como se não soubesse de absolutamente nada. Encontramo-nos brevemente próximo ao elevador.

— Miguel, como está?

— Bem — respondi seco.

— Fiquei muito abalado com toda essa história. Uma ex-funcionária nossa ser capaz de mandar matar o antigo chefe é, no mínimo, preocupante.

— Realmente, também não esperava que sua inimizade chegasse a esse ponto.

— Você precisa de um tempo? Sei lá, talvez seja melhor se afastar nesse momento até as coisas esfriarem.

— Você tem razão, eu preciso de um tempo mesmo. Vou concluir alguns projetos que comecei e tirarei alguns dias de folga.

— Claro, claro. Tire quantos dias necessitar.

— Obrigado, Alexandre, até amanhã!

Despedimo-nos assim que o elevador chegou e voltei para casa.

Aproveitei para ligar para minha mãe, depois da publicação do “Delator” que eu estava preparando junto com a minha carta de demissão, poderia colocar em risco a vida delas.

— Mãe, a sua bênção.

Falei assim que ela atendeu.

— Deus o abençoe, meu filho. Está tudo bem? Eu vi os jornais, aquela mulher é maluca?

— Tudo ótimo, mãe. Ela já está presa, fique tranquila, mas quero tratar de outro assunto. Lembra da viagem que a senhora sempre desejou fazer para Miami?

— Sim, lembro.

— Eu comprei um pacote promocional para você e Natália, arrume as malas e aproveite e visite a tia Hermínia e a prima Rayssa.

— Maravilha, Miguel, para que dia marcou as passagens?

— Daqui a três dias, o retorno a senhora poderá marcar para quando desejar. Não se preocupe com dinheiro, já transferi uma boa quantia para aproveitarem o suficiente.

— Eu preciso resolver muitas coisas aqui, não pode ser daqui a uma semana?

— Não, só tinha essa data. Não se preocupe com nada, só arrume as malas e deixe o resto comigo.

— Tudo bem.

— Vou mandar por mensagem os horários dos voos, eu as levarei no aeroporto.

— Obrigada, meu filho, Natália ficará em êxtase.

— Ótimo, aproveite para matriculá-la em um bom curso de inglês, quem sabe até um intercâmbio.

— Faremos isso. Cuide-se, Miguel.

— Fique bem, mamãe.

Encerrei a ligação e retornei para o meu apartamento, terminei mais uma noite acompanhado do uísque, era a única forma que conseguia me abster de pensar na sereia que me enfeitiçou. Eu precisava retomar o controle da minha vida.

Mariana, Mariana, Mariana, meu faro investigativo se recusava a aceitar que ela era apenas fruto da minha imaginação ou era o meu coração que se recusava? Já não sabia mais.

Eu já não era mais o mesmo desde que provei os lábios de Mariana, ou acho que os provei. Por que eu não consigo esquecê-la? Eu a tive em meus braços, eu vivi noites de amor tórridas ao seu lado.

Porra! O que eu faço para tirá-la da minha mente?

Preciso de novas sessões de psicanálise com urgência, bastou interrompê-las para que as memórias dela viessem outra vez me perturbar.

Antes de pegar no sono, meu celular vibrou, olhei rapidamente, era uma notificação de e-mail. Esfreguei os olhos e abri, era anônimo, tinha uma sutil mensagem: “*Siga seus instintos*” e alguns números que não faziam sentidos. Ignorei e caí no sono no sofá mesmo.

Três dias depois, levei minha mãe e irmã ao aeroporto, meu plano estava indo muito bem. Elas, enfim, estavam seguras, respirei aliviado.

Precisava, agora, colocar em prática meu plano e acabar com a carreira promissora do político corrupto Roberto Prates.

Cheguei na redação por volta das nove da manhã, reuni-me com os editores que já estavam com suas matérias prontas e a última seria Laura, ela tinha alguns projetos novos que precisavam da minha aprovação, o que demandaria mais tempo que os demais editores.

Almocei na redação e, depois do almoço, tinha minha tarde agendada para Laura. Não demorou muito para ela abrilhantar minha tarde com a sua beleza.

— Boa tarde, Miguel.

— Boa tarde, Laura. — Levantei para cumprimentá-la e beijei seu rosto respeitosamente. — Você está linda.

— Obrigada pelo elogio. Deseja ir até a sala de reuniões?

— Onde preferir, estou ao seu dispor.

— Bom saber. — Ela se aproximou e alisou minha barba. — Será que depois do expediente ainda estará disposto para mim?

Laura era linda, incrível, e eu precisava retomar minha vida, e ela era a mulher certa pra isso. Cansei de viver na ilusão de que um dia encontraria Mariana. Decidi, naquele momento, fitando os olhos serenos de Laura, que Mariana faria parte apenas das minhas lembranças.

Beijei-a com desejo e desci as mãos para alisar suas curvas marcadas no terninho cinza que a deixava incrivelmente sexy. Depois de um longo e sôfrego beijo, cessei e alisei seus lábios com o meu polegar.

— Acho que já tem uma resposta.

— Eu senti falta desse Miguel decidido, desde o seu acidente...

Coloquei o dedo indicador nos lábios dela, impedindo-a de concluir sua fala, não queria mais falar nesse assunto. O beijo que trocamos foi um marco para mim, era o ponto final na minha ilusão por Mariana e o início da minha história com Laura.

— Não precisa dizer nada, e eu quero te fazer um convite.

— Convite?

Ela arqueou a sobrancelha surpresa.

— Sim, convite. Aceita jantar comigo hoje?

Claro que o meu sorriso de lado continha um convite totalmente mal-intencionado.

— Aceito, mas é só um jantar, não é mesmo?

— Digamos que será o que você quiser.

Beijei-a novamente, mas nosso beijo foi interrompido por uma batida à porta, era a Michele, a assistente de Laura.

— Entre — ordenei.

— Com licença, a sala já está organizada e podemos começar.

Michele ficou desconcertada, ela percebeu que interrompeu algo entre nós.

— Obrigada, Michele. Organize todos que já estamos indo — Laura respondeu.

Michele saiu, e Laura sorriu lindamente, um pouco ruborizada, acho que pelo fato termos sido surpreendidos. Aproximei-me novamente dela, segurei seu rosto e beijei seus lábios suavemente.

— Não fique constrangida, logo mais todos saberão do nosso envolvimento.

— Por quê? — ele questionou surpresa.

— Confie em mim. Agora, vamos trabalhar.

Caminhei em direção à porta e a abri. Laura ficou alguns instantes parada pensando nas minhas palavras. Não queria estragar a surpresa, eu estava disposto a ter algo mais sério com ela, mas queria falar apenas durante o nosso jantar.

Chegamos juntos na sala de reuniões, faltava apenas uma repórter para completar a equipe. Laura começou sua explanação, apresentou os novos projetos, eram bem consistentes e inovadores, ela realmente era muito competente. Seria uma ótima repaginada no caderno de modas.

Foi uma longa reunião, após as devidas apresentações, todos ficaram em silêncio, com semblantes de satisfação estampados nos rostos. Laura tomou a palavra mais uma vez.

— O que achou, Miguel?

— Perfeito, Laura. Você e sua equipe estão de parabéns. Ótimas ideias.

— Para o dia do trabalho, eu gostaria de fazer uma matéria especial. A Elisa esteve em uma ilha inóspita no litoral paulista, em uma pequena vila de pescadoras que produzem lindas peças de joias artesanais. Ela fez uma reportagem ótima, vai ser a matéria de capa perfeita. Acessórios artesanais são uma forte tendência para essa estação.

— Confio em você, se está dizendo que é uma ótima matéria, estou certo

de que será.

— Michele, chame a Elisa, por favor. Eu a deixei fora da reunião, porque ela estava finalizando duas matérias.

Michele saiu da sala e, instantes depois, retornou com Elisa. Eu estava distraído, conversando com Laura sobre alguns detalhes dos novos projetos. Elisa tomou a palavra e, quando eu a olhei, fiquei temporariamente mudo, levantei sobressaltado e caminhei em sua direção.

Porra, de novo, não!

Ela usava um colar feito de conchas do mar, exatamente igual ao que Mariana usava. Segurei firme no seu colar e questionei nervoso.

— Onde conseguiu isso?

— Eu... eu — ela gaguejou assustada, tentando responder.

— Fala logo — bradei angustiado.

Todos em volta estavam assustados com a minha reação, só eu sabia o que esse colar representava. Poderia ser o passaporte para minha felicidade.

— Calma, eu vou falar, comprei na ilha que visitei.

— Leve-me nessa ilha agora mesmo.

Peguei o braço dela disposto a ir imediatamente a essa ilha.

— O que está acontecendo, Miguel? Por que você está tão obcecado por esse colar? — Laura perguntou.

Nem olhei para Laura, tampouco a respondi, eu estava tão focado e certo de que encontraria minha sereia que nada mais naquele momento me importava.

Que se foda tudo e todos, eu vou encontrar a minha sereia.

— Venha comigo agora, Elisa.

Ela me seguiu sem entender o motivo, assim como os demais que ficaram na sala.

— Eu posso explicar como chegar lá, foi o meu primo que me levou. Ele pode te acompanhar, não acha melhor?

— É uma questão muito urgente, Elisa. Preciso chegar nessa ilha agora mesmo, pegue suas coisas e me encontre no estacionamento.

— Tudo bem.

Ela consentiu não muito satisfeita, mas seguiu minha ordem.

Desci rapidamente para o estacionamento, aguardando pela Elisa, abri meu e-mail para enviar uma matéria para o César concluir.

Olhei novamente o e-mail anônimo que havia recebido, os números que no alto da minha embriaguez não fizeram sentido, agora estavam claros como a luz do dia. Tratavam-se de coordenadas, abri rapidamente o mapa e, coincidentemente ou não, as coordenadas eram no litoral paulista. Achei muito suspeito, mas algo me dizia que eu precisava averiguar esse lugar.

— Pronto, seu Miguel.

Elisa se aproximou, abriu a porta do carro e entrou.

— Explique-me como chego nessa ilha.

Ela me explicou como chegar e eu a dispensei, estava tão esperançoso de que encontraria Mariana que era melhor chegar sozinho.

Com as orientações que ela havia me dado, seria impossível não encontrar.

Parti rumo ao encontro da minha sereia e da minha felicidade.



Dirigi rapidamente, mesmo com inúmeros problemas e assuntos graves para resolver, pouco estava me importando. Mais uma vez, eu estava abandonando tudo em nome das minhas suspeitas.

Meus lábios não conseguiam conter um sorriso bobo que insistia em se fixar neles. Eu estava esperançoso e louco para vê-la, desde que a conheci, não consegui tirá-la da minha cabeça. Mariana foi a mulher que mais tempo dominou meus pensamentos.

Eu acho que desisti de encontrá-la e aceitei que ela foi uma ilusão porque, no fundo, eu tinha medo do que sentia por ela. Nunca passei por isso antes, tudo foi tão intenso e rápido, mas foi tempo suficiente para me deixar perdidamente apaixonado.

Opa! Olha só o que eu acabei de dizer. Sei que vocês, leitoras, estão rindo de mim ou me maldizendo nesse momento, não é mesmo? Como Miguel Novaes, solteirão convicto e maior pegador, está apaixonado? Como, leitoras, digam-me? Sou inexperiente nesses lances de amor. Depois de Cristina, tive a convicção de que o amor era algo intangível na minha vida.

Eu precisava resolver essa história de uma vez por todas, precisava retomar minha vida, com ou sem Mariana. Meu coração pedia que fosse com ela, mas ainda corria o risco dela não me querer. Quanta dúvida! Eu

reconheço que parecia mais um adolescente apaixonado que o homem seguro e caçafeste que sou. Eu estava inseguro e temia ser rejeitado.

Vivi os piores dias da minha vida ultimamente, não estava conseguindo viver plenamente, estava bebendo mais do que o de costume, transando menos, bem menos do que o habitual. Meu único prazer nos últimos dias foi o meu trabalho e, lamentavelmente, ainda descobri que estou no meio de pessoas pérfidas e execráveis, indignas de terem um trabalho descente e imparcial, como sempre fiz.

Minha decepção maior foi pelo fato de terem tramado a minha promoção certos de que me comprariam, mesmo que sem sucesso, fiquei indignado. Eu jamais venderia a minha dignidade.

Minha cabeça estava cheia e o meu coração acelerado, mas, ainda assim, recordei o convite que fiz a Laura, ela era a uma das poucas pessoas que ainda tinha meu respeito na redação. Embora, o detetive que contratei não tenha encontrado nenhuma ligação dela com o trio diabólico, eu pedi que continuasse a investigando. Eu queria garantias de que ela era digna da minha confiança.

Eu havia, enfim, decidido ter uma vida a dois, casar com Laura, talvez, e acho que ela é a mulher ideal, mesmo que o meu coração ainda fosse de Mariana, não poderia viver o resto da minha vida em função de uma lembrança. Lembrança essa, que ninguém, além de mim mesmo, crê na existência.

César, o médico que me atendeu e até o psicanalista, com quem recentemente fiz terapia, tentaram, sem louvor, me convencer de que não passou de um fruto da minha imaginação. Foi apenas uma manifestação patológica do meu estado de saúde naquele momento.

Por diversas vezes, cheguei a pensar que estava ficando louco, confesso, mas tudo mudou novamente e o meu coração estava cheio de esperanças. Dessa vez, estava confiante que daria certo, iria encontrá-la e descobrir que mistério era esse, qual motivo dela estar se escondendo? Por que ela fugiu da ilha?

De repente, lembrei-me de Isadora, será mesmo que ela era minha sereia? Nesse momento, dei-me conta de que não visitei o túmulo dela. Na verdade, fiquei tão impressionado com a possibilidade de ela estar morta que pouco me preocupei em investigar mais detalhadamente como ocorreu.

Reduzi a velocidade e parei no acostamento, uma rápida ideia veio à mente, se eu estivesse certo, Isadora e Mariana poderiam, sim, ser a mesma pessoa. Pesquisei na internet “Acidente Isadora Rouster”, vieram poucas notícias, mas a mais importante consegui abrir. Li tão rapidamente, ávido por apenas uma única informação que confirmasse as minhas suspeitas:

“Um carro caiu no mar próximo a Santos, litoral paulista, na manhã desta sexta-feira (4). Segundo a Polícia Rodoviária Estadual, a motorista, identificada como Isadora Rouster, perdeu o controle da direção e avançou a barreira que divide a rodovia do mar. Ela estava a caminho do litoral para visitar uma instituição de caridade. O marido da vítima acompanhou a retirada do veículo do mar e as buscas pela esposa, muito abalado, não quis dar entrevistas.”

Droga! Eu deveria ter investigado mais. Não deveria ter abandonado as investigações da minha sereia, deveria ter ido mais a fundo. Continuei lendo e descobri que o corpo de Isadora nunca fora encontrado.

Porra!

Agora tudo faz sentido, meu faro investigativo estava certo. Mariana, na verdade, é Isadora, e ela deve ter tido um excelente motivo para ter forjado a própria morte e fugido do marido. Se ela está se escondendo, não posso chegar lá procurando por ela, preciso inventar um motivo para não levantar suspeitas.

Continuei dirigindo, precisava chegar na ilha antes do anoitecer, eu precisava vê-la, tocá-la, mesmo que ela não me quisesse, o que me deixaria profundamente triste. Eu queria olhar naqueles olhos, beijar seus lábios e tocar sua pele sedosa outra vez. Eu precisava disso, mas ainda receava a rejeição, e se ela não me quisesse? É uma possibilidade que devo considerar, bem como a de não a encontrar, mesmo que ache essa possibilidade remota, também tenho que considerar que ela pode não estar lá.

Cheguei ao porto indicado pela Elisa, já era tarde e não havia mais embarcações que pudessem me levar até a ilha. Fiquei num hotel de frente para o pequeno porto, quando visse o primeiro barqueiro, correria para alugar.

Jantei no hotel mesmo, aproveitei para conversar com alguns funcionários. Todos foram categóricos em afirmar que a ilha era em um local bem isolado e que, sim, viviam poucas pessoas por lá e eram artesãs que confeccionavam bijuterias. Eu estava eufórico, dei uma volta pela cidade, a pé mesmo, era uma cidade bonita, e eu ainda não conhecia Caraguatatuba, tive aqui apenas de passagem ou para visitar obras com contratos suspeitos. Eu tentava não pensar nela, estava muito ansioso, mas era inevitável.

Peguei um táxi e pedi para me levar até as coordenadas que recebi no e-mail anônimo na tentativa de distrair a mente. Percorremos um longo trajeto, até meu celular demonstrar o ponto exato das coordenadas. Era um pequeno porto, desci do carro e caminhei até o trapiche, avistei alguns barcos ancorados, dos mais variados tamanhos.

Um silêncio profundo e angustiante, junto com a brisa marítima, me provocava calafrios. Não havia uma viva alma, estava tudo completamente deserto. Decerto, esse não era o horário mais adequado para estar em um porto, mas confesso que fiquei intrigado, ou alguém estava me pregando uma peça, ou tinha algo aqui nesse lugar que eu precisava ver, mas, por enquanto, não via nada, absolutamente nada.

Retornei ao táxi, confuso, mas certo de que precisava voltar aqui. Era o segundo e-mail do mesmo remetente que havia recebido; o primeiro, sugeria que investigasse Teodoro e, agora, me enviou essas coordenadas. Esses e-mails podem ter alguma relação com a Isadora, será que ela os enviou? Por que não se identificou? Será que corre algum risco de vida?

Novamente, eu estava envolto em mais uma investigação, mas, dessa vez, teria êxito, encontraria a minha sereia, custe o que custar.

No trajeto de volta, interrompi minha reflexão e perguntei ao taxista:

— Aquele porto que me levou ainda funciona?

— Sim, sim. É o porto pesqueiro, os pescadores da região atracam lá diariamente para vender os seus pescados e mariscos.

— Interessante, isso acontece diariamente? — perguntei.

— Sim, todas as manhãs e no fim da tarde também.

— Entendo. Pode me levar lá novamente amanhã no fim da tarde?

— Claro, posso, sim.

Chegamos ao hotel, paguei a corrida e anotei o horário e o número do quarto para que me buscasse amanhã. Voltei para meu quarto para tentar dormir, precisava acordar bem cedo.

Meu telefone tocou, era Laura, havia esquecido completamente dela, atendi.

— Oi, Laura.

— Miguel, você está bem?

— Sim, estou e você?

— Bem, mas fiquei preocupada, você saiu daqui tão transtornado por conta do colar que fiquei confusa.

— Desculpe, Laura, é uma longa história, mas não tenho como explicar agora. Quando retornar, conversaremos melhor, tudo bem?

— Você disse que tinha algo para me falar hoje durante nosso jantar, pode me contar?

Porra!

Eu não sou falso, muito menos do tipo que engana mulheres. Sempre fui muito sincero com relação aos meus sentimentos e as pretensões com cada uma que me envolvi, mas Laura era a mulher certa para me fazer esquecer a loucura que vivia ultimamente. Eu não queria enganá-la, mas também não

queria perdê-la, no fim de tudo isso, se não der em nada do que meu o coração almeja, quero ter Laura ao meu lado.

— Sim, eu lembro o que disse, mas estou no meio de uma investigação muito importante. Assim que concluir, eu prometo que te explicarei tudo.

— Espero que volte logo, sentirei sua falta.

— Tentarei ser ágil. Até mais, Laura.

— Até mais. Fique bem, Miguel.

Encerrei a ligação e tentei dormir, rolei diversas vezes, mas, enfim, adormeci. Despertei cedo, tomei um rápido café. Por sorte, minha câmera fotográfica estava no meu carro. Não poderia chegar na ilha dizendo que estava procurando por Isadora ou Mariana, não sabia qual nome ela usava na ilha.

Segui para o cais e consegui um barqueiro, informei a ilha e partimos. Eu estava trêmulo, mãos frias e meu coração palpitava mais do que o normal. Dessa vez, essa história terá um desfecho, preciso elucidar esse mistério. Quero viver plenamente feliz ao lado da minha sereia ou seguir com a vida ao lado de Laura. Confesso que a segunda opção não me agrava muito, mas, se fosse rejeitado ou não encontrasse nada de concreto, encerraria minhas buscas por Mariana. Pela segunda vez, abandono tudo em função dela, e se dessa vez não der em nada, desisto definitivamente e peço a Laura em casamento.

— Chegamos, é aquela ilha.

O barqueiro disse, apontando para ilha que nos aproximávamos.

— Obrigado. Pode me esperar? Fique tranquilo que o pagarei pelo tempo de espera, vou apenas fazer algumas fotos para uma matéria.

— Tudo bem, senhor — o barqueiro confirmou.

Peguei minha câmera e subi na pequena ponte de madeira. A vista era belíssima e a natureza exuberante em volta, fiz algumas fotos para não

levantar suspeitas.

Desci até a praia e alguns metros à frente avistei várias casas bem simples e algumas mulheres sentadas em uma espécie de tenda coberta com palha. Aproximei-me lentamente, elas perceberem a minha presença, levantaram-se e me observaram atentamente. Tentei sorrir gentilmente para disfarçar o meu nervosismo.

— Bom dia, sou Miguel, fotógrafo do “Diário Paulistano”. Uma repórter nossa, a Elisa, esteve aqui com vocês e fez uma reportagem, e eu vim tirar as fotos para compor a matéria, posso?

— Bom dia, senhor. Claro que pode, fique à vontade, venha comigo, mostrarei nossas peças e como as fabricamos.

A mulher ficou eufórica e me recebeu alegremente, mostrou-me tudo detalhadamente. Fotografei todos os detalhes, mas estava ficando impaciente, caminhei por toda ilha e não vi o rosto que eu buscava.

Havia muitas mulheres, crianças, jovens de todas as idades, vi poucos homens, apenas dois com mais idade, que teciam uma rede de pesca com dois meninos. Depois de quase uma hora seguindo a mulher por toda ilha, fotografando tudo e a ouvindo contar até a quantidade de cachorros que moravam na pequena comunidade, minha insatisfação e impaciência falaram mais alto. Interrompi a mulher que não parava de falar um segundo:

— Por acaso, pode reunir todas as artesãs para que eu faça uma foto coletiva?

— Sim, é claro. Volto já.

A mulher saiu, e eu aguardei seu retorno com esperança, mas, para minha tristeza, quem eu queria não estava entre as moradoras da ilha.

— Já estão todas aqui?

Tive esperança de ouvir um não.

— Sim, estão.

Mas foram desfeitas tão logo a mulher confirmou enfaticamente o que não gostaria.

Fiz a foto coletiva e, logo em seguida, agradei a colaboração dela. Pouco depois, as artesãs se dispersaram. A mulher me acompanhou até a ponte. Eu estava frustrado, mais uma tentativa inválida de encontrar alguém que não existia.

Avistei uma pequena moradia, um pouco distante das demais, fiquei curioso.

— Aquela casa, não mora ninguém ali? — questionei, apontando para pequena moradia.

— Sim, mora, é da Dorinha, pescadora, mas agora ela está no mar pescando.

— Certo. Bem, eu agradeço pela sua colaboração, quando a matéria estiver publicada, a Elisa entrará em contato com vocês.

— Tudo bem, seu Miguel, nós aqui mal temos energia elétrica e o acesso à internet é somente nos portos, mas, quando for até lá, vou procurar o jornal na banca.

Sorri em agradecimento, estendi a mão em cumprimento e retornei para a barco.

Estava abalado e me achando um completo imbecil por ter seguido uma pista dessa e ter feito ligações sem fundamento com base em achismos.

Porra!

Minha cabeça doía só de pensar que, mais uma vez, abandonei tudo na busca de alguém que não existe.

O trajeto de volta pareceu muito mais longo que o da ida, acho que pela tensão e ansiedade que eu estava para vê-la. Tratei de limpar meus pensamentos e me concentrei única e exclusivamente nas paisagens,

aproveitei para registrar a natureza.

Atracamos, e eu retornei para o hotel próximo do meio-dia, almocei e comprei uma garrafa de uísque. Novamente, eu estava afogando minhas frustrações com a bebida.

Bebi o uísque puro, gole atrás de gole, e era a primeira vez que bebia por conta de uma mulher, uma lágrima caiu dos meus olhos, tentei conter, mas a vontade de chorar foi maior que eu. Chorei, nem eu mesmo entendia o motivo, mas sabia que a dor que sentia no peito era culpa de Mariana.

Por que ela fugiu de mim? Será que não mereço ser feliz?

Eu estava completamente bêbado, sozinho e chorando feito uma criança. Pensei em ligar para Laura, mas desisti, nessas horas, a solidão é a melhor companhia. Depois de uma profunda reflexão interior e muito choro, apaguei, literalmente.

Despertei com batidas à porta do quarto, minha cabeça latejava, eu estava zozinho e demorei para ficar de pé. Antes mesmo de conseguir perguntar quem era, uma voz forte do outro lado da porta ecoou por todo quarto.

— Seu Miguel, é o taxista, ainda vai querer ir ao porto pesqueiro?

Lembrei que havia combinado com ele de me levar hoje ao porto. Levantei e caminhei até a porta, tonto, respondi por uma pequena fresta.

— Você pode me aguardar na recepção? Vou tomar um banho e, me faça mais um favor, consiga um café bem forte e amargo, por favor.

— Tudo bem.

Fechei a porta, tomei um longo banho e escovei os dentes. Precisava despertar, nem estava mais interessando em ir até o porto, todas as minhas esperanças já haviam se dissipado, mas já que ele lembrou do compromisso, eu irei. Talvez fosse bom, ajudaria a distrair a mente ou passaria o resto do dia bebendo.

Minutos depois, encontrei-o na recepção com um copo grande de café,

conforme havia pedido. Agradei-o pela gentileza e partimos em direção ao porto. Depois do café, eu era outro homem.

O fim de tarde era lindo, contemplei pelas janelas do carro durante o trajeto até o porto. O sol se encobrendo e a lua começando a surgir. Era um lindo entardecer.

Minutos depois, ele reduziu e estacionou o carro. Paguei a corrida e desci em direção às embarcações. Encostei-me em um pilar do trapiche, queria apenas observar o mar e aproveitar a brisa que vinha de encontro ao meu rosto.

Era uma tarde perfeita para estar acompanhado, fechei os olhos e desejei tanto tê-la ao meu lado, mas, infelizmente, essa era uma possibilidade improvável, ou melhor, impossível.

O porto estava movimentado, várias embarcações chegando para comercializar seus produtos. Estava bem cheio, e não sei o porquê, observá-los estava me tranquilizando. Vários barcos atracaram e zarparam em um curto espaço de tempo, resolvi fotografar mais de perto.

Caminhei pelo trapiche e me aproximei para fazer algumas fotos, observei pacientemente até o movimento reduzir e o porto ficar deserto outra vez, quando decidi retornar, poucos barcos estavam ali, já sabia o caminho e retornaria a pé, caminhar ao ar livre me faria bem, ainda mais com a vista para o mar.

A lua despontava no céu, refletindo toda sua beleza nas águas do mar, fiz mais algumas fotos e já caminhava pelo longo trapiche para retornar. Eu estava mais calmo e, outra vez, olhei para o mar, uma pequena embarcação se aproximava, registrei o momento.

Meu coração estava triste, mas minha razão havia assumido o controle, estava decidido a retornar e pedir Laura em casamento. O barco se aproximava lentamente, e o seu nome me provocou risos, chamava-se “Mariana”, o nome que destruiu minha sanidade mental.

Ele se aproximou lentamente e uma inquietação tomou conta do meu

coração, um arrepio percorreu todo meu corpo estranhamente. Continuei observando o barco e vi a silhueta de uma mulher o conduzindo, meu coração insistiu em palpitar mais que o normal. À medida que o barco alcançava o porto, a imagem da mulher ficava mais nítida, achei que estivesse vendo coisas, era a minha Mariana.

Eu fiquei trêmulo e caí de joelhos ao reconhecê-la. Fiquei tão nervoso, pensei em gritar por ela, pular no mar para alcançá-la, mas me contive, eu precisava ter certeza do que via. Aproximei-me da pequena escada que dava acesso aos barcos, desci e esperei ela atracar.

Quando ela atracou, a minha suspeita se confirmou, Mariana e Isadora eram a mesma pessoa. Dois pescadores desceram, eu estava embasbacado, olhando-a com enorme admiração, meus olhos lacrimejaram ao vê-la tão linda e sublime conduzindo majestosamente o barco.

Ela saiu da cabine e olhou na minha direção, finalmente nossos olhares se encontraram depois de tanto tempo. Sorri, e ela não retribuiu, mas percebi que estava surpresa, vi nos seus olhos.

Todas as vezes que mentalizei esse momento, eu sempre a imaginava correndo para meus os braços. E ela correu, mas em direção oposta. Voltou para cabine apressada e tentou zarpar com o barco.

Eu corri o mais rápido que pude, pulei desesperado na proa barco, por pouco não caí no mar. Dessa vez, ela não me escaparia, corri até a cabine que estava trancada, chutei a porta com tanta força que ela se abriu rapidamente.

Não era uma porta fajuta que me impediria de chegar até ela. Caminhei lentamente em sua direção, ela largou o leme e me encarou temerosa, puxei-a pela cintura, olhei dentro dos seus olhos, vi o medo neles, mas pouco me importei.

— Nunca mais fugirá de mim.

Não aguardei sua resposta e a beijei com desespero e sofreguidão.



Nosso beijo era urgente, um misto de saudade e paixão, embora ela tenha tentado protestar e resistir, foi inevitável. Nossas bocas pediam por isso, continuei beijando, não estava disposto a largar seus lábios sedosos, não agora, eu desejei demais esse beijo para interromper agora, mesmo louco por respostas.

Alisei suas costas, seu rosto, seus cabelos e apalpei seus braços com desespero, era uma tentativa de provar para mim mesmo que ela era real, eu a tinha nos meus braços outra vez. Eu esperei tanto por esse momento, que tive receio de abrir os olhos e descobrir que tudo não passou de mais uma ilusão da minha mente alcoolizada.

— Não, Miguel.

Mariana resmungou, cessando o nosso beijo.

Alisei seu rosto, olhei fixamente nos seus olhos, passei o polegar pelos seus lábios avermelhados pelo recente beijo.

Como eu desejei esse momento!

Ela era real e estava aqui, na minha frente, eu não sou louco, meu coração sempre esteve certo. A minha sereia está aqui comigo. Eu tinha tantas coisas

para dizer, questionar, que nem mesmo sabia por onde começar. A única certeza que eu tinha era de que não sairia daqui sem ela, mesmo muito nervoso e com o coração acelerado, eu só queria tê-la nos meus braços nesse momento.

— Eu esperei tanto por esse momento, eu te procurei desesperadamente. Por que me abandonou?

Mal tive tempo de concluir a pergunta e lágrimas rolaram pelo meu rosto. Acho que de felicidade e também medo, pois eu não vi em seus olhos a mesma felicidade que havia nos meus. Isso me preocupou.

Ela respirou profundamente, abriu a boca como se quisesse falar algo, mas desistiu, pulou em meus braços e me deu um forte abraço. Era tudo que eu queria e tranquilizou meu coração.

Busquei seus lábios em um novo beijo, dessa vez, com mais calma e ternura, embora estivesse louco para arrancar suas roupas aqui mesmo. Enquanto nossas bocas se consumiam, minhas lágrimas banhavam nossos rostos, nem eu mesmo entendia o motivo delas.

Ela também chorava, sequei suas lágrimas com as costas dos dedos. Ficamos alguns minutos abraçados, apenas consolando um ao outro.

— Precisamos conversar, venha comigo, Mariana.

— Não, Miguel. É melhor você ir...

— Nunca mais ouse dizer isso — coloquei o dedo em seus lábios —, eu não vou deixar você fugir, nós temos muita coisa para conversar. Eu já sei tudo sobre você, nem tente me dispensar que não sairei daqui enquanto não conversarmos.

— Não, você não sabe.

— Isadora Lima Rouster, baiana, trinta e dois anos, médica, casada com Teodoro Rouster, morava em São José do Rio Preto, perdeu o controle do carro e caiu no mar a caminho de Santos. Seu corpo nunca foi encontrado.

Quer que eu continue?

Disse friamente, ela ficou surpresa e um pouco nervosa, levou as mãos ao rosto, depois baixou a cabeça e se afastou de mim, andou de um lado a outro da pequena cabine, preocupada, temerosa, não sei por qual motivo, mas eu queria ajudá-la.

— Mariana, eu quero entender o que está acontecendo e, confie em mim, eu posso te ajudar.

— Foi por isso que o abandonei na ilha, Miguel, quando descobri que você era um jornalista investigativo fiquei desesperada, tive medo que descobrisse quem sou.

— Ouça, eu não vou te deixar fugir novamente, não adianta me expulsar, que eu não vou embora. Temos muito o que conversar, mas, nesse momento, não quero falar de nenhum assunto que nos cause preocupações. A única coisa que eu quero é você, minha sereia.

Aproximei-me dela, coloquei as mãos em seu rosto e beijei castamente sua boca. Seus lábios continham um leve sorriso.

— Você não vai desistir, não é?

— De você? Nunca — afirmei categoricamente.

— Eu tenho muitos problemas, Miguel, não...

Interrompi sua fala com um novo beijo. Nada que ela dissesse me faria desistir, e discutir era o que eu menos queria. Eu esperei tanto para reencontrá-la e agora só conseguia pensar em beijar sua boca e me perder nas suas curvas.

Cessei o beijo e encostei minha testa na dela.

— Não precisamos falar de nada agora, nesse momento, eu só quero você e nada mais. Eu passei dias sonhando com esse momento, não quero que nada estrague nosso reencontro. Eu preciso te beijar e te tocar, preciso sentir sua pele sobre a minha, poder respirar feliz e aliviado, pois não sou um louco.

Você existe e está nos meus braços, minha sereia.

Ela sorriu, e seus olhos brilharam, vi neles que eu era correspondido, ela também tinha sentimentos por mim.

— Preciso devolver o barco e depois podemos conversar.

— Certo.

Ela assumiu o leme novamente, e eu a abracei por trás.

Porra!

Meu pau já estava semiereto e, com o contato do corpo dela, parecia que ia explodir. Alisei seus braços lentamente, a pele dela ainda tinha a mesma maciez que a minha lembrança registrava. Tive de me conter, não queria que os meus desejos atrapalhassem o nosso percurso, longe de mim sofrer outro acidente náutico, sem contar que eu tinha pressa para chegar.

Tínhamos muitos assuntos para resolver, mas uma certeza eu tinha, jamais a perderia novamente.

Navegamos por alguns minutos, estávamos em silêncio, eu apenas contemplava sua beleza, alisava seus cabelos e os beijava de vez em quando. Mariana era naturalmente linda, diferente das mulheres que estou acostumado, pouco usava maquiagens, se é que usava, roupas de grife ou acessórios, mas isso pouco fez, a sua beleza já era o necessário para alegrar o meu dia.

Minutos depois, atracamos na mesma ilha em que estive hoje cedo, já era noite. As luzes das casas ao longe iluminavam a margem da praia. Descemos do barco juntos.

— Fique aqui me aguardando em silêncio, por favor, vou só avisar que cheguei e entregar o barco.

— Não demore, minha sereia.

Ela sorriu e saiu, entrou em uma das casas da vila. A praia estava deserta

e o pouco movimento que havia era em torno de uma árvore próxima das casas, algumas crianças brincavam ali e, ao avistar Mariana, correram para abraçá-la.

Esperei pacientemente, olhava a todo instante para a porta da casa que ela havia entrado, ela estava demorando demais. Eu estava tenso, não sei se era medo dela fugir novamente ou receio de ser abandonado outra vez.

Porra! Quanta angústia!

Tentei não pirar e ir atrás dela, de repente, ela surgiu na porta de uma casa, conversava com um senhor de idade, despediu-se e veio novamente na minha direção. Duas crianças a interceptaram outra vez, ela as abraçou carinhosamente, parecia ser muito querida.

Ela continuou o trajeto, caminhou ao meu encontro, tão natural e linda que tive medo. Sim, medo! Temia que não fosse real, era tão perfeita que até me assustava, parecia uma pintura dos mais talentosos pintores. Fechei os olhos temeroso, mas, quando os abri novamente, ela estava diante de mim.

Ah, como eu desejei por isso.

Tomei-a em meus braços e beijei-a longamente, estava louco de desejo e saudades. E feliz em saber que ela era real.

— Você existe, diz para mim que você existe, que é real, fala!

— Sim, eu existo e estou aqui diante de você, Miguel.

Sua resposta foi como uma melodia para os meus ouvidos, como eu desejei ouvir isso. Colei nossos corpos novamente e a beijei loucamente, ela correspondeu e nosso beijo evoluiu rapidamente.

— Calma, Miguel, não quero que nos vejam aqui. Vamos para a minha casa.

— Por que não? Eu sou seu namorado, esqueceu?

— Calma, ainda precisamos conversar, não sei se...

— Já disse que não importa quem você é, eu a amo e nada do que me disser vai me fazer mudar de ideia.

Ela sorriu e pegou minha mão, caminhamos pela praia até a casa afastada que havia visto hoje cedo, então ela era a tal Dorinha.

A casa era pequena, uma construção simples e sem muito luxo. Entramos juntos, parecia mais uma casa de bonecas do que uma moradia, pequena e singela, com poucos móveis e eletrodomésticos, apenas o essencial. Ela mal trancou a porta, e eu já coleí nossos corpos. Mariana se assustou com o a rapidez da minha ação, mas sorriu lindamente.

— Enfim sós. Você é a minha sereia — disse, alisando seu rosto. — Estava louco de saudades, louco para beijá-la, não sabe o quanto desejei está a sós com você outra vez.

— Miguel, acho que precisamos conversar primeiro. Talvez eu não seja a mulher que você idealiza.

Eu tomei seus lábios em um longo beijo, sabia que precisávamos muito conversar, mas nosso desejo falava mais alto. A urgência do nosso desejo era tanta que eu nem me importei por estarmos ainda de pé na pequena sala. Beijeí seu pescoço, desci em direção aos seus belos seios que arfavam harmoniosamente.

Retirei seu vestido em um único movimento preciso, ela retirou minha camisa com a mesma pressa que a minha. Continuamos nos beijando, depois, a conduzi ao pequeno sofá na minúscula sala, admirei-a, momentaneamente entorpecido pelo seu belo corpo.

Deslizei as mãos pela sua pele macia, alisei cuidadosamente seus lindos seios, apalpei-os e me curvei sobre ela para beijá-los. Mariana soltou um gemido em meu ouvido, continuei beijando todo seu corpo, trilhando o caminho até o seu ventre. Retirei sua calcinha lentamente, beijeí o interior de suas coxas com desejo.

Levantei e retirei meus sapatos e calça, ela permaneceu deitada, me olhando fixamente. Seus olhos eram puro desejo, vi neles o meu desejo

refletido. Ela se entregava de um modo tão intenso que chegava a ser hipnótico, ficava apático observando-a incapaz de fugir, totalmente rendido.

Nossa conexão de olhares apenas confirmou o que meu coração sentia, nesse momento sublime, tive certeza de que era amor. Eu amava minha sereia e nada mais importava no mundo, somente o nosso amor.

Deitei lentamente sobre seu corpo formoso, estava tão louco para estar dentro dela que pouco lembrei de preservativos. Beije-a com desejo, apalpei seus seios, mordisquei e chupei com fulgor. Não consegui resistir ao desejo louco de penetrá-la, meu pau pulsava e então, a penetrei ferozmente.

Entre estocadas ferozes, parei rapidamente para me deliciar com o momento, ela soltou um gemido manhoso e pediu que não parasse. Recomecei com movimentos mais brandos, mas meu desejo era tanto que não resisti e intensifiquei as estocadas outra vez. Não foram necessárias muitas estocadas, meu corpo inteiro já estremecia, anunciando um orgasmo intenso. Cerrei os dentes para não gritar, o prazer tomou conta do meu corpo e logo ela se entregou ao prazer, juntando-se a mim.

Estávamos completamente arfantes, ela estava linda com o rosto ruborizado. Sentei e a puxei para o meu colo, alisei seus cabelos lentamente e beijei sua testa. Seu olhar era tão terno que me deixava completamente hipnotizado, passamos alguns minutos nessa troca intensa de olhares, em completo silêncio.

Depois de um tempo, Mariana rompeu o silêncio:

— Quer comer alguma coisa?

— Sim, mas creio que precisamos primeiro de um banho.

— Sim, é claro.

Ela se levantou e pegou na minha mão, conduziu-me até a porta do banheiro. Entrei primeiro e a puxei para dentro, junto comigo.

— Nós dois precisamos de um banho.

Beijei seus lábios suavemente e a conduzi para o chuveiro. Abri-o e ensaboei seu corpo lentamente, o banheiro era pequeno, o que fazia com que ficássemos bem próximos, retirei todo o sabão do seu corpo e, em seguida, tomei seus lábios em um beijo ardente. Encostei ela na parede, levantei sua perna direita e forcei minha ereção sobre ela. Vi um sorriso malicioso em seus lábios, ela alisou minha barba em silêncio, de posse de um olhar cheio de desejo. Beijei seus seios, levantei sua outra perna, e ela entrelaçou-as no meu quadril, pressionei seu corpo contra a parede, espalmei as mãos acima dela e a penetrei com toda minha força, empurrando seu corpo para o alto. Ela gemeu alto, ao sentir meu pau preenchê-la, eu me delicieei por alguns instantes, e logo começou a cavalgar habilidosamente, deixando-me completamente louco.

Eu chupei seus seios, e ela arqueou, rebolando freneticamente. Eu apenas observava seus movimentos, mas não resisti e comecei a me mover junto com ela. Era uma sincronia perfeita, nossos corpos estavam plenamente unidos, esqueci de tudo nesse momento, a única coisa que me importava era estar aqui, dentro dela e ter o seu prazer todo para mim. Nossos movimentos se intensificaram harmoniosamente, e o prazer nos consumiu, senti sua respiração acelerar e suas pernas estremecerem em minha volta, ela gozou, e eu a segui, gozando juntamente com ela.

Fitei seus olhos serenos, coloquei a mão em sua nuca e disse a frase que jamais imaginei que uma mulher ouviria dos meus lábios:

— Isadora, minha sereia, eu te amo.

Ela sorriu, mas senti que havia preocupação em seus olhos. Ainda tínhamos muito o que conversar, mas eu estava feliz de estar aqui ao lado dela e sei que ela também se sentia do mesmo modo, embora algo ainda a impedia de ser plenamente feliz ao meu lado.

— Miguel, eu...

— Não aqui, vamos terminar nosso banho, comemos algo e depois conversaremos, tudo bem?

— Tudo bem.

Concluímos o banho, jantamos e depois nos sentamos no sofá, frente a frente. Peguei suas mãos e as segurei.

— Eu já sei tudo sobre você, inclusive o motivo de estar escondida aqui nessa ilha.

— Miguel, eu tenho os meus motivos.

— Eu sei que tem, mas saiba que nada do que me falar vai me assustar ou me fazer desistir de você. Não sabe o que passei depois que fui resgatado da ilha. Eu sofri muito, bebi além do que devia, desisti de tudo por duas vezes para buscar pistas que me trouxessem a você, não foi fácil a encontrar, mas fiz e faria tudo novamente, porque eu a amo.

Ela baixou a cabeça, eu toquei seu queixo e levantei seu rosto, seus olhos estavam marejados. Meu coração ficou apertado ao vê-la tão triste, mas, ao mesmo tempo, estava aliviado por saber que eu poderia libertá-la do tormento que ela vivia.

— Eu não queria fazer você sofrer, Miguel, quando descobri que estavam procurando por um jornalista desaparecido, eu temia que fosse você. Então, eu vi sua foto na internet e descobri quem era, foi muito desesperador, e eu não podia mais continuar ao seu lado, porque eu temia que descobrisse quem sou e colocasse a minha vida em risco. Por isso, eu liguei e informei sua localização.

— Eu achei que estava ficando louco e que você nunca houvesse existido, que tinha sido tudo apenas uma manifestação patológica da minha condição clínica, como o médico que me atendeu e o meu melhor amigo tentavam me convencer. Até sessões de psicanalise eu fiz por conta das lembranças do que vivemos.

— Sinto muito, Miguel. Não achei que tinha sido tão importante para você.

— Você foi a única mulher que ouviu da minha boca que a amo. Não sei explicar o quão importante é para mim, mas quero mostrar o quanto meu amor é sincero.

— Não posso negar que também sofri e o sentimento é mútuo, eu também o desejei desde o primeiro momento e também te amo, Miguel. Eu só parti por medo de que descobrisse quem eu era e colocasse, novamente, a minha vida em risco e a sua também. Não quero que nada de mal te aconteça.

— Não se preocupe comigo, eu sei me cuidar e agora quero cuidar de você. Você não merece viver escondida, eu sei que não fez nada de errado. Você não merece viver nessa prisão, Isadora.

— Faz muito tempo que ninguém me chama por esse nome.

— Eu disse, já sei quem você é, assim como também já conheço a índole do seu ex-marido. E, saiba, ele já está na mira da polícia e não demorará a ser preso. Agora, preciso que me conte a verdade, eu posso te ajudar, mas preciso que me conte tudo.

Ela ficou em silêncio, como se relutasse a falar do seu passado. Apertei firmemente suas mãos para incentivá-la.

— Eu conheci o Teodoro na faculdade, mas só nos casamos anos depois, nessa época, ele já era psiquiatra, sempre foi de família rica e tinha muitos bens. Ele me ofereceu a direção de uma das clínicas dele meses após o nosso casamento, até então, eu vivia feliz ao lado de um homem íntegro. Eu aceitei e fui, comecei trabalhar na clínica, mas descobri inúmeras condutas inapropriadas que iam contra a ética médica. Juntei provas e exigi que ele parasse com essas práticas, mas ele se recusou, nós tivemos uma terrível discussão e eu saí para denunciá-lo ao conselho de medicina.

— Eu já sei disso, investiguei ele recentemente e consegui salvar uma paciente das garras dele — interrompi.

— Durante o trajeto até o conselho, nosso motorista mudou o rumo. Ele parou em um lugar bem deserto, eu, imediatamente, percebi que havia algo errado. Teodoro mandou me executar. Desci correndo do carro, e ele me seguiu, gritou desesperado que não me faria nenhum mal. Eu não acreditei e continuei correndo, mas tropecei e caí, ele me alcançou e me entregou uma quantia em dinheiro, as provas que eu carregava contra Teodoro e um bilhete escrito a mão. Eu paguei a escola dos filhos dele secretamente e, por diversas

vezes, consultei seus filhos sem lhe cobrar nada, por isso, ele não teve coragem de me matar. No bilhete, tinha o telefone de um primo dele pescador e um pedido para que me abrigasse. Ele me instruiu como chegar até aqui e me deixou na rodoviária. Depois, ele mesmo caiu com o carro no mar e ligou para o Teodoro para combinar a versão que diriam à polícia. E, desde a minha morte fajuta, eu vivo aqui, escondida e longe de tudo e todos.

— Desgraçado — bufei irado.

— Calma, Miguel, eu estou viva e é isso o que importa.

— Não está tudo bem, ele é o criminoso, e não você. Ele que deveria estar recluso, e não você.

Levantei irritado, eu não poderia permitir que ele continuasse solto e Isadora aqui, privando a própria liberdade sem ter cometido nenhum crime. Eu precisava resolver muitas coisas na minha vida, mas estava certo de que só sossegaria quando Teodoro estivesse atrás das grades.

Ela levantou e me abraçou, alisou meus braços tentando me acalmar, eu até queria continuar irado, mas ela sabia dissipar minhas preocupações como ninguém, apenas um olhar dela era o suficiente.

— Eu preciso confessar algo.

Fiquei preocupado com o seu olhar sério.

— E o que seria?

— Não teve um só dia que eu não tenha pensando em você.

Um sorriso de orelha a orelha estampou meu rosto, as palavras dela acalmaram meu coração e me deram a certeza de que eu precisava viver esse amor, ela era a minha felicidade e a eleita do meu coração que merece todo o meu amor.

— Ouvir isso de você me deixa feliz.

— Eu também fiz minhas pesquisas, não sou uma exímia investigadora

premiada como você, mas descobri algumas coisas.

Ela disse descontraída, linda e com um sorriso adorável.

— E o que descobriu a meu respeito?

Puxei-a pela cintura, uni nossos corpos.

— Bem, que o meu namorado, além de muito cobiçado pela mulherada, é muito talentoso e competente no que faz. E eu também preciso dizer que... — ela fez uma pausa, mostrou-me seu melhor sorriso e continuou: — Miguel Novaes, eu preciso dizer que te amo com toda a minha alma.

Foram as palavras mais sinceras que ouvi de uma mulher com quem me envolvi, fiquei apático e surpreso com a sua declaração.

— Não vai dizer nada? — ela perguntou.

Não disse, mas fiz. Beije-a com desejo e amor, o amor mais puro que um homem pode sentir por uma mulher, tão verdadeiro e forte que me fez feliz com apenas uma frase. Tive certeza, nesse momento, que eu amava essa mulher.



Despertei suado, abri os olhos e vi a imagem mais sublime que já tinha visto, minha amada dormindo tranquilamente ao meu lado. Nem me importei com a minúscula cama e o pouco espaço do quarto singelo. Só o fato de poder contemplar minha sereia já me valia. Isadora parecia tão tranquila e serena que não quis acordá-la.

Olhei rápido no relógio e já passava das nove da manhã. Tomei um susto com o quanto dormi, muito natural por sinal, passamos a noite quase toda nos amando e fazendo planos para o nosso futuro juntos.

Isso mesmo, eu estou amando! Não riam de mim, leitoras, e não me chamem de antiquado, estou completamente rendido e amando Isadora com todo o meu ser. E quando digo todo, incluo também meu corpo. Ah, esse a ama loucamente, sobretudo meu pau. Desculpem a franqueza!

Ela estava nua, envolta apenas no lençol, levantei sorrateiramente, tentando não a acordar. Fui até a cozinha para preparar um café. Não tinha cafeteira ou máquina de café expresso, olhei rapidamente no pequeno armário acima da pia e encontrei os ingredientes necessários. Mal terminei de passar o café e ouvi batidas na porta da sala, fiquei em silêncio, mas ouvi duas vozes femininas discutindo. Aproximei-me da porta para ouvi-las:

Mulher 1: Ela nunca dorme até tarde e hoje ela não foi pro mar. Já bati e

ninguém respondeu. Será que aconteceu alguma coisa?

Mulher 2: Acho que ela só perdeu o horário, esqueceu que o papai já disse que não a quer mais pescando?

Mulher 1: Você sabe como ela é teimosa.

Mulher 2: Talvez ela só tenha amanhecido indisposta. Vamos retornar aos nossos afazeres, uma hora ela vai ter que acordar.

As vozes ficaram mais distantes até que não conseguir mais ouvi-las. Servi duas xícaras de café e levei até o quarto, coloquei as xícaras no criado-mudo e sentei na cama. Curvei-me para beijar o seu pescoço, desci trilhando beijos suaves pelas suas costas, ela tinha uma pele sedosa, continuei até chegar à sua bunda. Ouvi um gemido tímido, ela havia despertado.

Tirei a cueca e me posicionei de joelhos entre suas pernas, apalpei sua bunda com força e admirei o quanto seu corpo era belo, agarrei firme na sua cintura e a coloquei de quatro na cama. Penetrei-a com força, ela respondeu com um gemido alto, eu ficava louco quando ouvia seus gemidos. Não fiz movimento algum, apenas me delicieei com o prazer que era estar dentro dela, como ela era gostosa e já estava molhada e pronta para mim.

Meu pau latejava, desejava se libertar, mas tentei resistir para senti-la um pouco mais. Quase perdi o controle de mim mesmo, fechei os olhos e respirei profundamente na tentativa de frear meu louco desejo, mas ela, habilidosamente, começou a se mover, vindo de encontro ao meu pau, rebolando sua bunda gostosa, pressionando-a no meu quadril.

Porra! Eu não conseguiria resistir. Abri os olhos e a ouvi sorrindo e gemendo baixinho, louca de prazer como eu. E que prazer! Não conseguiria mensurar o meu tesão por ela, mesmo depois de uma noite de muito sexo selvagem, eu ainda conseguia desejá-la ardentemente.

Tentei apenas apreciar seus movimentos, mas não resisti e comecei a me mover junto com ela, senti uma onda forte de prazer me dominar e um tesão absurdo tomou conta de mim, algo que eu nunca havia sentido, e eu gozei forte, gritando que a amava. No mesmo momento, senti seu corpo estremecer,

e ela também gozou, comigo.

Deitei ao seu lado, completamente ofegante, aninhei-a em meus braços e inspirei profundamente o perfume dos seus cabelos. Era tranquilizante tê-la em meus braços, nunca imaginei que pequenos atos e ações ao lado de uma mulher seriam tão prazerosos. Eu parecia um bobo, todo momento que passávamos juntos era precioso e importante.

Trocamos carinhos enquanto nossos corpos se recuperavam. Instantes depois, ela sentou-se na cama e me olhou linda e serena.

— Bom dia, Miguel.

— Bom dia, minha sereia.

Ela sorriu com o elogio, levantei e peguei nosso café que estava ao lado da cama. Entreguei a xícara pra ela, depois que bebeu um pequeno gole, ela sorriu.

— Gosta de café forte como eu, Miguel?

— Sim. E quente, mas tínhamos assuntos mais urgentes para resolver e o café esfriou.

— Sim, muito urgentes.

— Claro que é urgente, o nosso amor é urgente e o nosso desejo é primordial.

Alisei seu rosto lentamente.

— Miguel, precisamos conversar sobre nós.

Isadora pousou a xícara de café vazia na cama, ficou cabisbaixa e omitiu seu sorriso de felicidade de ainda pouco.

— Não há nada para resolver. Você vai voltar comigo pra São Paulo.

— Miguel, eu não quero e não posso voltar.

— Você vai voltar, sim, mas, dessa vez, comigo. Eu vou colocar aquele miserável atrás das grades e te salvar dessa prisão. Não adianta protestar ou querer me contrariar, eu a levarei nem que seja amarrada.

Eu falei firme e certo de que jamais a deixaria aqui, sozinha, eu a levaria de qualquer modo, não cogitava a possibilidade de partir sem a minha sereia. Ela me olhou com preocupação, sabia que eu não iria desistir e que seria capaz de fazer uso de força para levá-la comigo, se necessário.

— Aqui eu estou segura, você foi o único que me encontrou desde a minha falsa morte.

— Eu fui o único que duvidei da sua morte, fui o único que pirou com sua ausência e sou o único que pode te proteger e te salvar desse inferno que o Teodoro te jogou. Jamais te deixarei aqui, não me peça isso, Isadora. — Respirei profundamente e tentei conter meu nervosismo, baixei o tom de voz e continuei: — Eu preciso te ver todos os dias, eu a quero ao meu lado. Tenho muita coisa pra resolver na minha vida, mas uma delas já está bem definida, eu quero ter uma vida ao seu lado, sofri muito até te encontrar e a única coisa que te peço é que não me deixe só nunca mais. Eu quero você comigo e prometo que moverei céus e terra, se preciso for, para livrá-la de todos os seus problemas.

— Miguel, eu temo por você e por mim. Eu não me perdoaria se algo de mal te acontecesse por minha causa.

Ela estava nervosa e com medo, eu até entendia os seus motivos, mas eu precisava cuidar dela e estava disposto a fazer tudo para vê-la feliz e livre outra vez.

— Deixe-me cuidar de você, confie em mim.

Abracei-a e limpei suas lágrimas. Depois das descobertas que fiz, seria incapaz de deixá-la aqui, embora em partes ela tenha razão. Aqui ela estava segura, é um lugar longe de suspeitas, mas eu não vivo mais um dia sequer sem a minha sereia. Ficamos abraçados por longos minutos até ela conter as lágrimas e se acalmar.

— Que horas são?

— Acho que umas dez da manhã.

— Meu Deus! — Ela pulou da cama. — Dormimos demais.

— Dormimos? Quem dormiu? — brinquei.

— Realmente, não dormimos. Eu preciso pelo menos dar as caras na vila ou pensarão que aconteceu alguma coisa.

Ela entrou apressada no banheiro.

— Já estiveram aqui duas mulheres à sua procura.

Ela imediatamente retornou para porta do banheiro e me encarou com preocupação.

— O que disse a elas?

— Nada, você não quer que ninguém saiba da minha existência.

— Não é isso, é que eu quero contar em um momento oportuno. Não é simples assim, eu moro aqui há sete anos, tenho amizade, carinho e respeito por todos aqui. Seu Rodolfo e dona Elenice são como pais pra mim. Eles me acolheram como uma filha, não posso simplesmente trazer qualquer um aqui e ir embora sem mais nem menos.

— Quer dizer que isso é um sim? Você vai embora comigo?

— Acho que já vivi tempo demais escondida.

— Eu te farei a mulher mais feliz desse mundo.

— Não tenho dúvidas, Miguel.

Trocamos um longo beijo, sua resposta foi o que mais desejei ouvir. Depois, ela cessou nosso beijo, sorriu lindamente e retornou para o banheiro.

Eu deitei na cama enquanto a esperava, aproveitei para refletir sobre minhas decisões. Precisava resolver minha situação no “Diário Paulistano” e dar um basta em Alexandre. Roberto Prates já estava com os dias contados, não merecia minha preocupação, a polícia já estava no seu encalço. Agora, devo focar em Teodoro novamente, esse miserável deve pagar por tudo que fez.

Enquanto ela se vestia, eu fiquei feito um bobo observando-a, a minha linda sereia.

— Vista-se, precisamos falar com povo da vila.

— Com todo prazer, minha sereia.

Levantei rapidamente e corri para o banheiro. Tomei um banho, troquei de roupa e fui ao encontro dela, ela me esperava na sala um tanto inquieta.

— Tudo bem? — perguntei ao me aproximar.

— Sim, apenas um pouco nervosa. Ainda não estou convencida de que voltar é a melhor decisão.

— Estar ao meu lado é a melhor decisão, Isadora, e dará tudo certo, confie em mim.

Abracei-a e beijei sua cabeça. Ela segurou minha mão e abriu a porta. Saímos e caminhamos pela praia, algumas mulheres continuavam na mesma tenda que as vi ontem, fazendo seus artesanatos. Ao nos perceberem, cochicharam umas com as outras e nos olharam fixamente. Umas com cara de espanto e outras, de admiração. Ao passarmos por elas, Isadora as cumprimentou, e elas retribuíram embasbacadas. Continuamos o trajeto e paramos em frente a uma pequena casa, havia um homem tecendo uma rede de pesca, ao perceber nossa aproximação, levantou-se e nos olhou aparentemente satisfeito.

— Seu Rodolfo, quero apresentar alguém.

Isadora apontou para mim com um sorriso animado.

— Miguel Novaes, muito prazer — Estendi a mão para cumprimentá-lo.

— O prazer é meu, doutor. Fico feliz por saber que o senhor está aqui — ele respondeu, retribuindo o meu cumprimento, como se já me conhecesse.

— Nós precisamos conversar, a dona Elenice está? — Isadora perguntou.

— Sim, está. Vamos entrar, minha gente.

Entramos na casa, era um pouco maior que a de Isadora, mas com a mesma simplicidade. Sentamo-nos no sofá, o homem entrou para chamar a esposa e voltou, pouco depois, ao lado dela.

— Bom dia, esse é o...

— Miguel Novaes, dona Elenice — Isadora me apresentou.

— Muito prazer, seu Miguel, é uma satisfação conhecê-lo.

— O prazer é meu, dona Elenice.

Respondi seu cumprimento com um aperto de mão.

— Bem, eu o trouxe aqui para que o conheçam, ele já conhece a minha história e pretendo retornar com ele para São Paulo. Eu não poderia ir sem antes comunicar a minha decisão pra vocês.

— Oh, Dorinha, você não sabe o quanto estou feliz por vocês. Você sabe que nunca concordei com você presa aqui. Tenho certeza de que o Miguel a ajudará, eu não aguentava mais te ver sofrendo.

— Eu também sofri muito e até pensei que estava louco, mas, finalmente, pude encontrá-la e jamais a deixarei aqui sozinha — disse, alisando os cabelos de Isadora.

— Seu Miguel, Isadora é uma mulher muito boa e de coração puro, não merece o que aconteceu com ela, precisa de alguém que a ame de verdade — Rodolfo disse.

— Concorde, e eu a amo muito — disse e olhei para ela, que sorriu lindamente.

— Sejam felizes, vocês se merecem. Não se preocupem conosco, ficaremos bem, mas venham nos visitar — Elenice falou emocionada.

— Claro! Com toda certeza — Isadora confirmou.

— Então, isso é um até logo, e não uma despedida — Rodolfo disse.

Levantamos e o casal nos acompanhou até a porta da casa, Isadora abraçou ternamente Elenice e depois Rodolfo, ela estava muito emocionada.

— Nunca poderei agradecer tudo o que fizeram por mim. Vocês me ajudaram muito, e eu espero poder retribuir todo o carinho e respeito com que me receberam aqui. Vocês foram como pais para mim — Isadora disse emocionada.

— Dorinha, você que muito fez por nós durante todos esses anos, cuidou de todos nós com tanto amor. Merece um futuro digno ao lado de alguém tão bom quanto você. — Elenice pegou minha mão e colocou sobre a de Isadora. — Eu vos dou a minha bênção, vão e sejam felizes.

— Obrigado, Elenice — agradei e a abracei ternamente.

— Quando pretendem partir? — Rodolfo nos perguntou.

— Ainda hoje, tenho muitos assuntos pra resolver — afirmei.

— Não vá antes de falar com a Dani, por favor — Elenice pediu.

— Claro, vou aguardá-la, não se preocupe, Elenice. Agora, eu preciso ir fazer minhas malas, é o tempo de esperá-la. Antes de partirmos, voltaremos aqui para nos despedirmos.

— Aguardaremos — Rodolfo disse gentilmente.

Retornamos para casa de Isadora e, enquanto ela fazia as malas, eu admirava o mar pela janela do quarto. Era uma paisagem magnífica, passei

longos minutos contemplando as ondas do mar. O som ambiente, apesar de tranquilizante, para mim, tinha efeito estressante, acho que o excesso de calmaria me deixava tenso, não conseguiria viver aqui por muitos dias, eu gosto de cidade, barulho, tumulto, engarrafamento, multidão e tudo que a vida urbana nos proporciona. Se não fosse pela minha sereia, seria torturante estar aqui.

— Interrompo? — Isadora disse ao se aproximar.

— Nunca, eu estava apenas admirando o mar.

— Eu sei que fiz algumas pesquisas sobre você, mas ainda não me disse praticamente nada a seu respeito, e você já sabe tudo de mim, portanto, estou prestes a ir embora com um quase desconhecido.

Puxei-a para junto de mim e segurei na sua cintura.

— Nós teremos todo o tempo do mundo, mas pergunte o que quiser, eu respondo.

— Você nunca me disse se é comprometido, qual sua cor preferida, qual time torce, se tem filhos, essas coisas que casais sabem um do outro.

— Tudo bem, tenho que confessar — fiquei sério —, eu sou comprometido.

Ela me encarou com estranheza, fechou o punho e ia me golpear, mas segurei sua mão.

— Você quer me levar para São Paulo para ser sua amante?

Ela disse brava e tentou me golpear.

— Calma, não deixou nem eu concluir. Eu sou comprometido, sim. Com você.

Ela me olhou com seriedade e, depois, respirou profundamente para se acalmar e riu da minha brincadeira.

— Não gostei da brincadeira. Eu ia te acertar de verdade, sabia?

— Pelo jeito, você é ciumenta — disse com sarcasmo.

— Não, só não aceito ser a outra na vida de um homem.

— Legalmente, eu serei o outro na sua vida. Você ainda é casada com Teodoro.

— É verdade, mas apenas legalmente, porque o meu coração é todo seu.

Ela se aproximou ainda mais e me beijou castamente.

— Só o coração?

— Não, eu todinha, sou completamente sua.

— Eu queria uma outra parte, sendo mais específico.

— E o que seria? — ela perguntou séria.

Peguei uma de suas mãos, beijei e disse:

— Sua mão, quero sua mão em casamento. Aceita casar comigo, Isadora?

Era um pedido sincero, eu realmente tinha certeza de que ela era a mulher com quem eu gostaria de passar o resto dos meus dias. Ela me olhou com ternura, seus olhos tinham um brilho incomum, nunca havia os vistos dessa forma.

— É o que eu mais quero, Miguel. Você não sabe, mas não está partilhando só o seu amor comigo, mas também está me devolvendo a esperança, a minha vida, os meus sonhos, minha vontade de viver e, por último e não menos importante, a minha felicidade. Eu te amo, Miguel, e, sim, eu aceito casar com você.

Beijei minha futura esposa com amor e feliz, muito feliz pelo seu sim. Nunca pensei que casaria na minha vida, e agora não me vejo mais sem Isadora. Sinto necessidade de estar ao seu lado, meu peito dói só de pensar

em ficar longe dela e, se isso não é amor, não faço ideia do que possa ser, só sei que estou completamente louco e totalmente rendido por essa mulher. Eu não quero outros lábios, outro corpo, outro cheiro se não o dela.

Após nosso beijo e juras de amor eterno, trocamos um abraço afetuoso.

— Já está pronta?

— Sim, vamos nos despedir de todos.

Saímos da casa, eu carreguei as malas dela enquanto ela se despedia das crianças e artesãs que estavam na tenda. Aguardei próximo para não interromper o momento deles. Era visível que ela era muito querida por todos. Eu estava disperso, olhando-a quando senti um toque suave no meu ombro.

— Miguel Novaes, finalmente nós nos encontramos.

Uma voz feminina disse atrás de mim.



Virei-me imediatamente, mas não reconheci quem falava. Por um instante, fiquei até receoso de ter sido uma das mulheres que já passaram pela minha cama, mas ela percebeu meu estranhamento e logo tratou de esclarecer minhas suspeitas.

— Achei que precisaria ser mais clara do que fui. Oh, desculpe, eu não me apresentei, sou a Dani, amiga da Isa. — Ela estendeu a mão para me cumprimentar.

— Prazer, Isa, mas não compreendi suas colocações. Já nos conhecemos? — perguntei confuso.

O rosto dela não era familiar, fiz uma rápida busca no meu banco mental de acompanhantes, mas não obtive respostas concretas e, felizmente, ela não era o tipo de mulher que eu comumente costumava sair, mas, ainda assim, fiquei tenso.

— Nós não fomos formalmente apresentados, mas enviei alguns e-mails para você com informações que certamente o trouxeram até aqui — ela afirmou com satisfação.

— Então foi você quem me enviou o e-mail sugerindo investigar o Teodoro e as coordenadas do porto? — perguntei surpreso.

— Sim, eu mesma.

— Eu devo agradecer a você, realmente os seus e-mails foram cruciais para que eu encontrasse a Isadora.

— Eu sei, mas demorou demais. Achei que só viria depois do batizado da criança — ela disse com ironia.

— Batizado? Criança? Mais uma vez, não faço ideia do que está falando.

— Esquece, às vezes, eu falo demais. Eu estou muito feliz porque está aqui, eu e Isa somos confidentes, e eu sempre soube de você, inclusive, quando ela me contou que ligou para os pescadores que buscavam por você para entregar sua localização, eu quase a matei.

— Por quê?

— Porque eu nunca a tinha visto tão feliz na vida desde que a conheci. E eu não poderia deixar ela estragar a felicidade dela por medo. Eu mandei os e-mails para você porque eu tenho certeza de que o seu trabalho investigativo poderá livrá-la desse ex-marido desgraçado.

— Não tenha dúvidas, mas poderia ter sido mais clara.

— Se fosse eu clara o suficiente, você não acreditaria em mim, não acha?

— É, tem razão. Eu o investiguei, fui até a cidade deles, mas quase enlouqueci quando vi a foto dela ao lado dele e depois descobri que ela estava morta. Achei que estava vendo coisa onde não existia, quase fiquei maluco e achei melhor abandonar as investigações, mas, antes, repassei tudo para o meu amigo delegado. Ele já está sendo investigado e logo, logo pagará pelos seus crimes.

— Posso imaginar, eu não concordei com o que ela fez, sempre incentivei que te contasse a verdade. Principalmente depois que se envolveram e ela me disse que estava apaixonada por você, insisti, por diversas vezes, para que ela te procurasse, mas ela é teimosa.

— Eu imagino, o medo nos transforma. Agradeço muito por ter me

enviado os e-mails e tenha certeza de que cuidarei muito bem dela.

— Sempre tive certeza disso. Por isso, mandei os e-mails escondidos.

— Então, ela não sabe dos e-mails?

— Claro que não e, se souber, me mata. Nem ouse contar para ela — Dani advertiu descontraída.

— Tudo bem. Não falarei nada.

— Fiz isso pelo bem de vocês, serão uma linda família. Posso até ver a carinha do filho de vocês, vai ser lindo e, se tiver o seu sorriso e os olhos da Isa, perfeito!

— Nosso filho?

— Sim, terão filhos um dia, não é mesmo?

— Ah, sim, teremos.

Isadora veio em nossa direção, e Dani correu para abraçá-la, era notável que eram muito próximas. Trocaram algumas palavras e depois várias pessoas vieram para se despedir. Entre elas, a mulher que havia me acompanhado no *tour* que fizemos ontem aqui na vila.

— Chega de lágrimas, agora é hora de partir — Isadora disse, secando o rosto com as mãos.

— Espere, o senhor não é o Miguel, fotógrafo, que esteve ontem aqui? — a mulher disse, denunciando-me.

— Você esteve ontem aqui? — Isadora se virou para mim e questionou confusa.

— Sim, estive. No trajeto, eu explico melhor.

— Eu sabia, as meninas acharam muito parecido, mas eu tinha certeza de que era você mesmo.

— Sim, sou eu mesmo — confirmei.

— A Dani vai levá-los de lancha, será mais rápido — Rodolfo disse.

— Obrigado pela estadia e por cuidar da minha sereia por todos esses anos. Prometo que cuidarei bem dela e, sempre que possível, retornaremos aqui.

Cumprimentei Rodolfo, Elenice e os demais que estavam lá para nos ver partir. Depois, partimos rumo à nossa felicidade.

Durante o trajeto, elas conversavam sobre assuntos de pescaria e artesanato que eu nada entendia. Eu fiquei o tempo todo ao lado da minha sereia, com os braços na sua cintura, feliz e ainda incrédulo por realmente conseguir sua confiança para trazê-la comigo.

O percurso foi até rápido, Dani nos deixou no mesmo porto que zarpei para ir à ilha no dia anterior, ficava próximo do hotel em que eu estava hospedado. Elas trocaram um longo e afetuoso abraço, depois me abraçou rapidamente e partiu.

Puxei Isadora pela cintura, mesmo segurando as malas, e tomei seus lábios com um beijo. Eu estava feliz e, finalmente, seríamos apenas nós dois.

— Esse beijo marca o início de nossa nova vida — disse de posse do meu melhor sorriso.

— Espero ter tomado a decisão certa.

Seus olhos ainda continham preocupação, nada mais natural, ela temia que o ex-marido tentasse algo contra a vida dela novamente, mas eu a protegerei com a minha própria vida se preciso.

Eu estava feliz, mas não plenamente, porque sabia que ela ainda não estava totalmente feliz. Eu queria livrá-la de todos os seus medos para que ela, enfim, fosse plenamente feliz. Eu tenho ciência de que ela só está saindo da ilha para vir comigo por minha causa, é uma prova concreta do que sente por mim.

— Eu prometo que seremos felizes.

Larguei as malas e a abracei forte. Eu tinha certeza das minhas palavras, nunca havia prometido a minha vida a ninguém, como agora faço. Eu estou completamente rendido, e louco de amores, e feliz, como nunca pensei que seria um dia.

Entramos no hotel, encerrei a conta e partimos rumo a São Paulo. Aproveitei para verificar meu celular, constatei inúmeras mensagens na caixa postal e no aplicativo de mensagem. Deixei para responder quando retornasse. Agora tudo pode esperar porque a minha felicidade é prioridade.

Durante nosso retorno, conversamos bastante, ela estava radiante, totalmente à vontade, o que me tranquilizou um pouco. Estava um tanto apreensivo por vê-la tão preocupada.

Ao entrarmos na cidade, ela ficou maravilhada admirando a paisagem urbana. Parei o carro no acostamento em um ponto que era possível avistar a Ponte Estaiada Octavio Frias de Oliveira. Desci e dei a volta para abrir a porta pra ela. Isadora saiu, mal fechou a porta do carro, e eu avancei sobre ela, pressionei seu corpo contra o carro. Ali mesmo, na movimentada rodovia, em plena luz do dia e com o trânsito caótico de plano de fundo. Eu pouco me importava, só queria ter novamente o gosto dos seus lábios.

Pousei minhas mãos em sua nuca e tomei seus lábios carnudos violentamente, minha língua invadiu sua boca apressadamente. Não tinha vontade de interromper o beijo, pelo contrário, só queria beijá-la cada vez mais, sentir seus seios arfando no meu peito, seu corpo esguio pressionado pelo meu. Ela me deixava completamente louco com apenas um beijo e o contato dos nossos corpos unidos.

Eu amava essa mulher e queria tanto que ela soubesse o quão meu amor era verdadeiro e o quanto era dela. Totalmente dela!

Isadora pousou as mãos em meu peito, ainda muito ofegante.

— Miguel, estamos em público.

— Desculpa, é que eu estava com saudades do gosto dos seus lábios.

— Por que paramos?

— Para te dizer que eu te amo, saciar meu desejo de te beijar e apreciar um pouco da vista. Percebi que estava olhando tão admirada, por isso, achei melhor encostar para observar um pouco a vista.

— Obrigada, Miguel. Você é sempre assim, tão atencioso e gentil?

— Não, gentil até sempre fui, mas atencioso apenas com você.

— Pelo conjunto da obra e performance sexual, imagino que tenha tido muitas mulheres.

— Sim, muitas, mas o importante não é a quantidade de mulheres que já tive, e sim a única que terei daqui em diante — beijei seus lábios —, eu quero só você, Isadora.

Beijei-a castamente e depois admiramos a vista por alguns minutos. Eu adorava a paisagem urbana de São Paulo, ficava entorpecido admirando-a.

Isadora olhava atentamente, mesmo gostando tanto da vista, eu estava mesmo era fascinado no cheiro inebriante dos seus cabelos. Estava atrás dela, abraçando-a pela cintura. Nossos copos estavam colados e perfeitamente encaixados.

— Sentiu falta da vista? — perguntei.

— Sim, havia esquecido o quão São Paulo pode ser lindo.

— Meu apartamento tem uma excelente vista, vamos?

— Já? É tão bom estar aqui em seus braços, sentindo o gostinho da liberdade.

— Sei que é ótimo, mas eu prefiro estar entre quatro paredes com você.

Ela se virou, levantou a cabeça para me encarar e arqueou uma

sobrancelha, seus lábios esboçavam um sorriso malicioso que tinha uma conexão direta com meu pau, fiquei duro só de olhar seus lábios delineados sorrindo lascivamente.

Como eu a desejava! Sou completamente louco de desejo por ela. Algo inexplicável que nunca pensei que sentiria. Eu só sei que a amo e a desejo insaciavelmente.

— Sendo bem sincera, eu também prefiro.

Ela percorreu, com os dedos, do meu ombro esquerdo até o meu peitoral. Seus lábios tinham um sorriso devasso, via o desejo latente em seus olhos, ela me desejava tanto quanto eu a ela. Puxei seu corpo para mais próximo do meu, pressionei meu pau na sua virilha, ela soltou um gemido tímido, mas foi o suficiente para me deixar ainda mais louco de tesão.

Peguei sua mão, e entramos no carro, necessitava estar dentro dela novamente com urgência. Mal entramos, e eu tomei seus lábios em um longo e ardente beijo. Minhas mãos desceram pelas suas curvas, e já forçavam sua blusa fina para tirá-la.

— Aqui não, Miguel — ela disse arfante.

— Porra! Eu perco a cabeça perto de você.

— Vamos para o seu apartamento, também quero continuar, mas sem expectadores.

Ela era encantadora, suas feições tinham a docilidade de uma menina, mas seus olhos continham a força de mulher que transbordava.

Suas palavras arrancaram um sorriso tolo dos meus lábios, não pensei duas vezes, liguei o carro e partimos. Antes de irmos, paramos para almoçar e, logo em seguida, fomos direto para meu o apartamento.

Levei suas malas, abri a porta, a peguei no colo de surpresa, e entramos juntos no meu apartamento.

— Seja bem-vinda ao nosso lar, minha sereia.

Trocamos um beijo rápido, coloquei-a no chão, peguei as malas e fechei a porta. Isadora observava atentamente cada detalhe da sala, enquanto isso, fui colocar as malas no meu quarto. Retornei e puxei-a pela sua cintura e beijei seus lábios delicadamente.

— Está feliz? — perguntei.

— Sim, muito. Obrigada por salvar a minha vida, Miguel.

— Você que salvou a minha, Isadora.

Selei minhas palavras com um beijo apaixonado e promessas de que a faria a mulher mais feliz da face da Terra, a minha sereia, a minha futura esposa, finalmente minha.



Despertei no início da noite e com muita fome. Depois de uma tarde de muito sexo, não seria diferente. Eu estava sozinho na cama, saltei desesperado e corri em direção à sala com o coração acelerado, o sangue pulsando nas veias. Meu coração doía só de pensar na possibilidade de ela ter ido embora ou de eu ter vivido um sonho. Ao chegar, respirei aliviado, avistei-a trajando uma camiseta de algodão minha, na cozinha.

Tentei não fazer barulho ao me aproximar, ela me viu e abriu um sorriso fascinante.

Porra! Ela era minha, não sabia mensurar o quão importante era ela na minha vida.

— Está com fome? — ela perguntou.

— Muita fome. Além de me encantar, vai me dizer que ainda vai me alimentar?

Inalei o cheiro delicioso de comida e sentei no banco próximo ao balcão.

— Pra você, tudo. — Ela se curvou sobre o balcão e me beijou. — Improvisei uma macarronada, foi o que consegui com os poucos ingredientes que encontrei aqui na sua cozinha.

Como era reconfortante ouvir “Pra você, tudo”, alegrava-me tanto que ela não fazia ideia. Felicidade era o sentimento que me definia desde que a encontrei.

Estão me achando muito tolo? Desculpem, é porque eu estou amando! Preciso me acostumar ainda com essas coisas de sentimentos. Tenham paciência comigo, leitoras.

Depois do nosso jantar, sentamo-nos na sacada, bastava apenas a companhia dela para ser perfeito, mas ainda incrementamos com um bom vinho e queijos. Entre planos, conversas e troca de carinhos, passamos algumas horas deliciosas juntos.

Tempo depois, bateram à porta, eu vestia apenas uma calça de moletom, e ela, somente uma camisa minha.

— Espera alguém? — ela perguntou.

— Não, mas deve ser conhecido, não anunciaram antes.

Levantei em direção à porta com a taça de vinho nas mãos, ela entrou para se vestir e, novamente, bateram à porta, abri e era o César, nem mesmo esperou meu cumprimento ou convidá-lo para entrar, entrou apressadamente.

— Onde você se meteu, Miguel?

— Fui encontrar a felicidade, meu caro.

— Eu liguei, deixei inúmeras mensagens e você não me respondeu. Quase vou na delegacia para dar parte do seu sumiço.

— Calma, está tudo bem. Só estive muito ocupado, foi só isso. O que aconteceu de tão grave durante a minha ausência?

— A irmã de Verônica esteve na redação procurando por você.

— Por mim? E o que ela quer comigo?

— Disse que Verônica quer te ver com urgência.

— Eu não tenho nada a tratar com ela.

Bebi mais um gole do vinho.

— Acho bom ir, ela disse que tem uma matéria de capa para o “Delator”.

— Bem provável que queria entregar algum podre do ex-noivo. Talvez eu converse com ela amanhã.

— Tenho outra novidade.

— Conte-me, também tenho uma para contar.

— Casarei em três semanas.

— Finalmente, definiram a data — bebi mais um gole do vinho —, aceita uma taça de vinho?

— Não, estou dirigindo. Obrigado, estou te achando sereno demais e mostrando os dentes mais do que o normal, o que está acontecendo?

César me conhecia como ninguém, sorri e caminhei até sacada para me servir um pouco mais de vinho, César me seguiu.

— Está acompanhado?

César perguntou ao ver a taça de Isadora ao lado da garrafa.

— Sim, estou. Essa é parte da novidade, e eu quero que a conheça.

Retornamos para sala e fui até meu quarto, Isadora estava lendo uma edição do jornal, deitada na minha cama.

— Quero te apresentar meu amigo, venha comigo.

— Tudo bem, vou me trocar — ela confirmou.

Retornei para sala e sentei no sofá, conversei com César sobre assuntos da redação. Isadora chegou e César a olhou com estranheza, deve ter percebido a semelhança com a falecida Isadora. Levantamo-nos para as apresentações formais.

— César, essa é a Isadora Lima, por enquanto, em breve será Novaes.

— Espera, você está dizendo que essa é a Isadora que morreu e, coincidentemente, é a mesma que o resgatou na ilha?

— A própria — acrescentei.

César estava embasbacado, olhando-a fixamente, com uma certa desconfiança.

— Prazer, César. — Isadora estendeu a mão para o cumprimentar.

César explodiu em uma gargalhada, eu imaginava que a reação dele seria de estranheza, mas não cômica.

Aguardei pacientemente ele parar de rir, abraçado a Isadora para explicar a situação.

— Isso é uma piada, não é? Juro que não sei se o cômico é a sua namorada imaginária estar aqui na minha frente ou você dizer que vai se casar. Onde já se viu isso?

— Querem ficar a sós? — Isadora perguntou.

— Não, fique conosco — disse calmamente, segurando sua mão. — Sente-se, César, a conversa será longa.



Despertei cedo, após a longa conversa com César na noite anterior, ele finalmente acreditou que eu não estava ficando maluco e que Isadora estava viva, até se prontificou a nos ajudar no que precisasse, mas, ainda assim, tive que aguentar as piadas ambíguas que, de vez em quando, ele proferia, não mais pela desconfiança da existência dela, mas por saber que me casaria. Perfeitamente compreensível, já que casamento para mim era algo utópico.

Precisava retornar à redação, tinha muitas providências a tomar. Foi difícil deixar minha sereia em casa, mas foi necessário. Aproveitei para visitar Verônica, não seria fácil, mas Otávio conseguiu uma liberação na base da amizade para que eu pudesse falar com ela. Cheguei à penitenciária bem cedo e logo fui autorizado a entrar.

Aguardei em um corredor gigantesco, frio e silencioso, chegava a ser angustiante. Instantes depois, fui direcionado à pequena sala, ao lado das portas de acesso ao enorme corredor de pavilhões.

A sala tinha paredes escuras, pouca iluminação e apenas uma mesa e duas cadeiras. Logo em seguida, Verônica foi trazida por duas mulheres que tomaram uma certa distância para nos garantir privacidade, mas permaneceram na sala.

Verônica estava pálida, com imensas olheiras e sem maquiagem, bem diferente de como eu costumava vê-la. Sentou-se de frente para mim, colocou os braços algemados sobre a mesa, curvou-se em minha direção e sussurrou.

— Não tenho muito tempo. Escute, eu sei o que Roberto está tramando contra você.



— Não me faça perder tempo — alertei.

— Roberto e Alexandre implantarão no “Delator” uma notícia falsa para ferrar com você, eles querem acabar com a sua credibilidade.

— Por que eu acreditaria em você? Afinal, você até tentou me matar.

— Você acha mesmo que eu seria burra a esse ponto? Roberto é muito esperto, Miguel, ele armou tudo isso para se livrar de mim e, de quebra, ainda conquistar a confiança do Alexandre. Eu escutei muitas conversas e salvei muitos documentos que tive acesso, documentos muito comprometedores, por sinal.

— Tempo perdido — disse impaciente e levantei para sair.

— Espere, você tinha razão. Eu gostava do dinheiro e da boa vida que aquele desgraçado me dava, mas eu nunca o amei. Roberto me usou para arrancar informações sobre você, como não teve sucesso, ele comprou parte do “Diário Paulistano” e ainda trouxe Alexandre para o lado dele. A suposta gravação que ele fez não passa de uma armação para me ferrar. Ele gravou isso logo após a humilhação que você me fez na redação, depois que dispensei a Amanda. Eu estava com muito ódio e não vou mentir que senti vontade de te matar, mas foi somente naquele momento. Ele que ordenou que

eu estivesse na sua sala no dia seguinte para assumir o cargo, disse que havia o demitido por conta do que você fez a mim. Não imagina por quê? Porque ele queria reforçar a tese de que eu te odiava. Tudo não passou de uma brilhante jogada de *marketing* para ele se autopromover. Ele é um estrategista e tanto, sem falar que é um tremendo mau-caráter. Eu não quero outra coisa a não ser vê-lo na pior. Estou disposta a te contar tudo que eu sei e quero que me prometa que vai acabar com a carreira política daquele bosta.

— Sua versão até que é sensata, mas não convincente. Preciso de provas concretas do que disse. É muito fácil acusar, difícil é provar o que se diz.

— Eu tenho um drive em nuvem, eu te darei o acesso para que avalie tudo que salvei. E, se por ventura precisar de algum esclarecimento, é só vir aqui me perguntar. Não quero nada seu em troca, eu só quero ter o prazer de ver o Roberto se ferrar, nada mais humilhante do que por você, aqui-inimigo dele.

— Vou avaliar a documentação e, se houver algo ilícito, vou investigar.

— Óbvio que tem. Tem caneta e papel?

Entreguei um pedaço de papel e uma caneta para que ela anotasse as informações necessárias para *login*. Enquanto ela anotava, refleti sobre as suas denúncias.

— Espero que não esteja me fazendo perder tempo.

— Não estou, espero que faça o seu trabalho.

A agente prisional se aproximou e interrompeu nossa conversa.

— O tempo acabou — ela disse e conduziu a Verônica para fora da sala.

Aguardei a outra agente autorizar minha saída, agradeci e parti.

Precisava chegar cedo na redação. Estava curioso com o conteúdo do drive e também pensativo com as revelações de Verônica, em alguns pontos, ela tinha razão, Roberto seria bem capaz de armar para salvar a própria pele, faz parte da índole de merda dele. No entanto, a conversa que ouvi dele com

o assessor talvez tenha sido apenas um mero teatro dos dois para sustentar a ideia de que Verônica era a mandante do crime. Ela me deu muitas coisas para pensar, mas uma eu tinha certeza, Roberto precisava, com urgência, ser desmascarado.

Caminhei até o estacionamento, entrei no carro e aproveitei para ligar para Otávio, ele certamente seria muito útil na avaliação desses documentos:

— Bom dia, Otávio.

— Bom dia, Miguel, o que tem para mim hoje? — ele perguntou.

— Acabei de visitar a Verônica, e ela me deu o *login* de acesso a um drive que, supostamente, armazena informações muito comprometedoras de Roberto Prates.

— Maravilha, ela concedeu acesso de livre e espontânea vontade?

— Sim, quer vingança e está disposta a entregar todos os podres do ex-noivo.

— Mulheres vingativas costumam ser ótimas informantes — Otávio brincou.

— Tenho outro problema para discutirmos, pode me encontrar na minha casa hoje?

— Sim, é claro. Qual horário?

— Quando estiver saindo da redação, eu te envio uma mensagem com o horário.

— Ok. Ficarei no aguardo, até mais.

— Até mais, Otávio.

Encerrei a ligação e segui a caminho da redação. Antes, parei em uma loja, comprei um celular para Isadora e mandei entregar no meu apartamento. Queria falar com a minha sereia sempre que tivesse saudades.

Cheguei na redação e fui direto para a minha sala. A minha recente ausência estava refletida sobre a minha mesa numa infinidade de papéis. Comecei imediatamente a ler e despachar algumas pautas e matérias de edições futuras.

Reuni-me com os chefes dos cadernos, inclusive com Laura, deliberamos os assuntos pendentes brevemente. Durante a reunião, Laura me direcionou alguns olhares ternos, eu os desviei todas as vezes. Não queria que ela tivesse falsas esperanças, ela percebeu minha indiferença, embora tenha tentado tratá-la com toda cordialidade que ela merecia, mas com a distância necessária para que compreendesse que nossa relação era apenas profissional.

A manhã foi muito atribulada, mas interrompi todos os meus afazeres para ligar pra minha sereia. À essa altura, ela já deve ter recebido o meu presente. O número já estava salvo no meu celular, liguei e ela atendeu bem rápido.

— Oi, minha sereia.

— Oi, Miguel. Estou curtindo o seu presente. Obrigada.

— Que bom que gostou, espero ser bem recompensado por ele.

— Um presente com segundas intenções, senhor Miguel?

— Segundas, terceiras, quartas e quantas outras, todas somente para você.

— Estou aproveitando para ler algumas notícias e informações jurídicas sobre minha situação legal.

— Faça isso e me aguarde para almoçarmos juntos, ok?

— Tudo bem. Aguardarei ansiosa para retribuir o presente.

— Mal posso esperar.

Encerrei a ligação e fiquei alguns minutos com o sorriso bobo estampado na minha cara, pensativo, olhando para o nada e lembrando dela.

Eu estava amando, porra!

Não estranhem, leitoras, amar está me fazendo muito bem, embora me faça parecer um bundão.

Meus pensamentos foram interrompidos por uma batida à porta, autorizei a entrada e era Laura, meu sorriso imediatamente desapareceu. Eu não queria ter esse tipo de conversa hoje, ela certamente me cobraria respostas, as quais eu já tinha para dar, mas não queria fazer isso aqui e não agora.

— Com licença, Miguel. Podemos conversar?

— Sim, entre, por favor.

Apontei a cadeira para que ela se sentasse. Ela estava séria e me olhava com cautela, como se já soubesse que a dispensaria.

— Aconteceu algo? Você está distante e me tratando com frieza.

— Laura, você é uma mulher linda, e eu adoraria namorá-la e conhecê-la melhor.

Ela abriu um sorriso tímido, seus olhos brilharam. Cheguei até a cogitar a possibilidade de não concluir minha fala, mas não poderia enganá-la.

— Porém, agora eu estou com outra pessoa. Lamento, Laura, era um caso antigo e nós nos reencontramos. Não me leve a mal, você é maravilhosa e merece alguém tão bom quanto você.

— Eu pensei que nosso envolvimento estava evoluindo e agora você vem com essa história de que tem alguém?

Faltaram-me palavras para respondê-la, pela primeira vez, eu não sabia como dispensar uma mulher. Em outro tempo, eu pouco me importaria, mas, depois que conheci o amor, eu era outro homem, renovado, mais sensível e melhor, muito melhor do que antes.

Eu era muito prepotente, arrogante, metido e um monte de outros adjetivos negativo, que, com toda certeza, vocês, leitoras, devem ter uma coleção para se referir a mim. Estou certo? Confesso, eu era tudo isso e um pouco mais, talvez.

O amor me mostrou sentimentos e sensações que desconhecia e são tão sublimes e únicas, sinto-me plenamente feliz e realizado ao lado de uma única mulher, o que me assusta às vezes, mas, ao mesmo tempo, me deixa em estado de êxtase por saber que amo verdadeiramente Isadora. Estou louco para descobrir o que o amor ainda será capaz de me ensinar e mostrar ao lado dela.

E eu que pensei que era melhor ter várias mulheres ao invés de me entregar a uma só, ledo engano.

— Desculpe se te dei falsas esperanças, não era a minha intenção, Laura...

— Já entendi, não precisa dizer mais nada, Miguel, eu que não deveria estar te cobrando alguma coisa.

Laura me interrompeu, levantou-se e saiu da sala em um silêncio cortante que me deixou até tocado. Ainda levantei e tencionei segui-la, mas só iria agravar ainda mais a situação, recuei.

Retomei meu trabalho e aproveitei para colocar meu plano em prática. A falsa edição já estava pronta, faltava apenas finalizar a versão oficial, a que eu substituiria antes da impressão. Passei o restante da manhã ocupado com o “Delator” e, próximo do meio-dia, já havia concluído a edição final. Recolhi meus pertences e saí apressado, louco de saudades da minha sereia.

Nunca o trajeto até o meu apartamento foi tão longo. Abri a porta do apartamento num ímpeto de ansiedade, um cheiro de comida me abriu o apetite, mas o que mais me provocou foi vê-la correndo na minha direção, encantadora! Ela pulou no meu pescoço e me beijou com desejo.

— Quanta saudade, meu amor — ela disse alegremente.

— Eu também estava louco para voltar para os seus braços, minha sereia.

Eu desejei a manhã toda estar aqui, nos braços dela, tocar seu corpo inteiro e beijá-la por completo. Mesmo com muita fome, o desejo por ela era maior, tão grande que chegava a ser desesperador. Eu a desejava com amor,

loucura, tesão, sentimentos tão intensos que me deixavam completamente embriagado pelos seus encantos.

Entre beijos e carícias urgentes, em poucos minutos, já estávamos completamente nus e entorpecidos de desejo. Alisei seu belo corpo e beijei seus seios, intumescidos, ela gemeu, e eu continuei descendo por seu lindo corpo, ajoelhei-me no chão diante dela, abri suas pernas torneadas levemente, beijei o interior de suas coxas e subi lentamente com beijos suaves até o seu sexo. Ela pousou as mãos em meus cabelos, quando meus lábios a tocaram mais intimamente, ela arqueou e gemeu alto, puxando meus cabelos com força. Intensifiquei as manobras até chegar em seu clitóris, suguei forte.

Minha sereia estava completamente entregue e louca de desejo, mexia seus quadris, deixando o ato mais prazeroso. Continuei alternando entre sugadas firmes e lambidas precisas. O corpo dela estremeceu, e eu senti seu orgasmo próximo, penetrei-a com minha língua mais fundo, e ela gozou longamente em minha boca.

Como eu gostava do gosto dela!

Levantei louco de tesão, virei-a de costas e a penetrei ferozmente, com estocadas viris, deliciando-me com o prazer que era estar dentro dela.

Foram apenas algumas horas separados, mas eu já estava louco de saudades e de tesão, louco para continuar aqui, dentro dela, sentido o seu calor, seu clitóris inchar novamente e estremecer em um novo orgasmo. Ela rebolou os quadris prazerosamente e me entorpeceu de desejo, aumentando o prazer entre nós. Não foram necessários muitos movimentos para eu atingir meu ápice, pressionei seu quadril enquanto gozava longamente, declarando o meu amor por ela.

Minutos depois, me sentei no sofá e a coloquei nos meus braços, estávamos completamente arfantes, ficamos em silêncio, pele com pele, recuperando o fôlego que o intenso prazer nos roubou temporariamente.

— Eu quero devolver sua vida, não a quero trancafiada aqui no meu apartamento, quero que tenha a sua liberdade de volta e que faça o que der prazer a você. Quero sair com você, passear, viajar e levar uma vida normal,

sem medo.

— Obrigada, Miguel. Não sabe o quanto suas palavras me fazem feliz.

— E começaremos a resolver isso hoje mesmo. Convidei o meu amigo da Polícia Federal para conversamos sobre a sua situação legal e sobre o que sabe do Teodoro.

— Eu tenho medo, mas você está certo. Eu já vivi tempo demais escondida.

— Assim que se fala, não quero te ver preocupada.

Beijei sua cabeça, como eu queria protegê-la e lhe dar o meu amor.

— Espero que goste de macarrão com salsicha, foi o que consegui fazer para o nosso almoço.

Sorri ao me dar conta de que agora teria outras preocupações, agora sou um homem de família. Nunca imaginei que me veria nesse papel, mas estou gostando e, além disso, me tranquiliza saber que terei Isadora todos os dias da minha vida ao meu lado.

— Precisamos ir ao supermercado, comprar umas roupas novas para você, ir ao salão de beleza, SPA, joalheria e o que mais desejar, eu quero que tenha tudo de melhor.

— Eu já tenho, o seu amor já me garantiu tudo que eu preciso pra ser feliz.

Ela disse tão lindamente que a felicidade me preencheu imensamente. Era o efeito Isadora, eu me senti feliz apenas por olhá-la tão serenamente declarando o seu amor.

— Eu te amo, Isadora.

— Eu também te amo, Miguel.

Selamos nossas declarações com um beijo apaixonado. Cessamos o beijo

e eu a levei no colo para o banheiro, tomamos banho e depois almoçamos juntos. Entre garfadas, beijos e troca de carinhos, nosso almoço ocorreu maravilhosamente bem.

— Saciado?

Isadora perguntou e levantou para colocar os pratos na pia.

— Se estiver se referindo à comida, sim. E devo dizer, que minha mãe não me ouça, estava maravilhoso.

— Fico feliz que tenha gostado.

Puxei seus braços e a posicionei entre minhas pernas, permaneci sentado e arrumei uma mecha de seu cabelo atrás de sua orelha.

— Vista-se, passaremos a tarde resolvendo assuntos de casais.

Alisei seus braços.

— Assuntos de casais?

— Sim, César casará daqui a algumas semanas, e eu quero você linda ao meu lado.

— Não precisa se incomodar com roupas novas, eu estou bem assim, mas, se faz questão, aceitarei como um empréstimo, tudo bem?

— Eu prometi que daria sua vida de volta, permita-me cumprir. Não será necessário me retribuir financeiramente, o seu sorriso diariamente já me basta.

Ela sorriu e ruborizou desconcertada, eu estava sendo sincero, verdadeiramente me alegrava muito vê-la feliz. Permanecemos ali mais alguns instantes e, depois, ela foi para o quarto se vestir. Aproveitei sua ausência para ligar para o chefe de impressão do Diário, daria início ao meu plano da falsa edição antes que o Alexandre tentasse executar o dele.

— Jonas, boa tarde. É o Miguel, tudo bem?

— Oi, seu Miguel. Sim, tudo ótimo.

— Eu vou enviar para o seu e-mail a próxima edição do “Delator”, tudo bem?

— Sim, claro. Já faço a impressão de teste agora mesmo.

— Passarei no fim da tarde para avaliar, obrigado.

— Por nada, seu Miguel.

Finalizei a ligação e passei uma rápida mensagem para o César e minha secretária, avisei que só retornaria à redação no fim da tarde. Agora a minha sereia era a prioridade.

— Estou pronta!

Isadora retornou à sala, tirando toda a minha concentração.

— Linda, como sempre.

Aproximei-me e deposei um beijo sereno na sua testa. Isadora era uma linda mulher e, mesmo com toda simplicidade com que se vestia, ainda assim, era lindíssima. Tinha uma beleza singular, diferente, notória e impossível de não ser percebida.

Saímos do meu apartamento em direção ao shopping que ficava próximo do meu edifício. Havia uma loja feminina que eu era cliente, comumente eu presenteava algumas mulheres com quem me envolvia. Quando tínhamos uma boa foda, eu as presenteava com um objeto caro e um cartão com um cortês e educado pé na bunda. Já era um cliente tão fiel que bastava apenas uma ligação e o presente chegava nas mãos da destinatária.

Chegamos até a loja, obviamente a gerente veio me receber pessoalmente, ela sempre se insinuava pra mim, mas nunca me interessei, na verdade, eu não tenho essa neura de “tipo de mulher”, nunca fui ligado em padrões de beleza, embora eu atraísse, com frequência, mulheres fisicamente lindas, saradas e com corpos esculturais. Pra mim, mulher é mulher, independente do manequim que vista, o que importa verdadeiramente é a alma e o coração. O

corpo envelhece, mas a alma não.

Vejam, leitoras, como estou poético! O amor nos faz melhor, acreditem! Mas, digo-lhes a verdade, mulher de verdade é a que aquece o nosso coração e nos faz perder o juízo, e não a que faz nosso pau levantar. Sei que já relatei uma infinidade de aventuras sexuais, porém afirmo com a propriedade de um ex-cafajeste que as mulheres mais interessantes que conheci não me atraíram unicamente pela sua beleza física, mas, principalmente, pela sua beleza intelectual, sensualidade e charme.

— Boa tarde, Miguel, o que posso fazer por você hoje?

Ela me cumprimentou com um olhar mal-intencionado e tão descarado que até me deixou constrangido.

— Boa tarde, Odete — li seu nome no crachá —, eu quero que atenda a minha noiva, Isadora, ela precisa de roupas para todas as ocasiões, além de sapatos, bolsas e acessórios.

Estávamos de mãos dadas, após ter pronunciado a palavra noiva, Odete não mais me direcionou olhares maliciosos.

— Eu preciso ir no caixa eletrônico, escolha o que desejar sem pressa, eu retorno logo.

— Tudo bem.

Beijei-a rapidamente e saí, eu precisava oficializar nosso noivado, fui à joalheria escolher um anel de noivado para ela e aproveitei para comprar um colar e brincos de presente.

Depois da joalheria, passei no *stand* de uma concessionária que havia no shopping e encomendei um novo veículo pra ela. Quando enfim retornei para loja, ela já trajava roupas mais modernas, continuava lindíssima, teve apenas a sua beleza mais acentuada.

— Oi, amor. Gostou? — ela perguntou intimidada.

— Sim, muito — confirmei, beijando sua testa — Você é linda de

qualquer jeito.

Isadora já havia concluído e eu paguei a conta e saímos da loja lotados de sacolas. Depois do shopping, passamos em um hipermercado e retornamos para o meu apartamento, que agora era nosso, completamente exausto. Nunca pensei que a vida de homem do lar fosse tão cansativa.

Ajudei com as compras e sacolas e a deixei em casa, tive de ir até a redação, eu precisava acompanhar de perto a execução do meu plano.

Já era noite quando cheguei e fui direto ao departamento gráfico, precisava ver a edição de teste impressa, não apenas eu, o Alexandre também precisava vê-la.

— Boa noite, Jonas.

— Boa noite, seu Miguel, aqui está a prova do “Delator”.

Ele me entregou o exemplar, fingi que estava avaliando, folheei todas as folhas.

— Está ótimo, mais alguém viu essa prova?

— Somente o doutor Alexandre, ele esteve aqui ainda pouco e olhou somente “O Delator” e saiu.

— Alexandre é um dos maiores incentivadores e até o responsável por integrar “O Delator” ao “Diário Paulistano”, tem um cuidado muito especial com esse caderno.

Menti sobre a índole do crápula do Alexandre, mas eu estava satisfeitíssimo que tudo estava caminhando como eu previa.

— Sim, percebi que ele tem bastante interesse nesse caderno. Está tudo certo, seu Miguel? Ou ainda que modificar algo?

— Não, está ótimo. Eu esqueci apenas de incluir meu nome como editor do caderno. Como posso ter esquecido de algo tão básico? — Fingi estar surpreso, foi apenas uma tática para trocar as versões.

— Acontece, seu Miguel.

— Farei isso agora mesmo e já envio o arquivo de volta, não é necessário imprimir outra versão de prova, incluirei somente o meu nome, já pode inclusive colocar o caderno em produção.

— Perfeitamente, senhor, assim que me devolver, já libero a impressão.

Retornei para a minha sala e troquei os arquivos, liguei para o Jonas para confirmar o recebimento, depois fui até a produção para me certificar de que o meu plano havia dado certo, vi os primeiros exemplares do “Delator” impressos.

Sorri feliz e certo de que fiz o correto, Roberto e Alexandre terão uma bela surpresa na manhã de domingo.



Recolhi meus objetos pessoais da minha sala, apaguei meus arquivos do computador que eu usava, deixei apenas os arquivos pertencentes ao “Diário Paulistano”.

Antes de apagar as luzes da minha sala pela última vez, olhei em volta e confesso que até fiquei triste, eu realmente gostava muito do meu trabalho e da equipe, mas jamais compactuaria com práticas ilícitas por parte dos meus superiores, sem contar que prefiro estar desempregado a ser funcionário da escória do Roberto Prates.

Admirei a vista pelas enormes janelas por alguns instantes e senti uma certa tristeza por estar saindo desse modo. Eu tanto prezei pela imparcialidade, lisura e seriedade dos meus trabalhos e fui traído pelo meu próprio chefe. Era desolador, e eu me senti impotente diante de tanta corrupção e práticas ilícitas existentes.

Sabe aquela sensação de que o mal venceu o bem? Era desse modo que eu estava me sentindo naquele momento, não era pela qualidade do meu trabalho, muito pelo contrário, mas pelo Alexandre, até outro dia, tinha meu respeito e admiração e agora eu tenho ranço e o quero longe.

Alexandre foi, sem dúvida, a minha maior decepção. Nunca pensei que ele fosse tão frio e calculista a ponto de tramar o meu declínio,

silenciosamente, pelas minhas costas e ainda me tratar com cordialidade, como se não soubesse de nada, mas há responsáveis por trás dessa mudança de conduta dele, o dinheiro e o poder, eles exteriorizam personalidades ocultas muito mais que os terapeutas são capazes de revelar em seus divãs.

O dinheiro e o poder andam lado a lado, corrompem e mancham a reputação e caráter de pessoas fracas e vazias, assim como Alexandre fora corrompido por Roberto. Apesar de decepcionado, senti um certo alívio por saber que estaria livre das escórias que tentaram me silenciar. Essa era a única certeza que eu tinha, esse episódio jamais seria um ponto final nas minhas investigações, mesmo me sentindo um grão de areia na praia, o delator continuará atuando com a mesma eficácia e qualidade de sempre, pelo meu *blog*, como sempre fiz.

Fechei as persianas e já estava de saída quando ouvi o barulho das portas do elevador se abrindo. Corri e me escondi na copa, observei pela fresta da porta, era o Alexandre. Aguardei ele sair do meu campo de visão para sair da copa e, para minha surpresa, ele entrou na minha antiga sala.

Retornei para copa e continuei escondido, observando atentamente pela fresta da porta. Ele permaneceu cerca de cinco minutos e depois saiu, aguardei as portas do elevador se fecharem e corri até a sala.

O computador estava deligado, liguei e acessei os documentos recentes, não havia registro de acesso a nada incomum, completamente limpo. Fiquei intrigado, vasculhei atentamente todos os arquivos e encontrei, dentro da pasta do sistema operacional, outra pasta denominada “O Delator”, seguramente não era minha. Abri e continha diversos documentos: extratos bancários, planilhas, contratos, etc. Muitas fotos e até gravações de conversas telefônicas, acertadamente ilegais. Havia uma pasta com o nome de Roberto e outra do seu maior adversário político, Irineu Ramalho. Obviamente, apaguei a pasta de forma a não deixar vestígios dela, mas, antes, salvei tudo em nuvem.

Geralmente, meu e-mail profissional ficava *logado* no computador da redação, tive a feliz ideia de abri-lo. Como eu imaginava e Verônica havia dito, dois extratos bancários e uma transcrição de conversa telefônica foram enviados para o departamento de diagramação, com a instrução de serem

incluídos, imediatamente, na edição do “Delator”.

Para minha sorte e vacilo dele, ele esqueceu de apagar a mensagem da pasta de e-mails enviados. Naturalmente, enviei outro e-mail me desculpando pelo erro, já que tinha esquecido que a edição já estava fechada. Ainda escrevi: incluiremos na próxima edição, mas não haverá uma próxima edição, não como caderno do “Diário Paulistano”, não comigo como editor-executivo.

Pelo menos, dessa vez, devo reconhecer que Verônica foi útil para alguma coisa. Consegui interceptar e neutralizar os planos de Alexandre. Seguramente, os extratos bancários devem ter sido obtidos de forma ilícita, e eu, como o autor do caderno, seria facilmente responsabilizado pela publicação desses documentos.

Retornei para o meu apartamento e, durante o trajeto, avisei Otávio, que confirmou que chegaria em meia hora. Subi rapidamente e, mesmo cheio de problemas, ao ver o sorriso de Isadora, esqueci-os completamente.

— Desculpe a demora, minha sereia.

Abracei-a forte, cheio de saudades.

— Tudo bem, Miguel. Como foi na redação?

— Tudo tranquilo.

Como era possível me sentir em paz quando ela estava nos meus braços? Eu a amava demais e, quando ela estava ao meu lado, o mundo poderia esperar, ela era o que mais importava.

Não falei sobre a redação, porque eu não queria preocupá-la com os meus problemas. Mesmo ela merecendo a minha confiança, eu não quero que ela saiba da lama que investigo, prefiro compartilhar a parte melhor e mais feliz de mim.

— O meu amigo Otávio chegará em breve, precisamos ter uma longa conversa sobre algumas investigações que tenho em andamento e, depois,

trataremos da sua situação, tudo bem?

— Sim, tudo bem. Quer que eu fique no quarto?

— Não precisa, acho melhor nos reunirmos no meu escritório.

— Tudo bem. Quando precisar de mim, é só chamar.

Trocamos um beijo rápido, e ela saiu em direção ao corredor, ainda aproveitei para apreciar seu belo corpo, ela parecia que flutuava de tão harmoniosa, e eu ainda ficava fascinado, admirando-a caminhar.

Afrouxei o nó da gravata e me servi com uma dose de uísque, em momentos de tensão como esse, o álcool me ajudava pensar melhor. Sentei na varanda, apreciando a vista da grande São Paulo e pensando nas implicações da próxima edição do “Delator”.

Confesso que estava ansioso para encontrar o Alexandre e louco de vontade de socar aquela cara de galã de novela mexicana. Ele estava convicto de que conseguiria ferrar comigo, mas será surpreendido pela minha bela carta de demissão e o anúncio da última edição do “Delator” no “Diário Paulistano”.

Como eu queria ver a cara dele ao abrir o caderno, sem falar no Roberto Prates, a última edição é toda dedicada às tramoias e falcatruas dele, e estou certo que, depois dessa publicação, ele despencará do topo das pesquisas de intenção de votos, se é que ainda conseguirá ser candidato.

Minutos depois, ouço uma batida à porta. Já tinha avisado na portaria que receberia o Otávio. Abri a porta rapidamente.

— Boa noite, meu amigo, entre, por favor.

— Boa noite, Miguel.

Otávio entrou, fechei a porta e o direcionei direto para o meu escritório, lá teríamos mais privacidade para avaliarmos tudo cautelosamente. Acessamos o *drive* de Verônica, e ela estava certa, existiam muitos documentos comprometedores. Até uma pasta completa com informações minhas, dentre

extratos bancários, fotos e a minha ficha criminal, óbvio que obtidos ilicitamente. Ele deve ter mandado me investigar na tentativa de encontrar alguma informação que pudesse usar contra mim.

Passamos algumas horas analisando toda a documentação, ao final, fiz uma cópia do conteúdo do *drive* para que fosse periciada oficialmente pela polícia. Finalizada a cópia, mostrei ao Otávio os documentos implantados no meu computador por Alexandre. Ele avaliou cuidadosamente e foi categórico na sua opinião:

— Não restam dúvidas, Miguel. Se esses documentos fossem publicados, você poderia responder criminalmente. Não sei quais eram os planos deles, mas eles poderiam facilmente te acusar de roubo e interceptação de ligações telefônicas sem autorização judicial ou com objetivos não autorizados em lei, cuja pena de reclusão é de dois a quatro anos mais multa.

— Certamente, me acusariam.

— Fez muito bem em evitar a publicação desses documentos. Além de desmoralizá-lo, ainda lhe custaria um processo judicial. Como descobriu a tempo?

— Verônica me contou. E hoje, quando finalizei a última edição do “Delator”, vi Alexandre entrando em minha sala, aguardei-o sair e vasculhei o computador que eu usava, encontrei uma pasta com todos esses arquivos.

— Agradeça a Verônica. Isso poderia encrencá-lo e pôr um fim na sua carreira, mesmo sendo mentira, até que conseguisse provar que não foi você, sua reputação já estaria manchada.

— Pelo menos, dessa vez, devo admitir que ela agiu corretamente — afirmei.

— Avaliarei com calma, mas certamente boa parte do conteúdo do *drive* entrará nas investigações. Sabe que não posso te dar mais detalhes, mas, acredite, farei o meu melhor. Quanto a investigação da sua tentativa de homicídio, eu conversei com o delegado responsável, Verônica está bem encrencada, o promotor certamente pedirá a condenação dela.

— Ela diz que foi tudo armação de Roberto.

— Uma armação muito bem arquitetada, por sinal. Recomendarei ao responsável pelo caso que avalie com mais cautela e, inclusive, considere a possibilidade de seguir essa linha de investigação. Vamos monitorar de perto o comportamento do Roberto e do seu assessor, sugiro, inclusive, que reforce sua segurança pessoal, principalmente depois da edição do “Delator” que publicará em breve.

— Obrigado, meu amigo. Tomarei as devidas precauções.

— O delegado responsável é competente, eu certamente pressionaria o elo mais fraco da corrente, nesse caso, o assessor. Fique tranquilo, tudo será resolvido, embora seja bem provável que Verônica será condenada, mesmo que tenha sido apenas uma vítima, pagará um alto preço por ter se envolvido com Roberto. Agora, mudando de assunto, qual era a outra questão que gostaria de tratar comigo?

— Quero te apresentar alguém, só um minuto.

Fui até o quarto buscar Isadora, a porta estava fechada, entrei, e ela estava concentrada lendo um site de medicina no *notebook*, ao perceber a minha presença, sorriu lindamente. Sentei ao seu lado e pousei as mãos em seus ombros.

— Agora é a nossa vez, preciso que converse com o Otávio.

Beije seus ombros suavemente.

— Tudo bem. Estou pronta.

Retornamos para o escritório. Otávio estava distraído olhando o celular, ao nos perceber, arrumou-se na cadeira e franziu a testa com ar de surpreso.

— Otávio, essa é Isadora Rouster.

— Rouster? Viúva do Teodoro? — ele perguntou assustado.

Eu ia explicar, mas Isadora acenou com a cabeça me interrompendo.

— Eu sou Isadora, fui dada como morta depois de um acidente forjado, porque o meu marido, Teodoro Rouster, ordenou ao nosso motorista que me matasse.

— Isadora, esse é o Otávio, delegado da Polícia Federal, ele investiga o Teodoro há algum tempo, conte a ele tudo que sabe.

— Sou todo ouvidos.

Otávio se recostou na poltrona, parecia muito interessado no que ela tinha pra contar. E eu estava certo, foi uma conversa longa, e ele ficou bastante surpreso com as revelações de Isadora, prometeu avaliar a situação dela com rapidez e analisar com mais cautela as provas que ela guardou durante todos esses anos.

Finalmente, senti que um peso saiu de nossas costas, as provas estavam nas mãos certas. Otávio as usaria sabiamente e, em breve, poderemos respirar aliviados e livres do Teodoro.

Otávio jantou conosco e, após o jantar, bebemos um pouco de vinho e o acompanhamos até a porta.

— Foi um prazer conhecê-la e pode contar comigo, avaliarei sua situação atentamente, mantenho contato.

— Obrigada.

Isadora retribuiu seu aperto de mão.

— Obrigado pelo apoio, Otávio.

— Eu que agradeço pelo apoio e as excelentes informações que compartilha comigo, meu amigo.

— Somos parceiros.

— Podem contar comigo para o que necessitarem, precisando de qualquer coisa, é só ligar.

— Mais uma vez, obrigado, Otávio.

Ele partiu, fechei a porta e puxei minha sereia para os meus braços. Abracei-a forte, estava feliz e certo de que tudo estava caminhando conforme desejávamos e merecíamos. Vi, no semblante dela, a tranquilidade que sempre desejei ver, seus olhos estavam desnudos, sem temor ou receios. Demos o primeiro passo para que a minha sereia tivesse sua vida de volta.



Despertei cedo, antes do amanhecer, estava ansioso demais para continuar dormindo. Vesti uma calça de moletom, um casaco, calcei meus tênis e saí para correr.

Desta vez, fiz um percurso diferenciado, até maior do que o de costume, eu precisava espairar, manter a mente limpa. Estava difícil me concentrar e esquecer por um instante que hoje era domingo.

Finalmente, veria a repercussão do meu trabalho, a edição que mais aguardei durante o tempo em que “O Delator” foi caderno do “Diário Paulistano”. Hoje, daria um basta na corrupção que assola aquela redação, pelo menos, hoje, sentia-me como um verdadeiro herói e livre com um pássaro.

O exercício matinal não foi suficiente para me manter calmo, nem mesmo olhar minha sereia dormindo me tranquilizou. Finalmente, vi, ao longe, próximo do quarteirão do meu edifício, a pequena banca de revista começando a organizar seus produtos nas prateleiras para iniciar mais um dia de trabalho. Caminhei a passos largos, mal conseguia conter meu nervosismo, mas meu coração teve o remédio que precisava ao ver estampado na primeira capa de “O Delator” a foto de Roberto Prates. Peguei a edição num ímpeto de curiosidade, folhei atentamente apenas para me certificar de que havia sido publicado tudo, na íntegra, conforme eu planejei e, para minha satisfação, tudo estava perfeitamente igual à versão que me dediquei arduamente para publicar.

— Bom dia, senhor, vou levar esse aqui.

Retirei uma nota do bolso para pagá-lo. O homem pegou a nota e me olhou atentamente, como se tentasse me reconhecer, depois, devolveu a nota com um sorriso terno.

— Eu o conheço, fique com o seu dinheiro, não precisa pagar, o senhor presta um grande serviço à população. Continue com o seu trabalho, sou seu fã e meus parabéns, seu delator.

Fiquei mudo e sem palavras para responder, sei que foi um elogio sincero. Na verdade, meu trabalho sempre foi elogiado por autoridades e colegas de trabalho, mas vindo de um leitor, pessoalmente, foi a primeira vez. Foi o elogio mais sincero e, sem dúvida, o mais significativo de todos os que já recebi.

Antes de voltar para casa, parei na padaria e comprei pães, frios e alguns bolos. Queria preparar um café da manhã especial pra nós dois. Entrei sorrateiramente no apartamento para não a acordar, eu estava eufórico, louco para contar para Isadora. Depois de organizar a mesa de café, tomei um banho no quarto de hóspedes e vesti apenas uma bermuda.

Arrumei nosso café em uma bandeja e entrei no quarto. Coloquei-a cuidadosamente no criado-mudo e sentei na borda da cama. Minha sereia ainda dormia lindamente, beijei seus lábios e um sorriso doce se formou neles.

— Bom dia, minha sereia.

— Bom dia, meu amor.

Ela permaneceu de olhos fechados e me puxou para cama.

— Está tudo bem? — ela perguntou, aninhando-se em meu colo.

— Tudo ótimo.

— Pela sua resposta, não foi só minha companhia agradável que te deixou feliz. Algo mais que devo saber? Oh, espere — ela se sentou na cama

radiante —, hoje é domingo e isso quer dizer que o “Delator” foi publicado na íntegra?

— Sim, foi.

Ela pulou nos meus braços e me beijou, ficou tão feliz quanto eu.

Depois do momento de euforia e muitos beijos, tomamos café juntos e decidimos sair para comemorar, passear, fazer um programa típico matinal de domingo.

Já estávamos prestes a sair quando alguém bateu desesperadamente à porta. Fiquei tenso, fiz sinal para que Isadora entrasse e fui atender a porta, apesar da pressa e desespero, deveria ser alguém que conheço.

Abri a porta e César adentrou o apartamento apressado, nem mesmo esperou o convite pra entrar.

— Miguel, eu te liguei inúmeras vezes, quer me explicar que edição é essa, cara?

— É a verdade, César, foram minhas últimas investigações. Guardei-as na manga para publicar em um momento oportuno e esse momento chegou.

— Eu acordei hoje cedo com uma ligação desesperada do Alexandre, ele está louco te procurando. Soube que uma reunião do conselho foi convocada para hoje, hoje. Entende a gravidade dos problemas que criou, Miguel?

— Está muito nervoso, acalme-se, César. O Alexandre está possesso porque tentou acabar com a minha carreira, mas, na verdade, eu que acabei com a dele. Ele implantou documentos falsos no meu computador e tentou anexar uma publicação de documentos sigilosos no “Delator”, pelas minhas costas, na surdina.

— Então era esse o plano deles para acabar contigo?

— Sim e graças a Verônica consegui descobrir a tempo. Publiquei na íntegra a investigação que eu estava fazendo sobre o esquema de propinas que o Roberto comandou, além de anexar umas planilhas de caixa dois das

campanhas anteriores dele. E, de quebra, anunciei o fim do “Delator” no “Diário Paulistano” e fechei com chave de ouro, anexando minha carta de demissão.

— Você foi bem esperto, Miguel. Agora entendo o motivo do Alexandre estar tão possesso. Ele deve ter vindo aqui no seu edifício. Por acaso te convocaram para a reunião do conselho? É bem provável que tenham te ligado, já ouviu a sua caixa postal?

— Não e nem ouvirei. Hoje eu só quero ter paz e tranquilidade ao lado da Isadora.

— Paz? Então escolheu a profissão errada, meu caro.

— Sente-se, vamos conversar um pouco, César.

Conversamos por alguns minutos e o telefone de César tocou algumas vezes. Uma delas era o Alexandre. César o atendeu, colocou no viva-voz, Alexandre estava nervoso e querendo notícias minhas com urgência. César disse que não sabia e, logo em seguida, também desligou o celular.

Servi café para nós dois e mudamos de assunto. Ele me contou sobre os preparativos do casamento, a empolgação de Letícia e também disse que pediria demissão do “Diário Paulistano”. Eu aconselhei que permanecesse por lá, afinal, o problema é meu, embora tenha relutado, ele acabou acatando meu conselho.

Depois do café e da boa conversa, despedimo-nos e eu voltei para o quarto, para os braços da minha sereia. Dei-lhe um beijo longo e a puxei pra sala.

— Vamos sair? Precisamos comemorar.

— Tem certeza de que quer ir mesmo?

Isadora estava um pouco tensa.

— Sim, por que não iríamos?

— Eu vi o noticiário agora pouco e o Roberto Prates está foragido, foi determinado o início do cumprimento da pena dele em regime fechado. O “Delator” é o assunto mais comentado do momento, não acha mais prudente ficarmos?

— Relaxe, vamos nos divertir.

— Tudo bem.

Descemos até a garagem entre muitos beijos e abraços, eu estava feliz e pouco me importava com as consequências da publicação das minhas investigações, nesse momento, eu só queria comemorar.

Entramos no carro e já estava manobrando para sair da garagem quando um homem se atirou no capô do meu carro. Freei bruscamente e corri para socorrê-lo, Isadora me acompanhou.

Eu estava devagar e o impacto foi pequeno, mas minha maior decepção foi de ter freado ao invés de passar por cima, era o lixo do Alexandre caído no chão e xingando alguns palavrões.

— Você está louco?

Gritei ao levantar do chão, ele não merecia nem mesmo o meu socorro médico.

— Calma, Miguel, deixe-me socorrê-lo.

Isadora deu um passo à frente, mas eu a detive.

— Não, esse merda não merece piedade.

Ela me olhou assustada e ainda hesitou em ir, mas, antes que ela insistisse, ele se levantou sozinho, com um pouco de dificuldades, caminhou na minha direção e, me encarando friamente, vi ele passar as mãos pelas costas, como se procurasse algum objeto, uma arma talvez.

— Corre, Isadora.



Isadora ficou paralisada pelo medo do nosso algoz ou não quis acatar minha ordem. Abri rapidamente a porta do carona do carro e não esperei seus protestos, empurrei-a para dentro do carro e travei as portas, eu precisava mantê-la segura.

Alexandre me encarava com ódio e estava a poucos passos de me alcançar. Calculei mentalmente todas as reações de defesa para cada ação que ele poderia tentar executar, inclusive neutralizar um possível ataque com armas, já que eu não sabia se ele estava realmente armado, mas dele poderia esperar tudo, até mesmo a burrice de atentar contra a minha vida.

À medida que a distância encurtava entre nós, meu sangue fervia e a ira me tomava, embora eu não quisesse agredi-lo na frente da minha sereia, foi difícil me controlar ao lembrar o que ele tramou pelas minhas costas, foi praticamente impossível manter a calma sabendo que esse lixo de calças poderia ter acabado com a minha carreira.

— Achou mesmo que não iríamos ter essa conversa?

Alexandre disse bufando, ainda com uma das mãos nas costas.

— Eu não tenho nada para tratar com um verme como você.

— Você acabou com a minha vida, seu desgraçado de merda. Eu fui expulso da minha própria empresa por culpa sua.

— Isso é apenas o reflexo de suas ações. Lamentavelmente, você preferiu se vender pro Roberto ao invés de permanecer do lado correto.

— Eu te apoiei todo esse tempo, levei o “Delator” para o “Diário Paulistano” e ainda te dei um alto cargo com uma ótima remuneração. Fui eu! — Ele bateu no peito. — Ouviu bem? Eu te coloquei no topo, e é assim que me retribui?

— Você levou o Delator para o Diário para monitorar minhas investigações, nunca foi pensando na excelência do meu trabalho e muito menos para me ajudar como julga que fez. Você só queria ter a chance e o poder de impedir algo comprometedor para seu amiguinho de partido, mas escolheu o lado errado, mexeu com o cara errado. Eu sei de tudo, inclusive dos documentos que implantou no computador que eu usava na redação.

Ele ficou surpreso com a revelação, não esperava que eu soubesse do plano sórdido deles, mas ele fingiu não saber de nada e ainda mudou completamente o semblante depois do que disse, fingiu não estar mais com raiva, achou que eu acreditaria na sua cara fajuta de bom moço arrependido.

— Eu vendi parte das minhas ações pro Roberto, e ele se tornou, secretamente, o sócio majoritário do Diário, mas eu nunca concordei com os planos de sabotagem e de atentar contra a sua vida, e é por isso que estou aqui, eu quero humildemente te pedir desculpas.

— Conte-me outra, Alexandre. Você é um desgraçado que sentiu o gostinho do dinheiro sujo. Foi pago pra ferrar comigo e ainda ajudar aquele corrupto a se eleger. Eu não acredito em nada que sai da sua boca e tampouco nesse pedido de desculpas fajuto, você não tem palavra de homem. Não vejo necessidade de estar aqui na minha porta enchendo o meu saco com asneiras. Sugiro que coloque o rabinho entre as pernas, dê meia volta e suma da minha frente antes que a minha paciência se esgote.

Eu já estava furioso e a minha paciência estava se esgotando, Alexandre sorriu debochadamente e bateu palmas, o que me irritou ainda mais, se isso é

possível.

— Belo discurso, mas as suas palavras não me amedrontam, eu queria ferrar contigo mesmo, não foi só por dinheiro e quer saber o motivo? Eu odeio seu trabalho de merda, eu detesto seu caráter e falso moralismo, sempre desejei a sua queda, mesmo sendo o chefe, você era o cara que pegava todas as mulheres, que ganhava todos os prêmios e era sempre elogiado nas reuniões de diretoria. Em nenhuma empresa o funcionário pode brilhar mais que o chefe, eu deveria ser a estrela daquela redação, e não você, um reles subalterno que deveria estar na minha sombra, sempre abaixo de mim, nunca em maior evidência.

Eu já estava zangado e suas últimas palavras foram o estopim, avancei sobre ele e o levantei pela gola da camisa. Apoiei-o em uma coluna, próximo de nós, apertando firme seu pescoço. Ele colocou as mãos tentando me deter, debateu-se algumas vezes, mas foi em vão. Eu era bem mais alto e forte, e nesse momento a raiva canalizava todas as forças do meu corpo para o esganar.

— Escute aqui, seu filho da puta, eu sempre me destaquei porque fiz o meu trabalho de modo lícito, sem prejudicar ninguém de bem. Quanto a sua inveja, engula junto com o seu orgulho de merda e suma da minha porta.

Isadora batia desesperadamente no vidro do carro, olhei rapidamente para ela e li em seus lábios ela dizendo “não” angustiada, quando voltei os olhos para Alexandre, ele já estava desfalecendo, soltei-o, e ele caiu no chão desacordado. Abri o carro, Isadora saiu desesperada e me abraçou aos prantos, depois de alguns segundos nos meus braços, ela já estava mais tranquila.

— Miguel, você o matou?

— Espero que não. Eu fiquei transtornado com o que ele disse.

Ouvimos ele tossir, olhamos para o traste, e ele se mexia, fiquei mais aliviado, mal encontrei a minha sereia, e já ficar preso por matar alguém não era o melhor dos planos.

— Você tentou me matar, eu vou te denunciar, Miguel

Alexandre falava com dificuldades e ainda tossia um pouco.

— Vá, quer que eu chame a polícia? Vamos ver quem saíra algemado.

— Você não tem provas contra mim, Miguel.

Desta vez, eu que ri debochadamente.

— Acha que eu seria burro de não copiar os arquivos que implantou no meu computador? Eu os entreguei à Polícia Federal, você, juntamente com Roberto, serão incriminados por tentativa de homicídio contra mim e muitos outros delitos. Você está muito mal informado, a Verônica fez um acordo com a justiça e já contou todos os podres da lama em que você está envolvido. Você, como tesoureiro do seu partido, certamente está envolvido até o pescoço.

— Você está blefando, Miguel.

— Eu não blefo, mas pague pra ver. Agora, se quiser ganhar os mesmos benefícios que a Verônica, sugiro que procure imediatamente a polícia e colabore. Talvez, consiga um bom acordo de redução de pena.

— Eu não vou procurá-los, não devo nada.

Antes de responder, fomos surpreendidos pelas sirenes e luzes das viaturas de polícia que adentraram a garagem do edifício. Alexandre se assustou ao vê-los e ainda tentou correr, mas foi cercado.

Abracei Isadora, que ainda estava trêmula, permanecemos próximos do carro, observando os policiais agirem. Eles desceram das viaturas com uma certa pressa, estavam acompanhados do Otávio.

— Senhor Alexandre Amaral, temos um mandato de condução coercitiva, faça o favor de nos acompanhar — Otávio disse.

— Eu...eu não fiz nada de errado — Alexandre protestou gaguejando.

— Isso veremos, agora venha conosco — Otávio afirmou.

Dois policiais caminharam na sua direção e, antes de levá-lo, ele se ajoelhou no chão e gritou, implorando o meu perdão.

— Miguel, eu peço que me perdoe. Pelo amor de Deus, volte ao “Diário Paulistano”.

Não entendi suas súplicas, mas decerto não era um pedido sincero, sem dúvida, havia segundas intenções. Eu não o respondi, ele foi conduzido por dois policiais, mas manteve seu olhar de temor e me encarava com preocupação, até entrar na em uma viatura que partiu logo em seguida.

Otávio ficou e veio nos cumprimentar.

— Obrigado por ligar, Isadora. Estamos na rua desde cedo cumprindo vários mandatos, inclusive, procurávamos por Alexandre.

— Nós que agradecemos por ter vindo, Otávio.

Isadora agradeceu e respirou um pouco mais aliviada.

— Eu disse para o Alexandre que a Verônica fez um acordo de delação premiada e o entregou, ele ficou bem amedrontado, sugiro que sustente essa mentira, bem capaz que ele entregue tudo.

— Ótima ideia, Miguel, eu conduzirei pessoalmente esse interrogatório.

— Ele vai abrir o bico, é um covarde.

— Preciso ir, logo procurarei vocês para conversarmos sobre a sua situação, Isadora. Agora preciso ir, tenho um interrogatório tenso para gerir.

— Até mais, Otávio.

Acenei com a cabeça em despedida, logo ele partiu na última viatura que ainda restava na garagem. Aguardei-o sair da garagem e depois me virei pra Isadora, alisei seus braços e beijei a sua testa.

— Está tudo bem?

Perguntei, mas sabia a resposta, ela estava tensa.

— Claro que não, eu estou em tempo de ter um colapso nervoso. Pensei tantas coisas, achei que ele estaria armado ou que trocariam socos. Enfim, graças a Deus que você está bem.

— Calma, eu sei me defender muito bem, confie em mim.

— Mesmo assim, tenho medo que algum dos envolvidos queira se vingar de você.

— Estou acostumado, já recebi tantas ameaças de morte, tentativas de homicídio, que isso não me amedronta mais.

— E você fala isso com essa calma?

— Calma, está tudo bem. Vamos continuar com os nossos planos.

— Não, Miguel. É melhor ficarmos aqui, pelo menos até as coisas se acalmarem.

— Eu insisto, confie em mim, nós ficaremos bem.

Tomei suas mãos e as beijei.

— Não, Miguel, por favor. Eu temo por você, por mim e pelo...

Ela ficou em silêncio, baixou a cabeça, pegou minha mão e apertou.

— E pelo... — disse, incentivando-a falar.

Isadora colocou minha mão no seu ventre, não foi preciso dizer mais nada, sua singela ação me fez entender o que o seu coração desejava falar.

Fiquei mudo, completamente sem palavras, a adrenalina que já havia normalizado no meu organismo voltou com toda força e me levou ao estado de euforia novamente, mas, dessa vez, foi de felicidade.

Não tive reações por alguns segundos, fui pego de surpresa, obviamente que o tanto que transamos sem preservativo poderia facilmente resultar nessa gestação, mas, ainda assim, fiquei surpreso. Depois de Cristina, Isadora foi a única com quem não me preveni. O desejo louco do momento impediu-me de pensar em preservativos. Imprudente, confesso.

Filhos nunca fizeram parte dos meus planos para o futuro, porque eu nunca tinha amado de verdade, sempre me pareceu uma ideia inviável, mas, agora, parece uma ideia maravilhosa, ainda mais com ela sendo a mãe.

Alisei sua barriga ainda em silêncio, tentando absorver a notícia, eu estava feliz, e as lágrimas desceram pelo meu rosto.

— Você carrega um filho nosso?

— Sim.

Ela respondeu com dificuldades, chorando, muito emocionada.

Abracei-a forte, meus pensamentos foram longes, imediatamente a imagem de um menininho correndo e chutando bola num gramado se formou na minha mente. Ele tinha meus olhos e o rosto da mãe e correu para meus braços gritando “papai”.

— Por que não me contou antes?

— Eu tive medo que não reagisse bem, estava aguardando um momento mais oportuno.

— Vamos para o nosso apartamento, precisamos planejar nosso futuro, espere-me aqui, vou estacionar o carro corretamente.

Caminhamos até o elevador entre beijos e abraços, depois, entramos no nosso apartamento, sentei no sofá e a puxei para o meu colo. Ela colocou as mãos no meu rosto e me encarou serenamente.

— Está feliz, Miguel?

— É lógico, mas confesso que ter um filho era algo impensado para mim

até eu me apaixonar por você. Agora, eu quero viver tudo ao seu lado, inclusive a paternidade.

— Não sabe o quanto estou aliviada por saber que você está feliz, eu tive medo que duvidasse da paternidade...

— Jamais, quando um casal transa sem proteção, só pode resultar nisso, não é mesmo? Eu sei que é só minha, Isadora.

— Sim, sou e serei apenas sua. — Ela me beijou castamente. — Eu achei que não podia engravidar, então não me preocupei com contraceptivos quando nos envolvemos na ilha. Acho que essa gravidez foi um milagre.

— Reencontrá-la que foi um milagre. Quer dizer que estava grávida e ainda tentou fugir de mim? — brinquei.

— Eu já disse que tinha medo que algo de mal nos acontecesse, eu pensei em te procurar, principalmente quando descobri a gravidez, mas o medo me impediu.

— Eu irei protegê-los, com a minha vida se necessário.

Seu sorriso era a confirmação que eu necessitava. Trocamos beijos quentes, como tão bem fazíamos, nossas bocas se encaixavam perfeitamente, nossas línguas se possuíam com desespero e os nossos corpos se entregavam rapidamente em um misto de desejo lascivo, amor e paixão. Em poucos instantes, já estávamos despidos e entregues ao desejo que emanava dos nossos corpos.

Levantei-a cuidadosamente pela cintura e a posicionei sobre mim, eu queria apreciar o espetáculo de mulher que tinha, embora eu estivesse louco para possuí-la, sedento e desesperado para me afundar dentro dela.

Isadora montou sobre mim, um gemido rouco escapou por entre meus dentes cerrados, quando me recebeu por completo dentro dela.

Porra!

Eu a desejava com loucura e insaciavelmente, ela começou a cavalgar

lentamente, eu pressionei sua cintura fina, apreciando seus movimentos precisos que me enlouqueciam. Apalpei seus seios fartos enquanto ela cavalgava com mais intensidade.

Como ela era linda, tão minha, tão entregue, tão gostosa.

Olhá-la sentindo prazer era tão prazeroso quanto o próprio ato. Senti seu corpo estremecer, e ela rebolou e cavalgou freneticamente até gozar no meu pau, que estava louco para se libertar dentro dela. Eu gozei, olhando naqueles olhos luxuriosos em chamas.

A cada dia que passava, eu ficava mais rendido e sedento por ela. Eu a desejava descontroladamente, embora isso anteriormente fosse assustador, agora nada disso importava mais, porque eu a amo e o nosso filho está a caminho.

É, leitoras, eu disse filho! Tenho certeza de que será um garoto, na verdade, eu rogo a Deus por isso, que me conceda um garoto. Só de pensar em uma menina e saber que um dia ela será uma mulher e outros homens terão desejo carnal por ela, o pânico toma conta do meu ser. Pensar que os rapazes poderão fazer com minha filha o mesmo que eu já fiz com as mulheres que já conheci é um pesadelo que não quero viver.

Eu adorava tê-la em meus braços depois do sexo, conversar bobagens, trocar beijinhos, mas eu estava sério e imóvel pensando na possibilidade da Isadora estar grávida de uma menina.

— Parece que não gostou de saber que será pai.

— Claro que gostei e ficarei ainda mais feliz quando descobrirmos o sexo do bebê.

— O que prefere? Eu, particularmente, não tenho predileções.

— Eu tenho de certeza que será um menino. Precisamos contar para minha mãe e irmã, elas ficarão eufóricas.

— Espero que gostem da mãe do bebê também.

— Fique tranquila, só o fato de estar grávida já é aprovação de cara pela minha mãe.

— Fico um pouco mais aliviada.

— Já disse para confiar em mim, eu cuidarei de vocês e prometo que nada nem ninguém irá nos separar.

Seus olhos brilharam, mostrando-me sua alma, pura e singela. Nunca havia tido tanta conexão com um olhar como agora, eu me via nos seus olhos.

Se esse papo de alma gêmea existe, creio que encontrei a minha. Eu a desejava loucamente, queria ela sempre comigo, eu amava seu jeito, seu corpo, sua alma. Tudo nela era sublime, encantador, apaixonante.

É, leitoras, eis aqui um homem apaixonado, modificado pelo amor e futuro pai de família.



Ajudei Isadora na cozinha, almoçamos e sentamos na varanda com um pote de sorvete para planejarmos nosso futuro. Nunca pensei que planejar a chegada de um filho me faria tão bem.

Avisei ao porteiro que não queria receber ninguém, mas acompanhei, pelos noticiários, a repercussão da edição do “Delator” de hoje.

A edição de hoje tinha uma investigação com suspeitas do recebimento de doações ilegais para campanha eleitoral de Robertos Prates. Ele já tinha uma condenação, mas recorreu e aguardava julgamento do recurso em liberdade. Foi condenado pelos crimes de peculato, corrupção ativa e formação de quadrilha. A decisão do último recurso que a sua defesa havia impetrado saiu na última sexta-feira. Como sua condenação foi mantida, foi decretado o início do cumprimento da pena em regime fechado, no entanto, ele não compareceu conforme o estabelecido pela justiça e se tornou foragido da polícia.

A investigação que divulguei hoje, o incluía em mais um processo em que se tornaria réu. Bem provável que ele estivesse aguardando, ansiosamente, a edição de hoje para se vangloriar da minha derrota, mas, ao invés de ler a minha queda, o cerco se fechou ainda mais para o lado dele e o complicou com a justiça.

Pouco depois do nosso almoço, desliguei a televisão e o *notebook*, queria aproveitar a minha mulher e a maravilhosa notícia que recebi hoje, mas nem sempre é como desejamos. E meu momento de felicidade foi interrompido, mais uma vez, pelo interfone do meu apartamento. Tirei cuidadosamente Isadora do meu colo e fui atender, zangado, já que tinha sido enfático quanto ao fato de não querer ser incomodado.

— Alô — atendi impaciente.

— Seu Miguel, desculpe incomodá-lo, mas o senhor Paulo está aqui na recepção e insiste que necessita, com muita urgência, conversar com o senhor.

— Paulo Abreu?

— Isso, ele mesmo. Pode recebê-lo?

Tinha muito respeito e admiração pessoal por Paulo, talvez devesse me explicar a ele, já que ele era um dos poucos na redação que ainda merecia o meu respeito.

— Sim, permita-o subir.

Coloquei o interfone no gancho de volta e caminhei até Isadora, que estava distraída olhando a vista.

— Também adoro essa vista.

Beijei sua cabeça.

— São Paulo é linda. Quem era?

— Devo concordar. Era o meu antigo, ele deseja falar comigo e permiti

que ele subisse, você se importa de me esperar no nosso quarto?

— Não, absolutamente. — Ela se levantou e beijou me beijou rapidamente. — Não demore, porque eu estarei te aguardando completamente nua.

Ela sorriu maliciosamente, o que já foi um estímulo e tanto pro meu pau se animar. Que mulher! Ela mexia muito comigo e me tinha em suas mãos, até com uma simples frase ela conseguia dissipar minhas preocupações e me deixar louco de desejo.

Instantes depois, o Paulo bateu à porta, estava com o semblante cansado.

— Boa tarde, Miguel. Desculpe ter vindo até a sua casa, mas tentei te ligar e não consegui, tenho um assunto urgente para tratar, posso entrar?

— Sim, é claro.

Apontei para o sofá, e nos sentamos frente a frente.

— E então, o que o trouxe aqui? — perguntei.

— Estou aqui em nome do grupo editorial ao qual o “Diário Paulistano” pertence. Primeiro, eu gostaria de pedir desculpas pelo ocorrido, lamentavelmente, não era de conhecimento da gestão que o Roberto havia se tornado sócio do grupo, na verdade, foi uma transação ilegal, já que Alexandre apenas representava a parte dos outros dois irmãos. Para que essa negociação tivesse valor legal, precisaria da assinatura dos três irmãos, e não apenas do Alexandre, que os representava até então. Nós também desconfiamos que ambos conheciam essa questão, mas forjaram essa transação para lavar dinheiro ilícito. Alexandre é tesoureiro do partido político de Roberto e também já foi coordenador de campanhas eleitorais de diversos políticos, possivelmente é dinheiro oriundo de doações de campanha ilegais, mas isso cabe a polícia investigar.

— Concordo. Aceito, eu aceito as desculpas e não precisa fazer um longo discurso político, Paulo, seja direto, o que o trouxe aqui?

— Eu compreendo sua indignação, apoio totalmente a forma que usou para se demitir do jornal, embora tenha exposto o grupo inteiro. O Alexandre agiu de má fé e já teve sua punição. Os irmãos o expulsaram do cargo e o obrigaram a vender sua parte no grupo, ele não teve escolha ou seria denunciado pelos irmãos e ainda poderia perder a herança. Ele está fora do “Diário”, e eu assumi interinamente o seu cargo, e gostaria de te fazer uma proposta.

— Desculpe, Paulo, tenho um imenso respeito e admiração pelo seu trabalho, mas não me peça para retornar.

— Calma, Miguel, quero primeiro que me ouça. Todos nós erramos e queremos que nos dê a chance de reparar esse erro para provar que estamos com você nessa luta. Eu sou um profundo admirador do seu trabalho, bem como os demais acionistas. Imagino que Alexandre já esteve hoje aqui, não?

— Sim, esteve, veio jogar na minha cara que me odeia e que sempre desejou o meu declínio, por pura inveja.

— Imaginava, sabe o que o trouxe aqui? Ele prometeu que te convenceria a voltar para o “Diário Paulistano” e, caso conseguisse, ele queria o cargo dele de volta.

— Está explicado o falso pedido de desculpas, sabia que tinha algum interesse por trás daquela cara de bom samaritano, não tivemos uma conversa muito amistosa, mas, no fim, antes de partir, ele implorou perdão com uma certa apreensão, agora compreendo o motivo.

— Óbvio que recusaram aceitar, mas, ainda assim, ele esteve aqui, mas isso agora é irrelevante, o que queremos nesse momento é você novamente como nosso editor-executivo e autor do caderno de maior sucesso do nosso jornal, mas, dessa vez, não mais como um simples funcionário, e sim como um de nossos acionistas. Queremos você e “O Delator” de volta, o que me diz?



— Agradeço muito a proposta, mas minha jornada com o grupo encerrou com o ponto final da minha carta de demissão. É irreversível, lamento.

— Tem certeza, Miguel?

— Sim, eu não quero voltar para o “Diário”, continuarei com as minhas investigações e com o *blog* como sempre fiz.

— Nossa proposta ainda estará de pé, sugiro que tire umas férias, viaje, curta uma boa companhia, esfrie a cabeça e depois nos dê uma resposta.

— Já tem a minha resposta, Paulo, não espere para nomear outro para o meu lugar, eu não pretendo retornar.

— Eu insisto, deixarei a proposta em aberto e, se tiver uma contraproposta, estarei disposto a negociar. A diretoria inteira estava reunida desde cedo por conta da sua publicação, foi uma manhã exaustiva, todos ficaram surpresos com a sua carta de demissão, e só tomamos conhecimento das tramoias do Alexandre pela sua edição do “Delator”. Por sorte, conseguimos invalidar a negociação sem prejudicar o grupo. Já deliberamos praticamente todos os detalhes, falta apenas o seu sim. Aliás, todos os acionistas foram categóricos a respeito do seu retorno, todos o querem de volta.

— Lamento, Paulo, está perdendo o seu tempo.

Mesmo com todo respeito que eu tinha por ele, eu já estava a ponto de expulsá-lo da minha casa, a sua insistência já estava me deixando nervoso.

— Insisto que reconsidere. Agora deixarei você pensar e, quando quiser retornar, procure-me, certo?

Paulo levantou e caminhou em direção à porta, eu o acompanhei, creio que ele tenha percebido meu descontentamento e impaciência com a sua insistência. Eu estava convicto da minha decisão e não queria voltar atrás.

Sempre prezei pela imparcialidade e lisura dos meus serviços e, dessa vez, não seria diferente, retornar ao “Diário”, embora sob nova administração, poderia fazer com que “O Delator” perdesse a credibilidade e prestígio que alcançou merecidamente ao longo dos anos como *blog* e, recentemente, como caderno.

— Já sabe minha resposta. De qualquer modo, eu agradeço por ter vindo.

— Até breve.

Paulo estendeu a mão para me cumprimentar.

Retribuí o seu cumprimento e o aguardei sair, fui cortês o máximo que minha paciência permitiu. Eu não queria ser grosso, mas sua insistência já estava me estressando. Não queria estresse, só pretendia curtir a minha mulher e a notícia do meu garotinho.

Voltei para o quarto, ela estava deitada na cama, coberta apenas pelo fino lençol de seda. Aproximei-me lentamente, ela dormia tão serena que não tive coragem de acordá-la. Tomei um banho e deitei ao seu lado, ela continuou dormindo.

Passei alguns minutos olhando-a, fascinado, eu era o homem mais sortudo do mundo, alisei seus cabelos lentamente para não a acordar, depois toquei seu ventre. A barriga esguia, nem parecia que carregava um fruto do nosso amor.

Eu vou ser pai!

Nunca pensei que viveria esse momento e que seria feliz ao vivê-lo. Coloquei-a cuidadosamente nos meus braços, adormeci inalando o perfume dos seus cabelos e com uma das mãos pousada no seu ventre.

O restante do domingo foi tranquilo, tudo dentro da normalidade. Finalizamos a noite com um filme meloso, pipoca, beijos, carícias e muito sexo.



Despertei cedo, Isadora permaneceu dormindo. Aproveitei para fazer nosso café, liguei a televisão nos noticiários, depois liguei o meu celular. A minha caixa postal estava lotada, além de centenas notificações de mensagens instantâneas e e-mails.

Fiz um café bem forte e me servi uma xícara, sentei e liguei meu notebook. Precisava ler meus e-mails, passei um bom tempo respondendo as mensagens, havia muitos pedidos de entrevista, sugestões de investigação para o “Delator” e até propostas de trabalho. Fiquei surpreso, achei que as propostas não chegariam tão rapidamente.

Não queria decidir nada agora, nesse momento, precisava me ocupar em proteger minha Isa e o meu garoto.

Estava concentrado lendo minhas mensagens e fui surpreendido pelos lábios de Isadora tocando minha nuca. Ela me envolveu em um abraço, alisei seus braços e, ali, me senti em paz. Fechei os olhos, apreciando o contato da nossa pele.

— Bom dia, minha sereia.

— Bom dia, Miguel. Já tomou café?

— Só café puro, estava aguardando a minha futura esposa.

Levantei da cadeira, encostei-me na mesa e a puxei para os meus braços. Entrelacei as mãos nos seus cabelos e lhe dei um beijo longo e cheio de desejo. Nossos corpos rapidamente responderam ao tesão e desejo avassalador que nos consumia. Minhas mãos já forçavam sua camisola para despi-la, cessei o beijo e a virei de costas, deitei seu belo corpo na minha mesa.

Alisei suas costas, cintura e bunda, deliciei-me com a visão do seu corpo atraente de costas, seus quadris largos e cintura fina, tinha uma simetria perfeita. Adorava observá-la, mas não resistia à vontade louca de penetrá-la e sentir seu sexo recebendo toda a minha extensão, ela estava tão úmida e era insaciavelmente minha.

Penetrei-a forte, arrancando gemidos contidos dos seus lábios, ela rebojava e vinha de encontro ao meu pau, eu ficava completamente inerte, entorpecido com os movimentos prazerosos que ela realizava. Sentia seu sexo comprimindo meu pau em movimentos rápidos e precisos que me deixavam completamente louco, poucos movimentos foram necessários para o meu desejo se libertar, eu até tentava conter e apreciar o ato, mas era impossível resistir. Apertei firme em sua cintura e estoquei forte, mais fundo, e gozei longamente, sentindo seu sexo se contrair e se entregar ao prazer junto comigo.

— Agora precisamos de um banho, futura senhora Novaes.

— Concordo, meu futuro marido.

Levei-a para o quarto, tomamos um banho e depois retornamos para a sala. Tomamos café juntos, apesar de uma simples refeição, era prazeroso estar na companhia dela. Eu estava começando a tomar gosto pela vida doméstica, algo que, seguramente, nunca imaginei que aconteceria.

— Você tinha passaporte? — perguntei.

— Sim. Por quê?

— Quero te levar para conhecer a sua futura sogra. Ela está em Miami, acho que também será bom nos afastarmos daqui por algumas semanas, vou

tentar agilizar nosso visto e a segunda via do seu passaporte. Agora preciso pensar em você e no nosso garoto.

— Ou garota.

Isadora advertiu.

— Garoto, eu tenho certeza disso.

— Eu também acho mais prudente nos afastarmos um pouco, mas eu não tenho nenhum documento, Miguel. Quando simulamos o acidente, eu deixei meus documentos para confirmar que eu estava dirigindo.

— Não se preocupe, o Otávio nos ajudará com isso.

— Eu confio, sei que ao seu lado tudo dará certo.

— Depois que a conheci, sinto-me tão dependente de você, como se minha vida dependesse exclusivamente da sua.

— Você é muito galanteador, devo dizer que foi difícil te deixar na ilha sozinho. Eu não queria admitir, mas já te amava.

— Então não fuja de mim nunca mais.

Beijei-a novamente, eu sabia que nossa felicidade era mútua e real. Eu, seguramente, vivia uma das melhores fases da minha vida.

Meu celular tocou, caminhei até a mesa de centro onde ele estava para atendê-lo. Para nossa sorte, era o Otávio, atendi rapidamente.

— Bom dia, Otávio. Têm boas notícias?

— Estão em casa? Posso ir aí agora?

— Estamos. Claro que pode.

— Tudo bem, chego em poucos minutos.

— Combinado.

Finalizei a ligação, ela observava-me com um sorriso radiante, ansiosa pelo o que eu diria.

— Otávio está vindo.

— Ótimo, vou me trocar.

Eu estava ansioso, andei de um lado a outro do apartamento aguardando-o impaciente. Ela estava tranquila, mas havia uma certa preocupação no seu olhar. Os poucos minutos que aguardamos pareceram um tormento.

Cerca de vinte minutos depois, ele bateu à porta — ele foi um dos poucos que autorizei a subir sem ser anunciado —, já estava próximo da porta e abriu rapidamente.

— Entre, Otávio.

— Com licença.

Sentei ao lado de Isadora e Otávio à nossa frente. Ele parecia calmo, embora suas olheiras demonstrassem cansaço. Trouxe consigo algumas pastas de documentos.

— E então, o que conseguiu apurar? — perguntei mal contendo a ansiedade.

— Bem, primeiramente, eu fiz uma busca processual, queria saber qual era a sua real situação perante a lei. Felizmente, o seu óbito não foi decretado, em casos como esse, em que há presunção da morte, mas o corpo não é encontrado, a lei prevê um tempo e etapas para que se ateste de fato a morte. No entanto, para que isso aconteça e o processo se inicie, é necessário algo muito básico, alguém precisa requerê-lo, estranhamente, não foi requerido para o seu caso.

— Muito estranho — Isadora retrucou.

— Naturalmente, suspeito que o motivo tenha a ver com uma conta no

exterior aberta em seu nome.

— Como assim? — Isadora perguntou preocupada.

— A conta está ativa, é movimentada com regularidade e tem um saldo milionário. Solicitei extratos e documentos de abertura para fazermos uma comparação das assinaturas, mas de acordo com as minhas apurações iniciais, a abertura dessa conta ocorreu antes de você ter desaparecido, não recorda de ter aberto essa conta?

— Não, eu assinava tantos documentos que não sei dizer se assinei essa abertura de conta, mas posso assegurar que desconhecia sua existência.

— Estamos rastreando a origem desses depósitos, futuramente terei todas as informações necessárias para conversarmos melhor sobre essa conta.

— E quanto os documentos pessoais de Isadora, ela já pode reavê-los?

— Sim, basta solicitar a segunda via do seu registro de nascimento e, em seguida, dar prosseguimento ao pedido de cada documento nos órgãos competentes.

— Que ótima notícia!

Isadora virou-se para mim radiante.

— Quanto a situação do Teodoro, eu avaliei as provas que você me entregou, embora sejam graves denúncias, lamentavelmente, são poucas evidências para conseguirmos uma condenação.

— Droga! — Isadora protestou.

— Calma, conseguiremos colocá-lo atrás das grades.

Tentei tranquilizá-la.

— Nós já estamos há algum tempo investigando o Teodoro. O Miguel, inclusive, trouxe-nos um caso que, certamente, o incriminará, mas, para uma condenação mais severa, precisamos de provas irrefutáveis. Como uma

confissão, por exemplo.

Isadora ficou pensativa, como se procurasse uma alternativa. Estávamos todos em silêncio.

— Acho que consigo uma confissão, mas, nesse caso, precisaríamos de uma autorização judicial para que a gravação tivesse validade, certo?

— Sim, exatamente. E como pensa em fazer isso? — Otávio perguntou.

— Indo ao encontro do Teodoro — ela disse séria.

— Não, não. De jeito nenhum eu deixarei você se aproximar daquele miserável novamente — protestei firmemente.

— Talvez não seja uma má ideia, Miguel, se ele tentou matá-la, certamente, quando se encontrarem, a conversa será bem tensa, uma espécie de acerto de contas. Podemos garantir a segurança de Isadora e conseguir uma autorização da justiça para gravarmos a confissão. Teodoro é um homem muito bem relacionado, precisamos de algo bem consistente para podermos iniciar essas denúncias e condená-lo pelos seus crimes.

— Eu não concordo, eu não quero que corra risco de vida, Isadora.

— Miguel, precisamos pôr um fim nisso, o Teodoro precisa ser preso.

— Já estamos investigando-o e ainda não conseguimos nada de comprometedor, ele é muito esperto. Depois que descobri a existência da conta bancária em seu nome, mudei o rumo das investigações, suspeito que ele esteja usando essa conta para esconder dinheiro ilícito.

— Com toda certeza — afirmei.

— Fizemos um levantamento minucioso de todos os pacientes das clínicas e hospitais que ele atua ou atuou nos últimos dez anos. Descobrimos que onze pacientes morreram depois de serem atendidos ou tratados por ele. São pessoas sem nenhuma relação, são testemunhas de alguns crimes, políticos, defensores de direitos humanos e até uma esposa de um magnata do ferro. Embora não estejam relacionados entre si, estamos investigando a

possível motivação e até os supostos mandantes. Ainda é prematuro dizer que essas mortes estão associadas à negligência e à prescrição inequívoca de medicações, como você relatou, Isadora, mas estamos analisando todos os documentos que me entregou e os prontuários médicos desses pacientes.

— Ele precisa pagar por isso, eram pessoas saudáveis e chegaram às mãos dele apenas para morrer, não tenho dúvida de que ele tem ligação com essas mortes — Isadora disse alterando o tom de voz.

— Também fizemos a compra de dois medicamentos na farmácia de manipulação que ele costuma indicar, analisamos o conteúdo em laboratório, mas as substâncias e as miligramas estavam corretas.

— É provável que, somente para os pacientes que ele quer que aconteça algo, seja modificado — disse.

— Sim, naturalmente — Isadora confirmou.

— É uma investigação minuciosa, mas conseguiremos êxito. Preciso ir, qualquer novidade, os mantenho informados.

— Eu te acompanho até a garagem — disse.

— Não precisa, Miguel, eu já conheço o caminho — Otávio respondeu com cortesia.

— Eu insisto.

Lancei-o um olhar tenso, ele compreendeu minha intenção e caminhamos em direção à porta. Ao fechar, ainda fitei os olhos de Isadora, puros e serenos, além de um sorriso encantador que, automaticamente, foi retribuído pelos meus lábios. Entramos no elevador, esperei as portas se fecharem para interrogar Otávio.

— Agora que estamos a sós, conte-me tudo, eu tenho certeza de que tem algo que não contou.

— É, meu amigo, você realmente é um excelente investigador, acho que deveria integrar a polícia — Otávio brincou.

— Sem rodeios, Otávio.

— A polícia sempre trabalha com várias linhas de investigação para um mesmo caso, então, naturalmente, também estamos investigando a Isadora.

— Encontraram algo comprometedor?

— Não podemos dizer que é comprometedor, ainda não concluímos as investigações. Nós encontramos uma transação volumosa de uma conta pessoal do Roberto Prates para a conta em nome da Isadora.

— Porra!

Passei as mãos pelos cabelos, incrédulo, eu não conseguia nem concluir meu raciocínio de tão preocupado que fiquei.

— Calma, ainda estamos investigando as transações bancárias, é cedo para concluirmos algo nesse momento. Não se precipite, ainda não encontramos ligação nenhuma de Isadora com Roberto.

— É muito lógico, não acha? Ele já tentou esse plano com Verônica, quem me garante que com a Isadora não é a mesma coisa? Talvez tudo que vivemos não tenha passado de uma mentira. Quem garante que ela não está aqui apenas para ter conhecimento das minhas investigações e, sabendo de nossa proximidade, até das suas.

— Calma, Miguel. Não pensei desse modo, eu tenho muitos anos de polícia e investigação, reconheço facilmente quando alguém está mentindo, não acredito que Isadora esteja envolvida nisso, mas é o meu trabalho investigá-la também, afinal a conta bancária está em nome dela.

— Espero que esteja certo. Não sei o que faria com ela caso não seja quem diz ser.

— Fique calmo, não faça julgamentos antes do tempo, por enquanto, tudo que ela nos contou é verídico e lógico, mantenha a calma, meu amigo.

Otávio bateu suavemente nas minhas costas.

As portas do elevador se abriram, e eu o acompanhei até seu veículo. Em um silêncio cortante, pensativo e distante, parecia que um pedaço de mim havia morrido.

Ele entrou no carro, acenou e partiu. Fiquei alguns minutos entorpecido, pensando nas infinitas possibilidades, inclusive no meu acidente. Eu estava tão feliz, e se tudo isso for uma mentira barata, parte de um plano sórdido do Roberto?

E se ela não estiver grávida? E se ela nunca me amou?

Porra!

Esmurrei a parede com tanta força que o sangue desceu entre os meus dedos. Se Isadora for uma farsa, esse seria, sem dúvida, o golpe mais duro que eu poderia receber de alguém.



Estava com medo do que eu poderia descobrir, não poderia olhar nos olhos dela agora, precisava de um tempo para digerir tudo. Meus sentimentos estavam em confusão, minha cabeça cheia, inúmeras possibilidades se formavam na minha mente.

O ódio que estava sentindo era tão grande que tive medo de me aproximar dela, mesmo não tendo certeza de nada, poderia colocar fim em algo que o meu coração acredita ser verdadeiro. A fúria me dominava e uma conversa agora não seria o melhor a fazer. Preferi não retornar para meu apartamento, saí a pé e, por sorte, a minha carteira estava no bolso da minha calça.

Caminhei pela multidão, em transe, totalmente entorpecido com as lembranças dos momentos que já vivemos juntos. Repassei, instante a instante, os nossos momentos, tentando encontrar qualquer evidência que pudesse me tranquilizar.

As lágrimas rolavam no meu rosto, talvez estivesse me precipitando, mas pedir calma para minha razão era algo impossível nesse momento.

Eu não posso estar enganado, eu a tive nos meus braços, eu vi seus olhos e sua alma. Eu senti seu amor e o seu desejo, eu me recuso a aceitar que tudo seja parte de uma armação barata apenas para me prejudicar.

Não fazia ideia de onde estava indo, eu só queria arrancar essa dor dilacerante do meu peito. Estava confuso, triste e incrédulo de que os encantos da minha sereia fossem uma dissimulação. Eu precisava colocar os pensamentos em ordem, precisava beber para tirar essas ideias angustiantes da minha mente.

Depois de alguns minutos caminhando, entrei no primeiro bar que encontrei. Pedi uma dose de uísque pura, sentei-me à mesa mais isolada que avistei. Tomei a dose rapidamente, logo em seguida, pedi a garrafa inteira.

O bar era simplório, pouco movimentando e o uísque era ruim, mas tinha o efeito que eu desejava: fazer-me esquecer, por um instante, esse dilema. Eu estava inerte, salvo pelo único movimento que fazia ao conduzir a garrafa até minha boca.

Algumas lágrimas ainda insistiram em molhar meu rosto, eu não estava nem um pouco preocupado. Os poucos frequentadores do bar me olhavam com estranheza, mas não me importei que me vissem chorando. Eu estava sofrendo e com medo de ter sido preso na pior das armadilhas que alguém poderia ter feito, aprisionar o meu coração e sentimentos.

Passei longas e torturantes horas no bar, sozinho, amedrontado e preso nos meus pensamentos. Meu coração estava contrito, embora eu já estivesse um pouco mais calmo. Não sei o quanto bebi, só sei que álcool já afetava minha capacidade de locomoção. Levantei zonzinho, paguei o bar e saí, louco de vontade de socar a cara de alguém para descontar minha ira. Não tinha capacidade de refletir naquele momento, só conseguia pensar em desabar na cama e nada mais.

Já era noite, garoava um pouco. Atravessei a rua sem olhar para os lados, um carro freou bruscamente, em cima de mim, por muito pouco, não fui atingido. As buzinas chamavam a atenção das pessoas que transitavam pela rua. Eu me desculpei e consegui chegar em segurança na calçada, continuei meu trajeto e ouvi uma voz feminina chamando meu nome, olhei de relance, mas a vista embaçada não me permitiu reconhecer quem era.

Ela se aproximou, só então eu a reconheci, era a Laura.

— Miguel, você está bem?

— Eu só preciso chegar em casa.

— Você está bêbado, venha comigo, eu levarei você.

Ela segurou no meu pulso e me conduziu até o seu carro, que estava estacionado próximo da esquina em que eu quase fui atropelado. Ela abriu a porta para mim, depois entrou no carro e partimos.

— Eu estava no salão de beleza da esquina quando ouvi as freadas bruscas, corri assustada quando vi que era você.

— Eu me excedi no álcool, foi só isso.

— Não acha melhor eu te levar para o meu apartamento? Eu posso cuidar de você.

— Não, leve-me para o meu mesmo.

— Tudo bem.

Ficamos em silêncio, eu não queria conversar, tampouco dar satisfações da minha vida. Instantes depois, entramos na garagem do meu edifício, Laura me ajudou a descer do carro e me acompanhou até meu apartamento, mesmo com a minha insistência de que não era necessário, ela fez questão.

Bati à porta e logo abriram, era o César, olhava-me com preocupação.

— Graças a Deus, Miguel, estávamos aqui loucos de preocupação.

Na sala, Otávio, Letícia e Isadora me olhavam assustados. Tentei desviar o olhar de Isadora, mas nossos olhares se atraíram e se prenderam de imediato. Meu coração disparou, ela estava com os olhos avermelhados, denunciando que havia chorado.

Eu fiquei paralisado, olhando-a tão frágil com lágrimas rolando pelo seu belo rosto que não consegui dizer nada. Ela correu na minha direção, pulou no meu pescoço em um forte abraço e continuou chorando copiosamente. A

princípio, não esbocei reação alguma, não sabia se correspondia seu abraço ou a acusava.

Mesmo ainda um pouco embriagado, senti um aperto no coração e uma vontade incontável de abraçá-la, protegê-la, secar suas lágrimas e dizer que eu a amava. Correspondi o seu abraço e senti que sua preocupação era real, não era fingimento, seu sentimento por mim existia.

Busquei seus olhos e vi a docilidade de menina pela qual me encantei diversas vezes, ela estava verdadeiramente preocupada, trêmula e um pouco pálida. Vê-la tão fragilizada tranquilizou meu coração e me deu a certeza de que minhas especulações eram apenas suposições falsas. Minha sereia me amava, seus olhos não mentiam, seu amor era real.

— Eu estava desesperada, você está bem? — Isadora perguntou soluçando.

— Sim, agora estou — disse, alisando seu rosto molhado pelas lágrimas.

Até esqueci de que Laura ainda estava na porta me aguardando, interrompi nosso momento e me virei para agradecê-la, ela estava nos olhando um pouco surpresa.

— Obrigado, Laura, pela carona.

— Por nada, Miguel — ela disse depois de um longo silêncio.

— Obrigada por trazê-lo de volta — Isadora agradeceu gentilmente.

— Não precisa agradecer. — Ela sorriu um pouco desconcertada e logo saiu.

Eu permaneci com as mãos ao lado do seu rosto, preso naquele olhar que me respondeu as dúvidas que eu tinha. Ela me amava, e eu sou o cara mais putado do mundo por ter duvidado desse amor. Ela arriscou sua vida ao decidir voltar comigo, como eu pude duvidar disso? Seus olhos me deram a certeza que eu precisava, ninguém é capaz de enganar a alma, e os seus olhos me mostraram que o meu coração estava certo.

— O que aconteceu, Miguel?

Otávio perguntou ao se aproximar.

— Só bebi mais do que eu deveria. Eu quase fui atropelado e já estava retornando para casa quando encontrei Laura por coincidência, e ela me deu uma carona.

Permaneci abraçado à Isadora e fiz questão de esclarecer que encontrei Laura coincidentemente para que não pensasse que estávamos juntos.

— Já que está tudo bem, podemos ir — César disse e pegou a mão de Letícia.

— Obrigado pela preocupação, meu amigo — agradei.

— Desculpe, César, pelo incômodo, e agradeço por terem vindo e foi um prazer conhecê-la, Letícia.

Isadora falou e saiu dos meus braços para abraçar Letícia.

— Ligue sempre que precisar, e o prazer foi meu. Nós aguardamos vocês no nosso casamento — Letícia respondeu gentilmente.

— Obrigada pelo convite — Isadora agradeceu.

César e Letícia saíram, em seguida, Otávio veio se despedir.

— Você me acompanha até a garagem? Mas, dessa vez, me certificarei que voltará para o seu apartamento — Otávio brincou.

— Claro — respondi.

Saí do apartamento acompanhado de Otávio, ele esperou apenas tomarmos uma distância segura para me dar um sermão.

— Você é maluco? Isadora estava a ponto de ter uma crise de nervos. Não só ela, eu também estava preocupado, até mobilizei o meu pessoal para te procurar, estávamos todos pensando que tinha sido sequestrado ou

assassinado, embora eu tivesse quase certeza que seu sumiço tinha ligação com o que te falei hoje mais cedo, estou certo?

— Eu pirei com a possibilidade de Isadora e Roberto terem alguma ligação, mas, ao entrar no apartamento e olhar para ela, tive certeza de que ela me ama e que sou um puto.

Otávio sorriu, as portas do elevador se abriram, e entramos no elevador.

— Cara, eu disse que não tínhamos nada de concreto, você se precipitou e ainda colocou a sua vida em risco, ficando vulnerável e exposto. Isadora não tem acesso a essa conta, quem está movimentando é o Teodoro. Eu recebi, logo depois que estive aqui, o relatório completo com endereços de IP's dos computadores que realizavam as transferências e todos estão no raio de locais que Teodoro trabalha. Além disso, interceptamos uma ligação telefônica esclarecedora um dia antes da transferência bancária da conta de Roberto, nela, ele negocia um serviço com Teodoro, diz que foi indicado por um amigo e precisa fazer um papagaio fechar o bico, o que justifica a transferência bancária.

— Ele pretende calar alguém — afirmei.

— Justamente. E já sei quem é a vítima. A princípio, suspeitei que seria Verônica, mas o antigo assessor dele aceitou fazer um acordo de delação premiada, acordo que certamente tornará Roberto réu em diversos outros processos e, pasme, curiosamente, solicitaram uma avaliação psiquiátrica para o ex-assessor, e advinha quem é o psiquiatra habilitado pelo judiciário para realizar essas avaliações?

— Teodoro.

— Exatamente, meu caro, Teodoro tem um esquema dos grandes para calar vítimas, tudo meticulosamente tramado para não deixar vestígios, muita gente do alto escalão recebendo propinas, começamos montar um cerco para ele, e estou certo que, dessa vez, conseguiremos pegá-lo.

— Muito bom ouvir isso, mas ainda não entendo o motivo dele estar usando o nome de Isadora?

— Simples, para não ser descoberto pela Receita Federal, por esse motivo, ele não requereu legalmente o reconhecimento do óbito dela, não teria como movimentar a conta bancária posteriormente.

— Muito esperto.

— Concorde. Agora, fique tranquilo e retorne para sua mulher, ela passou por momentos bem difíceis com a sua ausência.

— Posso imaginar.

— Ela te ama, vá ser feliz.

Otávio disse, bateu em meu ombro e saiu do elevador. Fiquei o observando partir e depois retornei para casa. Eu precisava pedir perdão para Isadora, ela não merecia minha desconfiança, embora tenha tido um motivo que julgava plausível, não deveria ter desconfiado dela, eu me precipitei e quase pus tudo a perder.

Leitoras, perdoem-me, sei que foi burrice minha, mas eu fiquei louco. Imaginem que mergulhei de cabeça nessa relação e me entreguei totalmente, vocês são testemunhas disso e, de uma hora para outra, tudo poderia ser uma farsa? Eu pirei, mas reconheço que fui um idiota, podem me xingar o quanto quiserem porque, nesse momento, eu realmente mereço.

A porta estava destrancada, entrei, e ela já não estava mais chorando, seu olhar singelo e comovente me prendeu novamente.

Tranquei a porta ainda mantendo constato visual, puxei seu braço e a abracei, beijando sua cabeça com ternura.

— Não sabe o quanto fiquei preocupada, temi que algo tivesse acontecido com você.

— Isadora, eu estava confuso e com a cabeça cheia...

— Não fala mais nada, não importa, você está aqui e isso é o que interessa, agora eu preciso cuidar de você, deixe-me ver sua mão.

— Eu tive medo de que o que há entre nós não fosse real, Isadora.

Ela sorriu lindamente, alisou minha barba, pegou minha mão e colocou no seu peito, do lado esquerdo, na altura do coração.

— Sinta. Eu sou real, e estou aqui por você, por nós. Sabe que eu resisti a estar aqui hoje por medo, mas, desde que aceitei vir, também aceitei dividir a minha vida com você.

— Desculpe-me, eu não deveria ter saído desse jeito, fiquei completamente atordoado e acabei bebendo mais do que deveria, perdoe-me.

Era um pedido de perdão, não pelos meus atos, mas por ter cogitado que ela era uma farsa e que se envolvera comigo propositalmente.

— Está perdoado.

— Eu preciso dizer, eu bebi porque eu estava confuso com a possibilidade de você ter alguma ligação com o Roberto Prates. A polícia encontrou uma transferência bancária dele para essa conta em seu nome, mas eu não deveria nem ter cogitado isso, você confiou sua vida a mim, e eu não sei se a mereço, fui um escroto, eu sei, mas eu não suportaria descobrir que você me enganou e que tudo que vivemos era fingimento.

— Reconheço que não foi nada correto me abandonar aqui e, ainda por cima, desconfiar dos meus sentimentos, e eu não tenho ideia de como essa conta...

— Não fala mais nada, não precisa tentar se explicar. Eu confio em você, eu só peço que me perdoe e me aceite de volta.

— Não vou dizer que fiquei feliz com as suas desconfianças, mas gostei da sua sinceridade em ter me contado a verdade. E, é claro, que eu o aceito de volta, porque eu te amo.

— Eu também te amo e te farei a mulher mais feliz desse mundo.

Beijei seus lábios com desejo e abracei-a forte. Eu estava aliviado por ter recebido o seu perdão e estar no seu abraço que, mais uma vez, deu-me a

certeza de que seu amor era verdadeiro.

Eu amava essa mulher e nada mais importava agora, só queria viver o nosso amor. Só que, desta vez, sem desconfianças, incertezas ou mentiras. Apenas eu, ela e o nosso garotinho.



Duas semanas depois...

Estava na sala admirando a vista de São Paulo enquanto Isadora terminava de se arrumar para irmos ao casamento de César e Letícia. Aproveitei para olhar, mais uma vez, os noticiários, embora estivesse dando um tempo nas minhas investigações para curtir minha mulher, continuava sempre atento a todas as notícias.

Em dois dias, partiríamos para Miami, minha mãe estava eufórica com a novidade de conhecer sua futura nora. Aguardávamos apenas o casamento de César e partiríamos no dia seguinte.

Isadora recuperou seus documentos, iniciamos seu pré-natal e, sim, eu ouvi o coração do meu garotinho, foi emocionante. Senti um amor paternal tão incomum e forte que nem sei explicar, era um sentimento inédito para mim, mas me fez bem, muito bem.

Roberto Prates já estava cumprindo pena, Verônica aguardava o julgamento em liberdade, mesmo colaborando com as investigações, ajudando Otávio a elucidar pontos obscuros na operação que ele conduzia e tornado Roberto réu em mais alguns processos, ela não se livrou da acusação de tentativa de homicídio contra mim.

O assessor de Roberto continuava em prisão preventiva, mas monitorado constantemente, inclusive os atendimentos com Teodoro, todas as medicações prescritas estavam sendo analisadas em laboratório

cuidadosamente.

— Estou pronta.

Isadora disse ao chegar na sala. Virei-me para olhar a minha amada e fiquei momentaneamente sem ar, ela estava perfeita em um vestido azul-claro longo, justo ao seu corpo, seus cabelos estavam presos, ela estava maquiada e usando as joias que lhe dei de presente.

— Perdeu a voz? — Isadora perguntou, sorrindo da minha cara de paspalho.

— Você está linda, muito mais do que eu imaginava.

— Você também está e, a propósito, eu não posso envergonhar meu futuro marido, não é?

— Envergonhar, não, mas me deixar louco de ciúmes, sim.

— Fique tranquilo, só tenho olhos para você, meu amor — ela disse e me beijou.

Saímos do apartamento em direção à igreja.

— O que pretende fazer agora que existe legalmente de novo? — perguntei.

— Gostaria muito de visitar minha família na Bahia, mas acho que não é seguro fazermos isso antes do Teodoro ser preso.

— Tem razão, já que sua mãe tem contato com ele, é melhor aguardarmos um pouco mais.

— Quero voltar a atuar, inscrever-me em uma residência médica. Pediatria, talvez.

— Fico feliz em poder participar de suas conquistas — disse.

— Eu também estou muito feliz, você me salvou e devolveu minha vida.

Mal posso esperar para oficializarmos nossa união.

— Eu também, minha sereia. Bem, eu ficarei no altar com a minha...

— Já sei de tudo, a Letícia me contou, fique tranquilo, eu não entrarei nas provocações dela.

— Estou mais tranquilo, mas, conhecendo Cristina, podemos esperar tudo.

— Eu sei me cuidar, fique tranquilo.

Chegamos à igreja, ainda estava cedo e não foi difícil encontrar vaga para estacionar. Descemos juntos e de braços dados. Procurei o cerimonialista e me orientei com relação à organização da cerimônia. Enquanto ouvia suas instruções, avistei Cristina, que fez questão de vir ao nosso encontro. Mal encerrei a conversa com o cerimonialista e ela já tentou destilar o seu veneno.

— Ora, ora, se não é o Miguel acompanhado de mais uma putinha.

Suas palavras me irritaram, respirei fundo para não responder à altura da sua ofensa, mas Isadora me deteve, colocou a mão no meu peito e deu um passo à frente.

— A única puta que vejo aqui é você.

— Quem é essa descartável, Miguel? — Cristina provocou.

— Para você, sou doutora Isadora Novaes e sugiro que recolha a sua insignificância e leve junto a sua falta de caráter para bem longe do meu marido. Vá espalhar sua maldade em outra freguesia.

Cristina ficou sem palavras, olhando-nos embasbacada, por essa ela realmente não esperava, nem eu, mas admito que adorei ver a cara de superioridade dela ser desfeita pela palavra “marido” proferida por Isadora.



— Pelo jeito, encontrou uma mulherzinha à sua altura — Cristina disse.

— Sim, à altura do caráter e sinceridade dele, quanto a isso, você tem toda razão, não tenho medo de falar a verdade. Agora, pare de nos alugar e vá atormentar outro.

Cristina ficou calada, lançou um olhar fulminante para Isadora, deu de ombros e virou as costas, engolindo seu ego ferido.

— Ei, tem mais uma coisa — Isadora a chamou. Ela parou e se virou para nós, ainda estava a uma curta distância. — Não encosta muito no meu marido, eu sou muito ciumenta e ficarei de olho daqui.

Eu estava segurando o riso seriamente, mas, com as últimas palavras de Isadora, foi impossível contê-lo. Cristina, que já estava furiosa, ficou ainda mais possessa ao me ver rindo da cara dela. Ela nos encarou com ódio nos olhos, mas não disse uma só palavra e saiu de perto com uma rapidez impressionante.

— Acho que você que deve me proteger, e não eu a você — disse satisfeito.

— Bobo, eu só queria colocá-la no seu lugar, mas o que disse é verdade,

sou ciumenta e sei defender muito bem o que me pertence.

— Fico louco quando diz que te pertença — sussurrei ao seu ouvido.

Achei que a deixaria ruborizada, mas ela me surpreendeu com a sua reposta e ainda me deixou verdadeiramente louco de vontade de arrastá-la para um lugar mais reservado, se não fosse o compromisso que teríamos em breve.

— Espero que esteja, eu fiquei muito excitada defendendo o meu marido — ela disse, enfatizando as últimas palavras.

— Deixou-me ainda mais ao me chamar de seu marido. Seu vestido é fácil de tirar?

— Não esqueça que estou grávida e o meu apetite sexual não é saciado apenas com uma rapidinha.

— Amo seu senso de humor, aliás, amo você todinha. Toda minha, toda perfeita, feita sob medida para me fazer o homem mais feliz do mundo.

— Também te amo, meu marido.

Ela sorriu lindamente e nos beijamos. Isadora era linda, incrível, inteligente, polida e a cada dia eu me encantava mais. Cessamos o beijo, e eu limpei o batom borrado em torno dos seus lábios cuidadosamente.

Instantes depois, o César chegou e, ao nos ver, veio em nossa direção.

— Oi, Miguel e Isadora, que bom vê-los aqui.

— Eu disse que viríamos, não ia te abandonar em um momento desses, não é mesmo?

Cumprimentei-o com um abraço.

— Pensei que talvez tivesse receio de vir, por causa da...

— Cristina?

Isadora o interrompeu.

— Sim, ela gosta de provocar, por isso eu achei que talvez não fosse uma boa ideia estarem aqui.

— Nós já tivemos uma conversa e está tudo resolvido, fique tranquilo — Isadora disse satisfeita.

— Acho que isso explica o porquê da cara feia dela. Bem, agora preciso ir, Letícia chegará em breve.

— Vá, meu amigo, e se acalme, dará tudo certo.

— Obrigado, eu te vejo daqui a pouco — César disse e saiu em direção ao altar.

Os convidados começavam a chegar e tomar seus lugares, eu e Isadora nos sentamos e conversamos sobre o nosso casamento enquanto aguardávamos o início da cerimônia. Estávamos felizes, mas saber que para casarmos dependeríamos de Teodoro assinar o divórcio deixava-me um tanto desapontado. Ele é inescrupuloso e mandou matar a própria esposa, dificilmente assinará de bom grado sem algo valoroso em troca.

Minutos depois, a igreja já estava lotada, César já estava no altar, extremamente nervoso, andando de um lado a outro.

Tomamos nossos lugares assim que a noiva chegou, depois do habitual atraso, ela finalmente apareceu. Deixei Isadora em um banco bem próximo ao altar e me posicionei ao lado da Cristina. Ela nem me tocou, apenas ficou ao meu lado, mas não se aproximou muito, o que era até cômico.

Vi Isadora lançando um olhar ameaçador para Cristina, ela fez um sinal de que estava de olho nela, o que me arrancou risos novamente.

— Está gostando, né, de ver sua mulherzinha me humilhar? — Cristina falou ríspida.

— Você que a provocou e só recebeu o que mereceu.

— Por essa eu não esperava, você, casado? Sempre achei que nunca superaria o fim do nosso noivado.

— Eu superei desde que a vi me traindo, Cristina. Não casei antes porque nenhuma mulher que conheci mereceu o meu amor e respeito como Isadora merece. Nem mesmo você, hoje reconheço que, se tivéssemos casado, seríamos infelizes. Eu só consigo ter pena de você por te ver se rastejando e forçando a barra para me ter de volta. Como se eu não soubesse que é porque estou em uma condição social melhor do que quando fomos noivos.

— Você não sabe o que é o amor, Miguel — ela disse, alterando o tom de voz.

— Estamos em uma igreja, baixe o tom de voz. E eu não te devo nenhum dos meus sentimentos, aproveite que estamos na casa de Deus, peça perdão pelos seus pecados e siga com sua vida, de preferência, bem longe de mim e da Isadora. Eu estou feliz, casado e, em breve, serei pai.

— Pai? Como pai? Eu tentei diversas vezes engravidar de você para te forçar a antecipar o nosso casamento e não consegui, como ela conseguiu assim tão rápido? Você não pode ter filhos, Miguel.

— Não tente me envenenar, não vai funcionar, Cristina.

— Você está sendo enganado.

— Você que está se enganando e perdendo seu tempo tentando separar um casal que não dará a mínima para o que você está dizendo. Pra mim, já chega, seja feliz com quem te merece e nos deixe em paz. Agora silêncio, a cerimônia vai começar.

A cerimônia começou, estava desconfortável ao lado de Cristina, mas consegui suportar sua presença em respeito aos meus amigos César e Letícia. A cerimônia até foi que bonita, fiquei um pouco nervoso por lembrar que subiria ao altar com minha sereia em breve.

Quando encerrou, pude, enfim, sair correndo ao encontro da Isadora. Fizemos as fotos oficiais e, depois, nos dirigimos ao local da recepção.

— Você parecia incomodado no altar. Não gosta de casamento religioso?
— Isadora perguntou ao entrarmos no carro.

— Sim, estava muito incomodado, mas por estar distante de você e perto de Cristina. Quanto ao casamento, eu não gostava, admito, mas agora estou louco para subir no altar como seu noivo.

— Alegra-me muito ouvir isso.

— O seu amor me fez desejar casar, ter uma vida a dois e uma família. Todos os méritos dessa mudança são do amor que sinto por você, minha sereia.

Beijamo-nos, o desejo entre nós crescia rapidamente. Minhas mãos já passeavam pelo seu corpo, pouco me importava se estávamos dentro do carro, eu estava louco para possuí-la e lhe mostrar o quanto a desejava naquele momento.

— Calma, Miguel, ainda temos que ir à festa — Isadora disse ofegante ao cessar nosso beijo.

— Já comparecemos à cerimônia, não podemos ir para casa agora?

— Você é o padrinho, temos de ir.

Isadora alisou meu rosto com um sorriso lindo que me deixava fascinado.

— Você tem razão.

Saímos em direção ao local da festa. Por mim, iria para casa agora mesmo, mas Isadora tinha razão, como padrinho, minha presença era importante.

Chegamos ao evento pouco depois dos noivos. Já estava bem cheio, aguardei Isadora retocar a maquiagem no carro e depois entramos juntos.

Era um salão bem amplo, com decoração impecável e, a julgar pela ostentação, pressuponho que tenha sido bem caro. Muitas mesas e cadeiras já estavam ocupadas, sentamos à mesa reservada a nós.

A redação comparecera em peso, claro que, ao entramos, tivemos a atenção de todos. Havia muitos amigos presentes, andei entre as mesas cumprimentando-os um a um e apresentei a Isadora como minha esposa.

Depois dos longos minutos cumprimentando os conhecidos, enfim nos sentamos. Os olhares e cochichos foram inevitáveis, principalmente de algumas mulheres com quem já havia saído, vez ou outra. Geralmente, sempre circulava sozinho em eventos sociais e agora já apareço dizendo que estou casado, é um atrativo e tanto.

— Impressão minha ou você é mais cobiçado do que eu imaginava.

— Não vou mentir, já tive um breve envolvimento com boa parte das mulheres que nos olha indiscretamente.

— Nossa, foram muitas, Miguel! — Isa exclamou surpresa.

— Isso não importa, o que importa é que você é a única que me tem agora. Elas estão com inveja porque você conquistou o que nenhuma delas conseguiu, é apenas isso.

— Você saiu com todas elas? Aqui tem mais de cem mulheres.

Isadora olhou em volta perplexa.

— Todas, não, claro que não, mas o fato de ser solteiro, rico, conhecido no ramo profissional e sempre circular sozinho, obviamente, despertou interesse de muitas mulheres. A estranheza delas é devido ao fato de que eu sempre circulava socialmente sozinho e, agora, já apareço apresentando uma esposa, isso é motivo de muito falatório, não acha?

— É, você tem razão. Só espero que elas entendam o recado e aceitem que agora você é meu, somente meu.

— Seu, somente seu.

Busquei seus lábios em um beijo casto.

A festa foi agradável, apesar de que, em alguns momentos, atraímos mais

atenções que os noivos, mas deu tudo certo.

Laura esteve presente e nos cumprimentou com cortesia e educação, apresentei Isadora a ela como a minha esposa. Fiquei aliviado em perceber que a notícia não lhe causou estranheza. Laura é incrível, e eu realmente desejo que ela encontre alguém tão especial quanto ela.

Finalmente, ocorreu o brinde do casal e a valsa iniciou. Dancei com a minha linda mulher e aproveitaria esse momento para sairmos sem sermos notados. Dançamos somente a primeira música, embora Isadora fosse uma ótima parceira e estivesse se divertindo muito, eu estava louco para voltar para casa.

— Acho que já podemos ir, não é?

— Vamos dançar só mais um pouquinho e depois iremos.

Dançamos mais umas três músicas, e eu, finalmente, consegui convencê-la de irmos embora. Estava louco para arrancar seu vestido e beijar todo o seu corpo.

Despedimo-nos rapidamente dos noivos demos a desculpa de que também viajaríamos em breve e precisávamos arrumar as malas.

— Quanta pressa! — Isadora exclamou ao entrarmos no carro.

— Meu desejo por você é urgente.

Lancei um olhar malicioso, seus lábios formaram um sorriso tímido, mas necessário para me deixar ainda mais louco de desejo. Saímos do estacionamento em direção ao nosso apartamento, pouco antes de chegar, Isadora quebrou nosso silêncio.

— Posso perguntar uma coisa?

— Claro, o que você quiser.

— Você e Laura já tiveram algum envolvimento?

— Sim, saímos algumas vezes, mas, desde que conheci você na ilha, perdi completamente o interesse por ela. Não apenas por ela, por qualquer outra mulher. Quando tentei me convencer de que você não existia e seguir minha vida, coincidentemente, eu via seu rosto em todas as mulheres que tentava me relacionar e então desistia. Quando te encontrei, já havia perdido completamente as esperanças, pensei até em ter algo mais sério com Laura, precisava tirá-la da minha cabeça de qualquer modo, mas, felizmente, te achei e sou o homem mais feliz desse mundo por isso.

Alisei sua perna, e ela sorriu lindamente.

— Eu percebi o modo como ela te olhou no dia que te acompanhou até o seu apartamento. Ela ficou surpresa ao nos ver juntos, mas hoje não percebi mais esse olhar de incômodo, acho que já entendeu que você é meu.

— Laura é uma boa pessoa, espero que tenha encontrado alguém que a faça feliz.

— Não é fácil estar casada com um cara tão desejado como você.

— Por que diz isso? — perguntei.

— Porque não quero ser presa por agredir ninguém, hein! — ela alertou semicerrando os olhos como se estivesse brava.

— Adoro esse seu lado cômico enciumado.

— Cômico? Eu estou falando sério, espero que nenhuma engraçadinha tente dar uma de louca comigo.

— E eu não devo ter ciúmes? Acha que não vi o tanto de babaca te olhando?

— Não adianta me olhar, porque eu pertenço a você.

— Digo o mesmo, não importa se já me tiveram, agora só você me tem e para sempre, ou enquanto me quiser.

— Fico mais aliviada, e é para sempre, meu amor.

Adorava seu censo de humor, ela sabia me tirar de um momento tenso para um alegre apenas com um gesto, frases ou demonstrações de carinho. A sua companhia se tornava cada vez mais necessária na minha vida.

Chegamos ao nosso apartamento, descemos do carro, e eu puxei sua mão com pressa, o meu desejo era urgente.

— Calma, Miguel, eu estou de saltos.

Nem a respondi, coloquei-a no meu colo e a carreguei até o elevador. As portas se abriram e entramos, mal as portas se fecharam, e eu tomei seus lábios em um longo beijo. Saímos do elevador entorpecidos pelo desejo avassalador que nos consumia e, mais uma vez, tivemos uma noite cercada de muito amor e sexo.



Despertei cedo, dessa vez, Isadora já não estava ao meu lado, levantei um pouco cansado depois da noite selvagem de ontem, encontrei-a na sala, vestida com uma camiseta minha, lendo o jornal.

— Bom dia, minha sereia.

— Bom dia, meu amor. Sente-se, quero te contar algo.

Servi-me de uma xícara de café e sentei ao lado dela, beijei seu ombro e puxei-a para junto de mim.

— Otávio ligou hoje bem cedo e disse que conseguiu a autorização judicial para gravarmos a conversa com Teodoro, além do contingente de pessoas para garantir a minha segurança.

— Isadora, você está grávida, não quero que nada te aconteça. Não acho prudente que faça isso, eles já estão monitorando as atividades dele, uma hora ou outra, ele será pego.

— Eu sei, meu amor, mas eu quero olhar na cara dele, eu preciso dizer que sei de tudo e que voltei para vê-lo apodrecer na cadeia, não me negue isso.

— Isa, eu...

— Fique tranquilo, Otávio garantirá a minha segurança.

— Eu vou junto, essa é a minha condição, ficarei por perto, pronto para quebrar a cara daquele filho de uma puta se ele encostar um dedo em você.

— Providencie meu divórcio, eu farei ele assinar.

— Já pedi para o meu advogado providenciar. Que dia será?

— Hoje, ele receberá um prêmio pela sua atuação como médico e terá muita gente. Otávio achou mais seguro que fosse em um local com bastante gente, para não correr o risco de ele tentar algo.

— Prudente.

Embora preocupado, era um plano sensato, e eu confiava inteiramente na competência do Otávio.

— Confie em mim, conseguiremos nos livrar dele.

Isadora tentou me acalmar.

— Eu me preocupo com você e com o nosso garoto, não sei se vou me segurar se ver ele a tocar.

— Calma, eu sei me cuidar, e o Otávio garantirá a minha segurança.

— Tudo bem.

Concordei, mas não muito satisfeito, na verdade, eu não queria expor a Isadora, mas era um plano inteligente e poderia funcionar.

Tomamos café, cozinhamos juntos e almoçamos cedo. Tentei dormir,

descansar, relaxar de algum modo, mas não consegui sem a ajuda do uísque. Tomei poucas doses, precisava estar bem para agir, caso necessário.

Passei o resto do dia tenso, não saímos e pouco conversamos. Eu estava ansioso e apreensivo demais, nem mesmo o sexo ajudou, eu queria Isadora livre desse crápula para que ela pudesse reaver a sua vida plenamente.

Finalmente, chegou a hora da verdade. Saímos do meu apartamento no meu carro, encontramos Otávio próximo do salão de evento. As equipes já estavam posicionadas e as escutas foram instaladas em Isadora. Estávamos em um veículo equipado da polícia enquanto aguardávamos Teodoro sair do palco para entrarmos em ação.

Otávio repassava com Isadora o plano, eles haviam preparado uma sala que estava monitorada e ela deveria atraí-lo até lá. Tudo estava nos conformes, mas eu estava nervoso demais, apenas os observando.

Instantes depois, receberam o sinal de que Isadora já poderia entrar.

— Vai dar tudo certo — ela disse e me beijou castamente, se despedindo.

— Estarei aqui te esperando, traga o divórcio assinado — disse, incentivando-a.

Ela saiu acompanhada de dois policiais, e eu iria logo em seguida com Otávio.

— Otávio, você sabe que tenho porte de arma e atiro muito bem, empreste-me uma arma, por favor.

— Miguel, eu não posso fazer isso.

— Sei que tem uma pistola pessoal e que a usa sempre, empreste-me essa.

— Droga. Miguel, não faça besteira.

Otávio retirou a arma pessoal dele do coldre e me entregou.

Escondi-a nas costas, por trás do blazer. Logo saímos juntos em direção

ao salão de eventos. Ele usava um fone de ouvido e estava em constante comunicação com os outros policiais e Isadora.

Avistei-a na multidão e fiquei mais tranquilo. Otávio ordenou que ela desse início ao plano, meu coração disparou e a adrenalina aumentou. Eu me conheço, não aguentaria ficar sem saber o que se passava.

— Desculpe, Otávio, eu não aguento ficar aqui parado vendo tudo acontecer.

Saí em direção ao local do encontro deles.

— Miguel, não faça isso. Está indo tudo bem, não ponha tudo a perder.

Ele segurou meu braço esquerdo na tentativa de me impedir.

— Não vou, siga o plano e confie em mim.

Puxei meu braço e saí rapidamente, já conhecia a planta do local e peguei um caminho alternativo para chegar à sala, que estava estrategicamente posicionada para captar e gravar a conversa deles.

Entrei rapidamente e me escondi dentro da sala de arquivo, deixei a porta entreaberta para que pudesse ter uma visão direta deles. Não poderia correr o risco desse desgraçado tentar matá-la novamente.

Minutos depois, a minha sereia entrou e, logo em seguida, o Teodoro seguindo-a aparentemente nervoso, ela parou próximo da janela de costas para a porta, respirava ofegante, ela estava tensa.

— Com licença, senhorita — Teodoro disse.

— Senhorita, não, sou a senhora Rouster ou Isadora Rouster.

Ela se virou para o encarar.



Ele ficou pasmo, boquiaberto, encarando-a, simulou uma tontura e, depois, respirou fundo e a olhou novamente.

— Como isso é possível?

Depois de um longo silêncio, ele fingiu estar feliz e surpreso.

— Possível? Essa não é a pergunta correta, você deveria estar se perguntando como eu sobrevivi todos esses anos sem que você tenha descoberto, não?

— Isadora, eu não sei o que dizer, eu sofri muito todos esses anos com a sua ausência.

— Cale sua boca, não vou permitir que tente me ludibriar, eu já sei de tudo, Teodoro, você mandou me matar, mas falhou, e eu vivi todos esses anos escondida com medo de você, mas agora já chega, eu cansei de me esconder e de ter medo de você. Eu guardei, por todos esses anos, provas que te incriminam e já formalizarei uma denúncia contra você.

— Não, não, você está enganada, Isadora, eu jamais faria algo pra te machucar. Eu sempre te amei, vivi seu luto por todos esses anos, não me envolvi mais com mulher nenhuma, porque eu...

— Chega! — Isadora gritou — Você não me engana mais, tire a sua máscara e jogue limpo, seu lixo.

— Eu não sei do que está falando.

— Não seja hipócrita, eu sei de tudo. Para o seu azar, eu sobrevivi e voltei pra te enfiar na cadeia, seu miserável criminoso, você vai pagar por todas as vítimas que fez.

— Você não tem provas contra mim e, além disso, sou apenas parte desse esquema, tem muito mais pessoas envolvidas, bem mais influentes que eu e se por um acaso eu for preso por sua denúncia insignificante, logo estarei livre, se é que ela será aceita, eu aposto que será engavetada logo, logo — ele disse com frieza.

Contive-me para não sair do cubículo que me escondia e lhe dizer algumas verdades, mas a Isadora estava indo bem, e ele estava falando.

— Isso, tire a máscara pelo menos uma vez, mostre-me o crápula que realmente é. Nós fizemos um juramento pela nossa profissão, como pode passar por cima disso e da sua dignidade, matando os seus próprios pacientes?

— Por você, para te dar a vida de luxo que tinha, um mero psiquiatra jamais poderia te dar a boa vida que eu te dava.

— Eu nunca me importei com dinheiro, eu te amava e queria constituir uma família ao seu lado, Teodoro, independente da sua conta bancária.

— Poupe-me, Isadora, e não me venha com asneiras, eu até gostava de você, mas fiz vasectomia antes de casarmos, porque nunca gostei de crianças. Além disso, você jamais me amaria se eu fosse um mero psiquiatra trabalhando vinte e tantas horas por dia, sete dias por semana. E eu não mato ninguém, apenas receito medicamentos além do limite, se eles não suportam e morrem, isso já não é problema meu.

— Desgraçado, como pude me enganar tanto com você? Você não tem pena desses familiares? Oh, não, você não tem pena porque é desumano,

sujo, inescrupuloso.

— Eu te tirei da lama e te dei uma boa vida e ainda reclama? Você sabia que, até hoje, eu sustento a sua santa mãezinha? É, você não sabe.

— É culpa, você mandou me matar, miserável. Como pude ser tão burra em acreditar que você me amava?

— Eu te amei, relutei muito antes de mandar dar um fim em você, mas eu sabia que você não se calaria e me denunciaria. Então, você não me deu escolha, mas isso você já percebeu, e o que quer de mim agora? É dinheiro?

— Não quero seu dinheiro sujo, a única coisa que eu quero é que assine o nosso divórcio, quero me ver livre de você.

— E por que eu faria isso? Pretende se casar com outro?

— Porque você ama o dinheiro e, se não assinar, eu doarei toda a sua fortuna para as famílias que você assassinou os familiares.

Ele gargalhou e se aproximou dela, nesse momento, eu me levantei e me preparei para agir, caso necessário.

— Não chegue perto de mim — Isadora alertou.

— Calma, eu não vou sujar minhas mãos com um ser pérfido como você — ele disse, levantando as mãos.

— Eu descobri a fortuna que deposita regularmente em uma conta no meu nome no exterior e, se não assinar o divórcio, já sabe o que farei. Como está no meu nome, acho que me pertence, não?

Ele ficou sem palavras, obviamente, não esperava que Isadora soubesse da existência da conta bancária.

— Como descobriu?

— Não importa, só quero que assine o divórcio para eu ir embora.

Isadora jogou o envelope na mesa, e ele se aproximou, ficou de costas para mim, mas pude ver que ele avaliou rapidamente os documentos e assinou.

— Pronto, agora está livre de mim. Quanto a conta, eu irei encerrá-la amanhã mesmo, fique tranquila.

— Ótimo e aguarde que será notificado da minha denúncia.

Isadora se inclinou para pegar o envelope, e ele aproveitou para puxá-la, retirou uma arma do blazer e a apontou para cabeça dela. Eu gelei, pensei em sair correndo e o impedir, mas precisava ter calma para avaliar e agir com cautela.

— Você acha mesmo que eu te deixarei livre? Se quer um serviço bem-feito, faça você mesmo, eu cometi esse erro uma vez ao delegar essa tarefa a outro, mas, dessa vez, eu mesmo me encarregarei de te matar. Já que está morta, não poderei ser acusado pela sua morte.

Não demorou muito para a sala estar cheia de policiais com as armas empunhadas na direção deles. Otávio os acompanhava, Teodoro fez Isadora de refém e caminhou com ela protegendo seu corpo.

— Largue a arma, Teodoro, não complique ainda mais a sua situação — Otávio o alertou.

— O que fazem aqui? Isso é uma briga de casal, mande seus homens baixarem as armas — Teodoro ordenou.

— Tudo bem, nós vamos colocar as armas no chão para conversarmos, ok?

Otávio colocou sua arma no chão e acenou para que seus policiais fizessem a mesma coisa.

— Ótimo, agora eu quero que me deixem sair daqui, deixarei Isadora ilese quando estiver em segurança.

— Calma, vamos conversar primeiro. Eu sou Otávio, delegado de polícia,

eu posso conseguir um bom acordo para você sair ileso dessa situação.

— Não tem acordo, saiam da minha frente ou eu atiro na cabeça dela.

O medo e adrenalina me consumiam, pensei em inúmeras formas de desarmá-lo, mas ele estava usando Isadora como escudo, tinha de ter cautela, não poderia colocá-la em risco.

Eles estavam de costas para mim, fiquei de pé, e Otávio me avistou. Engatilhei a arma e me posicionei para atirar, poderia facilmente atingi-lo a essa distância.

— Calma, eu vou me aproximar, quero que veja meu distintivo, eu não estou mentindo. Vamos negociar com calma, certo? — Otávio disse para Teodoro, mas eu sabia que essas palavras eram para mim.

Ele se aproximou lentamente e Teodoro recuou, ficando ainda mais próximo de mim.

— Não se aproxime, já disse que não tem acordo, quero somente sair daqui.

— Vamos fazer uma troca, liberte Isadora e me use como refém no lugar dela.

— Não sou burro, seu policial de merda, dê o fora daqui ou a coisa ficará tensa.

— Deixe-me pensar um segundo, não posso te deixar sair empunhando uma arma desse modo, assustará os civis que estão aqui no evento.

Teodoro continuava recuando, esperei o momento exato, então mirei em sua cabeça, já estava a uma distância perfeita para um tiro certo, mas Otávio fez sinal de negativa, então mirei na perna.

— Não precisa pensar, só tirar seus policiais da minha frente que eu sairei pela porta da frente ao lado da minha esposa, não é mesmo, Isadora? — ele disse e inalou seu perfume. — Você ainda tem o mesmo cheiro agradável de sempre, será que os seus lábios ainda têm o mesmo gosto? Vire-se para mim

e me beije, querida.

— Seu doente.

Isadora cuspiu na sua face, ele a limpou, sorrindo debochadamente.

— Você ainda me ama, eu a conheço como ninguém, Isadora. Acho que precisamos de uma noite de sexo selvagem para reviver esse amor guardado aí no seu coração. Vou te fazer recordar o quanto sou bom de cama, já temos até uma boa plateia.

— Desprezível, eu te odeio.

— Afastem-se que eu quero foder a minha esposa e, depois, sairemos juntinhos, como todo casal. Agora vocês terão o privilégio de assistir de camarote como se faz uma mulher sentir prazer.

Ele curvou-a na mesa e pressionou o pescoço dela para que ficasse imóvel, nesse momento, minha ira foi tão grande, que não esperei a ordem de Otávio. Atirei no ombro esquerdo de Teodoro, o mesmo que ele empunhava a arma. Ele gritou de dor e Otávio partiu pra cima dele para tomar a arma e o imobilizar.

Eu corri desesperado para amparar Isadora que, ao me ver, correu para meus braços, chorando, trêmula e muito nervosa. Beijeí sua cabeça e tentei acalmá-la.

— Calma, acabou, Isadora.

Peguei os papéis do divórcio assinados e os guardei no meu blazer, felizmente, tínhamos o que desejávamos. Continuei do lado de Isadora, consolando-a enquanto Teodoro proferia uma coleção de xingamentos para nós dois. Otávio solicitou uma ambulância, e um dos agentes recolheu a arma de Teodoro.

Isadora chorava em meus braços, eu a mantinha no meu abraço, mais tranquilo e aliviado, enfim Teodoro pagaria pelos seus crimes.

— Eu te conheço, é um jornalistazinho de merda, eu vou acabar com a

tua carreira, seu desgraçado, vou te denunciar por lesão corporal, filho de uma puta — Teodoro gritou.

— Você está preso, Teodoro. É melhor ficar calado para não se comprometer ainda mais — Otávio disse.

Poucos minutos depois, a ambulância chegou, e ele foi conduzido por Otávio até ela. Isadora estava mais calma, mas ainda em silêncio. Caminhamos até o estacionamento, coloquei ela no carro e, antes de fechar a porta, fitei seus olhos e perguntei:

— Está tudo bem?

— Sim, é que eu nem acredito que estou livre dele, mais uma vez, você me salvou.

As lágrimas contidas rolaram em seu rosto.

— Eu prometi que cuidaria de você e agora estamos livres, enfim oficializaremos a nossa união.

— Obrigada, Miguel, desculpe-me se não estou tão feliz, é que eu fiquei muito impressionada com tudo que ele disse e só de pensar que ele seria capaz de...

— Não, não, Isadora, esqueça isso. Não quero que pense mais nesse verme, o plano foi melhor do que esperávamos e agora ele vai apodrecer na cadeia, fique tranquila. Eu preciso falar com Otávio, volto num instante.

— Tudo bem.

Otávio estava próximo da ambulância conversando com outros policiais, e Teodoro recebia os primeiros atendimentos médicos.

Aproximei-me para falar com Otávio que, ao me avistar, veio ao meu encontro.

— Miguel, venha comigo.

Caminhamos para um local mais reservado.

— O que houve? — perguntei.

— Eu dei o tiro, entendeu? Colocarei nos relatórios e meus agentes confirmarão, eu dei o tiro com minha arma particular. A propósito, devolva-me, preciso limpar suas digitais e enviá-la para ser periciada.

— Eu assumo, não tem problema, Otávio.

— Miguel, você teria que responder judicialmente, deixe comigo, vá comemorar ao lado da sua futura esposa. O Teodoro vai ter uma vida longa na prisão, estão livres agora.

— Tudo bem. Obrigado, meu amigo.

Entreguei a arma e depois retornei para o carro. Isadora estava mais serena e bem mais sorridente, finalmente voltamos para casa.

No trajeto para nosso apartamento fizemos, planos para o nosso casamento e viagem de amanhã. Enfim poderia apresentá-la como minha futura esposa, totalmente minha, sem preocupações com o Teodoro, Roberto ou qualquer outro desafeto nosso. Estávamos livres, desimpedidos e felizes, muito felizes.

Chegamos no apartamento, nossas malas já estavam arrumadas, decidimos fazer uma verificação final dos últimos itens, embora eu soubesse que ela estava feliz, ainda tinha algo no seu olhar que me preocupava.

— Pronto!

Isadora fechou a última mala.

— Tem certeza de que está tudo bem?

— Estou bem, só fiquei muito impressionada, ele é mais doente do que pensei.

— Não pense mais nele, esqueça-o, a nossa viagem está marcada para

amanhã. Quer conferir as passagens?

— Pode ser.

Tirei as passagens do criado-mudo e as entreguei. Ela conferiu os nomes e, quando leu os destinos, seu sorriso apareceu novamente.

— Nós iremos primeiro para a Bahia? — ela perguntou emocionada.

— Sim, primeira parada, Salvador, eu preciso conhecer minha sogra, não?

Isadora pulou nos meu pescoço e me beijou, estava muito emocionada.

— Você não cansa de me surpreender?

— Só estou cumprindo o que te prometi, devolvendo sua vida.

— Não tenho palavras para expressar o que estou sentindo agora.

— Não precisa, eu sei que você está feliz. Agora, vamos dormir, partiremos amanhã bem cedo.

Ela sorriu lindamente, eu a abracei forte, tranquilizava-me ter a minha sereia feliz nos meus braços. Era tudo que eu queria nesse momento, proteger ela e o nosso garoto, e eu faria qualquer coisa para mantê-los seguros.



Aterrissamos em Salvador antes do meio-dia. Isadora estava ansiosa e um pouco aflita, eu estava tranquilo, embora não tivesse ideia de como seríamos recebidos.

Aluguei um carro no aeroporto e demos uma volta pelos principais pontos turísticos da cidade. Almoçamos e, finalmente, nos direcionamos ao antigo endereço de sua mãe, era uma área periférica de classe baixa. Isadora olhava admirada, com os olhos cheios de lágrimas, o antigo bairro que ela cresceu.

— Tudo bem? — perguntei ao perceber sua emoção.

— Sim, só estou emocionada ao relembrar meus tempos de infância por essas ruas.

Instantes depois, chegamos no endereço que ela indicou, a pequena casa com arquitetura simples, quase no final de uma rua sem saída, tinha muros baixos e parecia uma construção antiga com pintura recentemente refeita.

— Fique aqui no carro, é melhor eu aparecer primeiro, sua mãe pode passar mal.

— Tem razão.

Saí do carro e bati palmas, a Isadora permaneceu lá conforme eu tinha orientado.

Avistei a silhueta de uma mulher na janela da casa, e ela, ao me perceber, logo veio abrir a porta.

— Bom dia, gostaria de falar com a dona Dolores.

— Sou eu mesma, o que o senhor deseja? — ela respondeu pela fresta da porta.

— Tenho uma encomenda para entregar.

Dolores abriu a porta e veio na minha direção, abriu o portão um tanto desconfiada, mas, enfim, me permitiu entrar.

— Entre, moço, faça o favor.

Nesse momento, Isadora saiu do carro e veio ao nosso encontro. Dolores arrumou os óculos, como se não estivesse acreditando no que via, fechou os

olhos e colocou a mão no peito, achei que estivesse passando mal. Antecipei-me e segurei no seu braço para que ela não caísse.

— Calma, está tudo bem.

Isadora ficou frente a frente com sua mãe, que tocou sua face e depois alisou seus braços, chorando, muito emocionada. Não foi preciso uma só palavra, os soluços e risos já respondiam o quanto elas estavam felizes com o reencontro.

Fiquei comovido ao ver esse reencontro, mãe e filha separadas por anos por conta de uma mentira e medo.

Depois de longos minutos de abraços emotivos, lágrimas e soluços, a mãe de Isadora rompeu o silêncio.

— Isa, como isso é possível?

— Mãe, isso é uma longa história, e eu estou aqui pra te contar.

— Vamos entrar, minha filha. Quem é esse moço bonito?

— Esse é o meu futuro marido, Miguel.

— E o Teodoro? — ela perguntou assustada.

— Vamos te explicar tudo, vamos entrar — Isadora disse.

— Eu vou deixar vocês sozinhas, é uma conversa de mãe e filha. Volto depois para te buscar, tudo bem?

Beijei castamente Isadora e saí, ela ainda me olhou confusa, mas concordou e não se opôs à minha decisão. Elas precisavam de um tempo a sós, foram longos anos longe uma da outra, Isadora precisava desse tempo ao lado da mãe, precisavam de um momento especial sem a interferência de ninguém, nem mesmo a minha.

Procurei um hotel e me hospedei, depois de instalado, aproveitei para ligar para a minha mãe.

— Oi, mãe.

— Oi, Miguel, quando chegarão?

— Bom dia, dona Edna.

— Bom dia, meu filho. Eu estou apreensiva, louca de curiosidade para conhecer a minha nora e também quero saber dessa tal surpresa que disse que tem pra mim.

— Calma, nós estamos em Salvador e embarcaremos amanhã bem cedo.

— Mal posso esperar.

— Em breve, saciará a sua curiosidade. Como está Natália?

— Bem e está empolgadíssima com o intercâmbio.

— Ótimo. Liguei só para avisar que está tudo em ordem, antes de decolarmos, eu te avisarei, pode nos esperar no aeroporto?

— Claro que sim, estou contando as horas para conhecer essa mulher misteriosa.

— Não há nada de mistério, já disse, apenas não a conhecia ainda.

— Tudo bem, resolveremos isso logo, logo. Fique bem, meu filho.

— Você também e até breve!

Encerrei a ligação e aproveitei para conferir o noticiário pelo meu celular mesmo. Fiz uma rápida busca pelo nome de Roberto e descobri que ele era réu em mais oito processos graças ao acordo de delação premiada do ex-assessor.

Roberto continuava preso e já havia impetrado sete *habeas corpus* em instâncias diferentes, no entanto, todos foram negados por unanimidade. Um deles, inclusive, alegou problemas cardíacos e solicitou o cumprimento de pena domiciliar, mas não obteve resposta satisfatória, os médicos que o

avaliaram não encontraram problemas de saúde que o impedisse de cumprir a sua pena na penitenciária em que já estava.

Tinha uma mensagem de Otávio, ele dizia que o Teodoro estava hospitalizado, mas com prisão decretada. Além dos crimes que já cometeu, também responderia por tentativa de abuso sexual e homicídio, porte ilegal de armas e entre outros crimes que tentaria enquadrá-lo. Fiquei mais aliviado com as notícias e confiante que a justiça finalmente seria feita.

Aproveitei para colocar o meu projeto para “O Delator” em ação, liguei meu *notebook* e comecei a escrevê-lo. Eu planejava transformar o meu *blog* não apenas em um caderno de um mero jornal, mas em algo maior. Eu quero e vou transformar o Delator em uma revista mensal, continuarei com as mesmas investigações, mas, dessa vez, sem chefes e sócios para me impedir de publicar uma matéria.

Precisaria de pessoas de confiança para me ajudar nessa empreitada, ninguém melhor que meu amigo, César. Além disso, precisaria de uma boa quantia financeira, já que eu não queria depender de anunciantes para subsistência da revista.

Usei o restante da tarde que passei sozinho para escrever o projeto de lançamento da revista. Fiz um levantamento de custos, funcionários, capital e entre outros relatórios necessários.

Eu estava tão animado com a ideia da revista, que nem percebi o quanto já havia produzido. Pedi um café e continuei escrevendo, era o combustível que necessitava.

Depois de algumas horas, a minha alta produção foi interrompida pela ligação de Isadora.

— Oi, minha sereia, tudo bem?

— Sim, tudo, pode vir me buscar?

— Claro. Chego em alguns minutos.

Encerrei a ligação e saí do hotel, em poucos minutos, já estava na porta da casa dela. Desci do carro, e Isadora estava cercada por várias pessoas, ao me ver, ela veio ao meu encontro, beijou-me castamente e me puxou pela mão para dentro da casa. O seu semblante era outro, ela estava radiante, tranquila e feliz, o que me deixou muito feliz também.

— Venha, minha mãe quer falar com você.

Ela continuou me puxando até chegar em sua mãe.

— Oh, meu filho, eu preciso te agradecer e dizer o quanto estou feliz por ter trazido a minha filha de volta.

Dolores colocou as mãos no meu rosto.

— Não precisa agradecer, eu amo a sua filha.

— Ela já me explicou tudo, eu desejo que sejam muito felizes.

— Obrigado, Dolores.

Passamos mais algumas horas agradáveis na casa da minha futura sogra.

Pasmem, leitoras, eu disse agradáveis. É, eu gostei da minha sogra!

Fui apresentado aos demais parentes de Isadora, eram pessoas simples, mas muito educadas e receptivas. Fiquei feliz com a recepção e por saber que o nosso relacionamento foi bem aceito pela família dela.

A nossa felicidade estava se completando e os nossos problemas diminuindo.

Porra! Eu estava feliz.



Despertei com as instruções do piloto informando que havíamos chegado ao nosso destino, estávamos no Aeroporto Internacional de Miami. Passei as mãos no rosto e cabelos, tentando mantê-los em ordem, Isadora estava ao meu lado, dormindo tranquilamente.

— Isadora, chegamos, minha sereia — sussurrei ao seu ouvido.

— Eu dormi tanto assim?

Ela abriu um sorriso encantador, que arrancava um meu instantaneamente.

— Apenas o suficiente para te deixar ainda mais linda.

Alisei seu rosto sedoso ternamente enquanto ela tentava organizar os cabelos levemente despenteados.

— Como estou?

— Está linda como sempre.

— Estou apreensiva, receio que sua mãe não goste de mim.

— Ela vai te adorar, fique tranquila.

Isadora respirou fundo, passou as mãos pelo vestido e, em seguida, me beijou suavemente e me estendeu o braço.

— Estou pronta.

Aguardamos os passageiros saírem, depois pegamos nossas bagagens de mão e saímos da aeronave.

No portão de embarque, ao longe, avistei minha mãe e Natália, acenando eufóricas na nossa direção. Mal saímos da área de embarque e fomos abordados por elas, minha mãe me abraçou forte e beijou meu rosto. Após nosso cumprimento, virou-se para Isadora e a olhou dos pés à cabeça.

— Oh, meu Deus! Ela é linda.

Minha mãe sorriu impressionada e abraçou Isadora ternamente.

— Como vai, Natália? — perguntei e a abracei.

— Tudo ótimo. Melhor agora ao te ver com essa cara de bobo apaixonado.

— Eu não estou com cara de bobo apaixonado.

Enquanto conversava com Natália, minha mãe sussurrava algo para Isadora e, pela reação de ambas, parecia ser algo bem interessante.

— Podemos ir, mamãe?

Aproximei-me das duas e peguei a mão de Isadora.

— Claro, meu filho, não te chamarei mais de bebê porque agora vai se casar. Eu aluguei uma casa na mesma rua da sua tia e reservei um quarto para vocês.

Saímos juntos em direção ao estacionamento.

— Pretendíamos ficar em um hotel, mas já que...

— De jeito nenhum, Miguel, ficarão conosco, nem pense em me fazer essa desfeita — minha mãe alertou, interrompendo-me.

— Obrigada, Edna, pela recepção, confesso que eu estava receosa com esse encontro e um pouco insegura.

— Oh, filha, insegura, por quê?

— Eu tive medo de que não gostassem de mim.

— A minha resposta está bem aqui nos olhos do meu filho, Isadora, olhe pra essa cara — minha mãe apontou para o meu rosto —, Miguel está radiante e transbordando felicidade, como eu não te aprovaria se sei que você é a responsável por isso?

— Mamãe está correra, você é a minha felicidade, Isadora.

— E você a minha, Miguel.

— Meu Deus, que lindo, nunca pensei que te veria assim, Miguel.

Natália ria da situação, nitidamente se divertindo com o Miguel no modo bobo e apaixonado.

Acomodei as malas no porta-malas, entramos no carro e partimos. O trajeto foi bem animado, conversamos bastante, como uma verdadeira família.

Minutos depois, chegamos na casa que a minha mãe estava morando, ficava duas casas depois da de minha tia, que ao perceber a nossa chegada, veio rapidamente nos cumprimentar.

Mesmo cansados da longa viagem, ainda tomamos um chá com biscoitos e conversamos agradavelmente por algumas horas na sala aconchegante e harmoniosamente decorada.

Minutos depois, minha tia se despediu e voltou pra sua casa. Minha mãe nos mostrou o nosso quarto, acomodamos nossas malas, eu estava muito cansado e louco para tomar um banho e cair na cama, mas eu sabia que a

curiosidade da minha mãe não nos permitiria dormir sem saber a tal surpresa que ela tanto esperava.

— Agora que estão acomodados, eu estou para morrer de curiosidade, qual é a surpresa que vocês têm pra mim?

— Achei que não iria perguntar, mamãe.

Peguei o celular e o entreguei para que ela assistisse o vídeo do primeiro exame de ultrassom da Isadora e ouvisse o coraçãozinho do neto. Ela estranhou, mas, quando o vídeo iniciou, ela entendeu do que se tratava.

Minha mãe estava com as mãos trêmulas e lágrimas de emoção rolaram no seu rosto, ela nos olhou emocionada, ainda sem palavras.

— Isso explica o motivo do casamento relâmpago, é porque eu vou ter um netinho?

Ela nos abraçou emocionada e, logo em seguida, a Nati, ao ouvir os choros e risos de alegria, veio ao nosso encontro, e a minha mãe fez questão de dar a notícia.

— Nati, você será tia, a Isa está grávida.

Ela estava exultante e correram para abraçar a Isa.

— Que maravilha, você é rápido no gatilho, hein, irmãozinho!

— É muito amor envolvido.

Respondi com um eufemismo, para não dizer claramente o que resultou essa gestação: muito, muito sexo.

Depois de intermináveis abraços, planos e recomendações da minha mãe, enfim conseguimos ficar sozinhos e as duas nos deixaram descansar.

— Feliz? — perguntei, me aproximando de Isadora.

— Sim, muito, a sua família é maravilhosa, dona Edna é muito

engraçada.

— Engraçada não é o termo adequado, a dona Edna é muito controladora, acha que as noras devem ser treinadas por ela, mas não acate todos os conselhos dela — alertei descontraído.

— Eu gostei muito das duas e estou feliz por ter sido tão bem recebida, assim como a minha família também o recebeu.

— Sim, minha sereia, nossas mães ficaram felizes com a sua gestação, até mais do que eu imaginava.

— Obrigada, Miguel, você está cumprindo o que me prometeu, está me fazendo a mulher mais feliz desse mundo.

— Eu que estou feliz por ter uma esposa deliciosamente gostosa.

Beijei minha futura esposa, depois tomamos um banho juntos e caímos na cama. Estávamos exaustos, aninhei-a nos meus braços, conversamos um pouco, entre planos e sonhos para o nosso futuro juntos, adormecemos.

Despertamos com batidas à porta do quarto, reconheci a voz da minha mãe, que nos chamava. Levantei um pouco zonzo ainda, vesti um roupão e abri a porta.

Isadora acordou um pouco indisposta e nem mesmo cumprimentou minha mãe, correu para o banheiro.

— Vamos aproveitar o dia, meus filhos. Fiz uma lista de lugares para visitarmos. Cadê a Isa?

— Bom dia para a senhora também, mamãe. A Isa está no banheiro.

— Bom dia, meu filho, o café já está servido, vou esperá-los para tomarmos juntos. Por favor, não demorem.

Isadora estava deitada na cama de volta, um pouco pálida, deitei ao seu lado e alisei seus cabelos.

— Está melhor?

— Sim, apenas enjoos matinais, típicos do primeiro trimestre de gestação. Preciso só de um pouquinho de tempo ao seu lado para me recuperar.

Beijei sua cabeça e continuei alisando seus cabelos compridos, permanecemos assim por alguns instantes.

— Eu já estou bem, já podemos descer e aproveitar as nossas férias.

Ela se sentou na cama com um aspecto mais saudável do que o de ainda pouco.

— Ótimo!

Enquanto Isadora estava no banho, aproveitei para enviar o projeto da revista para o César, queria lhe propor sociedade, como ele ainda estava em lua de mel, preferi não ligar. Quando retornasse ao Brasil, me reuniria com ele pessoalmente.

Enviei todo o esboço e os principais relatórios que já havia produzido, depois desliguei o notebook e fui tomar meu banho.

Isadora já havia descido, eu estava terminando de me vestir quando meu celular tocou. Olhei de relance e era César, atendi prontamente.

— Estou dentro.

César disse sem nem ao menos esperar o meu cumprimento.

— César, eu ainda não tenho o dinheiro suficiente pra tocar o projeto, na verdade, até tenho, mas não quero comprometer minhas finanças pessoais agora que serei pai.

— Porra, cara, essa é a chance que esperei a minha vida inteira. Eu entendo que todo começo é difícil, eu sei, mas eu aceito, nós somos parceiros, seu talento e minha inteligência nos levarão longe.

— Opa, já começamos errado, você está me chamando de burro? —

brinquei.

— Deixa de frescura, sabe que sou mais inteligente que você, dou-lhe o crédito do talento. Quando começamos?

— Calma, precisamos trabalhar no projeto e conseguir um sócio investidor, retorno ao Brasil em duas semanas e sentamos para conversar melhor, tudo bem?

— Ótimo, eu retorno antes e já saio do Diário para me dedicar exclusivamente à nossa revista, mas, enquanto isso, já vou ajustando alguns pontos no projeto e fazendo algumas anotações.

— Vá com calma e aproveite a lua de mel, teremos muito tempo para a revista.

— Deixe comigo, eu acho que deixei passar uma informação importante pelo êxtase do projeto, você disse que vai ser pai?

— Não foi impressão sua, a Isa está grávida.

— Parabéns, Miguel, nunca imaginei que o felicitaria por isso, você foi mais rápido do que eu.

— Digamos que eu pratico demais e sugiro que vá fazer o mesmo, aproveite a sua esposa, meu amigo.

— Farei isso, até breve, sócio.

— Até breve, sócio.

Encerrei a ligação e fui pra sala, fiquei ainda mais animado com a animação de César. Eu achei que ele não toparia assim logo de cara, já que tudo ainda é incerto, mas ele provou mais uma vez o valor da sua amizade e aceitou o meu convite.

Eu não poderia ter sócio melhor.



Semanas depois...

Retornamos para São Paulo depois de duas semanas em Miami. Minha mãe estava muito feliz pelo neto, por Isadora, e eu estava mais ainda por saber que tudo estava indo maravilhosamente bem, inclusive, com Natália. Minha irmã estava feliz e animada com a ideia de ser tia e já tinha sido liberada pelo médico dos antidepressivos.

Foram semanas bem intensas, fizemos vários programas em família, visitamos diversos pontos turísticos, e minha mãe fez questão de comprar inúmeros presentes para o neto. Ao nos deixar no aeroporto, ela ainda fez uma centena de recomendações, como se eu fosse o genro, e não o filho, ela estava muito mais preocupada com a nora e o neto do que comigo. Pode isso? Fiquei um tanto enciumado, mas feliz por ter a aprovação e bênção dela para nossa união.

No dia seguinte à nossa chegada, recebi uma mensagem de Otávio, pedia que eu ligasse assim que estivesse no Brasil. Um frio percorreu a espinha ao ler a mensagem, obviamente, liguei imediatamente, aproveitei que Isadora ainda dormia e saí sorrateiramente para não a acordar.

Liguei e ele prontamente atendeu.

— Bom dia, Otávio. Algum problema?

— Bom dia, Miguel, fizeram boa viagem?

— Sim, mas você não me pediria para ligar apenas para saber sobre a minha viagem, estou certo?

— Sim, você está certo. A notícia não é muito boa, eu fui informado que Teodoro teve um infarto fulminante e morreu na cela do presídio, hoje pouco

antes do banho de sol.

— Sério? Até pra isso o miserável tem sorte, deveria ter sobrevivido para cumprir pena por todos os seus crimes. Nesse caso, não precisaremos mais do divórcio?

— Não há mais necessidade, já que agora Isadora é viúva.

— É verdade, obrigado, Otávio.

— Vou coletar mais informações e retorno assim que possível.

— Tudo bem, eu agradeço pelas informações, até mais, Otávio.

— Até mais.

Finalizei a ligação pensativo, não estava certo se contar para Isadora era a melhor opção nesse momento. Preparei o nosso café e levei no quarto, deixei a bandeja no criado-mudo e sentei na cama ao lado dela.

Ao perceber a minha presença, ela me olhou com um sorriso tão terno e feliz que relutei em dar a notícia da morte do Teodoro.

— Bom dia, minha sereia.

— Bom dia, meu amor. Vai me acostumar mal me trazendo café na cama com tanta frequência.

Apenas esbocei um sorriso incômodo, eu estava nervoso, ela imediatamente se sentou na cama ao perceber minha inquietação.

— O que está acontecendo, Miguel?

— O Teodoro sofreu um infarto fulminante e faleceu na cela do presídio hoje mais cedo. O Otávio me ligou agora há pouco.

— Miserável, eu queria vê-lo apodrecer na cadeia.

— Eu fiquei surpreso com sua reação, achei que ficaria...

— Triste? Jamais, eu tinha ódio dele, mas, depois do nosso encontro, senti pena, porque ele é doente, Miguel. Ele roubou sete anos da minha vida, eu vivi sete anos escondida e reclusa sem ter cometido nenhum crime. A única coisa positiva disso foram as amizades que fiz na ilha.

— Só isso?

— Não, é óbvio que não. Aconteceu algo muito maior e mais importante, eu te encontrei e me apaixonei por você — ela se aproximou e tocou meu rosto —, e você me deu o nosso filho e a vontade de ter minha vida de volta.

— Graças às benditas conchas — brinquei.

— É, as conchas tiveram um papel muito importante, eu só fui naquela ilha deserta porque buscava por elas, caso contrário, eu não te encontraria.

— E eu sou o homem mais feliz desse mundo por ter tido essa sorte.

Selei minhas palavras com um beijo apaixonado nos seus lábios carnudos que eu tanto desejava.



Um mês depois...

A vida de homem de família estava ótima, rotineira, confesso, mas eu estava gostando muito de viver essa rotina ao lado de Isadora. Eu a acompanhava sempre nas consultas de pré-natais, exames e estava eufórico vendo sua barriga começando a crescer.

E, para completar a nossa felicidade, tivemos a confirmação de que era um garoto.

É um garotinho, porra! Eu disse, leitoras, eu disse.

E ele se chamaria João Miguel, eu vibrei tanto com a confirmação do médico que tive de sair do consultório para que ele pudesse concluir o exame corretamente.

Isadora estava ficando cada dia mais linda grávida e ainda me surpreendia com suas ações e caráter, dando-me a certeza de que eu escolhi a mulher certa, principalmente com a parte da fortuna que herdou de Teodoro, já que legalmente ainda era a esposa dele.

A princípio, Isadora recusou, mas acabou aceitando a fortuna e doou integralmente para instituições de caridade. A conta no exterior em seu nome foi repatriada e a alta quantia restante ela dividiu entre as onze vítimas de Teodoro que tivemos conhecimento.

Minha sereia conseguiu emprego numa clínica médica próxima do nosso apartamento, mesmo com a minha insistência para que não trabalhasse, ela acabou me convencendo de que ficaria mais feliz retomando o exercício da medicina, pelo menos durante sua gestação.

A revista já estava com o projeto pronto, eu e César apresentamos para dois sócios investidores e aguardávamos resposta, enquanto isso, trabalhávamos oficialmente em uma edição de lançamento, ainda no escritório do meu apartamento.

Nosso casamento civil e religioso foi organizado pela minha mãe, Isa e Natália, que fizeram questão de realizar a cerimônia religiosa na capela do bairro que cresci, em Vila Matilde.

E, finalmente, o nosso grande dia chegou, o dia que oficializaríamos a nossa união, enfim ela seria eternamente minha. Eu estava no altar, mil e uma ideias passavam na minha cabeça, aguardando a Isadora pacientemente, extremamente ansioso, nervoso e a ponto de ter uma síncope.

Minhas mãos estavam suadas, andei de um lado a outro do altar, inquieto, com o coração disparado.

— Calma, Miguel, a noiva sempre atrasa.

Minha mãe tentou me acalmar, mas foi em vão.

— Porra, eu nunca mais vou me casar.

Sequei o suor da minha testa.

— Tome modos, está no altar de uma igreja, Miguel.

Minha mãe me repreendeu.

— Desculpe, eu estou nervoso demais.

A capela já estava cheia e nada dela chegar.

Porra! Quem inventou essa merda de tradição que noiva tem que atrasar?

Eu estava a ponto de ligar para ela para saber o que houve.

Optamos por uma cerimônia simples, apenas para nossos amigos mais próximos e familiares. César e Letícia foram meus padrinhos e Rodolfo e Elenice os de Isadora.

Minutos depois, finalmente, a marcha nupcial soou na pequena capela, que estava lindíssima e repleta de flores, uma decoração simples e encantadora. O meu coração enfim batia mais compassadamente, e eu respirei aliviado ao avistar a minha mulher.

Nossos olhares se encontraram de imediato, e as lágrimas dos olhos de Isadora me emocionaram, contive o choro ao vê-la vestida de noiva. Ela entrou de braços dados com a sua mãe, tão linda, perfeita e toda minha.

Fiquei entorpecido com aquela visão, enfim estávamos frente a frente, beijei a testa de minha sogra em agradecimento e, em seguida, beijei as mãos da minha sereia, sequei suas lágrimas suavemente, dei-lhe o meu braço e caminhamos para o nosso “sim”.

Meu nervosismo teve fim ao me ajoelhar no altar perante Deus e ao lado da minha mulher. A cerimônia foi linda e emocionante, e o melhor momento

foi poder lhe jurar, outra vez, o meu amor.

— Eu, Miguel Novaes, aceito-te como minha esposa, Isadora Lima, para te amar, respeitar-te e te ser fiel pelo resto dos meus dias. Eu te dou agora a minha vida e o meu coração para que sejam para sempre seus.

Beijei sua mão e coloquei a sua aliança.

— Eu, Isadora Lima, aceito-te como meu marido, Miguel Novaes, para te amar, respeitar-te e te ser fiel pelo resto dos meus dias. Eu te confio a minha vida e o meu coração, que serão seus para todo o sempre.

Isadora colocou minha aliança, suas mãos estavam frias e trêmulas.

Quando ouvi: “*Eu vos declaro marido e mulher, pode beijar a noiva*”, respirei aliviado, enfim ela era minha, toda minha, perante Deus e à sociedade. Beijei a minha esposa castamente, aliviado e o homem mais feliz do mundo.

A cerimônia foi muito especial, tirando a porra da chuva de arroz na saída da capela.

Até concordo com a significação e tudo, mas eu tinha arroz até na bunda. Qual o propósito disso? Expliquem-me, leitoras? Peguem o arroz e doem para quem precisa, é um gesto até mais bonito do que jogar nos orifícios alheios. Anotem a dica.

Na festa de casamento, segui todas as tradições, como manda o figurino, embora não muito contente, fiz. Dancei valsa, brindei, discurssei, cumprimentei os convidados e esperei pacientemente Isadora jogar o buquê. E, finalmente, pude raptá-la para irmos para nossa noite de núpcias.

Na saída, Nati apareceu com um saco de arroz, lancei meu olhar de matador de aluguel pra ela, aproximei-me disfarçadamente dela.

— Nem ouse mostrar esse arroz ou vou te jogar ladeira abaixo.

— Calma, nervosinho, não sei nem de que arroz você está falando.

Ela escondeu o arroz em um arranjo de rosas brancas.

— Melhor assim.

Voltei para os braços da minha esposa e, finalmente, conseguimos sair da festa e chegar ao estacionamento, antes de entrarmos no carro, avistamos Otávio saindo de um veículo próximo do nosso, ele veio em nossa direção para nos cumprimentar.

— Perdoe-me o atraso, eu estava de plantão, passei em casa rapidamente só pra me trocar e vir aqui felicitá-los.

— Tudo bem, Otávio, eu sei das suas obrigações e agradeço muito por ter vindo.

— Isadora, cuide bem do meu amigo, ele é um grande homem. — Otávio se virou pra mim. — E, Miguel, cuide de Isadora, eu tenho certeza de que ela tem o coração tão bom quanto o seu.

— Obrigada — Isadora o agradeceu.

Laura desceu do mesmo carro que Otávio e veio ao nosso encontro, fiquei surpreso com sua presença, eu até tinha a convidado por educação, mas achei que não compareceria. Ela ficou ao lado de Otávio, e ele a abraçou bem intimamente.

— Felicidade ao casal — Laura nos felicitou.

— Eu e Laura estamos namorando — Otávio acrescentou animado.

— Bem, eu desejo felicidades pra vocês também, formam um belo casal.

— Nós nos conhecemos no dia em que você desapareceu e a Laura te deu carona até o seu apartamento. Encontrei-a na garagem tentando trocar um pneu do carro, eu a ajudei e, desde então, não nos largamos mais.

— Uma bela história de amor, sejam felizes — Isadora disse.

— Obrigada, Isadora — Laura agradeceu.

— Agradeço por terem vindo, seria um prazer continuar essa conversa, mas já estávamos de partida.

— Tudo bem, eu agradeço o convite, perdoe-me se não pude acompanhar a cerimônia, pelo menos pude felicitá-los.

Cumprimenta-nos em despedida e depois saem.

Peguei a mão da minha esposa, e entramos no carro. Infelizmente, não poderíamos viajar por conta da revista, estava trabalhando intensamente para lançá-la, mas reservei secretamente a suíte presidencial em um hotel de luxo.

Ao entrarmos no estacionamento do hotel, Isa estranhou, olhou-me atentamente e depois para o local, observando o requinte e luxo do *lobby*.

— Por que estamos aqui? — Isadora perguntou.

— Já que não podemos viajar, pelo menos a nossa primeira noite de casados será especial, reservei a suíte presidencial para a nossa noite de núpcias.

— Você e suas surpresas.

Trocamos um rápido beijo, fizemos o *check-in* e fomos para a nossa suíte. Entrei com Isa nos braços, sendo fiel, mais uma vez, às tradições.

Ela tinha um olhar terno, desnudo e feliz que me deixavam em êxtase, não dissemos mais nada, apenas nos amamos pelo resto da noite como tão bem fazíamos, totalmente entregues ao nosso desejo e amor verdadeiro, que só se fortalecia com o passar dos dias.

Despertei sentindo a maciez dos lençóis egípcios, estava deitado confortavelmente em travesseiros de pena de ganso, abri os olhos e não vi a minha esposa ao meu lado na cama. Relutei em sair da cama, ainda estava exausto da noite de sexo selvagem de ontem, além de ter bebido todo o champanhe sozinho, já que Isa está grávida.

Enfim, a vi saindo do banheiro, vestindo uma camisola fina e sexy, que deixou meu pau animado. Ela veio em minha direção com um sorriso

radiante.

— Bom dia, minha linda esposa.

— Bom dia, meu marido.

Ela pegou um envelope no criado-mudo e sentou-se ao meu lado, tinha um semblante de preocupação que me deixou apreensivo. Sentei imediatamente, pensei, no mesmo instante, que poderia ter acontecido alguma coisa com o nosso João Miguel.

— Aconteceu alguma coisa, Isadora?

— Eu queria te dar o meu presente de casamento.

Respirei aliviado.

— Meu presente é você, minha sereia.

Ela me entregou o envelope, olhei-o atentamente, não tinha nada escrito. Abri e, dentro, tinha um cheque assinado pela Isadora com uma expressiva quantia. Fiquei confuso quanto ao presente.

— E então? Não vai me dizer obrigada, sócio?

— Sócio? O que quer dizer com isso, Isa?

— Você e o César estavam procurando um sócio investidor que os ajudassem a custear a implantação da revista, certo?

— Sim, mas eu...

— Não precisam procurar mais, você já tem o que precisa para iniciar a revista “O Delator”.

— Isso é sério? — perguntei incrédulo.

— O dinheiro, sim, mas a sociedade, não, é um presente pra você.

— Eu não posso aceitar, Isa, é um valor...

— Não se recusa um presente, Miguel.

Analisei o cheque e era um valor bem superior ao que eu e César havíamos orçado para iniciarmos as atividades da revista com todos os setores funcionando adequadamente, seria a solução dos nossos problemas e o início da nossa revista, porém eu conheço a origem desse dinheiro e não estava confortável para aceitar.

— Esse dinheiro...

Isadora me interrompeu.

— Esse dinheiro agora é seu, merecidamente, seu. Você sabe que tudo que herdei eu quis dar uma finalidade digna, e o que é mais digno que custear o seu projeto? Graças ao seu trabalho investigativo, a polícia tomou conhecimento dos crimes do Teodoro, nada mais justo do que continuarmos com esse trabalho.

Suas palavras me tocaram, ela se ajoelhou na cama, colocou as mãos no meu rosto e beijou minha testa.

— Seu delator, queremos o seu trabalho de volta.

— Agora é você que está me devolvendo a minha vida. Minhas investigações são a minha vida, obrigado pelo presente. Eu te amo, Isadora Novaes.

— E eu também, Miguel Novaes.

Agora eu tenho duas novas certezas na vida.

Primeira: eu nunca tinha amado alguém, descobri o amor depois que conheci Isadora.

Segunda: eu sou o homem mais feliz da face da terra.

...Fim...



Isadora Lima

— Graças a Deus! Você apareceu, Isa. Eu estava quase pra pirar.

— Calma, Dani, eu estou bem. Você sabe que tinha ido na ilha visitar o meu paciente e choveu demais, por isso, não pude retornar ontem mesmo.

— Paciente, sei, fala a verdade, esse sorriso estampado na sua cara denuncia que vocês dois passaram a noite juntos, não foi?

Eu sorri intimidada, Dani me conhecia como ninguém e era a única que sabia que eu estava cuidando do Miguel na ilha.

— Nós... nós...

Embora fôssemos amigas e confidentes, fiquei desconcertada e não sabia como contar, passei tanto tempo sem me envolver com alguém que era embaraçoso falar.

— Não precisa se explicar, Isa, a resposta está nos seus olhinhos brilhantes.

— Aconteceu, e ele foi tão...

— Meu Deus, você está apaixonada. Eu sabia, você sempre falou dele com tanta preocupação e carinho, sabia que todo esse cuidado nada tinha com juramento de profissão, você estava mesmo era caidinha pelo moço bonito.

— Não, Dani, eu realmente o ajudei porque ele precisava de socorro médico ou poderia até morrer, não foi com segundas intenções, eu juro.

— Sei, dona Isadora.

— Não me olhe com essa cara, Dani, você sabe que estou falando a verdade.

— Hoje tinha um grupo de pescadores procurando por ele no cais.

— E você disse onde ele estava?

— Claro que não, você ainda não tinha tirado umas casquinhas dele, mas eu anotei o telefone do grupo.

— Credo, Dani, eu quero que ele se recupere e retorne para a vida dele.

— Vou fingir que acredito. Bem, eu fiz umas pesquisas e descobri quem é o seu paciente bonitão, leia você mesma.

Dani me entregou alguns papéis, havia diversas matérias sobre o desaparecimento dele e uma pequena biografia. Li apenas o que me interessava, saber quem era ele.

“Miguel Novaes, 33 anos, solteiro, jornalista investigativo, autor do famoso blog de denúncias: “O Delator”.

— Ele é jornalista investigativo? Isso não é bom.

— Como não, Isa?

— Ele pode descobrir quem sou.

— Isa, ele investiga denúncias e publica na íntegra em um *blog* e em um jornal. Será que não percebe que Deus faz tudo certo e no momento exato nas nossas vidas? Ele pode ser o seu passaporte para liberdade.

— Não, Dani, não posso contar quem sou, eu colocaria a vida dele em risco.

— Qual o problema nisso? Conte a verdade e deixe que ele decida. Se ele tiver a índole que todas as notícias que li sobre ele comentam, com toda certeza, ele vai te ajudar.

— Eu quero o número do telefone dos pescadores que estão procurando por ele, Dani?

— O que pensa em fazer?

— Só me dê o telefone, Dani.

— Não jogue fora a melhor chance que você teve por todos esses anos de se ver livre do crápula que a prendeu aqui, Isa. O Miguel pode investigá-lo e o Teodoro pode, enfim, pagar pelos seus crimes, minha amiga.

— Eu preciso pensar, Dani.

Ela me entregou o número anotado em um pequeno pedaço de papel, não muito satisfeita, mas fez o que pedi e saiu, deixou-me só, perdida em pensamentos e decisões a tomar.

Li todas as reportagens sobre ele, era talentoso e todas as suas investigações resultavam em condenações, processos e multas aos envolvidos. Talvez ele pudesse me ajudar, mas eu não posso colocar a vida dele em risco. Teodoro é perigoso, mandou matar a própria esposa, imagina o que faria com um jornalista que pretende revelar sua vida secreta e obscura de crimes?

Não posso ser leviana e arriscar a vida de Miguel, embora me doa ter que abandoná-lo, era o melhor e mais sensato pra nós dois.

Roberto Prates

— Tem certeza que isso é o suficiente?

Peguei o pequeno frasco e a seringa pela grade e analisei atentamente.

— Só se ele tiver o coração de ferro.

O agente penitenciário brincou.

— Ótimo, espero que funcione porque eu estou pagando muito bem por isso.

— Vai dar certo.

Ele confirmou e saiu, voltei para a minha cela e aguardei ansioso pelo momento exato de me vingar daquele salafrário.

Aproveitei o momento do banho de sol para entrar em ação. A ala que Teodoro ficava foi liberada para mim, e eu e os três presidiários que eu pagava para garantir minha integridade física durante os meus dias de tormentos nesse inferno acompanharam-me. Aguardei o companheiro de cela do doutor sair e entramos rapidamente, impedindo a saída do safado.

— Como vai, doutor?

Entrei no cubículo podre que era aquela cela.

— Eu não lhe conheço.

Ele colocou o livro que estava lendo na cama atrás dele e me encarou.

— Ah, conhece. Já até contratei os seus serviços e, graças a não prestação deles em tempo tão hábil quanto foi o pagamento, eu estou aqui.

— Quem é o senhor?

Fiz sinal com a cabeça para que os meus comparsas o segurassem e o mantivessem imobilizado. Ele se assustou e se debateu, mas era em vão, tentou gritar, mas a ala inteira estava vazia, sem contar que meus capangas eram três brutamontes.

— Seja homem e não grite, doutor. Eu sou Roberto Prates, eu te contratei para silenciar o meu ex-assessor, graças ao seu atraso na prestação do serviço, ele oficializou o acordo de delação premiada e, como já pode imaginar, aumentou minha pena de oito para vinte e três anos. Sabe o que é isso, doutor? Vinte e três anos em regime fechado?

Peguei o frasco do bolso e preparei a seringa.

— O que você vai fazer?

— Nada demais, professe suas últimas palavras.

— Não, não faça isso, não me mate...

— Fique calmo, não vou lhe matar, doutor, eu só lhe darei uma dose extra, se você não suportar, já não é problema meu.

Amordacei-o e apliquei o conteúdo da seringa, ele se debateu algumas vezes e, em seguida, começou a respirar com dificuldades, ofegante até desfalecer lentamente. Continuei o observando pacientemente até seu último suspiro de vida, vi seus olhos semicerrem e a vida deixar o seu corpo miserável.

— Missão cumprida, menos um presidiário para onerar os cofres públicos.

Saí com meus comparsas, satisfeito em saber que esse filho da puta cumpriria sua pena agora no inferno.

Miguel Novaes

Anos depois...

— É um, é dois, é três...

Estourei a champanhe na sala de reuniões da revista, brindávamos juntos, após o meu longo discurso de agradecimento por mais uma conquista da revista “O Delator”. Ganhamos três prêmios internacionais de jornalismo, o que nos garantiu reconhecimento mundial e uma alta quantia em dinheiro, novos assinantes e até anunciantes que pensavam com a mesma ética que a revista.

Era um momento muito especial na minha vida profissional, a revista comemorava três anos de lançamento e de muito sucesso. Crescemos mais do que esperávamos, as tiragens eram semanais e já estavam na casa dos milhões de exemplares por edição.

Estou trabalhando no que gosto, cercado de profissionais competentes e comprometidos na divulgação e denúncia de práticas ilícitas de agentes públicos, empresários, políticos e entre outros. Estou feliz por todo esse sucesso, mas o mais gratificante de tudo isso é saber que mudamos o pensamento de muitos eleitores, que agora pesam e avaliam com mais cautela antes de escolher seus representantes políticos. Essa, para mim, é a maior vitória da revista.

— Três prêmios! — César exclamou radiante.

— Pessoal, vocês estão dispensados e amanhã, é sábado, todos estão de folga e com um bônus especial na conta bancária de vocês. Aproveitem!

Todos vibraram, em seguida, foram saindo aos poucos e nos cumprimentando em despedida. Restou apenas eu e César.

— Miguel, vai permitir a entrevista com a Verônica?

— Óbvio que não, ela quer se promover, e não nos ajudar. Pelo visto, ela aprendeu direitinho com Roberto, pulou do barco antes de afundar.

— Eu nem sabia que ela estava casada com esse senador, pensei até que ainda estava presa.

— Não, ela cumpriu dois anos e alguns meses em regime fechado. Como o ex-assessor do Roberto confirmou a versão de Verônica durante a delação, ela foi condenada apenas pela participação, e não como mandante do crime. Depois que ela saiu, casou-se com esse senador, que é investigado em uma operação que o Otávio comanda.

— Ela publicou revelações bem comprometedoras em um jornal sensacionalista.

— Exatamente, por isso não quero me envolver com ela, é nítido que ela só quer se promover. Já soube, inclusive, que ela recebeu convite para posar nua para uma revista masculina.

— Então está explicado, ela quer mídia e vender revistas.

— Sim, ficaremos apenas com as denúncias e investigações que já estamos realizando sobre o senador.

— Você soube o que aconteceu com o Alexandre?

— Por alto, soube que pegou oito anos de prisão, não é isso?

— Sim, ele se tornou pastor e trabalha na prisão ressocializando presos na fé cristã.

— Sério? — perguntei surpreso.

— Sim, trocamos duas palavras ontem quando fui visitar o antigo marqueteiro de campanha do Irineu Ramalho. Alexandre parecia outra pessoa.

Meu celular tocou, era Isadora. Lembrei que eu a acompanharia ao exame de ultrassom.

— Oi, Isa, já estou indo.

— Tudo bem, não demore.

Encerrei a ligação e recolhi meu blazer para sair.

— Tenho de ir, vou acompanhar a Isa no exame de ultrassom.

— Já sabem o sexo? — César perguntou.

— Saberemos hoje.

— Eu também já estou de saída, preciso comprar fraldas para Ana Luiza
— César disse.

— Como ela está?

— Está bem, fez cinco meses ontem.

Saímos juntos e conversando sobre nossos filhos até a garagem, despedimo-nos rapidamente e partimos.

Cheguei no consultório médico, era próximo da redação da revista e da clínica pediátrica de Isadora. Ela não estava mais na recepção, direcionei-me ao balcão da recepção e, para minha surpresa, a recepcionista era a Cristina.

— Boa tarde, senhor Miguel, a sua esposa já está no consultório da doutora Paula. Fica na terceira porta à esquerda.

— Pelo visto, seguiu os meus conselhos e retomou a vida dignamente.

— Não sei do que o senhor está falando, deseja que eu o acompanhe até a sua esposa?

Sorri da sua falsa demência, ela continuou fingindo que não me conhecia. Espero que ela tenha entendido que trabalhar dignamente é a melhor forma de subsistência, muito mais digno que procurar um marido rico. Sem contar que é a forma mais digna de garantir a própria aposentadoria.

— Eu sei o caminho.

Saí em direção a sala, bati na porta suavemente, fui autorizado entrar, a Isadora já estava deitada e a médica havia iniciado o exame.

— Oi, Isa.

— Sente-se, começamos agora e já temos uma ótima notícia.

— Conte-nos — disse empolgado.

— É uma gravidez gemelar. Temos dois bebês aqui.

— Que maravilha! — exclamei emocionado.

— Nosso João ficará muito feliz, ele sempre pedia um irmão e agora terá dois.

— Já estava na hora, o João já vai fazer quatro anos, já está até na escola. — disse.

— Estão preparados? Vamos ver o sexo dos bebês — disse a médica.

Depois de alguns minutos de silêncio, a médica nos mostrou uma imagem e explicou com alguns termos técnicos que só Isadora compreendeu.

— Parabéns, papais, vocês terão duas meninas.

Perdi momentaneamente os sentidos.

— Miguel, Miguel... — Ouvia distante a voz de Isadora.

Com dificuldade, abri os olhos e não reconheci de imediato o lugar em que estávamos, Isa segurou a minha mão e sorriu lindamente. Sentei-me e a abracei.

— Tive um pesadelo, mas agora já estou bem.

Vi a médica sorrindo e, rapidamente, percebi que não era um pesadelo, era real.

— Não foi um pesadelo, Miguel. Estamos grávidos de duas meninas.

— Porra!

Todos os meus medos se confirmavam em duplicidade.

...Fim...